

“Nada me faz correr para uma livraria mais rápido do que um romance novo de Eloisa James.” – Julia Quinn

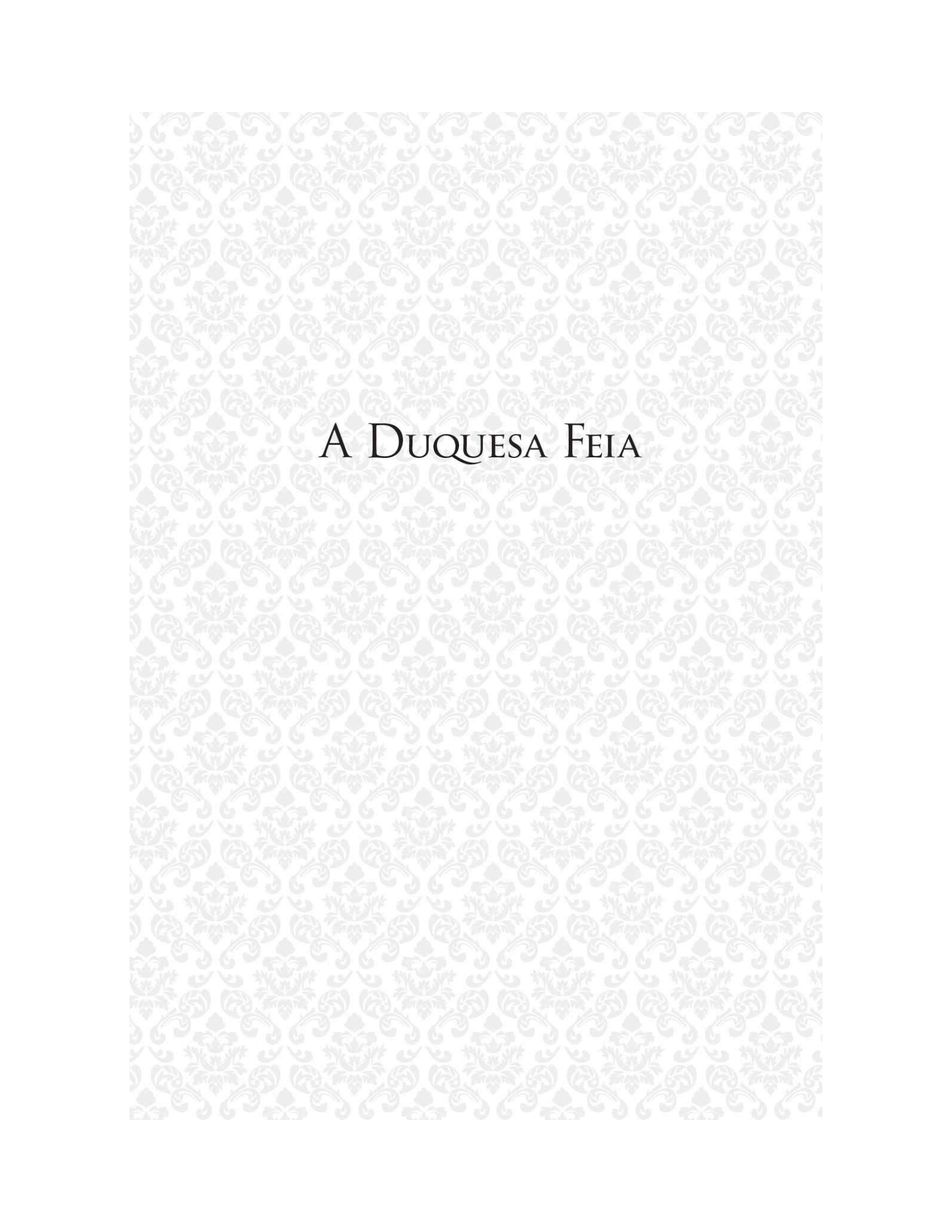
Eloisa James



A DUQUESA FEIA







A DUQUESA FEIA



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Eloisa James



A DUQUESA FEIA



Título original: *The Ugly Duchess*

Copyright © 2012 por Eloisa James

Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Lúcia Brito

preparo de originais: Magda Tebet

revisão: Juliana Souza e Flávia Midori

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: DuatDesign

imagens de capa: Shutterstock – máscara: Nattika;

penas da máscara: TerraceStudio;

padronagem: Pavel K; tecido: mubus7

foto da autora: © Bryan Derballa

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

J29d

James, Eloisa

A duquesa feia [recurso eletrônico]/ Eloisa James; tradução de Lúcia Brito. São Paulo: Arqueiro, 2018.

recurso digital (Contos de fadas)

Tradução de: *The Ugly Duchess*

Formato: ePub

SBD

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-850-1987 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Brito, Lúcia. II. Título. III. Série.

18-48789

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Este livro é dedicado ao maravilhoso poeta e contador de histórias Hans Christian Andersen. Suas narrativas são uma fonte de inspiração para mim, como se vê nesta versão de seu conto de fadas O patinho feio . Além disso, sua capacidade de entrelaçar alegria e pensamento filosófico inspira cada romance que escrevo.

PARTE 1

Antes

Capítulo 1



*18 de março de 1809
Berkeley Square, 45
Residência londrina do duque de Ashbrook*

— Você terá que se casar com ela. Não me interessa que a veja como uma irmã: de agora em diante, ela é uma fonte de riqueza para você.

James Ryburn, conde de Islay e herdeiro do ducado de Ashbrook, abriu a boca para dizer alguma coisa, mas uma mistura de fúria e incredulidade sufocou-lhe as palavras.

Seu pai lhe deu as costas, encaminhando-se para a parede oposta da biblioteca e agindo como se não tivesse dito nada de extraordinário.

— Precisamos da fortuna dela para reparar a propriedade de Staffordshire e pagar algumas dívidas, pois do contrário perderemos tudo, inclusive esta casa aqui na cidade.

— O que o senhor fez? — perguntou James, cuspiendo as palavras.

Uma sensação terrível de pavor espalhou-se por seu corpo.

Ashbrook virou-se.

— Não ouse falar comigo nesse tom!

James respirou fundo. Uma de suas metas era dominar seu temperamento antes de completar 20 anos — o que aconteceria dentro de três semanas.

— Desculpe, pai — contornou ele. — Como exatamente a propriedade ficou em situação tão precária? Se o senhor não se importa que eu pergunte.

– Eu me importo que você pergunte.

O duque cravou o olhar no filho único, o nariz comprido e aquilino tremendo de raiva. James herdara do pai o temperamento irascível e imprudente.

– Neste caso, só me resta lhe desejar um bom dia – disse James, em tom controlado.

– Só se estiver se retirando para descer e cortejar aquela moça. Esta semana Briscott pediu a mão dela e eu recusei. O sujeito é tão palerma que não achei necessário contar à mãe dela. E você sabe muito bem que o pai da moça deixou a cargo da mãe a decisão de escolher o noivo para a filha...

– Não tenho conhecimento do teor do testamento do Sr. Saxby – declarou James. – Não consigo entender por que esta cláusula específica está lhe causando tanto aborrecimento.

– Porque precisamos da maldita fortuna dela – disse Ashbrook, furioso, dando um chute numa tora de madeira ao lado da lareira. – Você deve convencer Theodora de que está apaixonado ou a mãe dela jamais concordará com o casamento. Na semana passada, a Sra. Saxby me inquiriu sobre alguns de meus investimentos de uma forma que não me agradou. Não conhece o lugar de uma mulher.

– Não farei nada disso.

– Você fará exatamente o que eu lhe disser para fazer.

– Está me dizendo para cortejar uma jovem dama que é uma *irmã* para mim.

– Que besteira! Vocês podem ter trocado beijinhos de esquimó algumas vezes quando crianças, mas isso não o impede de dormir com ela.

– Não posso.

Pela primeira vez o duque pareceu minimamente compreensivo.

– Theodora não é nenhuma beldade, mas todas as mulheres são iguais na...

– *Não* diga isso! – disparou James. – Já estou consternado; não quero ficar também enojado.

Os olhos do pai se estreitaram e seu rosto ficou vermelho, um sinal inequívoco de perigo. E então a voz de Ashbrook soou como um urro.

– Não me interessa se a mocinha é feia como o pecado. Você vai conquistá-la. Vai fazer com que ela se apaixone por você. Do contrário, não terá nenhuma propriedade para herdar. Nada!

– *O que o senhor fez?* – repetiu James entre os dentes.

– Perdi! – gritou o pai em resposta, os olhos inflamando-se um pouco. – Perdi, e isso é tudo que você precisa saber.

– Não farei isso.

James levantou-se.

Um enfeite de porcelana passou voando sobre seu ombro e se espatifou contra a parede. James nem chegou a se assustar. Àquela altura, estava acostumado com o mau gênio e os acessos de violência do pai: crescera esquivando-se de todo tipo de coisa, de livros a estátuas de mármore.

– Fará, sim, do contrário vou deserdá-lo e nomear Pinkler-Ryburn meu herdeiro!

James virou-se, prestes a perder a cabeça. Embora nunca tivesse o impulso de jogar objetos na parede – ou na família –, sua capacidade de desferir comentários mordazes era igualmente destrutiva. Ele respirou fundo mais uma vez.

– Embora hesite em orientá-lo sobre o sistema legal, *pai*, posso garantir que é impossível deserdar um filho legítimo.

– Direi à Câmara dos Lordes que você não é meu filho! – urrou o duque.

As veias saltaram em sua testa e as bochechas foram do vermelho para o púrpura.

– Direi que sua mãe era uma leviana e que descobri que você não passa de um bastardo.

Ante o insulto à mãe, o frágil autocontrole de James desapareceu.

– O senhor pode ser um jogador medroso e medíocre, mas não vai denegrir a imagem da minha mãe para encobrir a sua própria idiotice!

– Como ousa?! – berrou o duque.

– Digo apenas o que todas as pessoas desse reino já sabem! – esbravejou James. – O senhor é um idiota. Tenho uma boa noção do que aconteceu com a propriedade. Só queria ver se teria a coragem de admitir. E não teve. Não chega a ser uma surpresa. O senhor hipotecou cada pedaço de terra não vinculada à propriedade, pelo menos o que não vendeu de imediato, e perdeu todo o dinheiro na Bolsa, investindo em um projeto ridículo atrás do outro. Que ideia foi aquela de construir um canal num local onde seria impossível construí-lo? Por Deus, onde estava com a cabeça?

– Só soube dessa impossibilidade quando já era tarde demais! Meus sócios me enganaram. Um duque não sai para inspecionar o local onde se pretende

construir um canal. Ele deve confiar nos outros, e eu sempre tive uma sorte do diabo.

– Eu teria ao menos visitado o lugar proposto antes de afundar sem esperança de retorno milhares de libras em uma via fluvial.

– Seu moleque descarado! Como ousa?!

O duque colocou a mão num castiçal de prata que estava sobre a lareira.

– Ótimo, jogue isso! O senhor quer que eu me case com uma moça que me considera um irmão para pegar toda a fortuna dela e... *perdê-la* ? Sabe como o chamam pelas costas, não sabe, pai? De Duque Tolo!

Ambos respiravam pesadamente, mas o duque bufava feito um touro, a mancha púrpura das bochechas vívida contra o lenço branco no pescoço.

Os dedos do duque apertaram o objeto de prata.

– Jogue esse castiçal e eu atiro o senhor do outro lado da sala – advertiu James. Em seguida acrescentou: – Vossa Graça.

O duque deixou o braço cair ao lado do corpo e se virou, fitando a parede.

– E daí se perdi? – murmurou, com a beligerância sublinhando a confissão. – O fato é que perdi. Perdi tudo. O canal foi um erro, mas pensei que os vinhedos fossem algo garantido. Como eu poderia saber que a Inglaterra tem uma terra fértil para pragas que destroem videiras?

– Que burrice! – vociferou James e girou nos calcanhares para ir embora.

– A propriedade de Staffordshire é de nossa família há seis gerações. Você precisa salvá-la. Sua mãe ficaria arrasada se a propriedade fosse vendida. E a sepultura dela... Você já pensou nisso? O cemitério é junto à capela.

O coração de James pulsava selvagememente na garganta. Levou um momento para elaborar uma resposta que não incluísse enganar o pai.

– Isso é jogo baixo, até mesmo para o senhor – disse ele enfim.

O duque não deu atenção à réplica.

– Você vai permitir que o corpo de sua mãe seja vendido?

– Vou considerar cortejar alguma outra herdeira – declarou James por fim. – Mas não me casarei com Daisy.

Theodora Saxby, conhecida como Daisy apenas por James, era sua melhor amiga, sua companheira de infância.

– Ela merece coisa melhor do que eu, melhor do que qualquer um dessa família ignorante.

Houve um silêncio atrás dele. Um silêncio terrível... James virou-se.

– O senhor não... O senhor não...

– Pensei que conseguiria repor o dinheiro em questão de semanas – revelou o pai, a cor fugindo de seu rosto, fazendo-o parecer verdadeiramente esgotado.

As pernas de James fraquejaram de tal forma que ele teve que se apoiar na porta.

– Quanto da fortuna dela se foi?

– O bastante. – Ashbrook baixou os olhos, demonstrando enfim algum sinal de vergonha. – Se ela se casar com qualquer outro, eu... eu irei a julgamento. Não sei se podem colocar duques no banco dos réus. A Câmara dos Lordes, no caso. Não seria nada bonito.

– Ah, podem colocar duques no banco dos réus, sim – disse James com veemência. – O senhor desviou o dote de uma moça por quem é responsável desde que ela era uma criança. A mãe dela foi casada com o seu melhor amigo, pelo amor de Deus. Saxby pediu-lhe no *leito de morte* que cuidasse da filha dele.

– E cuidei – replicou o pai, mas sem a fanfarronice habitual. – Criei como se fosse minha.

– O senhor a criou como minha irmã – enfatizou James. Ele se forçou a atravessar a sala e sentar-se. – E durante o tempo todo a roubou.

– Não o tempo todo – protestou o pai. – Apenas no último ano. Ou algo assim. A maior parte da fortuna dela está em fundos, e eu nem poderia tocar naquilo. Eu só... só peguei emprestado do... Bem, peguei algo emprestado. Tive muito azar, na verdade. Tinha certeza absoluta de que não chegaria a isso.

– *Azar?* – repetiu James, a voz cheia de repugnância.

– Agora a moça está recebendo uma ou duas propostas de casamento e não posso concordar, pois não tenho como cobrir o valor que peguei emprestado. Por isso você tem que ficar com ela. Caso contrário não perderemos apenas a propriedade e esta casa; depois do escândalo, nosso nome também não valerá nada. Mesmo que eu venda nossas terras, o total não cobrirá minhas dívidas.

James nada falou. As únicas palavras que lhe passavam pela cabeça eram xingamentos.

– Era mais fácil quando sua mãe estava viva – confessou o duque minutos depois. – Ela ajudava, sabe? Tinha uma cabeça sensata.

James tampouco conseguiu responder a isso. A mãe morrera nove anos antes; portanto, em uma década o pai dera um jeito de perder terras e de empobrecer as propriedades da Escócia, de Staffordshire e de Londres. E havia desviado a fortuna de Daisy.

– Você fará com que ela o ame – disse o pai em tom encorajador, sentando-se numa cadeira diante de James. – Ela adora você; sempre adorou. Até agora o fato de a pobre Theodora ser feia nos ajudou. Os únicos homens que pediram a mão dela eram caçadores de fortuna tão óbvios que a mãe sequer consideraria. Isso vai mudar com o passar da temporada. Ela é uma mocinha fascinante quando você a conhece melhor.

James rangeu os dentes.

– Ela nunca me amará desse jeito. Pensa em mim como um irmão, um amigo. E ela não é feia.

– Não seja tolo. Você se parece comigo. – Um lampejo de vaidade sublinhou as palavras. – Sua mãe sempre dizia que eu era o homem mais bonito da minha geração.

James engoliu um comentário que em nada melhoraria a situação. Ele experimentava uma onda de náusea avassaladora.

– Podemos contar a Daisy o que aconteceu. O que o senhor fez. Ela vai entender.

O pai bufou.

– Você acha que a mãe dela vai entender? Meu velho amigo Saxby não sabia em que estava se metendo quando casou com aquela mulher. Ela é uma megera, uma verdadeira peste.

Nos dezessete anos de permanência da Sra. Saxby e de sua filha na casa do duque, ela e Ashbrook tinham dado um jeito de manter relações minimamente cordiais – isso porque Sua Graça jamais atirou nada na direção da viúva. Mas James concordou com o pai na mesma hora. Se a mãe de Daisy desconfiasse de que o guardião da filha havia se apropriado indevidamente da herança, uma comitiva de advogados bateria à porta da casa antes do cair da noite. O pensamento fez o estômago de James se revirar.

O pai, por outro lado, estava se animando. Ele tinha o tipo de mente que pulava de um assunto para outro; seus acessos de raiva eram ferozes, mas de curta duração.

– Algumas flores, quem sabe um poema, e Theodora cairá em seus braços tão docemente quanto uma ameixa madura. Afinal, não é uma garota muito cortejada. Diga que ela é bonita e a moça ficará a seus pés.

– Não posso fazer isso – afirmou James, sem conseguir se imaginar falando uma coisa dessas.

Não é que ele não conseguisse cortejar Daisy; ele apenas abominava situações em que precisava se expor, como tagarelar ou frequentar salões de baile. A temporada estava na terceira semana, e ele não tinha ido a um único baile.

O pai interpretou a recusa de maneira errada.

– Você terá que mentir, claro, mas é o tipo de mentira que um cavalheiro não consegue evitar. Ela pode não ser a moça mais bonita no mercado, e com certeza não é tão apetitosa quanto aquela bailarina que vi a seu lado na outra noite, mas não se chega a lugar algum dizendo a verdade.

O duque deu uma risadinha.

James mal o escutou; estava concentrado em não vomitar enquanto examinava o dilema.

Seu pai foi adiante, divertindo-se ao explicar a diferença entre cortesãs e esposas.

– Em compensação, você pode manter uma cortesã duas vezes mais bela que sua esposa. Isso vai proporcionar um contraste interessante.

Não foi a primeira vez que ocorreu a James que não havia ser humano no mundo que ele detestasse mais que o pai.

– Se eu casar com Daisy, não mantereí uma cortesã – declarou ele, ainda pensando freneticamente, tentando imaginar uma saída. – Nunca faria isso com ela.

– Bem, acho que você vai mudar de ideia após alguns anos de casamento, mas... cada um sabe de si. – A voz do duque estava forte e animada como sempre. – E então? Não há muito sobre o que pensar, não é? É um azar danado, mas creio que não temos muita escolha. O bom é que um homem sempre consegue atuar bem no quarto, mesmo que não queira.

A única coisa que James queria naquele momento era sair da sala, ficar longe daquele pai repulsivo. Só que havia perdido a batalha e se obrigou a expor as cláusulas para a rendição.

– Farei isso apenas sob uma condição.

Sua voz soou diferente a seus ouvidos, como se um estranho tivesse dito as palavras.

– Qualquer coisa, meu rapaz, qualquer coisa! Sei que estou pedindo um sacrifício. Como eu disse, entre nós podemos admitir que Theodora não é a bela do baile.

– No dia em que eu me casar, o senhor passará tudo para mim. A casa de Staffordshire, esta casa e a ilha na Escócia.

O duque ficou boquiaberto.

– *O quê?*

– Tudo – repetiu James. – Vou lhe pagar uma pensão. E, com exceção dos advogados, ninguém precisa saber disso. Eu *nunca mais* serei responsável pelo senhor e por seus esquemas desmiolados. Nunca mais assumirei a responsabilidade por suas dívidas. Nem por seus furtos. Da próxima vez, o senhor irá para a prisão.

– I-Isso é absurdo – gaguejou o pai. – Eu não p-posso. Você não pode. Não!

– Então dê adeus a Staffordshire – disse James. – Talvez queira fazer uma visita especial ao túmulo de minha mãe, se tem tanta certeza de que ela ficaria aflita com a venda da casa.

O pai abriu a boca, mas James ergueu a mão.

– Se eu permitir que continue com as propriedades, o senhor dissipará a herança de Daisy tentando recuperar o que já perdeu. Em dois anos não haverá mais nada, e eu terei traído minha melhor amiga por nada.

– Sua melhor amiga, é? – Na mesma hora o pai distraiu-se em outro curso de pensamento. – Nunca tive uma mulher como amiga, mas Theodora parece um homem, claro, e...

– Pai!

O duque pigarreou.

– Não posso dizer que goste do hábito que você adquiriu de me interromper. Suponho que, se concordar com essa sua condição ridícula, posso esperar humilhações diárias.

Era uma concessão implícita.

– Olhe – continuou o pai, com um sorriso no rosto agora que a conversa chegara ao fim –, tudo vai acabar bem. Sua mãe sempre dizia isso, sabe? “Tudo

está bem quando acaba bem.”

James não conseguiu deixar de perguntar uma coisa, embora, por Deus!, já soubesse a resposta.

– O senhor não se importa nem um pouco com o que está fazendo comigo... e com Daisy?

Uma pincelada de vermelho se desenhou nas bochechas do pai.

– A garota não conseguiria nada melhor do que se casar com você!

– Daisy vai se casar comigo acreditando que estou apaixonado por ela, e não estou. Ela merece ser cortejada e adorada de verdade.

– Amor e casamento não devem caminhar juntos – falou o pai com desdém.

Mas os olhos se desviaram de James.

– E o senhor quer que eu reforce essa ideia. Amor e casamento podem até não andar juntos com muita frequência, mas eu não terei nenhuma chance de provar o contrário. Além do mais, começarei meu casamento com uma mentira que o destruirá caso Daisy um dia descubra. O senhor percebe isso? Se ela souber que a trai de modo tão insensível... não apenas nosso casamento, mas também nossa amizade, estará acabado.

– Se você realmente pensa que ela vai ter um ataque, melhor fazer um herdeiro nos primeiros meses – recomendou o pai, com ar de quem oferece um conselho prático. – Uma mulher desprezada... Se ela ficar desapontada demais, pode querer fugir com outro homem. No entanto, se você já tiver um herdeiro... e mais outro... pode deixá-la ir.

– Minha esposa *nunca* fugirá com outro homem.

Aquilo saiu como um rosnado do peito de James, de um lugar que ele nem sabia que existia.

O pai levantou-se.

– Você chegou a me chamar de tolo; bem, direi o mesmo de você. Nenhum homem em seu juízo perfeito pensa que casamento é uma questão de beijos e carinhos. Sua mãe e eu nos casamos pelos motivos certos, relacionados a obrigações familiares e negociações financeiras. Fizemos o que foi necessário para ter você e pronto. Sua mãe não poderia encarar o esforço necessário para ter mais um filho, mas não desperdiçamos lágrimas com isso. Você sempre foi um menino saudável, exceto naquela vez em que quase ficou cego, claro. Teríamos tentado fazer outro, caso o pior tivesse acontecido.

James colocou-se de pé, mal ouvindo a voz do pai em meio a um emaranhado de pensamentos medonhos dos quais não conseguia se livrar.

– Não criamos você para ter essas visões românticas bobocas – lançou o duque por cima do ombro, e então saiu da sala.

Aos 19 anos, James pensava ter entendido seu lugar na vida. Havia aprendido as lições mais importantes: como montar a cavalo, beber sem perder a compostura e se defender em um duelo.

Mas ninguém lhe ensinara – e ele jamais imaginara ser necessário aprender – como trair a única pessoa com quem se importava na vida. A única pessoa que realmente o amava. E como partir o coração dessa pessoa – no dia seguinte ou dentro de cinco ou dez anos.

Porque Daisy um dia saberia da verdade. Ele tinha certeza absoluta: de algum jeito ela descobriria que James fingira estar apaixonado para que ela se casasse com ele... e nunca o perdoaria.

Capítulo 2



Theodora Saxby – ou Daisy, como James costumava chamá-la – estava se esforçando para não pensar no baile de lady Corning, realizado na noite anterior. Quanto mais tentava se distrair, mais sua mente revivia uma cena específica.

As moças que ela ouvira tagarelando sobre sua aparência de garoto não foram especialmente grosseiras. Afinal, não falaram aquilo para *ela*. E ela não teria se importado tanto com os comentários caso não tivesse a nítida impressão de que os cavalheiros no baile concordavam com aquele veredito.

O que poderia fazer? Olhou-se no espelho com certo desespero. Embora a mãe se recusasse a admitir, seu medo da avaliação dos outros a levava a cachear com um ferro o cabelo de Theo. O vestido que ela usara, como tudo o mais em seu guarda-roupa, era branco, com babados e totalmente feminino. Era salpicado de pérolas e pinceladas de cor-de-rosa, uma combinação que (na opinião dela) só enfatizava o aspecto pouco feminino de sua silhueta.

Theo odiava seu corpo quase tanto quanto odiava o vestido. Se não fosse sua preocupação de evitar que as pessoas a confundissem com um garoto – não que realmente confundissem, mas não conseguiam parar de comentar sobre o fato –, ela jamais usaria cor-de-rosa outra vez. Ou pérolas. Havia algo de bastante banal no modo como as pérolas tremeluziam.

Por um momento ela se viu rasgando o vestido mentalmente, arrancando pregas, pérolas e manguinhas. Se pudesse escolher, se vestiria de gorgorão de seda cor de ameixa e alisaria o cabelo. O único adorno de cabeça seria uma pluma enorme – negra – tão curvada que roçaria no ombro. Se as mangas fossem

na altura dos cotovelos, arremataria com uma bainha estreita de pele. Ou quem sabe de pena de cisne. Ou colocaria uma borda de plumas no pescoço; o branco contrastaria com o tecido cor de ameixa.

Isso levou à ideia de que poderia colocar uma gola bufante e arrematá-la com uma tira estreita com penas de marabu. Seria ainda melhor se as mangas não fossem de tecido opaco, e sim quase transparentes, como aquela nova seda que sua amiga Lucinda usara na noite anterior. Poderiam também ser bem largas, de modo que se avolumassem e terminassem franzidas, apertadas no cotovelo. Ou quem sabe o punho pudesse ser mais dramático...

Ela podia se ver entrando num salão de baile naquele traje. Ninguém riria nem teria dúvida se se tratava de uma moça ou de um rapaz. Faria uma paradinha no alto da escada, atraindo todos os olhares, e então abriria o leque... Não, leques eram banais. Teria que pensar em outra coisa.

O primeiro homem que a convidasse para dançar, dirigindo-se a ela como Srta. Saxby, seria agraciado com um sorriso levemente entediado, porém divertido. “Pode me chamar de Theo”, diria ela, e todas as matronas ficariam tão escandalizadas que não falaria sobre outra coisa a noite inteira.

O nome “Theo” era a chave: evocava todos aqueles afetos por parte dos homens, e fazia com que suas amizades mais íntimas fossem com os amigos e não com as esposas. Ela confirmara essa suposição com James. Quando tinha 13 anos, ele adorava o capitão do time de críquete em Eton. Era lógico que, se ela usasse o cabelo penteado para trás, junto com um vestido que lembrasse vagamente um uniforme de críquete, todos aqueles homens que certa vez haviam adorado seus capitães ficariam aos pés dela.

Estava tão absorta na visão de si mesma com um casaco de corte austero como a casaca de Eton que nem ouviu a batida à porta. Um “*Daisy!*” insistente enfim a tirou do transe, e ela se levantou do canapé e abriu a porta do quarto.

– Ah, olá, James – disse, incapaz de sentir entusiasmo ao vê-lo.

A última coisa que alguém quer ver durante um surto de melancolia é um amigo que se recusa a frequentar bailes mesmo quando sabe muito bem que as três semanas da primeira temporada da amiga foram horrorosas. Ele não fazia ideia de como era isso. Como poderia? Era devastadoramente bonito, charmoso e, além de tudo, um futuro duque. Aquilo realmente não era nada justo.

– Não percebi que era você.

– Como pôde não perceber que era eu? – questionou James, abrindo a porta e forçando Theo a recuar, agora que sabia que ela estava em trajes decentes. – Sou a única pessoa no mundo que a chama de Daisy. Vai me deixar entrar?

Theo suspirou e recuou.

– Você acha que poderia se esforçar para me chamar de Theo? Já devo ter pedido umas cem vezes. Não quero ser Theodora, nem Dora, nem Daisy.

James atirou-se numa cadeira e passou a mão pelo cabelo. Pelo seu aspecto, estivera de mau humor a manhã toda, pois metade do cabelo estava eriçada. Era um cabelo adorável, farto e espesso. Às vezes parecia negro, mas quando batia o sol também se viam mechas castanho-avermelhadas. Mais motivos para se ressentir de James. O cabelo dela não tinha nada de sutil. Era farto também, mas numa combinação antiquada de louro e castanho.

– Não – disse ele de modo enfático. – Para mim você é Daisy, e Daisy combina com você.

– Não combina – retrucou ela. – As margaridas são bonitas e viçosas, e eu não sou nem uma coisa nem outra.

– Você é bonita – afirmou ele de forma mecânica, sem se dar o trabalho de fitá-la.

Ela revirou os olhos, mas na verdade não havia motivo para insistir no assunto. James nunca a olhara de perto o bastante para reparar se ela havia ficado bonita... Por que deveria? Com apenas dois anos de diferença, haviam compartilhado o quarto das crianças desde o nascimento, o que significava que ele se lembrava nitidamente dela correndo por lá de fraldas, sendo beijada pela babá Wiggan por ser inteligente.

– Como foi ontem à noite? – perguntou ele abruptamente.

– Terrível.

– Geoffrey Trevelyan não apareceu?

– Ele estava lá – contou Theo, um tanto melancólica. – Não olhou para mim nenhuma vez. E dançou *duas* vezes com Claribel dos olhos de vaca. Não a suporto e não posso acreditar que ele suporta, o que significa que está atrás da fortuna dela. Se *de fato* está, então por que não dança comigo? Minha herança deve ser o dobro da dela. Você acha que ele não sabe? E, se não sabe – falou ela sem parar para respirar –, você pode arranjar uma maneira de contar isso para ele sem parecer combinado?

– Com certeza – falou James. – Posso imaginar a conversa agora mesmo: “Então, Geoffrey, seu pateta desajeitado, sabia que a herança de Theodora é milionária? A propósito, que tal os cavalos que você acabou de comprar?”

– Você poderia pensar em uma maneira mais sagaz de mencionar minha herança – sugeriu Theo, embora ela mesma não conseguisse imaginar como. – Geoffrey não é desajeitado. É gracioso como uma pluma. Você precisava vê-lo dançando com a cretina da Claribel.

James franziu a testa.

– É aquela que foi criada na Índia?

– Sim. Não consigo entender como nenhum tigre prestativo a engoliu. Todas aquelas curvas carnudas... ela teria sido um adorável petisco dominical.

– Tsc, tsc – disse James, pela primeira vez esboçando um meio sorriso. – Moças à procura de marido devem ser dóceis e delicadas. Você fica fazendo esses comentáriozinhos maliciosos... Se não se comportar, todas aquelas matronas vão declará-la inadequada, e aí você estará enrascada.

– Isso seria apenas parte do meu problema.

– Qual é a outra parte?

– Não sou feminina nem delicada, nem mesmo deliciosamente curvilínea. Ninguém parece reparar em mim.

– E você odeia isso – disse James com um largo sorriso.

– Bem, sim – concordou ela. – Não me importo de admitir. Penso que poderia atrair muitos homens se me permitissem ser eu mesma. Mas babados cor-de-rosa e pérolas fazem com que eu pareça ainda mais masculina. E me *sinto* feia, o que é o pior de tudo.

– Não acho que você pareça um homem – declarou James, finalmente inspecionando-a da cabeça aos pés.

– Sabe aquela bailarina com quem você tem andado?

– Não era para você saber sobre Bella!

– Por que não? Eu e mamãe estávamos na Oxford Street quando você passou em uma carruagem aberta, então ela explicou tudo. Mamãe sabia até que sua cortesã era uma bailarina na ópera. Tenho que dizer, James, que acho surpreendente que você tenha arranjado uma cortesã conhecida por todos, até mesmo por pessoas como minha mãe.

– Não posso acreditar que a Sra. Saxby contou isso para você.

– Por quê? Ela não é uma bailarina?

Ele franziu a testa.

– Espera-se que uma dama finja que mulheres como aquela não existem.

– Não seja idiota, James. Damas sabem tudo sobre cortesãs. E você não é casado. Se continuar assim *depois* que casar, serei horivelmente desagradável com você. Com certeza contarei para sua esposa. Portanto, tome cuidado. Não aprovo.

– Bella ou o matrimônio?

– Homens casados que andam por Londres com mulheres voluptuosas de cabelo louro desbotado e nível moral igualmente apagado.

Ela fez uma pausa, mas James apenas revirou os olhos.

– Não é fácil rimar de improviso, você sabe – disse ela.

Ele não deu bola, então Theo voltou ao assunto.

– Está tudo muito bem agora, mas você terá que largar Bella quando se casar. Ou quem quer que seja a substituta dela na ocasião.

– Não quero me casar – informou James.

Havia uma espécie de tensão na voz dele, que fez Theo olhá-lo com mais atenção.

– Você estava brigando com seu pai, não estava?

James assentiu.

– Na biblioteca?

Ele assentiu de novo.

– Ele tentou jogar aquele castiçal de prata na sua cabeça? – perguntou ela. – Cramble disse que ia levá-lo embora, mas notei que ainda estava lá ontem.

– Meu pai espatifou uma pastora de porcelana.

– Ah, tudo bem. Cramble comprou uma coleção delas em Haymarket e as espalhou por toda a casa, em lugares óbvios, na esperança de que seu pai pegue essas em vez das valiosas. Ele ficará bastante satisfeito ao ver que o plano está funcionando. Por que vocês estavam discutindo?

– Ele quer que eu me case.

– Mesmo?

Theo sentiu uma desagradável pontada de surpresa. Claro que James tinha que se casar... um dia. No momento ela gostava de como ele era: dela. Bem, dela e de Bella.

– Você é jovem demais – afirmou ela em tom protetor.
– Você tem apenas 17 anos e está à procura de um marido.
– Mas essa é a idade certa para uma mulher se casar. Mamãe não me deixou debutar antes deste ano exatamente por causa disso. Os homens devem ter bem mais que 19 anos. Suponho que 30 ou 31 seja bom. Além do mais, você é imaturo para a sua idade.

James estreitou os olhos.

– Não sou.

– É, sim – disse ela, presunçosa. – Vi como você flanava por aí com Bella, exibindo-a como se fosse um casaco novo. Provavelmente a instalou em alguma casinha terrível, com cortinas de cetim rosa-claro.

A fisionomia dele mudou, tornando-se feroz, o que, em vez de alarmar Theo, apenas a fez ter certeza do que dizia.

– Ela poderia, pelo menos, ter escolhido um tom de azul. Mulheres louras sempre pensam que tons de rosa vão realçar sua pele. Entretanto, um azul, digamos celeste ou até violeta, seria muito mais aprazível.

– Direi a ela. Daisy, você percebe que não deve mencionar mulheres como Bella junto a companhias educadas, muito menos oferecer conselhos sobre como deveriam decorar suas alcovas?

– Desde quando você se tornou uma companhia *educada* ? E não me chame de Daisy – retrucou Theo. – Com quem você está pensando em se casar?

Ela não gostou de fazer aquela pergunta. Sentiu-se um tanto possessiva em relação a James.

– Não tenho ninguém em mente.

O canto da boca de James contraiu-se.

– Mentira! – gritou ela. – Você *tem* alguém em mente! Quem é?

Ele suspirou.

– Ninguém.

– Como você não compareceu a um único baile este ano, não posso imaginar em quem colocou os olhos. Você esteve em bailes no ano passado, quando eu ainda estava confinada na sala de aula? Claro que *eu* devo desempenhar um papel importante na escolha de sua noiva – disse Theo, entrando no espírito da coisa. – Eu o conheço melhor do que ninguém. Ela deverá ter talento musical, dada a bela voz que você possui.

– Não estou interessado em *ninguém* que saiba cantar.

Os olhos de James cintilaram na direção dela de um jeito que Theo secretamente adorava. Na maior parte do tempo, ele era apenas o “irmão” torto e engraçado que ela teve a vida toda, mas às vezes Theo o via sob uma luz muito diferente. Como um homem, ela concluiu. Que pensamento esquisito.

Ela agitou as mãos.

– Pelo amor de deus, James, acalme-se. Devo ter interpretado mal o sinal inequívoco de que você estava mentindo. – Ela sorriu. – Você acha que eu zombaria de sua escolha? Eu, que deixei escapar minha adoração por Geoffrey? Pelo menos você não terá que se preocupar com o fato de ser completamente ignorado por sua amada. Você é bonito, as moças não o conhecem o suficiente para adivinhar seus defeitos, você canta como um anjo quando alguém consegue persuadi-lo a cantar e um dia terá um título. Elas teriam se alvoroçado na esperança de dançar com você na noite passada, e eu teria assistido de camarote.

– Odeio bailes – disse James.

Mas ele não estava realmente prestando atenção. Tentava decifrar algo; ela reconheceu o olhar.

– Ela não é *casada*, é? – perguntou Theo.

– Casada? Quem é casada?

– A mulher que conquistou sua atenção!

– Não há ninguém.

O canto do lábio dele não se franziu, então ele talvez estivesse falando a verdade.

– Petra Abbot-Sheffield tem uma linda voz – anunciou Theo, pensativa.

– Detesto cantoria.

Theo sabia, mas achava que ele superaria aquilo. Quando James cantava “Lives Again Our Glorious King!” na igreja, ela ficava toda arrepiada com tanta beleza, pelo modo como sua voz se lançava nas alturas e então parecia a trombeta de um anjo em “Where, O Death, Is Now Thy Sting?”. Sempre que ele cantava, ela pensava em folhas verdes e brilhantes de fim de primavera.

– Não é interessante que eu pense em cores e você pense em música? – indagou ela.

– De forma alguma, porque não penso em música.

– Pois *deveria* pensar – corrigiu Theo. – Com a voz que tem...

James não estava de bom humor, e ao longo dos anos ela aprendera que a melhor tática era não se meter com a rabugice dele.

– Quem me dera ter o que você tem. – Ela sentou-se na cama e puxou os joelhos, abraçando-os junto ao peito. – Se eu fosse como você, Geoffrey estaria a meus pés.

– Duvido. Ele não iria querer uma esposa que tivesse que se barbear duas vezes por dia.

– Você entendeu o que eu quis dizer. Tudo de que preciso é que as pessoas comecem a prestar atenção em mim – disse Theo, balançando-se levemente para a frente e para trás. – Eu posso ser interessante e divertida. Você sabe disso, James. Posso acabar com Claribel. Preciso apenas de um pretendente adequado, alguém que não seja um caçador de fortunas. Alguém que...

Uma ideia linda surgiu na mente dela.

– James!

– O quê?

O rapaz ergueu a cabeça.

Por um momento, olhando para ele, Theo quase abandonou a ideia. Os olhos de James estavam angustiados e as faces encovadas como se não andasse comendo direito. Parecia exausto.

– Você está bem? Céus, o que você fez ontem? Parece um bêbado que passou a noite em um beco suspeito.

– Estou bem.

Talvez ele tivesse passado a noite anterior afogando-se em conhaque. A mãe dela era da opinião de que os cavalheiros costumavam fazer isso por volta dos 30 anos.

– Tenho uma ideia – disse ela, retomando o assunto. – Só que você teria que adiar seu plano de casar em breve.

– Não tenho planos. Não desejo me casar, não importa o que meu pai diga.

James podia ficar com um mau humor enlouquecedor quando queria. Havia melhorado desde os 15 anos, mas não muito.

– Você sabe o que mais detesto no mundo?

– Estou certa de que dirá que é o seu pai, mas não levarei em consideração.

– Além dele. Detesto me sentir culpado.

– Deus do céu, quem faz você se sentir culpado? Você é o filho perfeito da casa de Ashbrook.

Ele passou a mão pelo cabelo outra vez.

– É exatamente isso que todo mundo pensa. Às vezes tenho vontade de ir embora, para onde nunca tenham ouvido falar de condes, obrigações nobres e todo o resto. Onde um homem possa ser julgado pelo que é, e não por seu título ou todas essas tolices.

Theo olhou para ele com a testa franzida.

– Não vejo onde entra a culpa.

– Nunca serei bom o bastante.

Ele se levantou e foi olhar pela janela.

– Que absurdo! Todos amam você, inclusive eu. Isso não significa alguma coisa? Conheço você melhor do que ninguém, e se digo que você é bom, você é.

James virou-se e ela percebeu, para seu alívio, que ele tinha um sorriso torto no rosto.

– Daisy, você acha que um dia eu poderia chefiar o Parlamento?

– Seria muita sorte deles! – retrucou ela. – Sério, James, pode pelo menos ouvir meu plano?

– Para conquistar o mundo?

– Para conquistar Geoffrey, o que é muito mais importante. Seria maravilhoso se você fingisse me cortejar, apenas o suficiente para que eu fosse notada. Você nunca vai a bailes, mas, se começasse a me acompanhar, todo mundo se perguntaria por quê, e, antes que nos déssemos conta, eu estaria conversando com Geoffrey e então poderia cativá-lo e fazer com que me olhasse... e ele seria meu.

– Ela se sentou de novo, triunfante. – Não é um plano brilhante?

Os olhos de James se estreitaram.

– Tem algumas vantagens.

– Quais?

– Meu pai pensaria que estou cortejando você e me deixaria em paz por um tempo.

Theo bateu palmas.

– Perfeito! Tenho absoluta certeza de que Geoffrey conversará com você. Ele não era representante de turma no seu último ano em Eton?

– Sim, e por causa disso posso afirmar que ele seria, sem sombra de dúvida, um marido incômodo. É inteligente demais para seu próprio bem. E faz piadas desagradáveis sobre as pessoas.

– É o que gosto nele.

– Sem falar no fato de que é feio como o pecado – acrescentou James.

– Não é, não! É deliciosamente alto, e seus olhos têm um tom castanho-acobreado. Me fazem pensar em...

– Pare – falou James, com uma expressão de repugnância. – Não quero saber.

– Em chocolate quente – continuou Theo, ignorando-o. – Ou nos olhos de Tib quando era filhote.

– Tib é um cachorro – disse James, exibindo um talento para deduções rápidas. – Você acha que o amor da sua vida se parece com um *cachorro* obeso de 10 anos? – Ele assumiu uma atitude pensativa e zombeteira.

– Tem razão! Trevelyan tem algo de canino! Como nunca reparei nisso?

Demonstrando que não havia passado dezessete anos na casa do duque de Ashbrook à toa, Theo atirou um de seus chinelos na cabeça de James. O chinelo roçou de leve a orelha dele, o que levou a uma cena deselegante (e bastante juvenil) de James perseguindo-a pelo quarto. Quando a pegou, prendeu-a pela cintura e lhe deu uns cascudinhos enquanto ela protestava.

Era uma cena que o quarto de Theo e outros aposentos das várias propriedades dos Ashbrooks haviam registrado diversas vezes.

E, enquanto Theo uivava e chutava os tornozelos dele, James teve a súbita percepção de que estava segurando um buquê perfumado em forma de mulher. Aquilo eram *seios* contra os braços dele. O traseiro redondo de Daisy se esfregava contra ele e era...

James afastou as mãos com tanta rapidez que ela caiu no chão com um forte baque. Havia aborrecimento verdadeiro na voz dela ao se levantar, esfregando o joelho.

– O que há com você? – repreendeu Theo. – Você nunca me deixou cair antes.

– Não devemos fazer essas brincadeiras. Seremos... Você em breve será uma mulher casada, afinal de contas.

Theo semicerrou os olhos.

– Meu braço está doendo – acrescentou James, sentindo as bochechas arderem.

Ele detestava mentir. E detestava, em especial, mentir para Daisy.

– Você me parece bem – disse ela, examinando-o. – Não vejo nenhum ferimento que justifique você me largar no chão como uma bolinha de papel.

Só depois de James praticamente sair correndo do quarto Theo se sentou na cama e pensou no que tinha *visto* .

Ela já vira aquele volume específico sob as calças dos homens. No entanto, foi um choque ver o de *James* . Ela não pensava nele naqueles termos.

Então, de repente, pensou.

Capítulo 3



Oito horas depois...

— **T**heodora, querida, está pronta?

A Sra. Saxby entrou no quarto em um trote impetuoso. Theo costumava pensar em sua querida mãe como um avestruz, só pescoço e pernas em movimento constante.

No momento, o pescoço estava em grande evidência, pois diamantes cintilavam por toda a volta.

— Diga-me como estou — exigiu a mãe.

— Como a catedral de St. Paul no Natal — disse Theo, dando-lhe um beijo. — E faiscante e bonita, como se usasse um colar de estrelas.

A mãe ficou levemente rosada.

— Estou usando diamantes demais, não é? Mas o baile da condessa só acontece uma vez por ano. Devemos tentar impressionar com o que temos de melhor.

— Os melhores diamantes, no caso — comentou Theo.

— Deixe-me olhar para você, querida — falou a mãe, recuando. — Esse vestido é bem bonito.

— Odeio bonito — declarou Theo, sabendo que essa opinião não era válida. — Bonito fica terrível em mim, mamãe.

– Acho que você está adorável – replicou a mãe, com a honestidade irradiando por todo o rosto. – A moça mais bonita e meiga de toda Londres.

– A senhora não acha que ficou um pouquinho cega com a sensibilidade materna? – perguntou Theo, cedendo a um abraço perfumado.

– De jeito nenhum. Nadinha.

– Ontem à noite, ouvi duas moças comentando que pareço um rapaz – disse Theo, examinando a memória como a um dente dolorido. – Não vamos levar adiante a ideia de que eu seja *meiga*, mãe.

A Sra. Saxby ficou carrancuda.

– Que absurdo. Como alguém pode pensar uma coisa dessas? Provavelmente são cegas, como a pobre Genevieve Heppler. A mãe não permite que ela use óculos, então ontem à noite ela esbarrou em mim.

– Pensam isso porque eu pareço *mesmo* um rapaz – retrucou Theo.

Ela não esperava concordância e não a obteve.

– Em todo caso – continuou Theo –, James e eu maquinamos um plano que me fará ser notada pelo apetitoso Geoffrey.

Por algum motivo, a Sra. Saxby achava que o jovem lorde Trevelyan não era tão perfeito quanto Theo. Mas também ela não passara boa parte das três últimas semanas examinando-o de longe, mas em detalhes, como Theo fizera.

– James vai fingir me cortejar – explicou Theo, virando-se para o espelho e dando tapinhas nos cachos que sua camareira levava uma hora para produzir.

O queixo da Sra. Saxby caiu de forma nada elegante.

– Ele *o quê* ?

– Fingir, apenas fingir, óbvio, me cortejar! O pai dele decidiu que está na hora de James procurar uma esposa. James não quer. A senhora sabe que ele detesta frequentar bailes, que dirá travar uma conversa educada com uma dama. Se parecer que está me acompanhando pelo salão de baile, não só o duque se acalmará, como todo mundo vai reparar, pois James nunca vai a eventos desse tipo. E isso significa que vão reparar *em mim*.

– Certamente vão – concordou a mãe.

– Quando estiverem olhando para mim, posso atrair a atenção de Geoffrey – explicou Theo.

O plano soou muito tolo ao ser descrito em voz alta. Um homem como lorde Trevelyan provavelmente não ligaria para uma moça com cara de cavalo que tecia

comentários inteligentes.

De forma surpreendente, a mãe pareceu concordar. Então franziu a testa e perguntou de forma bastante brusca:

– De quem foi a ideia?

– Minha – admitiu Theo. – Acho que James não queria, mas não lhe dei a chance de recusar. Além do mais, é a solução perfeita para a exigência do duque de que ele se case. Ele é jovem demais, não acha, mãe? Não tem nem 20 anos.

– Isso não sei – respondeu a mãe. – Em termos de maturidade, ele já é pelo menos uma década mais velho que o pai. Pelo que ouvi falar, é melhor ele se casar com uma moça rica, assim poderá restaurar a propriedade quando Ashbrook sucumbir a um ataque apoplético. Suponho que seja por isso que o duque o esteja empurrando para o mercado.

– A senhora sempre diz para eu não fazer comentários mordazes – repreendeu Theo. – Escute a si mesma, mãe. Tenho mesmo que usar essas pérolas? Detesto pérolas.

– Mocinhas usam pérolas. O que você está fazendo, querida?

Theo ergueu o olhar da escrivaninha.

– Alterando minha lista. Para o caso de *algum dia* eu me vestir como desejo.

– Incluiu alguma pérola?

– Sim. Acrescentei duas regras nos últimos dias. *Pérolas são para porcos* .

– E debutantes – acrescentou a mãe. – Qual é a outra?

– A senhora não vai gostar – observou Theo. – *Eton merece consideração* .

– Não desgosto dessa. Mas acho que posição é melhor do que educação para se avaliar um homem. Além disso, existem outras escolas além de Eton, minha cara.

– Mãe! Essa lista não tem nada a ver com possíveis maridos; apenas reflete como me vestirei quando tiver chance de ser eu mesma. Em resumo, quando me casar. O fraque de Eton é muito lindo. Não dou a mínima para os corpos dentro deles, a menos que um deles seja o meu.

– Espero não viver para ver você vestida como um estudante – declarou a mãe, estremecendo. – Não gosto nem de imaginar.

– Não lembra como James adorava o capitão da equipe de críquete depois do primeiro ano? Existe uma boa dose de glamour em parecer um estudante; só

preciso descobrir como aproveitá-la. Pelo menos isso faria com que as moças parassem com sua *maldita* comiseração a respeito da minha aparência.

– Meu conselho é o seguinte – disse a mãe, virando-se para o espelho. – Cada vez que detectar o mais leve indício de comiseração de alguma dessas fedelhas desmioladas, leve a mão ao colar de pérolas de sua avó. Você pode detestá-las, Theodora, mas elas valem o dote da maioria das moças. Posses pessoais contam muito quando se fala em atratividade.

– Se eu chegar perto de Geoffrey, vou me certificar de dirigir a atenção dele para as pérolas. Talvez leve o fio aos dentes, só para garantir que ele veja. – Ela foi até a mãe e abraçou-a por trás. – Não sei por que não fiquei tão bonita quanto a senhora, mãe.

– Você é...

Theo interrompeu-a:

– Shhh. Tenho nariz e queixo compridos e pareço bem masculina. Mas posso viver com isso... ou pelo menos poderia se não tivesse que usar tantos babados brancos a ponto de parecer um balde de leite espumoso.

A mãe sorriu para ela pelo espelho.

– Não existe moça de 17 anos em Londres que não anseie por usar cores à noite. Isso vai acontecer em breve.

– Assim que eu me tornar lady Geoffrey Trevelyan – disse Theo com um risinho.

Capítulo 4



Residência Devonshire *Baile da condessa de Devonshire*

Quando a carruagem ducal parou diante da Residência Devonshire, Theo desceu atrás da mãe, seguida por um James obediente, ainda que taciturno. Os três pararam por alguns instantes na entrada do salão de baile antes de serem anunciados, mas, para decepção de Theo, ninguém pareceu notar que ela estava acompanhada do bom partido mais esquivo do ano.

Não que até aquele momento alguém tivesse pensado que havia a possibilidade de fisgar James.

– Que triste aglomeração – disse a Sra. Saxby em tom desaprovador ao inspecionar o salão. – A condessa obviamente não lapidou a lista de convidados. Vou me retirar para o andar de cima e jogar uma rodada ou duas de carteadado.

Era um desdobramento que Theo havia esperado e planejado.

– James me acompanhará até em casa – afirmou ela na mesma hora. – Duvido que ele concorde em ficar muito tempo. Sua entrada na alta sociedade tem que ser feita aos poucos.

De fato, James já começara a puxar o lenço de pescoço.

– Está um calor infernal aqui. Vou ficar no máximo meia hora.

A mãe de Theo deu uma última olhada no salão apinhado e partiu para uma sala do andar de cima onde poderia jogar cartas com as amigas a noite inteira.

– Para trás – sussurrou Theo para James tão logo a mãe ficou longe de vista.

– O quê?

Theo puxou-o para o saguão de entrada.

– Agora que minha mãe foi embora, preciso de um momento para mim.

Ela arrastou James pelo corredor e virou na primeira porta aberta que viu, que se revelou uma sala de estar belamente decorada com – felizmente – um espelho acima da lareira. Theo tirou as pérolas e largou-as no bolso de James.

– Elas vão arruinar o caimento do meu casaco – protestou ele.

– Como se você se importasse com isso! Mamãe diz que elas valem mais que um dote. Então, por favor, trate de não perdê-las.

Ele fez uma careta, mas cedeu. A seguir, Theo deu um puxão no babado cor-de-rosa ao redor do pescoço e, como havia estrategicamente afrouxado os pontos naquela tarde, o tecido soltou-se do vestido.

– O que está fazendo? – perguntou James, alarmado. – Você não pode usar um corpete decotado desse jeito. Não tem nada cobrindo... você.

– Por que não posso? É menos decotado do que o de algumas mulheres que estão aqui. E elas têm seios que parecem ovos de avestruz comparados com os meus. Não há muito o que mostrar, portanto, posso muito bem exhibir o que tenho.

– Com certeza está fazendo isso – disse ele, a voz traindo certo fascínio.

Theo ergueu os olhos de relance.

– São só seios, James.

Ele franziu a testa, afastou-se e tossiu.

– Belos seios, claro – acrescentou ela, dando um sorriso maroto para ele. – Definitivamente, um dos meus melhores atributos.

Com um puxão, o babado cor-de-rosa foi arrancado do pulso esquerdo, sendo o mesmo gesto repetido no pulso direito. Ela então retirou os grampos dos cachos e deixou os cabelos caírem pelos ombros. Tirando uma faixa de renda cor de cobre da bolsa, passou-a pelo cabelo, puxou-a para trás e prendeu-a com os grampos no topo da cabeça para que não caísse. Aquilo produziu um coque bastante desarrumado, mas o contraste entre o cabelo e a renda ficou definitivamente interessante.

– Você parece diferente – declarou James, estreitando os olhos diante do reflexo dela no espelho.

– Pareço melhor – falou Theo, com a confiança de alguém que praticara o enrolar de renda e cabelo cinco vezes naquela tarde. – Você acha que ele vai gostar?

James fitou de novo a linha do pescoço dela.

– Quem?

– Geoffrey, claro! – disse Theo. – Francamente, James, tente prestar atenção.

Ela se olhou no espelho. Sem os horrendos babados cor-de-rosa, o vestido tinha mesmo alguma sofisticação. Além disso, seus seios pareciam deliciosos, afirmou Theo para si mesma.

– Ah, esqueci!

Então tirou da bolsa um broche que também pertencera à avó, porém muito mais chamativo do que as pérolas. Era de ouro maciço, no formato de uma rosa, e tinha um belo pingente.

– O que você vai fazer com isso? – perguntou James. – Não creio que este tipo de joia combine com vestidos como o seu.

– Como assim?

– Seu vestido é feito de um tecido leve – disse ele. – Quase transparente.

– O filó de seda cobre a musselina lisa – explicou Theo. – O filó é bordado com arabescos, de longe a melhor parte desse vestido lamentável.

Ele espiou mais de perto.

– Sua mãe sabe que você não está usando um *chemise* ?

– Claro que estou usando *chemise* ! – mentiu Theo.

Ela prendeu o broche sob os seios, na faixa que circundava a cintura alta do vestido.

– Além do mais, minha roupa de baixo não é da sua conta, James.

– É da minha conta quando consigo entrever suas pernas – replicou ele de cara amarrada. – Sua mãe não vai gostar.

– Você gosta? E é lógico que aqui me refiro a você como um exemplar do seu gênero.

– Precisa falar desse jeito? – reclamou ele.

Obediente, observou o vestido de Theo. Ela levou a perna à frente de modo que o contorno pudesse ser vislumbrado – apenas vislumbrado! – através do filó de seda e da saia de baixo.

– Parece ousadamente estranho – falou James sem rodeios. – Assim como a joia que você tem pendurada debaixo dos seios. As pessoas vão pensar que está tentando chamar a atenção para essa área.

– E estou – disse ela, satisfeita.

O pingente acrescentava um lampejo de cor que combinava com a faixa do cabelo. Além disso, qualquer cavalheiro que ignorasse o decote no primeiro relance seria encorajado a dar outra olhada.

Isso sem mencionar o fato de que James era o homem mais bonito do baile e algo do encanto dele passaria para ela. Theo enroscou o braço no dele.

– Estou pronta para a minha entrada.

– Sua mãe vai matar você. Ou a mim – acrescentou ele, ainda mais descontente.

– Você me devorou com os olhos há um minuto.

– Eu, não!

Ele fez uma cara de espanto ofendido.

– Sim, devorou – retrucou Theo. – E, James, se você cobiçou, outros homens também vão cobiçar. Vamos voltar para o baile. Estou pronta para encontrar Geoffrey.

– Você o viu em algum lugar? – sussurrou Theo um instante depois.

Ela estava sorrindo e se curvando para lady Bower, que pareceu bastante intrigada ao ver James ao lado de Theo. Claro que ficaria intrigada: ela tinha três filhas para casar.

– Quem? – perguntou James distraidamente, puxando o lenço de pescoço de novo. – Acho que vou sufocar. Creio que não aguento nem meia hora disso.

– Geoffrey – murmurou ela, beliscando o braço dele. – Lembra? É por isso que você está aqui. Precisa me apresentar a ele.

James olhou-a carrancudo.

– Pensei que já o conhecesse.

– Ele nunca prestou a menor atenção em mim – explicou Theo com notável paciência, na sua própria opinião. – Já falei isso.

James bufou.

– Muito bem. Tenho que dar um jeito de falar sobre dotes e aí anunciar que o seu é maior que...

– Shh! – Ela lhe deu outro beliscão, e tão forte que ele estremeceu. – Estou contando com você, não estrague tudo.

– Não vou estragar.

Os olhos dele pareciam um pouco assombrados.

– Não é *tão* terrível estar aqui, é? – perguntou Theo, um tanto alarmada pela tensão no rosto dele. – Sei que você não gosta de bailes, James. Se apenas me apresentar a Geoffrey, prometo ir embora logo depois.

Eles pararam para dar passagem a um grupo de pessoas a caminho da mesa de bebidas.

– Creio que você esteja cometendo um erro – disse ele.

– Sobre Geoffrey?

James assentiu.

– Tive que conviver com Trevelyan em Eton e não gostaria de repetir a experiência; nem a desejo para você.

– É diferente quando você é casado, bobo – disse Theo.

Ela podia se ver sentada com Geoffrey à mesa do café da manhã, lendo os jornais. Ele era muito inteligente e apreciaria a sagacidade dela de um jeito que ninguém apreciava, nem James nem sua própria mãe.

– O casamento pode ser ainda pior – avisou James.

A multidão diante deles dispersou-se, e eles avançaram pelo salão de baile.

– Eu pelo menos podia socá-lo quando ele era especialmente desagradável – continuou James.

– Você não precisa se preocupar com o meu casamento. Só fique de olho para encontrá-lo, sim? Não sou alta o bastante para enxergar por cima das cabeças.

– Muito bem, estou vendo Trevelyan – informou James, puxando-a para uma clareira na multidão e movendo-se na direção da presa de Theo. – Está com Claribel.

– É claro – disse Theo com um gemido.

– Ela é uma beleza.

– Flerte com ela! – ordenou Theo.

– Você quer que eu case com a cretina da Claribel? – perguntou James num sussurro nem tão sussurrado.

– Acho que não.

Theo avistou Geoffrey e de repente se viu nervosa, agarrando-se ao braço de James.

Lorde Geoffrey Trevelyan tinha cabelos castanho-claros, que deixava despenteados em um estilo conhecido como Tito, e suas roupas eram sempre elegantes, embora não muito apuradas. Mas era o rosto dele que fascinava Theo. Era estreito e zombeteiro, com os cantos dos olhos levemente inclinados para cima. Com uma olhada dava para saber que milorde havia se graduado com honras duplas em Cambridge, em filosofia e história.

Era o tipo de homem certo para Theo – não tão bonito a ponto de ser mais bem-apeçoado do que ela. (Ela sentia uma leve pena da mulher que se casasse com James, fosse quem fosse, porque estaria para sempre à sombra dele.)

Pois bem, Geoffrey estava rodeado por um grupo de pessoas bonitas. Todas tinham maçãs do rosto salientes, lábios fartos e narizes de belo formato. Pior ainda, pareciam terrivelmente inteligentes; com exceção de Claribel, é claro.

O estômago de Theo doía e por um instante ela tentou deter James. Naquele momento o grupo avistou-o, e os rostos se iluminaram como os de plebeias vendo a rainha.

Algumas até o saudaram.

O coração de Theo pulsava na garganta de pura excitação.

– Lorde Geoffrey – disse ela, fazendo uma mesura.

– Oh, Srta. Saxby – falou lady Claribel Sennock com sua voz aguda e estridente. – A senhorita está adorável. Deixe-me apresentar minha prima, lady Althea Renwitt.

– Já nos conhecemos – respondeu Althea com total indiferença, os olhos deslizando pelo corpete de Theo e então, sem qualquer sutileza, cravando-se em James.

Olhando o sorriso afetado de Althea e o modo como estendeu a mão para ser beijada, Theo concluiu que não havia nada mais voraz do que uma jovem dama no meio de um monte de cavalheiros casadouros. Althea parecia uma raposa com as garras em ovos de galinha.

– Seu acompanhante desta noite é *ele* ? – sussurrou Claribel. – Que sorte a sua ter crescido com James.

Theo realmente gostaria que Claribel fosse mais grosseira; seria mais fácil não gostar dela. Em vez disso, ela era como leite morno na hora de dormir.

– James é muito querido – declarou Theo, tentando um tom de inclinação romântica.

Naquele momento Geoffrey fez uma piada sobre o rei deposto de Imereti, que estivera em visita na corte inglesa na quinzena anterior, e todos riram. Theo virou-se, decidida a ser tão sagaz quanto ele, não importando o assunto. James, é claro, estava bem no meio do grupo, bastante à vontade.

Seria muito fácil ressentir-se dele. Aonde quer que fosse, ele era amado, e nem precisava se dar o trabalho de ser espirituoso.

– Na verdade – dizia Geoffrey –, Sua Alteza Real é muito discreta, tem um temperamento admirável e é livre de quaisquer vícios.

– Quando dizem que alguém não tem vícios – disse Theo, antes que perdesse a coragem –, em geral se constata que tem tantos pecados quanto fios de cabelo na cabeça.

– A senhorita acha que a princesa de Imereti tem tantos pecados assim? – perguntou Geoffrey pausadamente. – Conte mais, Srta. Saxby.

Theo estava ciente de que o grupo inteiro estava escutando, e seu coração bateu ainda mais rápido, embora conseguisse manter no rosto uma expressão casual.

– A avareza é um dos pecados capitais, e Sua Alteza, dizem, toma banho em uma banheira de prata maciça – falou ela com um abanar de leque despreocupado. – Ela possui um quarteto particular para niná-la em noites agitadas. E por certo o senhor percebeu que ela tem um amante. O barão Grébert, o homem de grandes bigodes e cabelo em excesso. Ele parece um leão fingindo ser domador de leões.

Claribel deu uma risadinha nervosa, mas Geoffrey arqueou as sobrancelhas e lançou um olhar mais atento para Theo, um leve sorriso ondulando nos lábios.

– E como a senhorita descreveria Sua Alteza? – perguntou ele.

– Um fox terrier de saias – disse Theo.

Geoffrey jogou a cabeça para trás e riu, e todos os outros homens lhe fizeram eco. Exceto James. Ele fechou a cara porque não gostava quando ela era maliciosa, mesmo quando a malícia era engraçada.

– Creio que estou assustado com a senhorita – confessou Geoffrey.

O olhar dele era caloroso e cheio de admiração.

– Sim, deve ficar – declarou James.

– Lorde Islay, o senhor conhece a Srta. Saxby melhor do que ninguém – interveio Claribel com um gritinho típico de mocinhas. – Com certeza ela não é perigosa!

Claribel era tão obtusa que Theo pensou que havia uma boa chance de ela não estar brincando.

– Theodora tem uma língua tão afiada quanto os cacos de um espelho quebrado – afirmou James.

– Ah, tenho momentos de meiguice, vamos – disse Theo, flertando com Geoffrey por cima da borda do leque.

– Sim, e são tão convincentes quanto Maria Antonieta fingindo ser pastora – retrucou James. – Está um calor infernal aqui.

Ele puxou o lenço de pescoço de novo, conseguindo desatá-lo dessa vez.

– Talvez você devesse partir, Islay – murmurou Geoffrey. – Está com um aspecto bastante desarrumado; isso me lembra os tempos da escola, e essa não é uma boa lembrança. Srta. Saxby, que pingente notável.

Theo encontrou os olhos dele enquanto se erguiam de seu decote – um momento de que ambos desfrutaram.

– Presente de minha avó – murmurou ela.

– A mesma avó que transformou Theo em uma herdeira – informou James, com o ar de alguém que dá cabo de uma tarefa desagradável. – Bem, acho que está na hora de partir, *querida*.

A sobranceira de Geoffrey arqueou-se, e ele deu um passo para trás.

– Ah, James – disse Theo. – Ainda não estou pronta para ir.

Ela sorriu para Geoffrey, mas pôde ver o rosto de James pelo canto do olho. Parecia que ia explodir. E então ela decidiu que talvez já tivesse chamado atenção suficiente de Geoffrey para uma noite.

Theo teve a sensação de que ele viria atrás dela na noite seguinte, e na próxima.

Sentindo-se magnânima, Theo fez uma mesura na direção de Claribel e da desagradável Althea e deixou que James a levasse embora.

James marchou pelo salão de baile lotado como um deus grego de mau humor.

Theo trotou a seu lado, feliz demais para protestar.

Capítulo 5



— **A**cho que tudo correu muito bem – declarou Theo, já na carruagem a caminho de casa.

– Não, não correu – disse James de forma lacônica.

– Como pode dizer isso? Geoffrey ficou bastante atraído por mim!

– Deve ter ficado atraído pelos seus peitos.

– Peitos? *Peitos* ? James, você não deve falar desse jeito comigo – disse Theo com certo deleite. – Peitos. Adoro essa palavra.

Ele inclinou-se para a frente, e ela percebeu com um sobressalto que ele estava furioso.

– Não venha com *James* para cima de mim. Você não poderia ter sido mais descarada flertando com Trevelyan.

– Verdade. Eu queria mesmo ser descarada.

– Bem, quer saber de uma coisa? Você não combina com o seu querido Geoffrey. Não mesmo.

– Por que não?

– A língua dele é ainda mais maldosa que a sua. Ele costumava implicar comigo só por diversão, e, se eu tivesse dado bola, teria sido um grande aborrecimento.

Theo começou a rir.

– Você, aborrecido?

– Eu falei: se eu tivesse dado bola para ele. Você não é como eu, Theo. Você lhe daria ouvidos, e ele faria picadinho de você.

– Ele vai me amar – explicou Theo. – Vou apreciar muito vê-lo fazer picadinho de outras pessoas, mas, como ele vai me amar, estarei fora de sua mira.

– Nada nem ninguém está fora da mira de Trevelyan. Eu o ouvi fazer piadas sobre a própria mãe. Para ser franco, Daisy, ele é o tipo de homem que é mais ele mesmo quando está vestido de mulher.

– O quê?

– O que acabei de dizer. – James recostou-se e olhou para ela com uma expressão insuportavelmente presunçosa. – Eu o conheço, você não.

– Está querendo dizer que ele se interessa por *homens* ?

– Existe alguma coisa que você não fale em voz alta? – ganiu James. – Não, não estou! Estou dizendo que ele é um tipo esquisito, só isso. Muito esquisito. Não é para você. Não deixarei que se case com ele.

– Você não *deixará* que eu me case com ele? *Você* ? – Theo inflamou-se. – Bem, deixe-me lembrá-lo de que você não tem autoridade para dizer com quem eu devo ou não me casar. Nenhuma autoridade!

James estreitou os olhos.

– Veremos.

– Não há nada para ver! – vociferou ela. – Se eu quiser me casar com Geoffrey, me casarei.

– Não casará. A menos que queira compartilhar suas meias de seda.

Theo arfou.

– Você está sendo muito rude e deveria pedir desculpas. Não sei por que diz tal coisa de Geoffrey.

– Porque é verdade. Convivi com ele. Somente quando vestia saias, coisa que fazia sob qualquer pretexto, ele deixava de ser tão descarado e de alfinetar alguém a cada cinco minutos. Mas vá em frente. Presumo que você pense que o conhece melhor que eu.

– *Conheço* Geoffrey. Vocês podem ter trocado farpas quando estavam na escola, mas agora ele cresceu, mesmo que você não.

– Certo. É tudo culpa minha.

– Não é culpa sua – disse Theo. – Mas acho que entendo os homens um pouco melhor que você, James. Afinal, você ainda pensa em Geoffrey como um menino. Eu o enxergo com olhos de mulher.

James encarou-a, carrancudo.

– Olhos de mulher. Que bobagem!

– Se você me acompanhar só mais uma vez ao evento musical do príncipe amanhã à noite – pediu Theo em tom conciliador –, estou certa de que não precisarei mais da atenção que atraio quando arrasto você comigo. Agora Geoffrey reparou em mim, entende? Mais um encontro bastará.

– Para quê? Para que surja um amor verdadeiro?

– Talvez – disse Theo, pensando no modo como a boca de Geoffrey havia se curvado. – Talvez.

– Você não reconheceria um amor verdadeiro nem que ele batesse na sua cabeça – declarou James, cruzando os braços sobre o peito.

– Bem, você não é nenhum especialista. E não diga que sente amor verdadeiro por Bella, porque sei perfeitamente bem que estaria mentindo. Está apenas encantado com aqueles peitos enormes que ela exibía para todo mundo na Oxford Street.

– Olhe aqui – disse James, parecendo um tanto alarmado –, você não deve usar essa palavra. Não é educado.

– Peitos? – repetiu Theo, detendo-se antes de mostrar a língua para ele. Afinal, ela tinha 17 anos. – Sei o que você vê em Bella – contentou-se em dizer. – E não é amor.

– Os atributos de Bella não são o tema de nossa conversa – retrucou James. Theo riu.

– O lindo rosto dela, então? Acho que não!

– Chega!

– Quem vai falar desse tipo de coisa comigo, além de você? – indagou ela, relaxando de volta no canto da carruagem.

– Não me inclua nisso.

– Tarde demais. Você é a coisa mais próxima que tenho de um irmão – declarou Theo, sentindo-se um pouco sonolenta. – Pode me acordar quando chegarmos em casa?

James retesou-se no canto dele e fitou-a. Mesmo à luz fraca da lanterna que iluminava a carruagem, ele podia ver a linha da coxa de Theo. Para não falar dos seios – ou peitos, se ela assim preferisse.

Trevelyan com certeza havia reparado neles. James teve que se controlar no baile para não arrancar a cabeça do homem do decote de Daisy.

Ela não se casaria com Trevelyan. De forma nenhuma.

Mesmo... mesmo que ele tivesse que se casar com ela para impedir que isso acontecesse.

Capítulo 6



N a noite seguinte
Residência Carlton
Residência do príncipe de Gales

Para desgosto de Theo, James não a acompanhou ao evento musical privado do príncipe de Gales e também não se incomodou de só aparecer quase na hora do jantar.

– Onde você estava? Deveria ter chegado há horas – sibilou ela, levando-o até o outro lado da sala para ficar fora do alcance dos ouvidos alheios. – Claribel grudou em Geoffrey; ele mal teve tempo de respirar, que dirá de notar a minha presença.

– Bem, estou aqui agora – disse James.

Theo observou-o. Ele usava um casaco azul lindo, com lapela de veludo verde-escuro, totalmente apropriado para o evento musical oferecido pelo príncipe. Mas havia algo no rosto e nos olhos dele...

– Você está bêbado! – exclamou ela com certo deleite. – Nunca o tinha visto assim. Está prestes a vomitar ou vai apenas oscilar de um lado para outro a noite inteira?

– Eu nunca oscilo!

Ele soou indignado.

– Está oscilando agora. Pelo amor de Deus, olhe aquilo – rosnou ela, acenando com a cabeça na direção de Claribel, que estava apoiada no braço de Geoffrey. – Quem vê isso pensa que já estão noivos. Ou que ela está tão tonta quanto você. Suponho que você não teve a chance de mencionar meu dote a Geoffrey no White's hoje à tarde.

– Que engraçado – falou James. – Trevelyan não estava no clube nem na minha carruagem, porque... ah, sim, porque estava aqui admirando lady Claribel. Por que diabo você acha que eu teria tido a chance de comentar sobre sua herança na conversa inexistente que tive com ele? Além do mais, mencionei ontem. Já basta.

– Não é *ele* que a está admirando; é *ela* que está. Bem, provavelmente é melhor deixar as coisas assim, pois, do jeito que você está bêbado, poderia estragar tudo.

– Melhor para quem? – perguntou James, um tanto atordoado.

Theo ergueu os olhos para ele e sentiu uma onda de afeição.

– James, eu *adoro* você. Sabe disso, não é?

– Não diga que me considera um irmão. Porque não sou seu irmão, e você deveria ter isso em mente. Nós dois deveríamos ter isso em mente. Isto é, que não somos irmãos, embora possamos nos sentir assim. Às vezes.

– Talvez você devesse segurar meu braço – sugeriu Theo. – Senão, se sentirá constrangido amanhã se acabar caindo no chão.

– Só chegue um pouquinho para trás – pediu James, nitidamente embriagado. – Vou recostar na parede e fingir estar conversando com você por um momento. Posso ter bebido um pouco mais de conhaque do que o rec... rec... recomendável. Meu pai está no recinto?

– Claro que sim – respondeu Theo. – E está zangado por você não ter ido para casa a tempo de nos acompanhar até aqui. Sorte sua que ele ainda não o viu.

Ficaram numa lateral do salão de música da Residência Carlton. A maior parte dos presentes tinha se agrupado em cadeiras de espaldar reto, ouvindo arrebatada a performance principal da noite. Ninguém pareceu reparar nos dois do outro lado do salão.

– Aquele sujeito está martelando as teclas de tal modo que vai deixar todo mundo com dor de cabeça – reclamou James, em voz alta. – Tão medonho quanto você, quando sua mãe ainda pensava que você poderia ter algum talento musical.

– Não diga uma coisa dessas! Aquele ali é Johann Baptist Cramer! – exclamou Theo.

Imediatamente se deu conta de que não fazia sentido ficar chocada por James não reconhecer o célebre pianista. Ele jamais participaria de uma noite de música por vontade própria.

Se ela não tomasse uma atitude, James faria uma cena. Theo pegou-o pela mão e afastou-o dali, levando-o para trás de um biombo chinês bem alto, esculpido com flores de lótus; pelo menos ninguém o veria caindo de bêbado. Ela então recostou na parede, puxando-o para si.

James deslizou na direção dela, escorando-se com as mãos na parede, uma de cada lado de Theo, criando uma pequena caverna que cheirava a conhaque, com um toque de sabonete.

– Só me dê um momento até minha cabeça clarear – murmurou ele. – No que está pensando? Está com uma expressão curiosa.

– Estou cheirando você – disse Theo. – Nunca tinha notado como é cheiroso, James.

– Ah.

James não soube o que dizer, mas pelo menos não parecia tão vacilante quanto segundos antes.

– Talvez devêssemos conseguir uma xícara de chá para você – sugeriu ela.

Por algum motivo – seria por causa daquele encontro estranho no quarto dela na véspera? –, Theo estava tendo dificuldade para pensar em James tão casualmente quanto deveria. Ele era bonito demais. Tinha toda a elegância do pai, mas seu maxilar era bem mais anguloso e seus olhos mais brilhantes – embora estivesse de pileque. Naquele instante, o rosto dele chegou mais perto do dela.

– Você vai cair? – perguntou ela com um gritinho.

Não.

Em vez disso, ele fez a única coisa que ela jamais imaginou que James faria: ele a beijou.

“Os lábios dele são muito macios”, pensou Theo. Aquilo a surpreendeu. Afinal, era seu primeiro beijo. E foi muito diferente dos beijos que havia imaginado.

Ela pensou que seria como um delicado roçar de lábios. Mas o que estava acontecendo agora não era nada disso. É que James havia colocado a língua

direto dentro de sua boca, o que era estranho e, ao mesmo tempo, íntimo. E o beijo todo era assim: uma mistura do James que ela conhecia com um James que ela desconhecia por completo, um James selvagem. Um James másculo. Era tudo esquisito e no entanto... seus joelhos amoleceram e Theo se viu envolvendo o pescoço dele com os braços.

James afastou-se da parede, passou um braço em volta da cintura dela e a puxou contra seu peito.

– Beije-me – exigiu ele, com um tom de voz baixo e feroz.

– Você está tão bêbado assim? – perguntou Theo. – O que está fazendo? Sabe quem eu sou?

– Você é a minha Daisy – disse ele, fitando-a.

A voz soava incerta; a respiração, irregular. Os olhos dele ardiam com uma emoção que Theo não entendia, mas que fazia todo o seu corpo tremer. Ela começou a falar, mas ele inclinou a cabeça de novo, num movimento que exigia que ela o beijasse. O problema era que Theo não sabia ao certo como. Ao mesmo tempo, queria desesperadamente fazer o que quer que ele pedisse, então tocou a língua dele com a sua. Achava que seria repugnante, mas em vez disso...

Ela sabia que deveria ter empurrado James ou gritado por socorro. A mãe dela – para não mencionar o próprio príncipe de Gales – estava logo ali, a poucos metros de distância, do outro lado do biombo.

Na verdade, ela deveria dar uma bofetada nele. Era o que uma jovem dama de boa linhagem faria após ser agarrada por um cavalheiro embriagado e beijada em público. Ou, no caso, em particular.

Só que Theo queria provar mais do gosto de James, mais do fogo líquido que varria seu corpo, mais do anseio irresistível que fazia com que ela se aproximasse mais e mais dele.

– Isso – disse ele, com um fiapo de voz.

Um calor vertiginoso eliminou o pouco que restava da lógica de Theo. Ela tomou o rosto dele nas mãos. Podia beijar do jeito que quisesse. Na verdade, não se tratava das línguas. Era uma questão de *possuí-lo*. Do mesmo modo que ele a estava possuindo.

Quando Theo se deu conta disso, beijá-lo se tornou fácil. Sua língua enroscou-se na dele e os dedos dela se afundaram em seus cabelos, sabendo que a mesma chama que ardia nela queimava em James.

Ele emitiu uma espécie de gemido e a puxou mais para perto. O som do gemido dele era tão inebriante que o corpo de Theo estremeceu inteiro, uma reação direta ao aperto firme e ao toque sensual de James. Ela nunca havia pensado que fosse particularmente feminina – nenhuma menina que crescesse com traços tão pronunciados poderia pensar em si mesma dessa forma –, mas, nos braços de James, Theo de repente sentiu-se feminina, não de um jeito delicado, mas selvagem, erótico.

Era inebriante. Ela tremia de desejo, uma sensação quase selvagem de querê-lo mais. Comprimiu seu corpo contra o dele e sentiu os seios roçarem em seu peito. Ele gemeu de novo. E então *mordeu* o lábio dela.

Ela arfou e...

Viu-se sendo puxada para trás. Sentiu uma mão agarrando-a e afastando-a dali como quem aparta uma briga. Para profunda consternação de Theo, era a mãe dela.

– James Ryburn, o que em nome dos céus você pensa que está fazendo? – inquiriu a Sra. Saxby.

Theo ficou imóvel, sem ar, os olhos grudados em James, se sentindo como se de algum modo ele tivesse passado sua bebedeira para ela.

– E você, Theodora – gritou a mãe, voltando-se para ela –, o que em nome de Deus pensa que está fazendo? Foi essa a educação que lhe dei?

Uma voz grave e impostada disse de forma bastante divertida:

– É por isso que “mercado de casamento” tem esse nome, Sra. Saxby. Parece que sua menina será a primeira da temporada a dizer “sim”.

James emitiu um ruído sufocado, e Theo se virou, apenas para deparar com um grupo de espectadores fascinados que incluía o príncipe de Gales, lorde Trevelyan e a desprezada Claribel, que pela primeira vez na vida não cobiçava Geoffrey e tinha um ar de pura inveja no rosto.

Theo olhou para James e viu a confusão no rosto dele na mesma hora em que se deu conta de que seus próprios lábios pareciam inchados e seu cabelo caía pelos ombros. Ela devia estar parecendo uma daquelas donzelas violentadas de folhetim barato.

Mas ela precisava dizer alguma coisa.

– Eu... Nós só estávamos...

James a interrompeu, a voz dele sobrepujando a dela. Já não parecia bêbado.

– Eu amo Daisy. Vou me casar com ela.

Theo ficou boquiaberta. James estava com os olhos cravados na mãe dela, a voz um pouco áspera.

– A senhora quer casá-la com outro homem, mas ela é *minha*, ela sempre foi minha.

Theo puxou o ar, e ele a virou para si.

– Lembra quando tive uma inflamação nos olhos? Eu tinha 12 anos e você 10. E você leu para mim durante todo aquele verão num quarto às escuras porque meus olhos estavam muito sensíveis?

Ela assentiu, fitando-o em transe, ciente da plateia, mas tentando ignorar.

– Eu não sabia, mas você já era minha – declarou ele, olhando-a quase como se a odiasse.

– Comecei a sair há três semanas – sussurrou ela, as palavras deslizando pela sala totalmente silenciosa. – Você não foi a um único evento até a noite passada.

– Pensei que você estivesse apenas se divertindo – argumentou ele, a voz entrecortada. – Não levei a sério. Mas, se você vai se casar com alguém, Daisy, será comigo. Não quero que você pense em outro homem.

James disparou um olhar virulento para Geoffrey, que deu um passo para trás; virou-se para Theo de novo. Um lampejo de incerteza passou pelos olhos dele.

– Sei que você tem outro...

– Não sei em que eu estava pensando – falou Theo devagar, sentindo uma grande *certeza* acomodar-se sobre seus ombros como um cobertor quente.

Ela estendeu a mão e tocou na dele, aquela mão tão familiar e querida.

– Você está certo. Você é o único.

– Bem – disse a Sra. Saxby em tom firme. – Estou certa de que todos podemos concordar que foi um pedido dos *mais* românticos. Mas acho que é o bastante para esta noite.

Theo não se mexeu. Seu amigo mais antigo, seu quase irmão – aquela pessoa se fora. No lugar dele, um homem desejável e poderoso olhava para ela. E o olhar dele a fez corar da cabeça aos pés.

– Ainda não é o bastante – rosnou James, os olhos fixos nos de Theo. – Ela ainda não aceitou. Daisy?

– Sim – respondeu Theo, trêmula e sem fôlego, comportando-se como as outras moças que ela costumava criticar. – Sim, aceito.

– Suponho que esteja acertado – afirmou o duque de Ashbrook atrás de James, o tom animado de aprovação fazendo ambos olharem para ele. – Muito conveniente, não é? Meu filho casando com minha tutelada. Fica tudo em família, por assim dizer. Vejam bem, não seria adequado a menos que fosse um verdadeiro caso de amor.

A Sra. Saxby disse abruptamente:

– Concordo plenamente.

– Mas parece que não tivemos muito a opinar sobre isso – prosseguiu o duque.

James encarou o pai e sentiu o coração doer. Ele perdera a cabeça e, pior de tudo, a perdera para o mal.

Ele nunca havia experimentado um beijo como aquele, nunca pensara sentir tamanha onda de paixão na vida. No entanto, fizera aquilo apenas porque o pai fraudador havia mandado. Aquele beijo... aquele beijo aconteceu porque ele estava obedecendo a ordens.

James sentiu-se um nada. E a dor lancinante em seu coração lhe mostrou algo ainda pior: que ele havia corrompido o que poderia ter sido – *teria* sido – um dos momentos mais preciosos de sua vida. Ele daria qualquer coisa para ter entrado naquele beijo de coração puro e consciência limpa.

A Sra. Saxby arrastou Theo embora. E o duque de Ashbrook deu um tapinha nas costas do filho com uma série de comentários inconvenientes e flagrantemente falsos, dirigidos às pessoas que assistiam boquiabertas.

– Não fazia ideia de que ele sentia – disse o duque ao príncipe. – Suponho que os pais sejam sempre os últimos a saber. Mas, filho – acrescentou, com um tom de desaprovação cordial –, espero tê-lo educado melhor do que para agarrar uma dama e beijá-la em público. Um cavalheiro não sai por aí a se declarar desse jeito.

– De fato – concordou Geoffrey Trevelyan.

Ele acenou a mão com aquele ar diletante e divertido que Theo apreciava e James odiava.

– Não imaginava que você tivesse isso, Islay. Todo esse ardor.

A lembrança de que Theo havia desejado Geoffrey explodiu na mente de James como uma enorme onda. Ele se virou para olhar para ela, mas Theo se fora.

Os momentos seguintes se passaram como uma espécie de pesadelo vertiginoso. James viu-se fazendo uma reverência para o príncipe, visivelmente animado com a coisa toda.

– Febres do coração, ora, ora! Dizem que na alta sociedade não existe paixão, mas sempre discordei disso. – E lançou um olhar luxurioso para a Sra. Fitzherbert, postada à sua direita.

James recuou, fez uma mesura e saiu da sala. As congratulações efusivas do pai transbordaram no momento em que os dois entraram na carruagem.

– Não fazia ideia de que você iria direto ao prêmio dessa maneira! – berrou Ashbrook. – Que orgulho de você! É tão arrojado quanto eu, e usou isso à perfeição. Eu nunca teria pensado em algo assim. Ela o encarou como se você fosse o rei Arthur e Lancelot num só.

– Nunca mais fale desse jeito sobre minha futura esposa – sibilou James.

– Sem dúvida, você está irritado. Deve ser um choque. Ontem era um solteiro despreocupado, escoltando aquela bailarina voluptuosa pela cidade, e agora está prestes a ser colocado no cabresto.

James cerrou os dentes, mas permaneceu calado.

O pai seguiu tagarelando, sempre retornando à astúcia brilhante de James em se comprometer com Theo na frente do príncipe.

Ao dobrarem a esquina da rua deles, o autocontrole de James se foi. Agarrou o lenço de pescoço do pai, amassando a elegante combinação de goma e linho encimada pelo queixo flácido do duque.

– Nunca mais comente uma palavra a respeito desta noite, nunca mais. Entendido?

– Não há motivo para ser tão agressivo – falou o duque. – E essa não é a atitude adequada a um filho.

– Considero estar me dirigindo não a um pai, mas a um fraudador – disse James, a voz gélida.

Mas James sabia que, por mais que culpasse o pai, *ele* era o verdadeiro vilão. *Ele* havia traído Theo.

– Bem, não sei por que você deseja caracterizar minha má sorte de modo tão severo – disse Ashbrook, ofendido –, mas garanto que não tenho a intenção de discutir com você sobre esta noite. Quis apenas oferecer minhas congratulações. O fato de eu haver manifestado a necessidade de ajuda e você me atender em um

dia, fazendo exatamente o que pedi... É, isso compensa muitos dos golpes menores da vida.

E então recostou-se e sorriu radiante para o filho e herdeiro até a porta da carruagem se abrir.

James esperou o pai descer antes de se inclinar para a frente e esvaziar o estômago em cima dos próprios sapatos; não que houvesse qualquer coisa em seu estômago além de conhaque e amargura.

Capítulo 7



14 de junho de 1809

O casamento de James Ryburn, conde de Islay e futuro duque de Ashbrook, com uma herdeira pouco conhecida, a Srta. Theodora Saxby, atraiu o tipo de atenção atordoante geralmente reservada a núpcias reais. Os tabloides, em particular, haviam se concentrado na história de um caso de amor verdadeiro.

O modo como a Srta. Saxby cuidara de James durante a infância foi contado, recontado e enfeitado até que, quinze dias antes do casamento, a maior parte de Londres acreditava que ela havia se dedicado tanto a ler para ele que sua voz o impedira de cair no sono eterno.

A uma semana do casamento, a jovem Srta. Saxby na verdade ressuscitara James quando ele desfalecera naquela “noite escura da qual seria impossível haver recuperação” (conforme colocado pelo *Morning Chronicle*).

E o casamento em si prometia ser tão suntuoso quanto o de uma princesa. Não só foi organizado em poucos meses, como nenhum gasto foi poupado. O duque de Ashbrook declarara que nada era excessivo para o casamento de sua tutelada com seu único filho e herdeiro.

No grande dia, a Srta. Saxby foi conduzida à catedral de St. Paul em uma carruagem aberta, suntuosamente dourada, que percorreu ruas lotadas de londrinos ávidos por ver a noiva pelo menos de relance.

Os repórteres dos jornais londrinos, do majestoso *Times* aos populares como o *Tittle-Tattle* , aglomeraram-se na porta da catedral. Quando a carruagem se

aproximou, espremeram-se contra a barricada erguida para manter a plebe afastada.

“A noiva”, rabiscou Timothy Heath, jovem repórter do *Morning Chronicle*, “parecia um confeito francês, suas saias uma verdadeira nuvem de seda e cetim. Usava flores no cabelo e também trazia um buquê nas mãos.” Ele fez uma pausa. A Srta. Saxby não era uma moça bonita, o que tornava tudo um pouquinho mais difícil. “A futura duquesa”, finalmente continuou, “tem um porte digno da nobreza. Sua silhueta evoca gerações de homens e mulheres ingleses que ficaram lado a lado com nossos monarcas.”

O repórter do *Tittle-Tattle* fez um resumo mais simples e brutal:

– Ela é uma duquesa feia, e duvido que algum dia se transforme em cisne! – exclamou, observando o duque de Ashbrook estender a mão para ajudar sua tutelada a descer da carruagem.

Embora provavelmente estivesse falando para si, todos os repórteres nas proximidades ouviram e gostaram. O *Tittle-Tattle* fez uma edição especial à tardinha cuja manchete berrava: “A duquesa feia!” Todos os editores de Londres viram aquela chamada apelativa e trocaram suas manchetes por variações do *Tittle-Tattle*.

Todas as jovens damas que haviam suspirado pelos ombros largos e pelo belo rosto de James deram risadinhas no chá matinal. E todos os cavalheiros que um dia haviam cogitado dançar com a Srta. Saxby sentiram-se virtuosamente satisfeitos por não terem rebaixado seus padrões em troca do dote.

Da noite para o dia, a ideia de que James estivesse loucamente apaixonado por sua “duquesa feia” tornou-se um mito ridículo no qual ninguém acreditava. Obviamente o conde de Islay se casara por dinheiro, não podia haver outra explicação. E a Inglaterra acreditou no que a imprensa declarou como fato.

– Estou muito surpresa – confidenciou uma jovem bailarina chamada Bella a outra integrante do corpo de dança de um teatro da cidade, na manhã seguinte às núpcias.

Ela recebera uma enorme esmeralda e um adeus formal poucos meses antes.

– Jamais teria imaginado que ele fosse ficar tão comportado quando casasse, especialmente com uma mulher como essa.

Ela apontou para uma ilustração em sua página favorita de fofocas do teatro, em que havia tracejado uma imagem da “duquesa feia”. Estava mais para uma

caricatura do que para um retrato, com umas penas esparsas aparecendo por debaixo do toucado.

– Ele vai voltar – replicou a amiga Rosie, mais cínica e mais sábia. – Dê seis meses.

Bella balançou os cachos.

– Não sou de esperar seis meses por ninguém. Cavalheiros fazem fila na porta esperando por *mim*, como você sabe muito bem.

– Bem, lamento por ela – disse Rosie. – Vai acabar descobrindo. Todos os jornais de Londres a chamam de feia. E, quando um *deles* – ressaltou Rosie, referindo-se aos aristocratas – recebe um apelido desses, é para o resto da vida.

Olhando seu reflexo no espelho, Bella ajustou o colar de esmeralda e pensou em como sua beleza rosada e loura contrastava com a noiva de James.

– Lamento por ele. Ouvi dizer que ela não tem curvas. Ele adorava meus melõezinhos, se é que você me entende.

– Não tem curvas mesmo – confirmou Rosie. – Dei uma boa olhada quando ela desceu da carruagem. É magra como um alfinete e reta na frente, não tem nada sob o decote. Você conhece Magis, da bilheteria? Ele acredita que ela é um homem e que tudo não passa de uma grande farsa.

Bella balançou a cabeça.

– Esta esmeralda prova que não é uma farsa.



Naquele exato momento, em uma parte muito diferente de Londres, era a manhã seguinte ao casamento, e Theo acordou sentindo-se confusa. O casamento em si era, em sua mente, um borrão de rostos sorridentes... os olhos sérios do bispo... o instante em que ouviu a voz forte de James prometer ser dela *até que a morte os separasse*, o momento em que ela disse *sim* e viu um sorriso fugaz tocar os lábios dele.

Lembrou-se de que quando voltaram para casa, sua camareira, Amélie, retirara o desprezado bolo fofo de renda e seda que sua mãe identificara como o vestido perfeito para o casamento – e no qual doze costureiras haviam trabalhado dia e noite durante um mês a fim de concluí-lo – e a vestira com um *négligé* todo cor-de-rosa. Com babados.

O sogro havia desocupado os aposentos matrimoniais, e ela se despira no quarto que pertencera à antiga duquesa, um cômodo três vezes maior do que o seu quarto anterior.

E então James entrara, vindo do aposento do duque – agora dele – ao lado, parecendo bastante pálido e com os lábios contraídos.

Depois disso, a noite se desenrolara em meio a nervosismo e puro constrangimento. Não fora exatamente como ela havia imaginado. Mas o que ela imaginara afinal? Quando acabou, James beijou-a, com discrição, na testa. Foi então que Theo se deu conta de que, se *ela* havia se sentido zonzinha em vários momentos, o novo marido parecera bastante contido. Muito diferente do rapaz ávido que a beijara na noite do evento musical.

Antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele se retirara, sem dizer uma palavra, fechando a porta entre os quartos contíguos.

Claro que a saída dele era esperada. Ela sabia que só os pobres dormiam na mesma cama: era anti-higiênico e causava um sono agitado. Não só isso, mas uma de suas governantas contara sem rodeios que os homens cheiravam como bodes pela manhã e que, se uma mulher não colocasse uma porta entre si e os horrores daquela natureza, poderia se ver apertada debaixo de um corpo masculino com cheiro maligno.

Aquela declaração não lhe soou bem quando a ouviu pela primeira vez e continuava soando mal agora. Talvez fosse bom que James dormisse no próprio quarto. Mas ele precisava ter ido embora tão rápido?

Então lhe ocorreu que ele poderia ter se retirado porque, após ficar saciado – na falta de palavra melhor –, a evidência havia ficado nos lençóis. Quem quer dormir em lençóis manchados? Ela, não. Talvez no futuro Theo visitasse o quarto dele e depois se retirasse para sua cama limpa.

Aquela ideia fez Theo sorrir, embora ela agora tivesse consciência de que seu corpo apresentava dor num lugar onde antes não havia dor alguma. Felizmente a mãe fora minuciosa ao explicar o que acontecia no leito conjugal.

E tudo tinha acontecido do jeito que a Sra. Saxby descrevera. Bem, mais ou menos. Por exemplo, a mãe dissera que o marido tocava a esposa lá embaixo; mas James não tocou. E havia sugerido – embora sem dizer de forma direta – que a esposa deveria fazer a mesma coisa no marido. Mas, como James não o fizera...

Eles se beijaram por muito tempo, e então ele afagou os seios dela e colocou-se por cima (um formigamento agradável subiu pelas pernas de Theo ao se lembrar). E por fim a penetrou, o que não foi lá muito confortável. Depois acabou rapidamente.

Ela gostou de quase tudo, em especial da parte em que ele a beijou com tanta urgência que os dois gemeram, pois aquilo a fez arder em chamas.

E agora Theo era uma mulher na primeira manhã da vida de casada. O que significava, entre outras coisas, que nunca mais usaria um cordão de pérolas, um babado ou um vestido de algodão branco na vida.

Amélie dobrara com cuidado o monstruoso vestido de casamento e o colocara sobre uma cadeira. Theo levantou-se da cama e foi dar uma olhada. Era a última peça de roupa que a mãe tivera o prazer de escolher para ela. E isso já merecia uma comemoração. Com um sorriso ardiloso, Theo abriu as janelas altas com vista para o jardim que se estendia atrás da casa do duque de Ashbrook e agarrou o vestido.

Naquele instante ouviu-se uma leve batida, e a porta entre os quartos dela e de James se abriu. Ele vestia um traje de montaria, complementado por botas e um chicote, e ela estava descalça e de négligé, o cabelo solto ondulando pelas costas.

– Por Deus, o que você está fazendo? – perguntou ele, acenando com a cabeça para o vestido de casamento nos braços dela.

– Jogando esse horror pela janela.

Ele se aproximou de Theo bem a tempo de assistir à queda do vestido.

– Espero que não seja uma representação simbólica do que acha do casamento.

– Mesmo que fosse, agora é tarde demais – disse Theo. – E você é pesado demais para que eu o atire pela janela. Olhe aquilo lá embaixo. Parece um merengue bêbado.

O vestido acomodou-se com um floreio da renda em cima de um arbusto.

– Suponho que não haja necessidade de vestir uma coisa dessas mais de uma vez – comentou James, uma nota familiar de ironia divertida na voz.

Theo sentiu uma onda de alívio. Se apenas pudessem voltar a ser *eles mesmos*, à vontade juntos... sem o calor e os sentimentos esquisitos... seria muito mais agradável estarem casados.

– Pretendo mudar minha forma de vestir – informou ela, dando um sorrisinho para ele. – Talvez jogue tudo que tenho pela janela.

– Certo – concordou James, soando desinteressado.

– Inclusive o traje que estou usando neste momento – acrescentou ela com desagrado.

Com essa afirmação, o rosto dele se iluminou um pouco.

– Pretende jogá-lo pela janela agora? Posso ajudá-la a tirar.

Theo riu.

– Gostaria de olhar sua noiva à luz do dia, é?

Mas ele apresentava um leve franzido entre as sobrancelhas. Theo teve que se conter para não alisar a testa dele.

– O que houve? – perguntou ela.

– Nada.

O canto da boca de James contraiu-se; Theo estendeu um dedo e tocou-o ali, apenas o bastante para deixar claro que conhecia as expressões dele tão bem que não adiantava mentir. A seguir recostou-se no parapeito da janela e cruzou os braços, esperando.

– Estava pensando se você poderia passar algumas horas comigo e o Sr. Reede, o administrador da propriedade, antes do almoço.

– Claro. Em que posso ajudar?

– Meu pai transferiu a propriedade para mim. Após a cavalgada, vou encontrar Reede nas docas, pois temos um navio lá. Mas devemos retornar em uma ou duas horas.

– Seu pai fez o quê? – repetiu Theo, mal acreditando no que ouvira.

James confirmou com um aceno de cabeça.

– Como diabo você o convenceu? – questionou ela.

Um esboço de sorriso surgiu nos lábios dele.

– Pedi à sua mãe que insistisse nisso no contrato de casamento. Ela entendeu perfeitamente, pois já ouvira falar dos vários investimentos imprudentes do meu pai.

– Mas você nunca disse nada a respeito disso para mim! Nem minha mãe!

– Fiz meu pai prometer que eu herdaria tudo ao me casar e não quando ele morresse. Porém não tinha certeza de que ele cumpriria a promessa, a menos que fosse legal. Sua mãe concordou inteiramente, então atuou junto comigo.

Theo assentiu em aprovação.

– E ela especificou que eu teria que estar presente em todas as conversas sobre as propriedades?

– Não, ela não disse nada nesse sentido. Fiz a minuta de modo que você e eu sejamos os executores.

Dessa vez, o queixo de Theo realmente caiu.

– Você fez o *quê*?

– As propriedades estão vinculadas, claro. Você não pode vendê-las, nem eu.

– Isso foi ideia da minha mãe?

– Não. Na verdade, ela não se mostrou muito entusiasmada e meu pai ficou apoplético, para dizer o mínimo. Mas eu fiz questão.

Um brilho de satisfação cintilou nos olhos dele.

– Você sabe que não tenho jeito com números, Daisy. Mas você tem. Podemos pensar juntos sobre o que pode ser feito. Lembra que costumávamos ter todo tipo de ideia?

Theo estava boquiaberta. Nunca ouvira falar de bens administrados por uma mulher. Bem, pelo menos não por uma mulher que não fosse viúva.

– Sou melhor ao ar livre – continuou James, obstinado. – Se você me pedir para escolher o melhor cavalo em uma corrida, posso fazê-lo com um bom grau de precisão. Se você achar que devemos melhorar o plantel de ovelhas na propriedade, com certeza posso cumprir a tarefa. Mas me sentar na biblioteca e analisar números? Vou enlouquecer.

– Fico feliz por acompanhar você – disse Theo, sentindo vontade de chorar. – Estou... estou tão *honrada* por você desejar que eu ajude.

– Não há motivo para isso – declarou James de modo um tanto brusco. – Você também precisa saber que meu pai quase levou todas as propriedades para o buraco. E é a sua herança que vai acabar com as dívidas. Portanto, é justo que você participe de tudo.

Theo ficou atônita com a revelação, mas deixou o pensamento de lado por um instante.

– Não creio que haja muitos homens que pensem como você – falou ela. – Saiba que não aprendi contabilidade nem nada verdadeiramente útil com minhas governantas.

– Você pode aprender. Pelo que meu pai contou, minha mãe administrou todos os bens enquanto estava viva, e ela também não teve nenhum treinamento. E estarei aqui, Daisy. Só não quero fazer isso sem você.

– Tudo bem – disse Theo.

Ela sentiu uma felicidade tão grande que não conseguiu dizer mais nada.

Mas seu marido ficou parado ali, parecendo bastante desconfortável. Finalmente indagou:

– A noite passada foi aceitável? Você não está machucada, está?

– James, você está ficando vermelho! – exclamou Theo.

– Não estou, não.

– Ora, você deve parar com essas mentirinhas – observou Theo. – Consigo enxergar através de você. Sempre. E, sobre a sua pergunta, sim, foi surpreendentemente bom. Embora eu tenha pensado em uma coisa que deveríamos fazer diferente.

Ele ficou desconfiado.

– O quê?

– Devo ir ao seu quarto, em vez de você vir ao meu.

– Ah.

– Com que frequência se pratica essa atividade conjugal? – perguntou Theo com certa curiosidade.

James parecia delicioso ali diante dela. Na verdade, ela poderia beijá-lo naquele exato momento. Mas é claro que não poderia fazer esse tipo de coisa com espontaneidade, e com certeza não durante o dia.

– Tanto quanto se quiser – respondeu James.

As bochechas dele agora estavam vermelhas.

Ela se sentou numa cadeira.

– Acho que tenho uma pergunta sobre a noite passada.

Theo indicou a cadeira em frente à sua.

– Sente-se, por favor.

Ele obedeceu com evidente relutância.

Era estranhamente lascivo sentar-se diante de um homem – o *marido* – usando apenas um négligé leve de seda. No começo da manhã a luz do sol derramava-se sobre o ombro de Theo e brincava em seu cabelo; embora o cabelo fosse de uma

cor estranha, sempre parecia melhor à luz natural, por isso ela o puxou para a frente, sobre o ombro.

– Eu nunca tinha feito amor antes – anunciou ela desnecessariamente, mas querendo enfatizar.

– Eu sei.

– Gostaria de saber com quantas mulheres você já fez amor.

James empertigou-se.

– Mais do que o suficiente.

– Quantas?

– Por que quer saber?

– Porque *quero* . É meu direito como sua esposa.

– Tolicice. Ninguém fala esse tipo de coisa para a esposa. Você não deveria nem perguntar. Não é apropriado.

Theo cruzou os braços de novo. Ela reparara que isso fazia seus seios aumentarem.

– Por que não me conta?

– Porque não é apropriado – repetiu James, levantando-se.

Os olhos dele estavam em fogo e Theo sentiu um ardor de excitação. Ela adorava quando James perdia a cabeça, embora odiasse quando isso acontecia com o pai dele. James inclinou-se sobre ela, apoiando os braços na cadeira.

– Por que quer saber? Houve alguma coisa na noite passada que a fez achar que minha experiência era insuficiente?

Encantada com os olhos escuros dele, Theo lutou contra o desejo de puxá-lo para mais perto. Ou de explodir em riso.

– Como eu poderia saber se a noite passada foi insuficiente? – perguntou ela, sufocando uma risada.

James fechou uma das mãos em torno do pescoço dela com lenta deliberação.

– Acho que você quer me deixar doido.

Um polegar dele cutucou o queixo dela.

– Você ficou satisfeita ontem à noite, Daisy?

Ela fechou a cara e balançou a cabeça, tirando a mão dele.

– *Theo* .

– Como posso não pensar em você como Daisy quando seu cabelo emoldura todo o seu rosto como as pétalas de uma flor?

Ele agachou-se diante dela e segurou um cacho espesso entre os dedos.

– Brilha como a luz do sol.

– Prefiro ser chamada de Theo – disse ela mais uma vez. – E foi muito bom ontem à noite, obrigada. Perguntei sobre as outras porque quero saber algo sobre você que nenhuma outra pessoa saiba.

James fitou-a.

– Você sabe tudo sobre mim.

– Não, não sei.

– Você é a única que me conhece – confessou ele, baixinho. – Sabe tudo que importa sobre mim, Daisy; ou melhor, Theo. Sou péssimo com números. Sou bom com animais. Detesto meu pai. Não consigo controlar meu gênio e odeio o fato de ter herdado essa característica dele. Sou possessivo. Sou intolerável; você já me falou isso muitas vezes.

– Você também ama seu pai – destacou Theo –, por mais raiva que tenha dele. E ainda quero saber a resposta para minha pergunta.

– Se eu disser, você me dá uma mecha do seu cabelo?

– Meu Deus, que romântico – suspirou Theo, arrepiando-se da cabeça aos pés.

E em seguida acrescentou:

– Só se cortar de trás, onde não apareça.

James sacou um canivete e se colocou às costas dela.

– Não muito – suplicou Theo, puxando o cabelo e deixando-o cair sobre o espaldar da cadeira. – Amélie ficará zangada se eu ficar com um ponto careca.

Ele passou a mão pelos cabelos dela e então disse baixinho:

– Você foi a segunda, Daisy. E a última.

O sorriso no rosto de Theo veio do coração, mas ela pensou que a brevidade da lista provavelmente não era motivo de celebração, pelo menos na opinião dele, por isso não disse nada. Inclinou a cabeça para trás e viu que ele havia cortado uma mecha.

– O que você vai fazer com isso? Estou deslumbrada com esse seu lampejo sentimental, James. – Ela se esticou na direção dele. – Que tal um beijo de bom-dia? Pela pessoa que mais o conhece no mundo e que ainda assim assinou um contrato para tolerar o intolerável a vida inteira?

Os olhos dele ainda estavam sombrios e perturbados, mas ele se inclinou e deu um beijo de cabeça para baixo, meigo e suave, nos lábios dela.

– Na verdade, prefiro o outro tipo.

Ela sentiu sua pulsação começar a tamborilar na garganta.

– O outro tipo – disse James lentamente.

Ele passou a mecha de cabelo pelos dedos, depositou-a numa mesinha e ergueu Theo.

– Um beijo. Depois tenho que descer.

Ainda assim, tomou a boca de Theo com vagar, como se tivessem o dia inteiro para saborear um ao outro, unidos como seda e veludo.

Em algum momento a porta se abriu e uma camareira ganiu alguma coisa. A porta fechou-se de novo, e eles ainda se beijavam.

A boca de James deslizou pelo maxilar dela, por uma sobrancelha, uma orelha, sempre voltando e tomando a boca outra vez. Theo começou a balbuciar uma espécie de monólogo, uma série de comentários fragmentados, arfados, que faziam pouco sentido, até se ouvir dizendo:

– Não posso acreditar que eu não sabia que sentia isso... O que teria acontecido se você não tivesse percebido a tempo, James? E se eu tivesse conseguido atrair Geoffrey para o altar?

Ele afastou a boca. A essa altura ela estava agarrada a ele, tentando encaixar todas as curvas de seu corpo aos pontos rijos do corpo dele, tentando escalá-lo como uma gata, a respiração entrecortada.

Mas ele a empurrou, colocando uma cadeira entre ambos para garantir que se manteria afastado.

– James – chamou ela, a voz impregnada de desejo.

– Não.

A voz dele estava rouca, mas havia algo estranho em sua fisionomia, uma espécie de raiva e agonia em seus olhos.

– Meu Deus, o que houve? – perguntou Theo, subitamente consciente de que havia mesmo um problema.

James não estava apenas com um humor estranho.

– Nada – afirmou ele, com visível falsidade. – Devo me reunir com nosso administrador. Não quero que o homem pense que toda a família é como o meu pai. Ele às vezes mantém Reede esperando por dias depois de tê-lo chamado.

– Claro – replicou Theo. – Mas eu conheço você, James. Tem alguma coisa errada, não tem? Diga-me, por favor. O que é?
Mas ele já lhe dera as costas e escapara.

Capítulo 8



O grito horrorizado de Amélie ao descobrir o vestido de casamento servindo de poleiro para uma dupla de pardais combinou com o desespero de Theo enquanto atirava um vestido atrás de outro em cima da cama.

No fim, não restava quase nada para Theo vestir, mas ela estava muito entusiasmada.

Quando enfim conseguiu colocar um dos poucos vestidos que lhe restaram, foi tomar o café da manhã. James ainda não havia retornado do cais e não havia mais ninguém em casa.

– Onde está Sua Graça? – perguntou a Cramble, permitindo que um criado servisse ovos mexidos em seu prato.

– O duque foi às corridas em Newmarket e só voltará amanhã.

– E minha mãe?

– A Sra. Saxby partiu para a Escócia de manhã cedo; creio que para visitar a irmã.

– Claro! Tinha esquecido – disse Theo. – Sim, gostaria de duas fatias de presunto, obrigada. Cramble, você faria o favor de mandar um criado até madame Le Courbier para informar que lhe farei uma visita hoje à tarde? E, como estou sozinha, adoraria ver um jornal.

– Apenas o *Morning Chronicle* foi entregue, lady Islay. Vou buscá-lo agora mesmo.

Theo quase não ouviu a resposta de tão perdida que ficou no prazer de ser chamada pelo título de James. Nunca pensara em James como conde de Islay, mas

era exatamente o que ele era. E então o comentário do mordomo chamou-lhe a atenção.

– Nenhum outro jornal? Que curioso. Poderia mandar alguém buscá-los, Cramble?

– Sinto muito, milady – desculpou-se ele. – Temo não ter condições de retirar alguém do serviço da casa no momento.

– Talvez à tarde – disse Theo. – Por certo o *Town Topics* será entregue em algum momento.

– Vou verificar – respondeu Cramble em tom desanimado.

Theo começou a pensar na situação vexatória das propriedades da família. Não era difícil acreditar que o sogro tivesse perdido um montante significativo dos bens. Ele era um tolo irascível e apostador, e, ainda que ela não tivesse chegado a essa conclusão por si mesma, a mãe costumava dizer isso de modo enfático pelo menos uma vez por dia desde que Theo conseguia se lembrar.

Ainda assim, ficou bastante surpresa por Ashbrook ter concordado em passar o controle de tudo para James. Ele deve ter ficado contra a parede, o que indicava que as propriedades estavam verdadeiramente em maus lençóis.

Quando James e o administrador voltaram de seus afazeres, ela se juntou a eles na biblioteca e verificou que havia certa tensão no ar. James sem dúvida estivera remexendo no cabelo, que estava muito mais desalinhado do que deveria. O administrador, Sr. Reede, parecia tanto ofendido quanto na defensiva.

– Cavalheiros – saudou Theo ao entrar na sala. – Sr. Reede, que gentileza unir-se a nós.

– É a droga do *trabalho* dele! – vociferou James. – E, se ele estivesse fazendo seu trabalho com um pouco mais de perspicácia, não estaríamos nos apuros em que estamos.

– Peço perdão, milorde – falou o Sr. Reede –, mas devo lembrá-lo que eu não tinha autoridade para impedir Sua Graça de tomar as decisões que o senhor desaprova.

– Tudo bem – disse Theo, sentando-se ao lado do marido e tentando não pensar em como gostava de sentir o roçar do ombro dele contra o seu. – Quão ruim é a situação?

– É terrível – afirmou James. – Meu pai deu um jeito de quase falir. Vendeu tudo em que pôde pôr as mãos, e apenas a vinculação salvou o resto de

desaparecer.

Theo pousou a mão no braço de James.

– Então é excelente que você tenha assumido o controle, James. Lembra daquelas ideias que tínhamos para tornar a propriedade de Staffordshire autossuficiente? Temos a oportunidade de colocá-las em prática.

Ele lhe lançou um olhar que era um misto de desespero e exasperação.

– Éramos *crianças*, Daisy. Tínhamos ideias estúpidas e quixotescas que provavelmente eram tão práticas quanto os planos lamentáveis do meu pai.

Ficou claro para Theo que James estava prestes a explodir.

– Sr. Reede, poderia me fornecer um resumo do que resta da propriedade e quais dívidas a sobrecarregam? – perguntou Theo.

O Sr. Reede pestanejou, atônito.

– Eu lhe disse – falou James, com uma risada vazia.

O Sr. Reede recuperou a fala.

– A propriedade de Staffordshire é vinculada, é claro, assim como esta casa e a ilha na Escócia.

– Ilha?

– Islay – explicou James. – Ninguém vai lá há anos, deduzo que não passe de um amontoado de rochas.

– Temo que as dívidas totalizem 32 mil libras – disse o Sr. Reede.

– E a renda da fazenda de ovelhas e do resto?

– A renda é aproximadamente o valor acordado como pensão anual de Sua Graça. Também há dívidas sobre a casa da cidade, totalizando 5 mil libras.

– E sobre a ilha? – indagou Theo.

– Ninguém emprestaria dinheiro para ele tendo a ilha como garantia – esclareceu James. – Lá não tem nada além de uma campina e uma cabana.

– Sua Graça possui um navio que no passado fez viagens bem-sucedidas às Índias para buscar especiarias. Lorde Islay e eu passamos a manhã no *Percival*, que foi recolhido a uma doca seca em consequência do não pagamento de tarifas alfandegárias.

– Pensei que navios em geral tivessem nome de mulher – comentou Theo.

– Sua Graça colocou o próprio nome no navio. Com as multas – prosseguiu o Sr. Reede, em tom suave –, os impostos referentes ao *Percival* somam mais de 8 mil libras. Garantimos o pagamento, e o navio não está mais confiscado. Sua

Graça continuou pagando os ordenados da tripulação, mas o capitão foi embora depois de conseguir um trabalho melhor.

– Estamos com uma dívida de 45 mil libras – calculou Theo. – Realmente é um valor alto.

– Existe uma pequena firma de tecelãs localizada em Cheapside – informou o Sr. Reede. – A Ryburn Weavers tem um lucro constante de cerca de 3 mil libras por ano.

– Por que o duque não a vendeu?

– Creio que ele esqueceu de sua existência – declarou o Sr. Reede. E acrescentou, hesitante: – Usei a renda para pagar os salários das várias casas, bem como o da tripulação do *Percival*.

– E o senhor optou, então, por não lembrá-lo da existência das tecelãs – concluiu Theo com admiração. – Foi muito sagaz de sua parte. Obrigada, Sr. Reede.

Ela deu uma cotovelada em James e ele murmurou alguma coisa. Levantou-se da mesa como se não aguentasse mais ficar sentado e começou a zanzar pela sala, passando as mãos pelo cabelo.

Theo ignorou-o por um momento e voltou-se para o Sr. Reede.

– Minha intenção seria pagar a dívida com meu dote e então trabalhar para tornar a propriedade autossustentável. Na sua avaliação, isso é possível?

– Acredito que, se houver um investimento na fazenda de ovelhas, a receita aumentará em 20% em um curto período de tempo, digamos, dois a três anos.

– Eu ficaria mais tranquila se obtivéssemos renda de várias fontes. Uma coisa que eu e lorde Islay discutimos no passado foi a possibilidade de montar uma fábrica de cerâmica. A Wedgwood teve sucesso notável utilizando a argila de Staffordshire, e metade de nossa propriedade parece conter argila. Considero os artigos da Wedgwood sem graça e enfadonhos. Estou certa de que podemos fazer melhor.

– Seria necessário um gasto considerável para implantar uma fábrica lucrativa. Suponho que a senhora teria que tentar atrair alguém da Wedgwood.

O Sr. Reede lançou um olhar nervoso para James, que olhava fixamente pela janela, os ombros tensos.

– Explicarei a meu marido quaisquer planos que possamos elaborar – declarou Theo.

– Façam o que quiserem – disse James, sem se virar para eles. – Sou inútil nesse estágio.

Ele queria encerrar aquela etapa e partir para a seguinte, quando ele vagaria pela propriedade e teria uma centena de ideias sobre como aumentar a colheita de trigo.

E, quando colocassem o empreendimento de cerâmica em funcionamento, Theo não tinha dúvida de que ele poderia lidar com qualquer contingência. James possuía um verdadeiro dom para conversar com operários, provavelmente porque invejava a vida deles.

– O que acha da ideia de implantar uma indústria de cerâmica na propriedade, Sr. Reede?

O administrador olhou por cima do ombro outra vez. James estava com um braço apoiado na janela e a testa encostada nela, o verdadeiro retrato do desespero.

– Em conjunto com as melhorias na fazenda de ovelhas, penso que de fato seria muito bom, milady.

Capítulo 9



No final da reunião, James sentiu uma vontade enorme de pular a janela da biblioteca e correr para longe dali. Mal conseguia ficar parado ouvindo as questões levantadas por Reede acerca das contas das propriedades.

Então foi Daisy – a Daisy que ele havia traído – quem passou duas horas examinando todos os números, pensando em diversas formas de recuperar as finanças da família. Em dado momento, James sentou-se à mesa de novo, mas as contas continuavam a ser um problema.

Não que ele não soubesse matemática ou contabilidade; aprendera ambas na escola. O problema era que sua concentração se evaporava diante dos cálculos, e ele se pegava pensando não em vender cavalos para ter lucro, mas em planos para consertar os estábulos. Daisy e Reede conversavam, comparando a produção de feno dos campos do sul com a dos campos do oeste, questionando se a disparidade entre uma e outra tinha a ver com o escoamento do rio, e sua única contribuição era comentar que ceifar o campo do oeste era difícil porque ficava na encosta de um morro.

E ele só sabia *disso* porque no verão anterior se juntara aos trabalhadores da propriedade, deleitando-se com a simplicidade de aprender o movimento correto da foice, adorando passar um dia inteiro fazendo trabalho físico e apreciando até mesmo a dor muscular na hora de dormir.

A verdade era que ceifar o feno era algo que o obrigava a ficar ao ar livre. E, se não ficasse ao ar livre e não se exercitasse intensamente todos os dias, James

não conseguia controlar seu maldito temperamento. E ele temia colocar em risco os membros da família com estátuas de porcelana voadoras.

Ele chegou a se recordar da ocasião, muito tempo antes, em que uma grave doença nos olhos e ordens médicas o obrigaram a se recolher a um quarto escuro. Quando achou que ficaria louco naquela “prisão”, Daisy apareceu para fazê-lo rir, mimá-lo e alimentá-lo. Ela leu Shakespeare para ele, que ficou fascinado. Foi a única vez que se aquietou por tempo suficiente para uma leitura.

Mas, de volta ao dia de hoje, finalmente contabilidade, conversa e planejamento acabaram, e Daisy se despediu do Sr. Reede da maneira mais encantadora possível, James parado com semblante soturno a seu lado à entrada do aposento. Então ela o empurrou de volta para a biblioteca.

– O que é? – perguntou ele sem rodeios. – Tenho que sair para uma cavalgada, Daisy. Não pude fazer isso mais cedo, e minha cabeça está latejando.

Ele ainda não conseguia acreditar que tinha uma esposa. Muito menos que a esposa era Daisy. Sua Daisy. James estendeu a mão e percorreu o contorno do rosto dela com um dedo.

– Você tem os ossos mais belos que já vi numa mulher. Parece uma princesa russa.

James pôde ver em seus olhos que ela gostou do que ouvira.

– Beije-me – disse ela. – *Aquele* tipo de beijo.

Ele a beijou.

O mais incrível era que James havia descoberto que acreditava de verdade em todas as coisas que dissera diante do príncipe de Gales naquela noite de março. Daisy era *dele*, e ele *era* possessivo, e ele a *queria* mais do que qualquer coisa no mundo.

Mas agora nada seria puro ou verdadeiro entre eles. Por isso, ele a beijou com tal mistura de luxúria e desespero, afastando-se com um resmungo sobre dor de cabeça.

Após cavalgar em grande velocidade – o que resolveu a dor de cabeça, mas não a de coração –, almoçou no clube e depois voltou para casa. Em vez de entrar na insuportável biblioteca, atirou-se na cama, fitando o dossel, incapaz de pensar, de se mexer ou mesmo de dormir.

Bairley, seu valete, surgiu horas depois e perguntou sobre o jantar. Aparentemente, milady fora visitar uma modista e ainda não retornara.

– Mais tarde – disse James, sem interesse.

Ele estava experimentando o tipo de sentimento de culpa e desespero que os assassinos deviam sentir. Mais do que qualquer coisa, ansiava por socar o pai: por arruinar seu casamento, seu amor por Daisy, seu futuro. O corpo inteiro vibrava de ódio pelo homem que destruíra a vida deles de modo tão egoísta.

Passado algum tempo, o valete bateu de leve à porta e entrou no quarto outra vez.

James pôs-se de pé.

– Suponho que esteja na hora de me vestir para o jantar.

– Sim, milorde. Seu banho está pronto. Mas o Sr. Cramble pensou que o senhor deveria saber... – começou Bairley e então pareceu perder a coragem de continuar.

– Qual é o problema? – perguntou James. – Meu pai voltou das corridas?

– Não, milorde. São os jornais.

– O que tem eles?

– O Sr. Cramble disse à lady Islay no café da manhã que a maioria deles não havia sido entregue, embora os tenha deixado na biblioteca para o senhor ler.

– Certo. Não olhei. Por que diabo Cramble falou isso para minha esposa?

– Por causa do que escreveram sobre o seu casamento, ou melhor, sobre lady Islay. O Sr. Cramble pretendia mostrar-lhe tão logo tivesse uma chance.

James balançou a cabeça.

– Em nome de Deus, o que os jornais comentaram sobre minha esposa? Por que se incomodaram com nosso casamento?

– Foi o casamento da temporada – disse Bairley em tom reprovador. – As descrições da cerimônia e da recepção estão bastante elogiosas. A carruagem dourada e os criados em trajes de tecido de ouro foram admirados por todos.

– Afinal – falou James, retirando o colete –, você escolheu algo que eu deva vestir para descer para o jantar?

– O Sr. Cramble pensou em mandar uma refeição para o quarto de lady Islay – informou Bairley, gaguejando um pouco. – E o senhor poderia jantar lá com ela, meio que em particular. Quando preferir, claro.

O linguajar do valete costumava ser mais requintado que o de James, portanto aquele “meio que em particular” coloquial era sinal de que havia algo muito errado. Um arrepio de medo percorreu o corpo de James.

– Aonde diabo você está querendo chegar, Bairley? – perguntou ele rispidamente.

– Os jornais a estão chamando de “Duquesa Feia” – respondeu o valete em voz lastimosa.

– *O quê?*

– “Duquesa Feia”, trocadilho com “Patinho Feio”, do conto de fadas. Milorde, por favor, mantenha a voz baixa. Lady Islay está no cômodo ao lado. Ela foi direto para o quarto ao retornar da modista.

– Quando diz “jornais”, a quais exatamente está se referindo?

James tirou a camisa e jogou-a em cima da cama. Daisy deveria estar arrasada. Eram todos uns mentirosos desgraçados. Ele mataria todos os responsáveis por aquilo. Faria com que os jornais fossem fechados na manhã seguinte. James percebeu que seus dedos tremiam de fúria.

– A todos – respondeu Bairley. – Bem, quase todos. O *Morning Chronicle* afirmou que ela tem o perfil de um rei.

– Muito bem – disse James, decidindo poupar o *Morning Chronicle*.

Arrancou os calções, e um botão saltou pelo chão.

Bairley correu atrás da peça.

– Vou exigir a retratação e as desculpas de cada um deles amanhã de manhã – assegurou James entre dentes – ou juro por Deus que incendiarei eu mesmo as sedes desses jornais de quinta categoria. Ainda existe algum poder em um ducado, e usarei cada partícula desse poder para destruí-los.

– Sim, milorde – concordou o valete, tendo encontrado o botão. Ele se virou para tirar o traje noturno do guarda-roupa e colocá-lo com cuidado sobre a cama.

– A camareira informou que, infelizmente, lady Islay viu os jornais quando visitou a modista. E não é só a imprensa: há gravuras nas vitrines das papelarias. Fizeram da noite para o dia, por causa de toda a agitação em torno do casamento.

– Oh, mas... – James parou no meio da frase. – Lady Islay saiu, viu tudo e agora está... onde?

– No quarto ao lado – informou Bairley. – Foi direto para seus aposentos, o rosto branco como um sudário, segundo o Sr. Cramble.

– Onde está a mãe dela?

– A Sra. Saxby partiu para a Escócia hoje cedo, antes de os jornais serem entregues.

James atirou os calções e as ceroulas em cima da cama.

– Tomarei um banho rápido e farei uma visita à minha esposa. Avise a Cramble que não quero nenhuma interrupção até eu chamar. Nem mesmo a camareira dela – disse James a Bairley por cima do ombro.

Cinco minutos depois, vestiu um robe e rumou para o quarto de Daisy.

Capítulo 10



A desolação que se apoderou de Theo foi tão imensa que engoliu quaisquer lágrimas que ela pudesse ter desejado derramar. A caminho da modista, em Piccadilly, ela viu de relance um ajuntamento de pessoas em torno de uma nova gravura na vitrine da Hatchards, mas jamais lhe ocorreu que pudesse ter algo a ver com ela.

Isso até estar voltando para casa e a carruagem parar diante de outra papelaria – e ela ver a ilustração. Mas só tomou conhecimento da extensão da coisa depois que mandou um serviçal entrar na loja e comprar os jornais – os jornais que o mordomo afirmara não terem sido entregues pela manhã.

Theo jamais imaginaria que alguém pudesse ser tão cruel. Pensou nas muitas pessoas que tinham escrito, editado e aprovado todos aqueles artigos. E em todos que haviam ficado acordados a noite inteira fazendo gravuras dela com aquele vestido horrendo.

Mas, claro, não era o vestido. Ela só precisava virar a cabeça para ver o próprio rosto no espelho. Era anguloso, com os malaras proeminentes de que James tanto gostava. Também tinha um nariz reto, um queixo firme e algo indefinível no contorno do perfil, e tudo aquilo resultava em... em uma duquesa feia.

Quando a porta do quarto ao lado foi escancarada, Theo nem ergueu o olhar.

– Prefiro que me deixe só no momento – pediu ela, com um nó na garganta, embora não estivesse chorando. – Estou muito bem. Não derramei uma lágrima por causa daqueles artigos tolos. São uma bobagem.

Claro que James não obedeceu. Pelo canto do olho, Theo flagrou um movimento e, de repente, estava aninhada no peito dele.

– Sou muito grande para me sentar no seu colo – suspirou ela, percebendo que o robe se abrira e o peito dele estava desnudo. – E você não está vestido de modo adequado.

James também ignorou isso.

– São todos uns idiotas insolentes e vou destruir cada prensa amanhã de manhã.

A voz vibrava de raiva, emoção que ele era excepcionalmente bom em sentir.

– Destruir as prensas não vai ajudar agora – disse Theo.

Recostou a cabeça no peito nu do marido e deixou que ele desse vazão à ira. Foi reconfortante. James, como a mãe dela, não a via como o resto do mundo.

Por Deus, ele de fato a via como uma *daisy*. Uma margarida. Theo não se dava o trabalho de pensar muito a respeito da própria personalidade, mas havia muito tempo concluía que o melhor adjetivo que poderia aplicar era *severa*.

Não existe uma margarida severa.

– Você acha que posso estar grávida? – perguntou ela quando ele fez uma pausa para respirar.

James fez um ruído estranho, algo entre engolir e tossir.

– O que isso tem a ver? Espero que não. Não estou pronto para a paternidade. Olhe o serviço desgraçado que meu próprio pai fez. Talvez eu nunca esteja pronto.

– Sei que somos jovens – retrucou Theo. – Mas, se eu ficasse grávida, minha silhueta mudaria. Eu teria mais volume na frente. Talvez devêssemos tentar de novo esta noite.

James olhou para ela carrancudo.

– Isso significa que você quer desenvolver aquele aspecto bovino que algumas mulheres têm? Úberes?

O estremecimento dele foi genuíno.

– Este é o tamanho perfeito – acrescentou, colocando a mão no seio dela. – Cabe certinho na mão de um homem. Na minha mão.

Theo usava um vestido de passeio que achatava o pouco que ela tinha, mas mesmo assim a mão de James pareceu curvar-se em torno do seio e se encaixar

muito bem ali. Ela se sentiu um tanto mais calma, até tudo inundar sua cabeça de novo.

– Acho que nunca mais sairei de casa. Você sabe que, aonde quer que eu vá, as pessoas vão me chamar de *Duquesa Feia*. Mesmo que não digam na minha cara, estarão pensando. Não vou conseguir. Não terei coragem para enfrentá-las.

A mão dele apertou o seio dela por um momento, e então ele a envolveu nos braços de novo.

– São todos uns idiotas – declarou James junto aos cabelos dela. – Você é linda.

– Não sou – rebateu Theo, lastimosa. – Mas é gentil de sua parte dizer isso.

– Não estou apenas dizendo! – Ele estava prestes a berrar de novo.

– Lembra-se de como decidiu controlar seu temperamento agora que chegou à avançada idade de 20 anos?

– Qualquer homem ficaria irado com esse tipo de insulto mentiroso dirigido à esposa. Amanhã irei ao escritório de cada um desses trastes que se autodenominam jornais, vou esganar os donos e...

Theo colocou a mão sobre a boca do marido.

– Não há como deter isso, James. As ilustrações estão por toda parte. Vi as pessoas boquiabertas diante da vitrine da Hatchards. E, a caminho de casa, me dei conta de que há um retrato meu naquele vestido pavoroso na frente de todas as lojas. Estou presa ao rótulo. *Para sempre*.

– Bobagem – falou James mais calmo. – Montes de pessoas recebem apelidos desagradáveis que logo são esquecidos. Richard Gray ficou conhecido como Pinto Pequeno por um tempo. E Perry Dabbes, agora lorde Fentwick, era o Pervinca, uma referência àquela flor pequenininha. Depois todo mundo esqueceu.

– Ao que parece, não – observou Theo. – Você se lembrou dos dois apelidos sem hesitar. Além do mais, aposto que muitos homens pensam em Pervinca toda vez que veem lorde Fentwick.

Ela hesitou.

– Isso é uma referência ao tamanho do órgão genital?

– Creio que sim.

– Penso que ser pequeno é um benefício. Estou certa de que a maioria das mulheres preferiria. Eles deveriam se vangloriar dos apelidos.

Uma pequena risada explodiu na boca de James.

- Devo deduzir que você está dolorida da noite passada?
- Sim – admitiu Theo. – Gostaria que você tivesse uma pervinca.
- Fico feliz por não ter, mas *sinto muito* se machuquei você de alguma forma,

Daisy.

– O essencial é que, não importa o tamanho do órgão deles, pelo menos não são feios. Essa é a pior coisa que se pode dizer de uma mulher.

Os braços de James enrijeceram de novo.

– Você não é feia, Daisy. Você me acha feio?

Ela o analisou de relance.

– Você é estonteantemente bonito e sabe disso. Fico irritada só de olhar para você.

– Posso saber, mas não dou a mínima – disse ele. – Ainda assim, um homem tem seu orgulho. Por que cargas-d’água acha que *eu* me casaria com uma mulher feia?

Theo pensou em responder *você acabou de fazer isso*, mas sufocou as palavras. Ela realmente não queria convencê-lo de que era feia. Ele e a mãe eram os únicos do mundo que a idealizavam como uma mulher bonita. E era reconfortante ver que algumas poucas pessoas eram cegas para a realidade.

– Eu jamais me casaria com uma mulher feia – continuou James, com a confiança e a soberba advindas não apenas de ter nascido bonito, mas também de ser herdeiro de um duque. – Sou um pouco orgulhoso, sabe? Casei com você porque é deliciosa, bonita e não se parece com nenhuma daquelas outras moças.

Theo fungou. Ela não havia chorado por causa das gravuras, mas agora James estava fazendo com que se emocionasse.

– O que quer dizer com não me parecer com as outras moças?

Ele franziu a testa.

– Todas rosadas e fofas.

– Bella era assim – objetou Theo e então empertigou-se. – Bella é coisa do passado, não é?

– Eu disse adeus a Bella logo após pedir sua mão. Dei uma esmeralda para ela. Não teria feito isso se soubesse o tanto que meu pai havia dissipado dos bens da família.

Ele afagava o cabelo dela como se alisasse o pelo de um gato agitado.

– Tudo bem – disse Theo, sentindo uma onda de generosidade. – Estou certa de que ela não tem uma vida fácil. Mas tenho que dizer que ela não se parece em nada comigo, James.

– Uma cortesã é uma coisa – explicou James. – Uma esposa é outra bem diferente. Eu não suportaria ter todo aquele cor-de-rosa a meu redor todos os dias. E além disso... – A mão dele deslizou do ombro para o peito de Theo. – Não me interessava pelos seios dela, para falar a verdade. Um homem poderia sufocar se não tomasse cuidado.

Theo deu uma risada meio desafinada.

– Você precisa fazer isso? – perguntou depois de um tempo, enquanto ele continuava a acariciar seu seio. – Está fazendo com que eu me sinta muito estranha.

– Por que você não tira a roupa e nós dois nos sentimos estranhos? – sugeriu ele.

– James! As pessoas não fazem esse tipo de coisa a essa hora.

– É quase noite – disse ele, olhando para fora. – E tenho certeza de que as pessoas fazem isso o dia inteiro quando têm a sorte de não viver com um bando de serviçais.

– Você gostaria de não ter serviçais?

Ele esfregou um polegar no seio dela, e, mesmo através das camadas de roupa, Theo sentiu aquilo de forma tão pungente que estremeceu.

– Gosta disso?

– Acho que sim – respondeu ela, incerta.

– Gostaria de ter nascido trabalhador – declarou James de repente, num tom feroz. – Poderia fazer o que desejasse e casar com quem quisesse, trabalhar ao ar livre e *já* ter que passar horas com um homem como Reede. Muito menos tê-lo olhando para mim como se eu fosse um verdadeiro idiota. O que eu de fato sou.

– Você *não* é idiota! – gritou Theo. – Sabe que poderia ter ficado em primeiro lugar em Oxford se tivesse permanecido um pouco mais de tempo por lá.

– Eu teria preferido pular dentro de um lago com os bolsos cheios de pedras.

– O importante, e que precisa ser destacado, é que você era o primeiro da sua classe em Eton.

– Graças a Deus acabou.

A mão dele começou a se mover de novo e Theo teve que admitir que gostava muito da sensação. E, por mais escandaloso que fosse, já estava considerando tirar o vestido.

– Então você gostaria mesmo de ser um trabalhador?

– Sim.

– Você escolheu sua esposa – disse Theo mansamente. – Chocou todo mundo com sua declaração.

A mão dele tensionou-se por um momento.

– Sim. Acho que não me sinto pronto para o casamento. Só que, para me casar, não iria querer ninguém que não fosse você.

– Bem, eu detestaria ser a esposa de um trabalhador, de modo que fico feliz por você ter nascido para ser duque. Seria exaustivo cozinhar, lavar, fazer fogo o dia inteiro para acordar no dia seguinte e ter que fazer exatamente a mesma coisa. Prefiro planejar uma fábrica de cerâmica. Aliás, o que você acha da minha ideia de a Ryburn Weavers se especializar na recriação do tecido estampado que faziam na época da rainha Elizabeth?

– Acho brilhante. Creio que o que mais quero é ficar ao ar livre e não sufocado com lenços de pescoço ridículos. Detesto roupa engomada.

– Somos tão diferentes! – exclamou Theo. – Adoro pensar em roupas, e o uso comedido da goma pode ter um efeito deslumbrante. Eu e madame Le Courbier, minha modista, chegamos a um plano maravilhoso de usar goma azul para enrijecer algumas pregas finas. Ela vai colocar na gola e nos punhos de um vestido de passeio de tafetá cereja, com arremate em cordão, que vai lembrar o uniforme da Cavalaria da Família Real.

– Não me lembro de haver pregas nas túnicas deles – comentou James pausadamente.

Ele inclinara Theo para a frente e ela percebeu que ele estava desabotoando seu vestido.

– James, não podemos fazer isso – falou ela, virando-se para olhá-lo sobre o ombro.

– O que estamos fazendo? Eu gostaria de ficar sentado com minha esposa, nós dois sem roupa nenhuma. Sabia que existem religiões em que as pessoas fazem isso o tempo todo? “A Família do Amor”, acho que é como uma delas se chama. Meu primo estava falando disso no clube um dia desses.

– Não o seu primo Pink – disse Theo.

Ela permitiu que ele continuasse a desabotoar, pois, por mais calma que sua voz aparentasse, seu coração havia disparado com a simples ideia de sentar-se sem roupa no colo de James.

– Ele prefere ser chamado de Pinkler-Ryburn – replicou James, abrindo o último botão e fazendo o vestido escorregar pelos braços dela.

Theo puxou o vestido de modo a soltá-lo dos braços.

– Realmente não o suporto.

– Não imagino por quê. Afinal, ele é tão interessado em moda quanto você.

– Não, não é. É apenas um seguidor desleixado das ideias dos outros. Suas roupas são extravagantes demais. No casamento, a gola dele estava tão alta que não conseguia nem virar a cabeça. E você viu o casaco absurdo que ele usou? O forro era de cetim cor-de-rosa, e ele ficava remexendo para garantir que todo mundo o visse.

– Ele é um almofadinha, mas não é má pessoa – declarou James. – Por que você não está usando um daqueles espartilhos?

– Não preciso – revelou Theo, com uma ponta de orgulho. – Eles servem para manter a barriga para dentro, mas eu não tenho isso.

– Tem, sim – disse James, acomodando as costas dela contra si.

Deslizou a mão sobre o *chemise*, pelo pescoço, pelos seios.

– Bem aqui.

A mão deslizou um pouco mais para baixo.

– Como um caminho conduzindo diretamente para onde um homem mais deseja estar.

Theo contorceu-se, em parte querendo que a mão deslizesse mais para baixo, em parte querendo pular do colo dele.

– Tive uma ideia – anunciou ela, muito ofegante.

– Qual?

A mão continuou a deslizar.

– Bem, o patinho feio transformou-se num cisne, não foi?

James parou o que estava fazendo. Então ergueu-a e empurrou o vestido para o chão.

– Como se tira esse *chemise* ?

– São apenas dois botões – informou Theo, levantando o cabelo para mostrar a ele.

– Fale-me sobre o cisne – pediu ele, puxando-a de volta para o colo.

– Não posso acreditar que estamos fazendo isso – balbuciou Theo.

Ela mudou de assunto.

– Fiquei tendo ideias durante meses. Na verdade, desde que debutei e mamãe me fez usar todos aqueles babados brancos.

– Como os do vestido que você jogou pela janela.

Dedos ágeis colocaram o cabelo dela para o lado, deixando em brasa a pele que tocaram.

– Sim, como os do meu vestido de casamento – concordou Theo, inclinando a cabeça para a frente. – Você está desabotoando meu *chemise* ?

Era uma pergunta estúpida, pois ela podia sentir os dedos dele em seu pescoço.

– Sim.

– Mas Amélie pode entrar a qualquer momento – informou ela, em pânico. – Deve estar na hora de me vestir para o jantar.

– Mandei meu valete manter todos longe até que o chamássemos. Vamos jantar aqui.

– Oh.

A simples ideia de comer com James em um ambiente tão íntimo – embora com certeza fossem vestir-se de novo – fez a respiração dela acelerar.

– Pretendo desenvolver meu próprio conjunto de regras de estilo de vestir – disse ela, mudando de assunto. – Ao contrário de seu primo Pink. Ele apenas imita o que quer que outros janotas fazem.

– Regras parecem algo bom – falou James em tom agradável.

Ele desfez o laço do *chemise* e começou a deslizá-lo pelos ombros de Theo.

Ela ficou em pânico por um momento, mas deixou que ele continuasse. James a levantou e tirou o *chemise* . Sem uma palavra, aninhou-a de volta contra o peito, como se ela não estivesse praticamente nua.

– Essa é uma peça muito bonita – disse ele, com uma nítida nota de satisfação masculina enquanto passava um dedo pelo arremate de renda dos calções, a única roupa que ela ainda tinha sobre o corpo.

– Eu que desenhei – comentou Theo. – É feito de seda. Isso é uma renda de barra dupla.

– E quais são *suas* regras? – perguntou James na orelha dela enquanto uma das mãos pousava em seu joelho nu.

Ele não parecia estar olhando para a renda, mas Theo não conseguia pensar com muita clareza. Estava fascinada demais com o contraste da mão queimada de sol de James em seu joelho branco. Naquele momento, sentiu-se de fato bastante rosada e branca, pelo menos comparada ao tom moreno dele.

– Uma delas é: *olhe para os gregos* .

– Não – disse James. – Eles têm uma quantidade medonha de pelos faciais como regra, Daisy. Além do mais, você agora está casada comigo. Não deve olhar para nenhum outro homem.

Havia uma nota de possessividade na voz dele que a deixou ridiculamente alegre.

– Não os *homens* – explicou Theo com uma risadinha. – Eu estava pensando nos vestidos gregos.

Theo se sentia ainda mais nua porque James ainda estava de robe. Embora ela pudesse sentir algo embaixo dela.

– Você não é uma pervinca – observou ela.

James riu.

– Verdade.

Ele soou feliz, sem aquela severidade sutil que não havia deixado seus olhos nem mesmo durante a cerimônia de casamento.

Ela pulou do colo dele e, com as mãos nos quadris, falou:

– Talvez esteja na hora de você tirar seu robe.

Theo adorou ver a pulsação intensa em sua garganta e o modo como seus olhos a devoravam. Talvez ela *conseguisse* viver em um mundo onde era considerada feia, contanto que James estivesse à sua espera.

Ela chegou bem perto dele e abaixou-se para desfazer o nó que mantinha o robe de James no lugar. Os olhos dele queimavam incandescentes e vorazes.

– Se esse não é uma *pervinca* , o que é então? – perguntou ela maliciosamente, roçando no órgão, que saltou no momento em que ela puxou o tecido para o lado.

Ele deu uma risada rouca.

– Pode chamar do que quiser se apenas ficar...

A voz dele sumiu. Ela passou os dedos pela dureza aveludada, agachando-se para ver melhor.

– É bem maior do que percebi na noite passada – declarou enfim, com uma voz débil.

Ela sentiu uma fisgada dolorosa entre as pernas diante da simples visão. Na verdade, uma pontada. Com P maiúsculo.

– Mas encaixamos bem – disse James.

A respiração dele estava irregular.

– Você acha que poderia tirar seus calções, já que ambos estamos nos despindo, Daisy?

A parte tímida dela preferiria que aquele membro não chegasse perto de novo. Mas era James pedindo, então ela aquiesceu e se levantou. Girou o tronco para alcançar os ganchinhos de metal que prendiam os calções, quando James fez um som rouco, como uma pequena arfada. Por debaixo dos cílios, ela viu o corpo dele em sua direção. *Ele* não a achava feia.

Em vez de abrir os calções, Theo começou a tirar os grampos do cabelo, soltando-o e sacudindo-o para que caísse sobre os seios, mechas retorcidas de mel, conhaque e âmbar. A pele dela formigou ao toque do cabelo, como se os fios fossem dedos a acariciá-la.

– Daisy – suspirou James.

– Meus calções são presos por ganchinhos – falou ela, ocultando um sorriso.
– Tenho que abrir com cuidado ou posso rasgar a renda.

Lentamente ela soltou o primeiro gancho da alça, deixando o traje de renda escorregar pela barriga. Outro gancho, outro relance para James por debaixo dos cílios. Ele era lindo e intimidante. Com o terceiro gancho, a seda começou a deslizar pelos quadris, mas ela segurou.

– Deixe cair – ordenou James com voz áspera.

Ele vibrava de impaciência.

Ela sorriu, sentindo um lampejo de poder.

– Peça *por favor* .

Em vez disso, ele foi até ela como um raio, e os calções caíram, passando pelo redemoinho de pelos âmbar entre as pernas dela, até os tornozelos.

– Você não precisa usar esse tipo de coisa – disse James, os olhos banquetando-se dela.

– Uso porque é escandalosa. Mamãe nunca permite que eu copie modelos franceses, exceto nos trajes de baixo. Embora agora tudo seja diferente, é claro. Não preciso mais obedecer às restrições dela. Posso vestir o que quiser.

– Prefiro pensar em você sem absolutamente nada por baixo do vestido. Sem espartilho, sem calções... apenas você, de modo que eu possa tocá-la por baixo da roupa a qualquer hora. Por favor, não use essas coisas de novo.

Os olhos de Theo arregalaram-se.

– Você não ousaria! – disse com um gritinho.

– Por que não vem para meu colo de novo?

James tirou o robe dos ombros e então se sentou, não parecendo nem um pouco envergonhado por estar completamente nu e com seu órgão naquele estado.

De fato, os olhos dele fizeram Theo sentir-se cálida e confiante, como se não estivesse nua e de pé sob um raio de sol de fim de tarde.

– Por que você não vem me pegar? – perguntou ela. – Você poderá praticar o que quer que pretenda se um dia me persuadir a abandonar os calções. O que não fará.

Sem se dar o trabalho de olhar para ele, Theo correu para o outro lado do quarto.

James não correu; apenas levantou-se e avançou a passos firmes na direção dela, o rosto faminto como o de um tigre. Mas o que chamou a atenção de Theo foi o corpo dele. Era definido como uma estátua de mármore, mas as semelhanças acabavam aí; ela sabia que ele era quente e vivaz. E o elemento masculino... Só de olhar, Theo sentia-se vertiginosamente viva, chamejante de calor e desejo.

Um risinho nervoso irrompeu em sua boca quando ele chegou mais perto.

– Isso está tão diferente da noite passada!

– Por quê? – perguntou James. – Agora fique parada, Daisy. Fique parada.

Ela gingou para o lado no último instante e correu para a extremidade da cama.

– Porque estamos *olhando* um para o outro.

– Sempre olho para você – afirmou ele, a voz rouca e baixa. – Olho desde que seus seios cresceram. Apenas nunca me permiti reconhecer o que sentia enquanto

olhava. Mas foi um inferno o ano em que você completou 16 anos e de repente começou a usar corpetes decotados à noite.

Theo recuou na ponta dos pés.

– Está brincando!

A boca de James retorceu-se num esgar devorador.

– Tive ereções debaixo do meu guardanapo por meses. *Meses* .

– Não fazia ideia – disse Theo, o assombro detendo-a por um segundo.

O suficiente para ele agarrá-la entre os braços.

Parecia que se tocavam pela primeira vez. Na noite anterior, quando consumaram o casamento, estavam no escuro e não falaram nada um para o outro. Theo estava envergonhada, fascinada e amedrontada, tudo ao mesmo tempo, e não conseguia pensar em nenhum comentário que não soasse tolo.

O peito dele roçou nos seios dela, e um arrepio percorreu o corpo de Theo. Ela passou os braços em volta do pescoço do marido.

– Você me cobiçava *mesmo* ? – maravilhou-se Theo. – De verdade?

– Como poderia não cobiçar? – As mãos de James deslizaram para os quadris dela e a puxaram firme para ele. – Deus, Theo, você estava ali sentada a cada refeição, e seus seios despontavam do vestido, pedindo que fossem tocados. Teve uma vez em que derrubei água no seu corpete... Lembra?

Ela confirmou com a cabeça. A respiração estava entrecortada, e Theo não conseguia pensar direito. Cada vez que ele a cutucava ou tocava, uma onda de prazer tomava conta do seu corpo.

– Seus mamilos ficaram como dois botões destacando-se contra o vestido – disse ele, passando a mão em torno de um dos seios dela, e os dois olharam para a mão bronzeada. – Tudo que eu conseguia pensar era que queria *isso* .

Ele puxou-a para a cama, ela caiu por cima dele e ele rolou. Um segundo depois, a boca de James estava no seio dela. Ondas de prazer corriam pelas pernas de Theo.

Sua cabeça caiu para trás e ela arqueou-se contra ele, sentindo os seios como se os visse com os olhos de James, provasse-os com a língua dele, sentisse-os com os dedos dele. Ela sabia com absoluta certeza que, sob os olhos e as mãos de James, eles tinham o tamanho e o formato perfeitos. Um gemido escapou dos lábios do marido, e ele deslocou-se para o outro seio, oferecendo a mesma adoração, uma devoção que beirava o frenesi.

– Oh, James! – gritava Theo sem parar. – Oh, James, oh, James...

Os gritos dela eram inarticulados, mas meigos. James os ouvia como uma dádiva, como um perdão pelo que ele tinha feito. Ela o amava. Ela o perdoaria. Ela estava encontrando o prazer. Pela primeira vez desde o noivado, o coração dele foi iluminado por uma verdadeira alegria.

– O que você quer, Daisy? – perguntou ele. – Diga o que você quer.

– Não sei – respondeu ela, arquejante. – Mas James...

– Sim?

Ele rolou os quadris para a frente e se encaixou entre as pernas dela. A respiração ficou presa na garganta, e ele fez de novo, devagar e provocante, o tempo todo os dedos brincando com um seio, depois com o outro.

Ela tremia, aqueles olhos inteligentes atordoados pelo desejo, os membros elegantes soltos e entregues. James apostaria a fortuna que não tinha que todas aquelas mocinhas insossas que ela tanto invejara jamais pareceriam tão deliciosas quanto ela agora. Não poderiam.

– Você é tão linda... – disse ele, a sinceridade ecoando em cada palavra rouca. – Olhe para você, Daisy. Essa pele de cetim, esses membros longos e esses seios deslumbrantes como as maçãs que Eva ofereceu a Adão.

Os olhos dela se arregalaram.

– Eva não ofereceu os *seios* a Adão, seu bobo.

James ergueu-se, montando nela com um joelho ao lado de cada quadril.

– Talvez tenha oferecido. Talvez fossem as maçãs do paraíso. Seios como os seus, do tamanho perfeito, deliciosos, feitos para levar um homem à loucura.

Os olhos dela se iluminaram com riso, alegria e desejo, tudo misturado.

– Gostaria de ver você com essa expressão todas as manhãs – declarou ele, inclinando-se para dar um beijo nos lábios dela. – Todas as noites e todas as tardes.

– Também vinha observando você nesses últimos anos – confessou ela, as mãos acariciando os ombros dele. – Você começou a crescer e, a cada vez que vinha para casa nas férias, estava mais e mais alto; e sentia fome o tempo todo.

Ela tinha o mais suave tufo de pelos ali embaixo. James adoraria tocá-lo. Bella não permitia nada do tipo. “Nada de mãos sujas perto do meu tesouro”, dizia ela, dando tapas nele, embora o deixasse brincar quanto quisesse com os seios.

James não se importava muito. No entanto, com Daisy era diferente. Ele queria observá-la, sentir o desejo dela tanto quanto queria sentir o dele próprio.

– E agora você está começando a alargar aqui – continuou dizendo Theo, enquanto lhe acariciava o peito.

James olhou para si. Ele não tinha ilusões sobre o próprio corpo.

– Tenho músculos nos braços, mas não no peito; não muitos, pelo menos. Você deveria ver os homens que lutam boxe regularmente no Gentleman Jackson's Saloon.

– Gosto de você assim. Alguns homens parecem touros. O peito e as coxas são tão volumosos que uma mulher ficaria louca de medo de ser sufocada. Vi alguns desse tipo trabalhando no campo. Mas você... – Ela passou os dedos pelos braços dele. – Você é musculoso sem ser grotesco. Lindo – sussurrou.

Então enroscou-se nele, apenas o suficiente para poder cobrir os braços de beijos. Enquanto ele ainda estava atordoado pela suavidade daquilo, a boca de Theo dançou no mamilo dele, parou, lambeu.

Uma espécie de gemido rouco assomou do peito de James, e ela olhou para ele com um lampejo de malícia e desejo. Aproximou-se e deu outra lambida e a seguir uma mordidinha no mamilo.

A lascívia ferveu pelos membros de James, e ele caiu por cima dela, tão graciosamente quanto uma árvore tombada. Ela soltou um gritinho, mas seu corpo estava flexível e entregue sob o dele.

– Você... você está pronta, Daisy? – perguntou ele, quase gaguejando.

Um pequeno vinco surgiu na testa dela.

– Pode me beijar de novo?

– Deus, sim.

O pênis latejou contra a coxa dela, mas James curvou a cabeça. Os beijos de Daisy eram únicos. Não que ele tivesse beijado muitas mulheres. Mas quando beijava Bella, por exemplo, estava sempre pensando em enterrar-se dentro dela, encontrar a calidez sedosa, mergulhar e arremeter. Tão veloz e tão furiosamente quanto pudesse. “Mais rápido!”, dizia ela.

Beijar Daisy era diferente. Ela era ao mesmo tempo meiga e intoxicante. Quando a beijava, o sangue parecia escoar da cabeça dele, e James esquecia o que estava fazendo... esquecia de chegar lá, de se mexer rápido.

Com Daisy era como se os minutos se transformassem em gotas de mel, e ele pudesse passar horas brincando com a língua dela, mordiscando e lambendo, engolindo os pequenos ruídos guturais que ela emitia, os dedos entrelaçados nos dela.

Depois de um tempo, os dedos deles se soltaram, e os dela tocaram uma sinfonia pelos ombros e costas de James. Ele conseguiu posicionar-se de modo a estar quase onde ansiava estar. Cada vez que ele empurrava à frente, ela suspirava. Theo estava quente e úmida.

Por fim, ele simplesmente teve que pedir:

– Eu adoraria tocar você lá, Daisy – sussurrou ele, e então esperou, segurando a respiração, para ver se ela ficaria tão revoltada com a ideia quanto Bella. – Minhas mãos estão limpas.

Os dedos dele pairaram sobre a barriga dela.

– Por que não? – sussurrou Theo em resposta, os olhos cintilando de desejo. E felicidade. – Até eu faço isso!

Do peito dele emergiu um som parecido com um soluço, enquanto luxúria e gratidão o inundavam. E então ele a estava *tocando*, e ela era sedosa, úmida e carnuda como ele nunca imaginara. Melhor ainda é que o toque dele fazia com que ela se arqueasse em um ritmo que o corpo dele reconheceu.

– Você gosta disso? – perguntou ele, o corpo em chamas, mais concentrado do que nunca estivera na vida.

Ela ondulou de novo, um soluço na garganta. As mãos agarraram os braços dele.

James experimentou outra coisa; e deve ter sido a coisa certa, pois de repente ela ficou mais molhada, mais intumescida e ainda mais fascinante entre os dedos dele. Ele gostaria de beijá-la lá, se ela deixasse. Obviamente ela gostava do toque. Os olhos de Theo cerraram-se, ganidos inebriantes saíram de seus lábios. Talvez ele conseguisse convencê-la de que com a língua seria ainda melhor.

Ele friccionou com mais força, e os olhos dela saltaram. Agarrou a mão dele e empurrou-a mais para baixo.

– Chega – disse ela, a respiração arquejante. – Está quase doendo.

– Aqui?

Ele arfou. Deixou o polegar mergulhar indolente e devagar dentro daquela delícia apertada. Era tão pequena que parecia impossível que seu membro tivesse

estado dentro dela na véspera.

Um grito irrompeu da garganta de Daisy. Ele violou a passagem apenas de leve, vez após vez, até ela se arquear com força contra ele, tremendo, gritando, as mãos agarrando os braços dele com tanta força que poderiam ferir James. Foi o momento mais fascinante da vida dele: James sentiu o momento do espasmo dela em torno do polegar. Foi loucamente erótico. E, no mesmo instante, ele soube que Bella jamais havia sentido nada do tipo, pelo menos não com ele.

Ocorreu a James que, se Daisy fizesse aquilo quando ele estivesse dentro dela, ele poderia sentir todos aqueles espasmos em seu membro.

James posicionou-se em cima dela de novo e esfregou-se para cima e para baixo um tanto desajeitado. Ela estava escorregadia e quente, e senti-la fazia James arfar. Mas ele tinha que manter o controle. Queria desesperadamente sentir *aquilo* dentro dela.

Os olhos de Theo abriram-se de novo.

– Isso é bom – disse, o eco de prazer como uma droga na voz dela.

Observar os olhos dela enquanto ele deslizava para baixo e para dentro... era cinquenta vezes mais excitante do que na noite passada. Na ocasião, ele se sentia culpado, culpado demais para desfrutar, culpado demais para estar lá.

Agora seu coração batia tão alto que ele não conseguia ouvir mais nada, e toda a sua existência concentrava-se entre suas pernas, na correnteza de luxúria que o inundava. Daisy era apertada e incrivelmente pequena, mas ele deslizou com facilidade para dentro dela, pois ali era a sua casa.

Ele nunca havia sentido nada tão bom. Cada movimento dos quadris dela era um convite voluptuoso.

– Devo começar a me mexer – sussurrou ele. – Porque... acho que não consigo me controlar.

Risadinhas brotaram dos lábios dela.

– Não sei, James. Temos que confiar em seu conhecimento avançado.

– Estou começando a achar que não tenho muito – admitiu ele, curvando a cabeça para poder roçar a boca de Theo na dele.

– Bem, mas eu não sei *nada* – falou Daisy –, embora uma coisa possa lhe dizer...

– O quê? – sussurrou ele.

– Quero *isso* – disse Theo, arqueando-se contra James, de modo que ele deslizou o último centímetro para dentro daquela delícia cor de cereja madura. – Mais *disso*, James. É tão bom. Você me preenche, e não dói como na noite passada.

As palavras dela soltaram as rédeas que o detinham. Ele arremeteu, de novo, de novo, investidas longas e ferozes que a faziam gritar. James não conseguia pensar, a mente inundada pela necessidade de ir mais forte e mais rápido. Ele tinha as mãos apoiadas de cada lado dela, a cabeça pendente, de modo que a respiração dela vinha a ele, para ele não perder um único grito soluçado.

Com Bella ele jamais tentara se controlar. Ele se arremessava furiosamente, pois era como ambos queriam. Mas com Daisy era diferente: ele queria que ela convulsionasse, sacudindo-se inteira. Queria saber qual a sensação de estar dentro dela naquele momento mais do que já havia desejado qualquer coisa na vida.

Ela se contorcia debaixo dele, arfando no esforço de chegar lá. James podia sentir o corpo dele enrijecendo, sabia que não aguentaria muito mais.

Ele se apoiou um tanto desajeitado sobre o braço esquerdo e deslizou a mão entre seus corpos, tocando-a no lugar onde ela gostava.

– Não! – gritou ela. – Isso dói! – Agarrou o braço dele. – Faça assim. Pressione aqui. Oh, assim!

O prazer se espalhou pelo corpo dela como uma espécie de tempestade de vento, mais rápido que a luxúria, mais rápido que o desejo. Isso devolveu a ele uma dose de controle, e ele pressionou lentamente, observando o rosto dela, os olhos cerrados, apertou e girou o polegar, só um pouquinho. Ela recuou, então gemeu. Estava toda trêmula, com certeza estava perto.

– Vou beijar você lá – disse ele, as palavras saindo com uma arfada enquanto arremetia para dentro dela de novo. – Vou lambar todo esse suco de pêssego. Eu quero, Daisy. E vou...

Naquele momento ela apertou ainda mais os braços dele, e suas bochechas ficaram num lindo tom de rosa. Jogou a cabeça para trás e gritou.

Foi mais impressionante do que ele poderia ter imaginado. Ela começou a latejar em volta dele, e ele congelou, atônito pela maneira como o prazer *dela* espalhava-se por ele e movia-se em ondas de fogo pelo corpo dele, até seu cérebro desligar por completo e o corpo ávido assumir o controle.

Ela começou a arquejar de novo. James podia sentir a respiração dela contra o pescoço, mas não conseguiu nem prestar atenção porque de repente ela começou a apertar de novo, latejando lá embaixo, e ele se transformou em uma chama de fogo.

Ele não era mais James, nem conde, nem futuro duque. E ela não era Daisy, nem Theo, nem qualquer futura duquesa.

Eram dois corpos enlaçados tão estreitamente quanto peças de um quebra-cabeça.

Até que a morte nos separe , pensou James agradecido. *Até que a morte nos separe* .

Capítulo 11



Vio o amanhecer e com ele uma convicção: Theo nunca mais caminharia outra vez. Na verdade, uma breve tentativa de mover as pernas convenceu-a de que seria melhor não movimentá-las.

Depois da segunda vez que fizeram amor ela ficou tão sensível e inchada que James despejou água fria na bacia do toucador e passou delicadamente uma esponja nela, o que provocou uma sensação tão boa que Theo começou a rir.

Em algum momento eles jantaram, e então James cumpriu a promessa de beijá-la lá e, antes que desse por si, Theo estava pedindo mais e mais, puxando-o com toda a força.

Quando ele cedeu, o corpo inteiro dela cantou.

E então o sol raiou, e eles ainda estavam deitados, incapazes de se recuperar da maravilhosa estranheza de ter outro corpo na cama. Um brinquedo. Um companheiro para brincadeiras.

– Adoro seus joelhos – disse James, depositando um beijo em um deles. – São muito finos e elegantes.

– Não ouse me tocar acima dos joelhos – ordenou Theo. – Estou aleijada.

– Com certeza, não.

– Estou, sim. Você me deve algo.

– Qualquer coisa.

Ele deitou de barriga para baixo, acariciando com delicadeza os tornozelos dela.

– Estes são os tornozelos mais primorosos que já vi. Como aqueles de cavalos de corrida que parecem delicados demais para saltar um obstáculo, que dirá galopar.

– Gostaria que você cantasse para mim – pediu Theo, enquanto observava a luz rósea que entrava pela janela e brincava na pele dele.

A cintura tinha um matiz de uísque, e então um branco puro na curva da nádega musculosa.

James resmungou e enfiou a cabeça nas cobertas.

– Você sabe que detesto cantar.

A voz dele saiu abafada, mas ela compreendeu as palavras. A mãe dele adorava ouvi-lo, mas, depois de sua morte, James só cantava na igreja.

Theo queria testar seu poder, ampliar sua influência.

– Faria isso por mim?

Ele rolou de barriga para cima.

– Você não gostaria de outra coisa, algo que só eu possa lhe dar? Qualquer um pode cantar.

– De jeito nenhum.

– Já não sei praticamente mais nada, exceto hinos religiosos.

Ela o cutucou.

– Vamos, sente-se comigo.

Theo estava recostada na cabeceira da cama.

– Cante aquela canção que sua mãe adorava, aquela antiga, do tempo da rainha Elizabeth.

Ela prendeu a respiração. Será que ele cantaria? Era justo submetê-lo a tal teste, quando estavam casados havia apenas um dia?

– “Song to Celia”, ou Canção para Célia – disse James, o semblante inexpressivo.

Mas então olhou para ela e sorriu; recostou-se na cabeceira da cama e envolveu-a em seus braços, cantando:

– “*Drink to me only with thine eyes, and I will pledge with mine*”. (Brinde a mim apenas com teus olhos, e eu brindarei com os meus.)

O coração de Theo quase parou ante a beleza que preencheu o aposento. A voz de James era uma extensão dele, uma voz perfeita emanando de um corpo perfeito.

Ele fez uma pausa.

– Cante comigo.

Theo não era grande coisa em música, mas, como qualquer aristocrata, tinha sido treinada. As vozes entrelaçaram-se, e a dele melhorou a dela.

– “*Or leave a kiss but in the cup, and I’ll not look for wine .*” (Ou deixe um beijo apenas no cálice, e eu não irei em busca de vinho.)

Enquanto cantavam, a claridade aumentou, os raios de sol adquiriram um contorno âmbar, esgueirando-se colcha acima.

Quando a canção acabou, Theo estava tão feliz que não conseguiu dizer uma palavra. James deu um beijo em sua orelha.

– Se disser a alguém que cantei para você, vou contar para sua mãe que você foi ao baile de Devonshire sem *chemise* .

Theo pensou, não pela primeira vez, que a mãe de James prestara um desserviço ao filho chamando-o à sala de estar todas as noites para cantar. Depois de todas aquelas apresentações, ele não conseguia apreciar seu dom.

– Prometo – jurou ela, inclinando a cabeça para trás para receber um beijo. – Você cantará para mim todas as manhãs?

O sorriso dele estava nos olhos, não na boca.

– Apenas depois de noites como essa – sussurrou.

E então James voltou para seu quarto, deixando um vazio na cama de Theo. *Talvez* , pensou ela instintivamente, *eu possa convencê-lo a dormir comigo uma noite . Bem, na verdade, dormir foi a única coisa que não fizemos* , pensou ela, corando ao recordar certos momentos da noite anterior. Pelo menos não até ele ir para a cama dele. A despeito da euforia, Theo agora só pensava em dormir por horas.

Em algum momento, Amélie espiou pela porta.

– Água quente, milady? – sussurrou ela.

Theo assentiu.

– Que horas são? – perguntou, levantando-se sobre um cotovelo.

Até isso a fez estremecer.

– Onze horas – informou a camareira. – Milorde disse para não acordá-la para o café da manhã.

– Obrigada – disse Theo, observando o sol bater no tapete claro.

Aquela trama matizada, tecida na Índia, era adorável. Talvez as tecelãs da Ryburn Weavers pudessem fazer uma seda que variasse do amarelo-manteiga ao creme, embora ela tivesse uma vaga ideia de que a seda era feita por vermes que viviam em casulos. Ou algo assim. E ela nunca ouvira falar de uma árvore com casulos de seda na Inglaterra.

Pouco depois Amélie anunciou que o banho estava pronto. Se não houvesse ninguém olhando, Theo teria mancado a caminho da banheira, mas não queria que Amélie soubesse como ela estava se sentindo; por isso, endireitou as costas e fingiu que nada acontecera.

Após meia hora imersa em água quente, sentiu-se melhor e sentou-se à janela para secar o cabelo, ignorando os protestos alarmados de Amélie a respeito de pneumonia. Theo sempre amou os jardins dos fundos da casa, mas a emoção agora era mais profunda por saber que pertenciam a James, e não ao pai dele.

Ao casal, James havia dito e repetido várias vezes. Os jardins eram dela também.

Enquanto penteava o cabelo, Theo decidiu que reformaria aquele jardim. Era grande o bastante para um pequeno labirinto, talvez com um pavilhão aberto no meio.

Com uma espécie de cama ou sofá, pensou, as bochechas esquentando. Em uma noite quente de verão, ela e James poderiam caminhar pelo labirinto. Aquele pensamento levou-a à ideia escandalosa de que ela gostaria de beijá-lo *lá*, como ele havia feito com ela.

– Sua Graça mandou mensagem avisando que está voltando antes do planejado – disse Amélie, estendendo um vestido matinal sobre a cama.

– Suponho que verei o duque no almoço – falou Theo sem entusiasmo. – Esse não – acrescentou, vendo o vestido que Amélie havia separado. – Queria que os trajes que encomendei ontem já estivessem prontos.

– Pelo menos três semanas, disse a madame – recordou Amélie.

Theo suspirou.

– Acho que terá que ser o amarelo, embora eu não goste do contraste com meu cabelo.

Amélie concordou.

– Um tom mais escuro seria melhor.

Aquela era uma das muitas coisas que Theo amava na camareira: Amélie era tão entusiasmada com tecidos e cores quanto ela.

Mas sua mente voou de volta para James. Jamais imaginara que se sentiria tão viva. Na noite passada, quando seus olhares se encontraram, ela experimentou a sensação de estar mais viva do que nunca.

Qual era o problema de ser chamada de “Duquesa Feia”, contanto que James a olhasse como se ela fosse linda?

Theo se pegou cantarolando uma antiga canção enquanto Amélie fechava o vestido matinal. E não conseguia parar de sorrir para o espelho enquanto a camareira enrolava sua densa cabeleira em um arranjo elaborado. Antes do noivado, havia pensado em fazer um daqueles novos cortes ousados no cabelo, mas desistira. Agora ela sabia quanto James adorava aquele cabelo. No meio da noite ele acendeu velas ao redor da cama e brincou com os cachos dela. Ela jamais os cortaria.

Theo ergueu o olhar e deparou com os olhos da camareira no espelho.

– Estou tão contente por vê-la feliz, milady – falou Amélie, o sotaque francês emprestando charme à sinceridade. – Todos estamos. Aqueles *bâtards*, desgraçados, que a chamaram de... deveriam ser espancados. Mas milorde fez muito melhor. Como um marido deve fazer.

O sorriso de Amélie era de puro conluio e safadeza.

– Ele fez – concordou Theo sorrindo de volta. – Ele fez. O apelido que me deram ainda dói, tenho que admitir. Só que, depois de casada, apenas a opinião de uma pessoa importa, não é?

– Nunca fui casada – declarou Amélie. – Mas penso que sim. A maioria dos homens é imbecil, mas milorde sempre soube que a senhora é linda. Ele a observava durante as refeições, o Sr. Cramble contou. E não conseguia tirar os olhos dos seus seios.

– Foi o que *ele* me contou! Até Cramble percebeu, e eu não.

– A senhora é ingênua nos assuntos de homens e mulheres – disse Amélie sabiamente.

Theo lançou-lhe um olhar zombeteiro.

– E você está achando que é madura, Amélie? Ambas sabemos que você completou 18 anos uma semana depois de eu completar 17.

– *Je suis française* – explicou Amélie, presunçosa. – Aqui está o lenço que pedi, milady.

– Veja isso!

Theo pegou uma tesourinha que Amélie usava para cortar suas unhas e cortou rapidamente o lenço em dois.

Amélie ganiu.

– Seda indiana!

Theo sacudiu o triângulo de seda.

– Vai fazer toda a diferença nesse vestido insípido.

Com um puxão brusco, arrancou o fichu de renda enfiado no corpete e o substituiu pelo lenço. O vermelho-cereja cintilou contra a musselina cor de amêndoa do vestido.

Ela se virou para o espelho.

– Gostei – declarou Amélie.

Aproximou-se de Theo e rearranjou a seda habilmente.

– Vou prender aqui e aqui, milady.

– Chama a atenção para meu busto – disse Theo, imaginando se James notaria.

– Isso vai segurar – falou Amélie, afastando-se em seguida. – Posso costurar depois.

– Creio que não vou sair de casa hoje – anunciou Theo.

Uma coisa era dizer para si mesma que a opinião de James era a única que importava. Outra era caminhar pela Bond Street com todas aquelas gravuras na cara dela.

– Espere a agitação passar – disse Amélie. – Na semana que vem haverá outra pobre criatura sendo atacada.

– Talvez eu pergunte a meu marido se ele gostaria de ir a Staffordshire, à Residência Ryburn.

De repente sentiu-se muito segura de que James iria aonde ela quisesse. Sentiu um rubor assomando às bochechas, mas manteve a voz firme.

– Na verdade, se puder arrumar minha mala, Amélie, creio que farei uma visita ao campo, talvez fique lá por um mês.

– A senhora vai deixar Londres pelo resto da temporada?

– Acha que estou sendo covarde?

– Nunca! – garantiu Amélie. – Mas haveria ainda mais falatório se a senhora se recolhesse ao campo, milady. Pensariam que está com medo.

– Podemos voltar para o baile de Elston – decidiu Theo, pensando em voz alta. – Até lá meu novo guarda-roupa terá sido entregue; Cramble o enviará para o campo, onde faremos os ajustes finais.

Ela se levantou e deu uma última olhada no espelho. O vestido ainda era totalmente virginal, mas o toque cereja lhe dava uma pretensão de estilo.

O coração de Theo batia mais apressado com a simples ideia de ver James de novo, embora no momento ele estivesse fora, andando a cavalo ou lutando boxe no Gentleman Jackson's. Ele tinha uma quantidade feroz de energia e não podia ser mantido fechado, pois começava a parecer um tigre enjaulado.

Ela precisava manter isso em mente, pensou, distraída, os dedos arrastando-se pelo corrimão polido enquanto descia as escadas. Seu marido precisava fazer exercícios regularmente.

James estava longe de ser um *bichinho de estimação*. Havia algo de selvagem e não domesticado nele, algo diferente de todo aristocrata que ela conhecia. O máximo que ela poderia esperar era conseguir cativá-lo.

Ainda não chegara a hora do almoço. Se James estivesse em casa, provavelmente estaria na sala de estudos. Um arrepio de poder feminino varreu o corpo dela. Talvez ele tivesse decidido ficar em casa, pelo menos até vê-la. Talvez pudessem ir a cavalo até Hyde Park. Agora que estavam casados, ela teria que se tornar uma amazona melhor.

Capítulo 12



Seu marido marchou pelo vão da porta da biblioteca no momento em que Theo chegou ao pé da escada. O rosto dele apresentava uma fúria sombria, mas iluminou-se ao vê-la, embora os olhos permanecessem perturbados.

– Olá – disse ela, sentindo-se um tanto constrangida.

Ele não falou nada, apenas agarrou-a pela mão e voltou para a biblioteca. Cheirava a couro e vento.

– Você esteve cavalgando – afirmou ela pouco depois, quando pararam de se beijar por um momento.

– Deus, estou louco por você – sussurrou no ouvido dela, ignorando por completo o comentário. – Mas estou surpreso de que você tenha condições de caminhar. Não deveríamos ter feito daquela última vez.

– Eu queria você – confessou ela junto aos lábios dele. – E quero agora.

– Você cheira tão bem... É por isso que a chamo pelo nome de uma flor.

– Você *precisa* parar de me chamar assim! Insisto em ser chamada de Theo.

Ele a empurrou contra a parede e uma de suas mãos agora envolvia o seio dela.

– Não posso – disse ele, de modo bastante rude.

– Por que não?

– Porque você pode ser Theo quando estamos tomando café da manhã, nos divertindo ou coisa do tipo, mas, quando a seguro assim, você é minha Daisy.

Ele lhe tomou a boca de novo e Theo derreteu-se, os pensamentos desaparecendo diante do ataque de James, da força arrogante do corpo dele

contra o dela.

– Não posso fazer isso – falou James com a voz rouca. – Você está muito dolorida. Vamos apenas nos beijar.

Ele conduziu-a para o sofá na extremidade da sala e começou a tirar os grampos do cabelo, destruindo todo o trabalho de Amélie em segundos. Desfez uma trança que a camareira levava uns bons dez minutos para elaborar.

– Você não poderia deixar o cabelo solto quando está em casa?

Theo riu.

– Dá para imaginar a cara de Cramble se eu começasse a andar pela casa com o cabelo nos ombros?

O rosto de James pairou sobre o dela e ele a beijou de novo, forte e dominante.

– E se, como seu marido, eu ordenasse?

Theo sentiu um arrepio descer até os dedos dos pés. Quando James ficava com aquele olhar possessivo, de tigre, ela sentia o desejo de fazer o que quer que ele mandasse.

– Sinto muito – disse ela, traçando a linha do lábio inferior dele com os dedos –, mas ninguém mais poderá ditar como devo me vestir ou parecer. Fiz essa promessa a mim mesma há cinco anos, quando mamãe começou a tentar compensar minha feiura embelezando meus vestidos com babados e pregas.

James fechou a cara.

– Ela podia não admitir, mas queria garantir que todos soubessem que eu era uma menina – explicou Theo.

James havia descoberto o pedaço de seda cor de cereja precariamente preso e puxou-o sem mais demora. Sem um fichu, o corpete mostrava um enorme decote.

– Ela achava que você não se parecia o bastante com uma menina? – questionou ele em tom perplexo.

Inclinou a cabeça e lambeu a curva do seio dela, deixando um rastro úmido e cálido. Então empinou-se de novo.

– E se, como marido, eu mandasse você tirar os calções?

Ela riu, amando o modo como ele testava os limites de seu poder.

– Dependeria de como eu me sentisse em relação a você naquele momento.

– Como você se sente em relação a mim neste momento? – perguntou James.

Ela esticou-se apenas o bastante para passar a língua pelo doce lábio dele.

– O que você faria se eu mandasse você fazer algo?

Os lábios dele se entreabriram e ele respirou fundo.

– O que você quiser – respondeu ele, a voz fervendo. – Farei o que você quiser.

– Então gostaria que se sentasse quieto – disse ela, saindo do sofá.

James acomodou-se obedientemente. Os olhos estavam negros de excitação.

– Estou às suas ordens, milady.

– Baixe os calções – ordenou ela, o sangue fervilhando.

Sem hesitar, James levantou-se e fez o que ela mandou.

Theo ficou de joelhos e apontou para o sofá. Ele se sentou. Seu órgão parecia ainda maior que na noite passada, se é que era possível. Só de vê-lo, Theo sentiu algo se irradiar de um local privado de seu corpo.

– Enquanto você me beijava ontem à noite – falou ela, aproximando-se para acariciá-lo –, tudo em que eu conseguia pensar era como seria beijar *você*.

– Oh, Deus – murmurou James. – Não vou sobreviver. Não vou.

– *Eu* sobrevivi – disse Theo, lançando um sorriso maroto.

Inclinou-se para a frente e provou-o.

James emitiu um ruído rouco, e Theo mergulhou a cabeça um pouco mais baixo, explorando a sensação aveludada.

Deve ter sido o gemido dele que a impediu de ouvir o som da porta se abrindo. Ou talvez fosse a sensação atordoante de poder que ela experimentava.

Um segundo depois o som penetrou em sua cabeça. Ela pulou de pé, deparou com os olhos do sogro e fugiu na direção oposta, saindo pela porta mais próxima, que levava à sala de estar. Bateu a porta e recostou-se nela, o coração martelando como se tivesse fugido de um assaltante.

Ficou nauseada. O duque tinha visto... tinha visto tudo. Tinha visto Theo ali, inclinada sobre o colo de James.

– Oh, Deus.

Os joelhos ficaram moles demais para sustentá-la; Theo escorregou até cair sentada no chão. Ouvia o estrondo da voz de James ao falar, mas as palavras eram indecifráveis. O som a fez recordar-se com nitidez nauseante de como ele estivera sentado diante dela, os calções no tornozelo. Theo enterrou o rosto nas mãos.

Tinha que ser o duque? Ela já não havia sofrido humilhação suficiente nos últimos dias? Teria sido pior se um laçao houvesse interrompido? Bem, ela

poderia mandar o laçao embora. Não, ela jamais dispensaria uma pessoa por ter o infortúnio de vê-la comportar-se como uma concubina.

Eles *teriam* que se recolher ao campo por um mês. Ou um ano.

O som abafado mudou de tom; o sogro estava falando.

Virando-se de lado, ela abriu a porta ligeiramente. Se ele a estava chamando de meretriz descarada, era melhor saber.

Ele estava rindo.

Rindo!

O coração de Theo bateu em ritmo de pânico. Será que riso era melhor que desprezo? Ou pior? Parecia melhor. Talvez esse tipo de coisa acontecesse com frequência entre recém-casados. Afinal, se ela não estivesse tão dolorida, ela e James poderiam ter sido flagrados fazendo amor. Theo voltou o ouvido para a fresta da porta.

– Retornei a Londres porque ouvi falar da história da Duquesa Feia – comentou o duque. – Pensei que você fosse querer que eu amedrontasse repórteres ou que fechasse um desses tabloides. Mas parece que você andou muito ocupado para se preocupar. Quem se importa que ela seja feia? Obviamente isso a torna mais grata, hein? Mal pude acreditar nos meus olhos quando a vi lhe concedendo favores tão avidamente quanto uma meretriz que é paga para fazê-lo.

Theo deixou a cabeça cair entre os joelhos. O que ela esperava do duque? Havia anos sua mãe o declarara um tolo grosseirão, e estava certa.

– Mas isso aconteceu *porque* ela é feia – continuou o duque. – Você jamais teria uma verdadeira dama de joelhos daquele jeito...

– Silêncio! – sibilou James.

Graças a Deus ele vai dizer algo, pensou Theo, entorpecida.

– Não ligo para o seu tom – respondeu o pai, com sua agressividade raivosa característica.

– Você não tem permissão para dizer qualquer coisa sobre minha esposa. *Jamais* – replicou James.

A voz dele, em contraste com a do pai, era glacial e controlada, porém perigosa.

Theo respirou trêmula. Pelo menos James a estava defendendo.

O duque não pareceu notar a ameaça na voz do filho.

– Direi o que eu quiser! – rugiu. – Eu escolhi a moça para você, não escolhi?

– Não!

– Sim! Você não queria se casar com ela, mas espero que esteja feliz agora. Eu falei, não falei? Falei que no escuro são todas iguais.

– Vou matar você – declarou James.

Anos de experiência com o gênio de James sinalizaram a Theo que o autocontrole dele estava chegando ao limite. James detestava quando isso acontecia, quando seus gritos lembravam os do pai.

Mas, no instante em que as palavras do duque – *Eu escolhi a moça para você, não escolhi?* – chegaram à sua consciência, Theo parou de pensar em James. O quê?

– Posso não ter tido o seu casamento em mente na ocasião – disse o duque. – Posso não ter pensado nele exatamente dessa maneira...

– Enquanto dilapidava a herança dela! – vociferou James.

E foi então que Theo se deu conta de duas coisas ao mesmo tempo: a primeira era que o autocontrole de James se fora... e a segunda... era o significado do que ele acabara de dizer. Sobre dilapidação. *Não podia* ser verdade.

– Só peguei emprestado – defendeu-se o duque, soando pesaroso. – E não precisa enxergar isso de uma forma tão ruim. Afinal, olhe o que fiz por você. Arranjei-lhe uma mulher tão grata que terá intimidades com você em plena luz do dia, em qualquer aposento, sem temer que Cramble os pegue em flagrante. Pedi desculpas pela aparência dela quando o obriguei a propor casamento, mas retiro tudo agora. Nunca ouvi falar de uma dama fazer tal coisa. Nunca. Você economizará uma fortuna com cortesãs. Bastará apagar as velas primeiro.

A respiração de Theo passou a vir em pequenos soluços. Seu mundo inteiro estava desabando. O duque *obrigara* James a se casar com ela. Pedira desculpas ao filho por ela ser tão feia. E, sem saber, Theo fizera algo que nenhuma dama faria. Na verdade, ela sabia, sim, que intimidades só têm lugar no quarto. Até os criados sabiam disso.

– Não diga uma palavra sobre minha esposa! – gritou James. – Maldito!

Agora a raiva fervia na voz dele, mas Theo não se importou.

Ela não o ouviu negar nada do que o pai dissera. Ele não negou absolutamente nada.

O duque – o melhor amigo de seu finado pai – havia dilapidado seu dote. O Sr. Reede devia saber disso quando conversaram no dia anterior. *James* sabia.

James sabia o tempo todo. Ficara sentado lá, discutindo como pagariam as dívidas do duque com a herança dela, e o tempo todo ele sabia que o pai já havia roubado todo o dinheiro que desejava.

A mente de Theo rodopiava, juntando as peças. Ela jamais vira James bêbado. Até a noite do evento musical do príncipe de Gales... Deve ter tido que beber muito para reunir coragem de pedir alguém como ela em casamento.

Nas semanas e nos anos seguintes, quando olhasse para trás, ela identificaria aquele instante como o momento exato em que seu coração se partiu em dois. O momento que separou Daisy de Theo, o tempo Antes e o tempo Depois.

No tempo Antes, ela tinha fé. Tinha amor.

No tempo Depois... teve a verdade.

Capítulo 13



Na biblioteca, James ergueu o olhar e viu a porta que dava para a sala de jantar entreaberta. Estremeceu, verificou, viu uma nesga de amarelo perto do chão. Daisy tinha ouvido tudo.

James tirou os olhos da porta e voltou-se para o pai.

Seu estúpido e desprezível pai.

– Nunca mais quero vê-lo de novo! – Ele sentiu a garganta se fechar. – Ela ouviu você. Ela ouviu você! Seu cretino.

– Bem, não falei nada que não seja verdade – disse o duque na defensiva, girando para olhar para a porta.

– Ela nunca me perdoará – afirmou James.

– Dado o que vi...

James cerrou os dentes, e o pai calou a boca.

– Nós tínhamos uma chance! Mesmo depois do modo como aconteceu.

– Não tenho dúvida de que ela ficará irascível – anunciou Ashbrook.

Ele baixou a voz e acrescentou em tom conspiratório:

– Diamantes. Sempre funcionaram com sua mãe. Ajudaram a resolver nossos conflitos por anos.

James deixara de escutar.

– Vou passar minha vida tentando... consertar isso.

Pela primeira vez em muito tempo ele quis a mãe. Não sentia tanto medo desde a época em que sua mãe estava prestes a morrer.

– É melhor você ir – ordenou James. – Encontre outro lugar para morar. Acho que já encerramos o fingimento de que existe algum sentimento verdadeiro entre nós.

– Você é meu único filho – declarou o duque. – Meu *filho*. Claro que existe sentimento entre nós.

– O parentesco não significa nada – disse James, um sentimento terrível de fúria e tristeza avolumando-se no peito. – Não sou nada para você. E Daisy não é nada para você. Somos apenas pessoas que você usa quando precisa e depois joga fora.

Os olhos do pai se estreitaram.

– Você não é a vítima aqui! – exclamou, a voz se elevando. – Jogou-se para cima da moça! Não há motivo para *você* choramingar.

– Eu traí... minha esposa... para salvar meu *pai*.

– Não – rebateu o duque. – Fez isso para salvar seus bens e assegurar seu título. Poderia ter dito para eu desaparecer, mas não fez isso. Pensei que faria um discurso moralista e me mandaria para o inferno. Mas acontece que você não se revelou o certinho que pretendia ser. Não somos tão diferentes.

Os punhos de James estavam cerrados. Ele não podia bater no pai.

– Na verdade – prosseguiu Ashbrook –, o fruto não cai longe do pé, não se esqueça disso. Sua mãe não se iludia achando que eu era um homem perfeito, mas éramos casados, e o assunto acabava aí. – Os lábios dele se retorceram. – Entretanto, existe uma coisa em que somos diferentes: não sou um chorão. Posso ter ficado surpreso ao vê-lo ir em frente com esse plano, mas não estou surpreso ao vê-lo chorar por causa das consequências. Seja homem, pelo amor de Deus. Você é um constrangimento. Sempre foi um constrangimento com toda aquela cantoria. Acho que a culpa é da sua mãe.

– Você não sente o mínimo de amor por mim – declarou James, quebrando a regra tácita de que cavalheiros ingleses nunca discutem tais assuntos. – Sente?

– De todas as perguntas estúpidas, esta é a maior – respondeu o duque, o vermelho explodindo em suas faces. – Você é meu herdeiro, e o assunto acaba aqui.

– Pessoas que se amam não fazem esse tipo de coisa – disse James, entorpecido.

Ele foi até a porta da biblioteca, abriu-a e ficou ao lado.

– Vá.

– Você terá que falar com ela – decretou o duque sem se mexer. – Assumir o controle da situação. Você é o homem aqui. Imponha-se. Não a deixe ficar histérica; pode estabelecer um padrão.

– Vá – repetiu James, sem confiar em si para dizer qualquer outra coisa.

O duque ofendeu-se, mas foi até a porta. Parou com a mão na maçaneta, mas não se virou.

– Amo você – disse ele, baixinho. – Eu... eu amo você.

E então foi embora.

Olhando a porta fechada, James tornou a sentir uma saudade enorme da mãe – do tempo em que a presença dela, ou pelo menos da babá, era suficiente para fazer as coisas melhorarem. Ele precisava falar com Daisy. Tinha que dizer a ela quanto ele... quanto ele o quê? Ela nunca acreditaria que ele a amava.

James acabara de dizer ao pai que pessoas que se amam não fazem coisas cruéis umas com as outras.

Aquele peso em seu peito espalhou-se pelo corpo. Talvez ele fosse incapaz de amar. Talvez fosse como o pai. Ele deveria partir. Ela ficaria melhor sem ele.

James rumou para a sala de estar.



Por um longo tempo Theo não se mexeu, os músculos congelados, os olhos fechados. O amargor do estômago ameaçava subir para a garganta.

Lutando para se controlar, de início ela nem notou quando um par de botas entrou em seu campo de visão.

Levantar-se e encarar os olhos do marido exigiu toda a fibra de Theodora Ryburn. Mas ela conseguiu. E viu exatamente o que esperava: vergonha. Aquilo respondeu sua última questão pendente: ele nunca desejara se casar com ela.

Então Theo endureceu.

– Espero que tenha desfrutado daquilo – disse enfim. – Como já deve imaginar, foi a última vez que sua esposa lhe concedeu favores.

– *Daisy* .

– Devo soletrar?

– Não me deixe – pediu ele, as palavras sufocadas.

Theo se escondera atrás de uma muralha de gelo, onde sentia-se muito calma. E seu cérebro trabalhava com notável agilidade.

– Não seja tolo – disse ela. – Não estou deixando você; estou mandando-o embora. Vou recuperar os bens com o que restou de meu dote dilapidado. Depois de seu comportamento na reunião de ontem, penso que nós dois concordamos que você seria totalmente inútil, não ajudaria em nada.

Ele engoliu em seco, um débil sinal de mortificação que ela apreciou.

– Assim, não há nada que o prenda aqui – observou ela. – Você e seu pai não prestam. Ele é um criminoso vulgar e desprezível; você é um tolo e um frouxo, que arruinou minha vida deliberadamente a fim de encobrir os crimes de seu pai.

Seus olhos ardiam, mas ainda assim ele ficou calado.

– Você deixará essa casa e partirá de vez da Inglaterra. Pode ficar com aquele navio que visitou ontem. Leve-o para onde quiser. Nunca mais quero ver sua cara.

James passava o peso do corpo de um pé para outro, como uma criança culpada.

– A parte infeliz é que o casamento foi consumado – continuou ela. – Não há como sair dele.

– Não quero sair dele. – As palavras de James foram um rugido estrangulado.

– Creio que não. Afinal de contas, lá estava eu, ajoelhada a seus pés, suplicando seus favores. Como seu pai tão gentilmente colocou, qualquer homem estaria no sétimo céu. Deduzo que tal avidez geralmente seja paga. Suponho que você estivesse reiterando o tipo de exigências que faz a uma concubina quando ordenou que eu não usasse calções, certo? E que deixasse o cabelo solto.

– Não!

– Não grite comigo! – rebateu Theo. – Não sou uma copeira apavorada encarando seu pai. Se você jogar uma porcelana em mim, vou pegar a maldita mesa de jantar e virar na sua cabeça.

– Nunca joguei nada – declarou James.

– Você está apenas se revelando. Estou certa de que, quando alcançar a idade do seu pai, terá o mesmo direito de se gabar de ser um canalha. Espere... Acho que você já adquiriu esse direito.

– Sinto muito – disse ele, a voz falhando. – Sinto muito, Daisy.

O rosto dele se contorcia, como se tentasse não chorar, mas ela não sentiu pena. A salvo atrás de sua muralha de gelo, ela não sentia nada.

– Você é lindo e eu não. Mas sabe de uma coisa, James? Prefiro mil vezes ser eu. Porque, quando me apaixonei por você, foi com sinceridade. Fui uma tola; percebo agora. Amei você na noite passada. Amei de verdade. Espero que você tenha gostado, porque provavelmente sou a última pessoa estúpida o bastante, e enganada o bastante por seu rosto bonito, para pensar que exista algo que valha a pena dentro de você.

O queixo de James enrijeceu, mas ele não falou nada.

Ela tinha mais uma coisa a dizer:

– Quando alguém se apaixonar por mim, e isso vai acontecer, porque a vida é longa e este casamento *acabou*, ele vai me amar por quem eu sou, não pelo meu rosto. Ele será capaz de ver dentro de mim e irá me querer por razões que irão além do meu dote ou do fato de eu poder ser transformada em uma prostituta sem sequer entender minha própria humilhação.

– Eu não fiz isso!

Ela conseguiu manter a voz firme.

– Você é nojento. Completamente nojento. E o mais triste é que fiz tudo aquilo porque pensei que estivesse apaixonada e que você também me amasse. Não fiz pelo dinheiro, como você. Penso então que seu pai entendeu errado: parece que apenas eu tive duas noites muito caras com um gigolô.

– Não faça isso – pediu ele, a voz pouco mais que um murmúrio rouco. – Por favor, Daisy, não. Não faça isso.

– Fazer o quê? Falar a verdade?

– Separar nós dois.

Ela esperou, mas ele não encontrou mais palavras.

– Não existe “nós” – disse ela, sentindo-se subitamente despedaçada. – Espero que você deixe a casa ainda hoje.

Para seu horror, ela percebeu que a visão dele ainda aquecia alguma parte de seu coração, e a simples percepção a impeliu a falar:

– Eu jamais teria feito isso com você.

Pela primeira vez, a voz dela quase falhou.

– Eu amava você, James. Eu amava você de verdade. O estranho é que não tinha me dado conta disso até nos casarmos. Mas, ainda que não o tivesse amado dessa maneira, não o teria traído, porque você era meu melhor amigo. Meu *irmão*. Você poderia ter pedido, sabe?

O rosto dele estava branco.

– Pedido o quê?

– Meu dinheiro – respondeu ela, a cabeça erguida, os olhos secos. – Pessoas que amam... compartilham. Dão. Eu lhe daria o dinheiro com prazer. Você não precisava ter me pisoteado para conseguir isso.

Ela lhe deu as costas e saiu, fechando a porta atrás de si.

Theo subiu para o segundo andar sentindo-se como se tivesse 100 anos, tão vazia e encarquilhada quanto uma velha. Enquanto caminhava pelo corredor, o duque saiu de seus aposentos.

Ela enfrentou os olhos dele sem um traço de vergonha. Não era *ela* quem tinha do que se envergonhar.

Ele baixou os olhos.

– Essa casa me pertence – declarou ela para o duque cabisbaixo. – Quero que o senhor saia daqui. Como fiquei sabendo ontem, parece que lhe prometi uma generosa pensão. O senhor pode alugar uma maldita casa.

O duque ergueu a cabeça e berrou:

– Você não pode fazer isso!

– Se o senhor não tiver saído daqui até amanhã, entregarei aquele seu administrador mentiroso e todos os registros de suas falcatruas diretamente para meus advogados. Diga o que quiser para seus amigos. Fale que deixou a casa porque não suporta ver meu rosto feio pela manhã. Mas saia daqui.

– Ela não pode fazer isso! – gritou o sogro.

Theo olhou para baixo e vislumbrou James parado no sopé da escada, a mão cerrada no corrimão.

– Ele está de partida também – revelou Theo ao duque. – Estou fechando essa casa para cortar as despesas de manutenção. Viverei em Staffordshire, como já estava previsto, mas, se algum de vocês quiser se comunicar comigo, poderá fazê-lo por intermédio de meu advogado.

– Não me comunicarei com minha esposa por meio de um advogado – disse James lá de baixo.

– Tudo bem. Prefiro mesmo que não se comunique.

– Você é uma peste! – rosnou o duque, a voz trêmula de raiva.

– Não há nada neste corredor que possa atirar em cima de mim – retrucou ela, olhando o duque com repulsa.

– Você não pode me fazer deixar minha casa, a casa que meu avô construiu.

– Não, não posso. Mas posso divulgar a evidência da dilapidação de meu dote, deixando a seus cuidados por seu melhor amigo. Interessante... – Ela deu uma olhada para James lá embaixo. – Melhores amigos parecem ser instrumentos para traição nessa família.

O desprezo nas palavras dela pareceu finalmente atingir o duque. Ele girou nos calcanhares e voltou para seus aposentos sem mais palavras.

Theo não precisou olhar para baixo para ver se James estava lá. Sabia que ele a fitava, podia sentir os olhos dele em suas costas.

Ela seguiu adiante, deixando Daisy para trás. Deixando seu casamento para trás.

Deixando seu coração para trás.

PARTE 2

Depois

Capítulo 14



*N*ove meses depois
A bordo do Percival
Em algum lugar nas Maldivas

— *N*ão podemos manter a dianteira, milorde. Estamos pesados demais!

O contramestre, um homem robusto chamado Squib, teve que gritar para ser ouvido por James. O vento varreu o medo de sua voz, mas não do rosto.

— Segure o leme.

James virou-se, esquadrinhando o horizonte. O navio que se aproximava mal estava visível, mas roçava pelas ondas como que a favor do vento.

— Tem certeza de que é um navio pirata?

— O vigia confirmou – disse Squib, secando a testa. – Consegui evitar piratas todos esses anos, e agora que tenho netinhos em casa... Deveria ter ficado em Londres.

— Ele está usando uma bandeira negra?

Squib fez que sim com a cabeça.

— Estamos acabados. É o *Flying Poppy*. – Ele deu um gemido involuntário. – Tem uma flor vermelha sobre o negro; fácil de identificar.

James estava parado na amurada, rígido, fitando o navio como se o seu olhar duro pudesse fazê-lo desaparecer. No momento em que ouviu o nome, o alívio fez

seus ombros relaxarem. Ele conhecia aquele navio, e se estivesse certo, eles tinham uma chance. Uma chance pequena, mas melhor que nada.

– Poderia ser pior – declarou ele, esperando estar certo.

– O *Poppy* pegou cinco navios nesta temporada, pelo que ouvi no último porto. A única coisa que se pode dizer é que em geral não matam a tripulação, mas afundam as embarcações. Estamos acabados, milorde.

James grunhiu.

– O canhão está pronto para disparar?

– Sim.

– Não estaremos acabados até o último momento. Vá em frente.

James saltou do castelo da proa e correu pelo deque. A tripulação estava ocupada com os canhões, enfiando as varas compridas que socavam a pólvora. Não pararam até James chamá-los.

– Homens!

Todos ergueram os olhos. Uma hora antes, estavam naquela letargia que o sol causa aos homens em uma longa viagem: fartos de carne salgada, fartos de peixe voador, os olhos e narizes cheios de sal. Agora estavam todos apavorados.

– Nossa meta é permanecermos vivos – falou James.

Houve um momento de silêncio surpreso.

– Vamos tentar com o canhão. Podemos ter sorte e atingir o costado. Aqueles piratas querem o que está em nosso poder. E eu não quero que vocês morram numa luta corpo a corpo com homens que passaram a vida fazendo isso. Se não afundarmos o navio de primeira, quero todos no deque. De cabeça baixa.

Com isso houve um murmúrio raivoso.

– Nunca recusei uma briga na vida! – gritou Clamper.

Ele viera de Cheapside, tinha um rosto rude e era ágil com a adaga.

– Recusará agora – ordenou James. – Puxe a sua faca, Clamper, e vou considerá-lo amotinado.

Silêncio de novo. Ele e a tripulação estavam juntos havia nove meses. Houve momentos difíceis – enquanto ele aprendia as coisas do mar e adquiria habilidade para navegar uma embarcação mercante –, mas Squib ficara ao lado dele o tempo todo. E ele faria *de tudo* para impedir que sua tripulação fosse massacrada.

– Pretendo desafiar o capitão – avisou Squib. – Invocar a lei do mar.

– Piratas não têm lei do mar! – gritou alguém.

– O capitão do *Flying Poppy* tem – informou James.

James havia se empenhado em descobrir tudo sobre os piratas que operavam entre a Índia e as Ilhas Britânicas.

– O nome dele é sir Griffin Barry; é um baronete e meu parente distante. Nós nos conhecemos quando éramos garotos. Ele vai se lembrar de mim.

– Então você pode conversar com ele de igual para igual – disse Clamper, com um lampejo de esperança nos olhos.

– Posso tentar – falou James.

Barry era um criminoso contumaz, claro. Mas frequentara Eton. E eles eram primos em terceiro grau. Ou seja: havia outros degenerados na família, além dele e do pai.

– Não disparem o canhão até eu dar a ordem.

A ordem nunca veio. Os tripulantes do *Flying Poppy* eram prudentes demais para expor o costado para uma embarcação que estavam empenhados em saquear; e o *Percival*, graças ao carregamento de especiarias, estava pesado demais para se mover agilmente. O *Poppy* foi se aproximando até abordar o *Percival*, e os piratas o invadiram sem incidentes.

Os homens afluíram pela amurada. Ao verem a tripulação do *Percival* de cabeça baixa em seu próprio deque, espalharam-se ao longo da amurada sem uma palavra, de costas para o mar, pistola numa mão, faca na outra. Ao que parecia, o *Percival* não era o primeiro navio cujo capitão se rendia ao avistar a papoula vermelha.

O capitão foi o último a subir a bordo, chegando ao deque com uma faca entre os dentes e uma pistola na mão direita. Não parecia pertencer à aristocracia inglesa; vestia-se como um estivador. Tinha uma pequena papoula tatuada embaixo do olho direito, combinando com a da bandeira.

– Sir Griffin Barry – disse James, inclinando o queixo precisamente no grau requerido a um conde ao cumprimentar um baronete.

Ele estava em pé no meio de seus homens prostrados, todos eles cercados por outro grupo de piratas. James estava vestido, de forma esquisita mas calculada, em trajes da corte: um casaco bordado com fios de ouro e botões de ouro torcido. Usava até uma peruca – jogada de qualquer jeito sobre sua cabeça, mas pelo menos estava ali.

Barry olhou-o por um momento, então se recostou e explodiu em riso. Não foi uma risada muito benevolente, mas pelo menos ele estava rindo.

James sentiu um ímpeto de coragem.

– De acordo com a lei do mar, eu poderia desafiá-lo para um duelo – observou, o tom tão casual e destemido quanto conseguiu impor.

Os olhos do baronete se estreitaram e sua mão apertou a pistola.

– Poderia.

– Ou poderíamos simplesmente nos retirar para minha cabine e tomar um drinque. Afinal, não nos vemos há... quanto tempo? Cinco anos?

A tripulação inteira poderia estar morta em questão de três minutos, pela estimativa de James. Mas ele apostou no antigo sistema da cortesia britânica, instilado na cabeça de cada menino da aristocracia desde que começavam a engatinhar. Ele acrescentou:

– Acredito que nossa finada tia Agatha preferiria esta última.

– Com o diabo – disse Barry, os olhos se arregalando ao reconhecer James. – Pensei que você fosse algum aristocrata tolo. Mas é o filho do Duque Tolo.

James fez uma mesura com um floreio da renda imaculada nos pulsos.

– Islay. James Ryburn ao seu dispor. Um prazer encontrá-lo de novo, sir Griffin Barth...

Barry cortou o anúncio de seu segundo nome com uma obscenidade. James sentiu uma ponta de satisfação e coragem. Quem imaginaria que seria possível intimidar um capitão pirata com uma informação particular, como a de que seu nome do meio era *Bartholomew* ?

– Mas que diabo você está fazendo por aqui, além de esperando ser saqueado por mim? – rosnou Barry.

O equilíbrio do poder havia mudado. O status de James como herdeiro de um ducado havia nivelado o jogo, pois Barry era tanto pirata quanto baronete.

– Fazendo fortuna após meu pai perder uma e dilapidar outra. Por certo, primo, você poderia me ensinar isso. *Poppy Dois* , quem sabe?

Sustentando o olho do primo, James arrancou o casaco bordado, revelando uma camisa grosseira por baixo. Com outro gesto rápido, a peruca girou pelo ar amurada afora.

– Sou capitão deste navio há nove meses. Apreendi sobre os ventos, a água e as estrelas. Tenho o compartimento de carga abarrotado de especiarias, mas

gostaria de fazer algo novo. Pode-se dizer, primo, que o instinto criminoso permeia nossa família.

O que quer que Barry tivesse esperado ouvir não era aquilo. James prendeu o fôlego. Não deixou os olhos vagarem na direção de seus homens, pois isso poderia ser tomado como sinal de preocupação e, portanto, de fraqueza.

– Vou aceitar aquela bebida – anunciou Barry finalmente.

– Meus homens estão desarmados – observou James, como se comentasse sobre o tempo.

Barry virou a cabeça na direção de um de seus homens.

– Reúna todos e coloque-os ali perto da balaustrada enquanto converso com o milorde aqui.

Olhou de volta para James, a crueldade glacial de um capitão pirata nos olhos.

– Se eu não voltar para o deque em uma hora, mate todos eles, Sly. Mate todos.

Uma hora se passou e Barry não reapareceu. Entretanto, Sly achou melhor dar uma espiada lá embaixo antes de executar as ordens do capitão. Ao se aproximar da cabine, viu que James e Griffin estavam bem encaminhados na segunda garrafa de conhaque.

A noite caiu com o *Percival* rebocando o *Flying Poppy*, as respectivas tripulações conduzindo seus afazeres de modo ordeiro (embora com uns poucos piratas desconfiados de Squib).

James e o primo, que ele havia voltado a tratar pelo nome, continuavam a beber.

– Não se pode beber assim normalmente – resmungou Griffin em algum momento. – O capitão não pode confraternizar com seus homens.

– Vou me lembrar disso – disse James, as palavras um pouquinho indistintas. – Lembra o que fizemos quando nos conhecemos?

– Subimos no telhado – lembrou-se Griffin, após uma breve pausa para recordar –, penduramos uma corda em uma das chaminés, descemos o suficiente para bater na janela do quarto das crianças e tentar matar sua babá de susto.

– Era esse o plano – concordou James, tomando outra talagada de conhaque.

Eles bebiam direto das garrafas.

– Não deu certo.

– Minha irmã correu aos gritos, mas a sua não. Ela abriu a janela, lembra? Pensei que fosse nos puxar para dentro; em vez disso, jogou uma bacia de água em nós, rindo como uma maluca. Poderia ter nos matado.

– Não é minha irmã – disse James de modo solene. – Casei com ela. É minha esposa.

De repente, viu-se falando, pela primeira vez, sobre o que havia acontecido nove meses antes. Transbordou de sua boca. Não tudo – não o que ele e Daisy fizeram na biblioteca –, mas o bastante.

– Maldição! – exclamou Griffin. – Ela ouviu tudo isso?

Uma onda acertou a lateral do navio e James quase caiu da cadeira, porém conseguiu se segurar.

– Bêbado como um gambá – resmungou para si mesmo. – Ela ouviu cada palavra. Pedei que eu nunca mais voltasse. Peguei o *Percival* na manhã seguinte.

– Também tenho uma esposa em algum lugar – falou Griffin, sem soar arrependido por tê-la perdido. – Melhor sem ela.

Com cuidado, brindaram com as garrafas.

– Ao *Poppy* – disse James.

– E ao *Poppy Dois* – acrescentou Griffin. – Vê isso?

Deu um tapinha na bochecha errada, mas James entendeu o que ele queria dizer e sentiu uma onda de apreensão. Nenhum homem tatuado poderia retornar à sociedade inglesa. Homens tatuados não se curvavam diante da rainha, não dançavam minueto no Almack's e não davam beijos de boa-noite na esposa.

Havia ocasiões, no escuro da noite, em que ele ansiava tanto por Daisy que mal conseguia respirar. Ocasões em que pensava que *tinha* que voltar para ela, implorar para que o aceitasse, dormir na soleira dela se necessário. Afinal, tinham sido amigos a vida inteira, e amantes...

Ele ainda acordava tremendo e excitado ao sonhar com ela.

Mas, se fizesse a tatuagem, aqueles sonhos estariam acabados. Não haveria qualquer chance de voltar. E era isso que ele queria.

Ela o proibira de retornar; disse que nunca mais queria ver o rosto dele outra vez. Daisy não costumava dizer as coisas por dizer. Era direta como uma flecha. Não era como ele.

– Certo – falou James, levantando-se com dificuldade. – Suponho que tenho que embarcar no seu navio. Vou fazer minha tatuagem para poder ser um pirata de

verdade.

– Você pode ir ao meu navio, mas nada de papoula – informou Griffin. – Você tem que merecer sua tatuagem. Não pode simplesmente pedi-la.

James assentiu.

– Maldição, minha cabeça está começando a doer.

– Três garrafas de conhaque – observou Griffin, levantando-se também e esbarrando na parede. – Não aguento mais a bebida tão bem quanto antes. Falei para nunca beber com a tripulação?

James assentiu, o que fez sua cabeça latejar.

– Vou aprender tudo – afirmou ele.

De volta ao deque, o ar marítimo acordou os dois.

– Como vamos chegar ao seu navio? – perguntou James.

Mais cedo, o *Poppy* chegara tão perto do *Percival* que os piratas haviam conseguido pular com facilidade para a amurada do navio de James. Mas agora as duas embarcações estavam amarradas, com as velas infladas, e havia uma boa distância entre ambas.

Com um grito selvagem, Griffin chutou as botas longe e jogou-se por cima da amurada para dentro da água azul.

– Louco – resmungou James.

Lordes ingleses não costumavam se atirar no oceano. Mesmo que soubessem nadar.

Mas lá se foi ele, imitando Griffin. Caiu na água quente e deu braçadas atrás do primo, que nadava não como um peixe, mas como um tubarão.

Depois, subiu pela escada de corda quase tão rápido quanto o primo. A cabeça de James havia clareado, e ele estava quase sóbrio quando se ergueu sobre a amurada.

Apesar do conhaque e da cordialidade, ele tinha consciência de que Griffin era um lorde pirata.

Seus homens estavam em volta dele agora. E se viraram quando James se pôs de pé, pingando.

O rosto de Griffin ficava diferente no meio de seus homens: sinistro e severo, sem qualquer traço visível de sua fina estirpe.

– Esse é meu primo – declarou.

Os piratas assentiram, embora alguns tenham estreitado os olhos.

– Ele será o capitão do *Poppy Dois* . Vocês podem chamá-lo de O Conde.

Ambos desceram para a cabine de Griffin, que jogou algumas roupas secas para James: trajes grosseiros, adequados a uma luta no mar. Sem cerimônia, pegou um par de tesouras e cortou o cabelo de James acima das orelhas.

– A última coisa que você vai querer é que algum degolador puxe você pelos seus lindos cachos – explicou.

James se olhou no espelho e aprovou. Nada que se assemelhasse a um conde olhava de volta para ele. Parecia um homem que não ligava para herança, para esposa, para família nem para ninguém.

Isso não era bem verdade; mas ele poderia transformar aquilo numa verdade.

Agora ele era um pirata.

Um ano depois

Usando mais uma vez (e de forma muito bem-sucedida) uma manobra militar chamada movimento de pinça, o *Flying Poppy* e o *Poppy Dois* haviam acabado de saquear mais um navio pirata, o *Dreadnaught* . Paletes de teca e barris de chá da China agora estavam acomodados no compartimento de carga do *Flying Poppy* junto com a tripulação do *Dreadnaught* – já o navio seguira o corpo de seu capitão, Flibbery Jack, até as profundezas do Oceano Índico.

Griffin e James estavam esparramados na cabine de Griffin, celebrando a última conquista com um ou dois copos de conhaque. Depois daquela primeira noite juntos, não haviam se excedido de novo; não era da natureza deles.

– Somos surpreendentemente parecidos – disse James.

– Marinheiros bons para diabo – comentou Griffin. – Quando penso que o *P-Dois* não vai conseguir fazer a manobra que preciso, você dá um jeito de fazê-la.

– Tenho pena daqueles homens.

– Dos mortos?

– Sim.

– Você não perdeu nenhum dos seus. E a tripulação do *Dreadnaught* era temida por todas as Índias Orientais – pontuou Griffin. – Fizemos um favor para o mundo. Na verdade, mais de um favor, visto que afundamos o *Black Spider* no mês passado. E posso salientar que o *Dreadnaught* adquiriu sua reputação por

capturar um navio de passageiros a caminho de Bombaim e fazer todo homem, mulher e criança andar na prancha?

– Eu sei – disse James.

Toda a pesquisa que ele fizera sobre piratas e suas rotas havia sido muito útil nos últimos dois anos. Os *Poppys* agora eram temidos pelos piratas tanto quanto os piratas eram temidos pelos navios mercantes.

– Somos Robin Hoods.

– Com a pequena diferença de que não damos aos pobres – declarou James secamente.

– Devolvemos aquela estátua de ouro para o rei da Sicília. Poderíamos tê-la vendido.

Griffin não era dado a gestos magnânicos.

– A carta de Ferdinand concedendo-nos o direito de usar sua bandeira como corsários vale mais do que Santa Ágata, ainda que a estátua não fosse oca, o que ela era, devo salientar.

Griffin deu de ombros. Ele não gostava de oferecer nada de graça, mas até ele tinha que admitir que corsários levavam uma vida mais fácil que piratas, embora a diferença entre um e outro fosse um tanto nebulosa.

– A propósito, o que você vai fazer com todo aquele tecido que colocou na sua cabine? – perguntou Griffin. – Está planejando atrair uma mulher a bordo? Os homens não suportariam. Na primeira tempestade, você procuraria por sua bela dama e descobriria que eles a haviam jogado pela amurada para acalmar os demônios do mar, Poseidon ou sabe-se lá o quê.

– Pensei em mandar o tecido para minha esposa. Ela sempre falou mais de roupas do que as usou, e as sedas são adoráveis. O *Dreadnaught* deve ter capturado um mercador de sedas.

– Por que diabo você faria uma coisa dessas? – questionou Griffin, perplexo.

– Ela chutou você porta afora e, pelo que você contou, com razão. Por que lembrá-la de sua existência miserável?

– Boa pergunta – constatou James, engolindo o conhaque. – Esqueça o tecido, devemos fazer alguma coisa com o ouro.

– Depositar no banco – disse Griffin prontamente. – Quando penso que, antes de você aparecer, eu costumava esconder tudo numa caverna, estremeço. Vamos guardar em Gênova ou abrir uma conta em algum outro lugar?

– Estou preocupado com nossa conta naquele banco de Paris, porque Napoleão tem a mão leve – falou James. – Creio que deveríamos ir lá e fechá-la. Vamos colocar tudo em Gênova.

Griffin pôs de lado o copo vazio e se levantou.

– Olhe, James, tenho péssimas notícias. O contramestre do *Dreadnaught* embarcou em Bristol há dois meses e tinha isso com ele.

Ele foi até o aparador, pegou um jornal e entregou-o a James. Uma notícia anunciava a morte súbita do duque de Ashbrook.

James ficou parado, olhando para o papel. Seu pai estava morto, e isso fazia dois meses. De repente, o mundo dele mudou. Passados alguns segundos, ele se levantou e muito calmamente falou:

– Voltarei para o *Poppy Dois* e direi aos homens que estamos a caminho de Marselha. Melhor trocarmos as bandeiras e nos tornarmos corsários.

Griffin deu um leve soco no braço de James.

– Não pense que você vai ser “Vossa Graça” para mim. Acha que os homens vão entender se anunciarmos que você virou duque? O título de conde realmente não parece apropriado para alguém de sua elevada estatura.

James não se deu o trabalho de responder. Subiu as escadas parecendo esgotado. Havia um membro da tripulação cujo único trabalho era remar indo e vindo dos *Poppys*, e no instante seguinte ele estava cruzando a curta distância outra vez. O crepúsculo se fora e o oceano parecia drenado de cores e detalhes, como se o barco a remo singrasse uma névoa cinzenta.

De volta à própria cabine, James sentiu-se tão exausto que caiu no beliche sem tirar a roupa. Fora um dia longo e cansativo. Em geral, a partir do instante em que um navio pirata era avistado, ele e os outros homens ficavam sem dormir por até 48 horas, um período tenso de vigia que normalmente acabava em uma batalha sangrenta. Os piratas sempre lutavam de forma árdua, e derrotá-los era uma tarefa impiedosa. A tomada do *Dreadnaught* naquele dia havia seguido o padrão.

A despeito da exaustão física, a mente de James estava congelada, incapaz de pensar em qualquer outra coisa a não ser na morte do pai. Seu criado apareceu com uma bacia de água quente antes de sair em silêncio. James se levantou do beliche e se despiu, as memórias ricocheteando em sua mente.

Ele passara boa parte da vida odiando o pai, mas nunca havia pensado na possibilidade de ele não estar lá. Nunca. O duque nem era tão velho. E então

James se lembrou da cor arroxeadada em suas bochechas durante os ataques de fúria. Sem dúvida, o coração do pai havia estourado.

Ainda assim... A despeito de tudo que o pai havia feito, no fundo James jamais duvidou de que ele o amasse; James, seu filho e herdeiro, o único filho. O duque era um tolo, um jogador, um homem imprudente que pisoteava os sentimentos daqueles ao seu redor. No entanto, *amava* James. O fato de ele ter morrido sem saber se o filho estava vivo ou morto foi como uma faca no coração de James.

As lembranças o inundaram; não aquelas relacionadas ao dote de Daisy ou coisas do tipo, mas as do pai que costumava irromper em seu quarto de criança e erguê-lo sobre os ombros, que deixava James se esconder embaixo de sua mesa para o tutor não o encontrar, que apareceu em Eton sem aviso e usou seu título para intimidar, abrir caminho até a sala de aula e então levar James e todos os seus amigos para passear de barco no Tâmis.

O pesar estava atrelado à culpa. As duas emoções se assentaram sobre o peito de James como uma pedra, dizendo que o pai morreria com o coração partido.

Ele sabia.

Ele deveria... Ele deveria... O quê? Pouco importava agora. Ele não havia feito nada. E o duque *se fora*.

Daisy teria cuidado de tudo, do funeral e de todo o resto. Daisy teria garantido que o sogro, não importava quão desprezado, tivesse uma lápide apropriada.

Enquanto se secava após o banho, James cravou o olhar na pilha de tecidos jogados num canto. Desejava desesperadamente pensar em qualquer coisa que não fosse na morte do pai.

Os tecidos reluziam como os mercados do norte da África e os bazares da Índia de onde tinham vindo. Seu olhar fixou-se em um tecido que capturava o azul-claro de um dia de verão na Inglaterra, quando o céu parece tão alto e distante que poderia muito bem ser o paraíso.

E, mesmo enquanto tentava manter a mente vazia, quase conseguia ouvir o pai gritando com ele, mandando-o deixar de ser um completo cretino e voltar para encarar suas responsabilidades, assumir o ducado.

No entanto, agora aquela voz estava calada para sempre. As memórias de James relativas ao pai pareciam inúteis e remotas, como se a Inglaterra não

passasse de um reino sob o mar.

Maldição.

Ele havia parado de sonhar com Daisy, mas isso não significava que tivesse parado de pensar nela por completo.

Se tivesse a chance de fazer tudo de novo, não teria fugido da Inglaterra. Teria carregado a esposa escada acima e a jogado em cima da cama, fazendo-a entender o que ele sentia por ela. Era tarde demais para isso: aqueles sonhos estavam tão mortos quanto o pai.

Já não havia nada para ele na Inglaterra. Ele precisava sumir por sete anos para que pudessem declará-lo morto. Bem, em cerca de dois meses ele completaria dois anos no mar. Pinkler-Ryburn era um camarada decente; assumiria o título em cinco anos se James não retornasse. E então Daisy poderia se casar de novo. Cortar todos os laços com a Inglaterra extinguiria, de uma vez por todas, aquele anseio estranho e vergonhoso de querer voltar para casa e para ela.

Ele podia ouvir claramente a voz de Daisy dizendo que o casamento deles estava acabado. E que um outro homem se apaixonaria por ela, um homem melhor que ele.

Isso era bem fácil de imaginar. James nunca odiou ninguém na vida tanto quanto odiava a si mesmo.

Ele gritou, e seu atendente apareceu na porta.

– Jogue tudo aquilo no mar – ordenou, indicando os tecidos.

O homem juntou os tecidos nos braços e escapuliu da cabine.

Uma hora depois, James tinha a cabeça raspada e uma pequena papoula tatuada debaixo do olho direito. Apropriou-se do nome Flibbery Jack, o capitão pirata que não mais precisava dele, e o deu a si mesmo.

Vida longa a Jack Hawk.

Porque James Ryburn, conde de Islay e duque de Ashbrook, estava morto.

Capítulo 15



Junho de 1811

Residência Ryburn, Staffordshire

Ducado de Ashbrook

Theo passou a mão pelo cabelo curto, amando o fato de sua cabeça parecer leve e livre. Cortara o cabelo no dia seguinte à derrocada do casamento e nunca se arrependera.

– O que a senhora disse, mãe? Desculpe, não estava escutando.

– Quer um pedaço de bolo de maçã?

– Não, obrigada.

– Você tem que *comer* – ordenou a Sra. Saxby, entregando um pedaço de bolo para Theo assim mesmo. – Você não faz nada além de trabalhar, querida. Trabalho, trabalho, trabalho.

– Tem muito trabalho a ser feito – afirmou Theo. – E a senhora tem que admitir que está tudo indo muito bem, mãe. Estamos produzindo nossas primeiras cerâmicas neste mês. E a Ryburn Weavers tem quatorze encomendas novas. Quatorze!

Ela não conseguia evitar um largo sorriso de triunfo só de pensar nisso.

– Está tudo muito bem – disse a Sra. Saxby –, mas você parece quase esquelética. Isso não é conveniente.

Theo deixou essa passar. Após o fim do casamento, durante alguns poucos meses ainda detestara pensar sobre a sua condição de “feia”, mas enfim a aceitara. Quando James sumiu de Londres, a aristocracia presumiu, naturalmente, que ele não pudera encarar mais que dois dias de matrimônio com uma futura duquesa feia. Ninguém falou de outra coisa por um mês, o que ficou evidente pelos mexericos que foram parar nos jornais. Theo não presenciou nada daquilo; deixara Londres no mesmo dia que James, retirando-se para Staffordshire, onde a mãe se juntou a ela depois de retornar da Escócia.

Quando as pessoas descobriram que James havia partido no *Percival* para terras estrangeiras, ela já estava instalada a salvo no campo. Embora incursões ocasionais a Londres fossem inevitáveis, nunca mais se aventurara de volta à alta sociedade – a simples menção dessas palavras fazia sua boca se contrair.

– O casamento do Sr. Pinkler-Ryburn está chegando – insistiu a mãe. – Precisamos reaparecer maravilhosas.

– Como já disse quando o convite chegou, não vejo motivo para assistir ao casamento do provável herdeiro de meu marido com a cretina da Claribel. Além do mais – acrescentou sensatamente –, dispenderíamos mais de uma semana, visto que as núpcias serão realizadas em Kent. Não posso desperdiçar esse tempo, agosto é um mês muito cheio.

A xícara de chá da Sra. Saxby juntou-se ao pires com um pouquinho de força além do necessário.

– Querida, eu tinha esperança de não ter que dizer isso, mas você está ficando austera.

O cabelo da Sra. Saxby ficara um tanto grisalho, e ela perdera um pouco da vivacidade no andar após a partida dramática do genro, mas nunca enfraquecera na fidelidade à cortesia.

– Você deve ir como representante do ducado. *E* porque o Sr. Pinkler-Ryburn é um homem muito bom.

– O valor dele não está em questão – disse Theo. – Simplesmente não posso sair correndo para um casamento quando preciso estar aqui.

Ela podia ser tão teimosa quanto a mãe.

– Você adotou uma visão muito estreita da vida – continuou a Sra. Saxby. – Pode ter tido uma experiência infeliz de casamento, mas isso é motivo para se tornar uma mulher infeliz e de língua afiada?

– Não sou infeliz – declarou Theo, acrescentando com honestidade – na maior parte do tempo. Além do mais, felicidade não é algo que se possa controlar.

– Discordo. A vida aplicou-lhe alguns golpes. Mas o que aconteceu com a filha que eu conhecia? Onde está sua lista de regras de estilo? Você sempre disse que, tão logo eu parasse de ditar sua vestimenta, você lançaria suas pérolas aos porcos e mudaria tudo. Eu nem sempre concordava, mas estava muito interessada em ver o que você faria de si.

Theo olhou para seu vestido na defensiva.

– Não há nada de errado com meu vestido. Afinal de contas, estamos de luto pelo duque.

– Foi feito na aldeia. A única coisa que se pode dizer a favor dele é que as costuras são razoavelmente retas.

– Não estou interessada em me enfeitar; isso era um sonho de menina que deixei de lado. Além do mais, passo quase todo o tempo no escritório. Para que precisaria de um vestido criado por uma modista, especialmente em cores de luto, quando não tenho ninguém para quem exibi-lo?

– Uma dama não se veste para uma plateia.

– Tenho que discordar. Quando debutante, ela se veste para encontrar um marido, que Deus ajude...

– Esse é o tipo de comentário a que me refiro – interrompeu a mãe.

Theo suspirou.

– Acho que posso encomendar um ou dois vestidos de Londres quando sairmos do luto se isso deixá-la feliz. Mas com certeza não viajarei a Londres para os ajustes e não irei ao casamento de Pink.

– Felicidade – continuou a mãe, voltando ao assunto – é uma questão de autocontrole. E você não está demonstrando tê-lo.

Pela primeira vez durante a conversa, Theo sentiu uma pontada de aborrecimento. Como poderia alguém, em especial sua mãe, dizer que ela não tinha autocontrole? Nos últimos anos, ela permanecera no escritório por horas a fio depois de a criadagem ir para a cama, debruçada sobre livros, descrevendo cerâmicas italianas e mobília elisabetana.

Viajava de carroça por toda a propriedade uma vez por uma semana para certificar-se de que os rebanhos de ovelha e as condições dos camponeses

estavam melhorando. Suas viagens a Londres eram ocupadas não com teatro e lojas, mas com visitas a Cheapside e a um prédio repleto de teares barulhentos.

– Acho que demonstro autocontrole – afirmou ela, fazendo um esforço para prová-lo, evitando que o aborrecimento ficasse evidente.

– Ah, você trabalha – disse a Sra. Saxby com desdém.

– A propriedade agora é lucrativa, mesmo depois de toda a pensão que tivemos que pagar ao duque fraudador – rebateu Theo.

Então, ouvindo o tom intimidante em sua voz, sentiu uma onda de remorso.

– Desculpe. Com certeza não pretendia me transformar numa megera. E não foi uma declaração gentil sobre Sua Graça, agora que está morto.

A mãe pegou a mão de Theo e deu um tapinha.

– Sei que não teve a intenção, querida.

Mas não negou que Theo estivesse se tornando um tanto intratável. Droga.

– Comprar plumas finas em Londres não vai me tornar diferente de quem sou – destacou Theo.

– Você é linda – declarou a mãe, demonstrando mais uma vez a pronta capacidade de ignorar o óbvio. – A mais linda por não se parecer com mais ninguém.

Theo suspirou.

– Quaisquer plumas e enfeites que eu acrescento à minha pessoa vão apenas diminuir minha dignidade. Meu autorrespeito. Se eu jogar o jogo de me fazer parecer bonita, não terei sucesso e vou parecer apenas tola e vaidosa.

A mãe baixou a xícara de chá de novo.

– Theodora, não criei você para ser uma pessoa fraca e covarde. Você não é a primeira mulher a sofrer um golpe no amor-próprio e não será a última. Isso não serve de desculpa nem torna aceitável chafurdar na autocomiseração. Evitando a alta sociedade você se transforma em tema contínuo de conversa e especulação. Mais importante ainda é que, permanecendo no lado menos afortunado de seu casamento, você se torna desagradável.

– Não quero permanecer no casamento! Diga-me, mamãe, o que a senhora considera o lado “afortunado” do meu casamento?

A mãe encarou-a.

– Theodora, tenho a nítida impressão de que você aprecia muito a forma como todos nessa propriedade escutam cada palavra que você diz. Isso para não

mentonar seu empenho e sua dedicação à empresa de tecelagem e à fábrica de cerâmica.

Isso era uma verdade inquestionável.

– Você jamais teria tido tais oportunidades se tivesse se casado com lorde Trevelyan. A propósito, vi-o na ópera há umas duas semanas. Era uma produção de *Così fan tutte*, cantada em italiano.

– Uma bela maneira de expor seu argumento – disse Theo, com um amplo sorriso. – A senhora está certa. Não fui feita para aguentar horas de ópera.

– Ainda assim, você não se permite ser feliz. Insiste em enxergar-se como a parte lesada, quando na verdade triunfou sobre a adversidade. Colocou seu marido porta afora e, no que presumo que tenha sido uma constatação de culpa, James obedeceu.

– Ele queria ir – reagiu Theo, já mais ou menos em paz com tal percepção. – Ele casou para proteger a honra do pai, mas isso não significa que desejasse ficar casado, pelo menos não comigo.

A mãe olhou para ela e então para o bule de chá.

– Posso lhe oferecer uma xícara, meu bem?

– Não, obrigada. Fiz de novo, não é? – perguntou Theo, com uma espécie de desgosto retorcendo-se no estômago.

– A vida é bem mais complicada do que você admite. Por exemplo, eu com certeza contestaria sua explicação sobre os motivos de James, mas nesse momento parece irrelevante. Afinal, o pobre homem pode estar morto.

Theo encolheu-se por dentro.

– Claro que não está morto! Está afastado. Não mandei que ficasse longe da Inglaterra para sempre. Simplesmente disse que não queria vê-lo de novo.

– Na minha opinião, a maior ligação de James com a Inglaterra era você. Quando o despachou, ele provavelmente cortou todos os laços a fim de proteger o coração. A imagem do pai o fazia lembrar-se da forma rude com que se comportara com você. E agora o pobre duque está morto. Não há nada que possa trazer James de volta à Inglaterra.

– Rude! – exclamou Theo, atormentada. – Eu acho que é bem mais que isso.

A mãe ignorou o comentário.

– Não importa a irresponsabilidade com que o duque lidou com o dinheiro dele e com a sua herança. Ele abriu a casa para nós sem hesitação quando seu pai

morreu. Mas Ashbrook nunca mais foi feliz depois que James desapareceu, e você tem alguma responsabilidade por isso, Theo. Ele amava o filho profundamente.

– Você fala como se James estivesse morto – disse Theo, surpreendendo-se com a veemência no tom da própria voz. – James *não* está morto.

– Espera-se que não.

A mãe ergueu-se com graça da cadeira.

– Devo concluir a inspeção das roupas de cama e mesa com a Sra. Wibble. Vou me juntar a você no almoço, querida.

Foi uma saída dramática, Theo teve que admitir.

James não estava morto. Ela saberia se estivesse.

Theo não se perguntou como podia ter tanta certeza daquilo. De repente deu um pulo da cadeira. Havia acabado de lembrar que prometera enviar um novo conjunto de desenhos para a fábrica naquela tarde.

A bordo do Poppy Dois

Poucas semanas depois de Jack Hawk surgir (e James Ryburn, conde de Islay, ser declarado morto por quem tinha conhecimento da causa – ou seja, ele mesmo), o *Flying Poppy* e sua sombra, o *Poppy Dois*, atracaram em uma ilha das Índias Ocidentais a caminho da França, e James – agora conhecido como Jack – sucumbiu às carícias amorosas de uma viúva curvilínea e alegre chamada Priya.

Ela lhe ensinou uma ou duas coisas, embora ele tenha se sentido péssimo após a noitada. O casamento dele estava acabado – senão formalmente, pelo menos na prática. Ele conseguiria permanecer celibatário pelo resto da vida? Claro que não.

Infel... infiel. Ele não gostava da palavra. Ela martelou em sua cabeça por um mês ou dois até ele dar jeito de alocá-la num canto escuro da mente e silenciá-la. Sua esposa havia acabado com o casamento dos dois. Portanto, ele estava livre para agir como se não fosse casado. Não era adultério. Não era.

Agia da única maneira possível para um homem adulto cujo casamento terminara. Tinha se afastado, de modo que, após os sete anos exigidos, ela pudesse declará-lo morto. Vivia sua vida em vez de apenas reagir a ela. O coração doeu mais uma vez ante a lembrança do pai.

James aprendeu mais algumas coisas com uma mademoiselle parisiense e, no ano seguinte, com uma garota chamada Anela, que vivia numa ilha do Pacífico e achava que o nascer do sol deveria ser venerado de uma posição horizontal.

James provou ter aptidão para a prece.

De sua parte, Griffin só ficava feliz quando tinha uma moça em cada braço e cartas em francês guardadas por toda parte. Visto que nenhum dos dois era ganancioso – na cama ou fora dela –, a simples visão do *Flying Poppy* e do *Poppy Dois* acercando-se de uma enseada logo tornou-se motivo de júbilo em certas partes do mundo.

“Jack Hawk” transformou-se num nome que os piratas amavam amaldiçoar. Todo dia era de trabalho duro, todo ele físico – trepar pelo cordame, travar combate corpo a corpo, nadar entre os *Poppys*, rezar com Anela. A pele de Jack escureceu, seu peito se alargou, nem mesmo sua mãe o reconheceria. Ele até cresceu alguns centímetros, desenvolvendo as coxas e os ombros poderosos de um homem que domina as ondas.

Capítulo 16



A gosto de 1812

A Sra. Saxby e Theo haviam terminado o café da manhã quando o tema James surgiu outra vez.

- Algum dia você vai recebê-lo de volta – disse a mãe.
- Não vou – negou Theo, exasperada. – Nem penso mais nele.
- Você decidiu nunca ter um filho? – perguntou a Sra. Saxby.

Era típico dela fazer comentários reflexivos logo antes de se retirar. Mas dessa vez ela parou e recostou a cabeça na porta por um instante. E seguiu:

- Oh, querida, estou com tanta dor de cabeça.

Theo levantou de um salto e foi para junto da mãe.

– Quer que eu mande fazer uma tisana para a senhora? Deixe-me levá-la até o quarto. Algumas horas no escuro com um paninho molhado na cabeça e a senhora se sentirá muito melhor.

A Sra. Saxby endireitou as costas e disse com firmeza:

– Com certeza posso subir as escadas sozinha, minha querida. Vou tirar um cochilo e ficarei ótima.

Não saiu imediatamente. Pousou a mão no rosto de Theo e falou:

– Ter você foi a maior alegria de minha vida. Eu desejo o mesmo para você: um filho com o marido que você ama, embora insista em negá-lo.

– Resolvi encomendar roupas novas em Londres – Theo passou os braços em volta da mãe – e fazer uma visita ao recém-casado Sr. Pinkler-Ryburn, para não mencionar a encantadora Claribel.

A mãe riu.

– Mal posso esperar para ver seus vestidos novos. Amo você, minha querida. Com isso deu meia-volta e se retirou para os seus aposentos.

A Sra. Imogen Saxby nunca acordou daquele cochilo. Theo passou pelo funeral da mãe e recebeu visitas como se estivesse num nevoeiro espesso. Passaram-se semanas antes de aceitar a verdade: sua mãe se fora para sempre. A casa ecoava. Ela se sentava sozinha às refeições e chorava.

Infelizmente, os negócios não param só porque há uma morte na família. Era inconveniente chorar nas reuniões com o administrador da propriedade. Era inconveniente chorar na igreja, no café da manhã e a caminho de Londres.

Também era indigno, mas ela não ligava; o vazio em seu coração a consumia tanto que o que as pessoas pensavam dela não tinha a menor importância.

Mas de algum modo Theo seguiu em frente, sabendo que muitos dependiam dela e que não podia decepcioná-los. *Não iria* decepcioná-los.

O luto de um ano enfim acabou. Ela havia pensado muito nas conversas que tivera com a mãe sobre seu casamento e gradualmente fez as pazes com a ideia de que ela e James não podiam continuar daquela maneira, sem qualquer tipo de resolução. Fazia quatro anos que ele partira, e desde então nunca mais soubera dele. Ela decidiu encontrá-lo. Afinal, era um desejo expresso da mãe que Theo não só voltasse à sociedade, mas também para James.

Sem mais delongas, Theo instruiu os advogados a contratar tantos detetives quanto necessários e mandá-los mundo afora em busca de notícias do marido. O sucesso nos negócios fazia com que o custo da busca – que poderia levar um ano ou mais para ter resultado — não fosse considerado.

E então ela fez o melhor que podia para tirar James da cabeça. Não havia nada que pudesse fazer a respeito naquele momento.

Nos últimos anos, Theo havia empregado seu bom gosto para transformar a Ashbrook Ceramics em um negócio próspero, produzindo as mais finas peças para os poucos e seletos que compartilhavam seu interesse por cerâmica grega antiga. E vertera seu amor para a Ryburn Weavers, orientando para a reprodução de têxteis franceses e italianos dos dois séculos anteriores.

Mas agora as tecelãs e a fábrica de cerâmica operavam em ritmo constante. Já não precisavam do envolvimento diário de Theo. Na verdade, ela percebeu que ambos os negócios poderiam se beneficiar com uma patrona que tivesse grande visibilidade: uma pessoa cujos gosto e discernimento fossem incontestáveis entre a aristocracia, alguém que incitasse o desejo pelos produtos Ashbrook.

Era uma ideia brilhante sob todos os aspectos, menos um: Theo ainda estava em exílio autoimposto, afastada das pessoas que mais precisava impressionar.

Ela havia aprendido a confiar em si e no seu gosto, mesmo que não tivesse se incomodado em aplicar seus ditames ao próprio vestuário. Afinal, estilo era o arranjo harmonioso das partes, o que, na opinião de Theo, era melhor do que beleza física. Na realidade, estilo era frequentemente confundido com beleza física.

Theo se deu conta de que não seria difícil se transformar na cliente ideal. Até desenterrou a lista de regras de estilo, escrita cuidadosamente ao longo de todos aqueles anos na letra redonda de colegial com uma paixão que a fez sorrir. Ao relê-la, ficou encantada ao verificar que nenhuma das regras a fazia estremecer de constrangimento. Ficou resolvido. Ela se tornaria sua melhor patrona.

Depois de alguma reflexão, decidiu passar alguns meses em Paris antes de conquistar Londres. Os jornais estavam cheios de notícias bem-vindas de que o Tratado de Fontainebleau (e a abdicação de Napoleão) significava que a França mais uma vez acolheria visitantes ingleses. Ninguém entendia melhor que os franceses que, enquanto a beleza é uma questão de nascimento, a arte – a arte de se vestir – está disponível para todos que se interessem em aprender.

Em maio de 1814, a condessa de Islay (pois James ainda não assumira o título de duque) fechou sua casa de campo e se mudou para uma casa magnífica no Sena, em frente ao Palácio das Tulherias. Ela pretendia aplicar-se ao estudo da elegância com toda a paixão que havia devotado à cerâmica e à tecelagem.

E tinha total expectativa de sucesso.

Capítulo 17



*P*aris 1814–1815

Passado um mês de sua entrada na sociedade parisiense, a condessa de Islay era considerada uma inglesa “interessante”; ao final de poucos meses, era uma francesa honorária. Ninguém se referia a ela por palavras brandas como *feia* ou mesmo *bonita* : ela era *ravissant* e – acima de tudo – *élégant* . Deslumbrante e elegante.

Todos sabiam que a duquesa d’Angoulême, sobrinha do rei Luís XVIII, consultava lady Islay sobre questões traiçoeiras a respeito de leques e outros adornos. Afinal, a touca, as luvas, os calçados e a bolsa de uma dama eram os elementos mais importantes para uma aparência elegante. Os parisienses ficaram sobressaltados quando Theo combinou marrom com preto – e depois viram-se ainda mais chocados quando ela usou um vestido de noite de gorgorão de seda negra costurado com ametistas e, mais adiante, um traje de montaria púrpura com luvas verde-ervilha.

Sobressaltaram-se e... correram para imitá-la.

O que os franceses mais amavam eram as regras mordazes ditadas por Theo. Eram colecionadas como joias preciosas. Mesmo as trabalhadoras mais pobres arrancaram as rendas de seus trajes domingueiros quando foi relatado que ela dissera: “ Use renda para ser batizada. E só.”

Causou sensação quando disseram que ela havia declarado que *discrição é sinônimo de inteligência*. Todo mundo deduziu que ela não falava sobre moda, e sim sobre a adoração decididamente indiscreta do marquês de Maubec pela terceira esposa do pai, um grande número de parisienses chegou à conclusão de que uma mulher “discreta” não devia usar joias em profusão. De fato, a condessa *havia* comentado que uma dama bastante espalhafatosa “usava tantos quilates que parecia uma mina”.

A atenção às suas palavras era tão grande que Theo foi visitada por uma delegação de vendedores de diamantes que lhe suplicaram ajuda. Naquela noite, lady Islay apareceu em um baile usando um colar de diamantes que apresentava nada menos que oito voltas reunidas por um extraordinário pingente de diamante em forma de pera. Ela casualmente comentou que uma mulher deveria rivalizar com a Via Láctea à noite: “Damos leite para os bebês. E para as damas? Diamantes.”

Na época em que Theo completou 23 anos, seu marido estava desaparecido havia quase seis anos e nenhum dos detetives dera notícias dele – embora alguns ainda não tivessem retornado a Londres. Quando lhe perguntavam sobre o conde, ela sempre dizia que ele fora extraviado, assim como se extraviaria um candelabro de prata horroroso dado por uma tia-avó.

Por dentro ela não se sentia tão indiferente. Silêncio não era coisa de James. Ou era? Ele tinha o temperamento mais feroz que ela já conhecera. (Bem, talvez o do pai fosse pior.) Raiva dela – ou de si mesmo – poderia levá-lo a viver em um país estrangeiro sem sequer pensar na antiga vida. Mas ele realmente ruminaria todo esse tempo? Não queria vir para casa e pôr as coisas em pratos limpos?

A menos que ele estivesse levando outra vida, com outra esposa, em algum lugar distante... Talvez tivesse até adotado outro nome.

Era um pensamento desagradável, mas melhor do que aquilo em que Cecil Pinkler-Ryburn, na linha de sucessão para ser o próximo duque, acreditava. Ele e a esposa, Claribel, haviam chegado a Paris poucos meses depois de Theo, seguindo uma onda de pessoas de bom gosto que havia trocado Londres pelo continente. Embora Claribel fosse antiquadamente maternal e preferisse ficar em casa com seus pequenos, Cecil havia se tornado um dos visitantes mais assíduos de Theo, ao descobrirem (para surpresa dela) que gostavam muito da companhia um do outro.

Cecil acreditava firmemente que, se James estivesse vivo, teria retornado a Londres tão logo soubesse que agora era duque; segundo a lógica de Cecil, como James não havia retornado, devia estar morto.

Theo tentava não pensar nisso. Estava passando uma temporada maravilhosa na França: desencavando tecidos antigos e enviando para suas tecelãs; pegando desenhos gregos onde quer que os conseguisse e enviando para a Ashbrook Ceramics; sendo festejada na corte. Mas a triste verdade era que, por trás de cada sucesso, havia uma tênue reflexão sobre o que James acharia disso.

Ela parecia carregar James como uma plateia silenciosa de uma única pessoa. Com o tempo ela tinha (mais ou menos) esquecido os aspectos desagradáveis do casamento e só se lembrava do amigo que ele havia sido e de como a encorajara durante seu debut e sua adoração desesperançada por lorde Geoffrey Trevelyan.

Seu amigo mais chegado agora era Cecil, embora este não ostentasse qualquer semelhança com James no caráter ou na aparência. Ele se tornara bastante roliço, em especial na parte onde antes ficava a cintura. Aprendera a se interessar mais por um linguado ao molho de vinho do que pela altura do colarinho, e dedicava-se à sua paixão por comida.

Também havia abandonado os excessos em termos de moda que o caracterizavam quando rapaz, embora não tivesse largado a moda por completo: ele usava sedas Ryburn com frequência. Cecil beneficiava-se particularmente de um lenço de pescoço colorido – um novo estilo em Paris –, pois tirava a atenção do segundo queixo que havia se juntado ao primeiro.

– Esse lenço é novo? – perguntou Theo, tomando chá com ele.

– Sem dúvida – respondeu Cecil, o sorriso enfatizando as linhas em torno dos olhos. – Meu criado não se animou a combinar um lenço cor-de-rosa com um casaco violeta, mas citei seu exemplo e ele cedeu. Há algo de maravilhoso em observar um francês obedecer aos ditames de uma mulher inglesa. Nunca teria conseguido fazê-lo recuar sem o seu respaldo.

Theo serviu outra xícara de chá para ele.

– Aprecio o fato de você não ter me pedido para fazer algo formal a respeito do ducado.

– Deus sabe que não quero o título – disse Cecil dando de ombros.

E era verdade. Ele era alegremente indolente e via com horror os deveres associados ao ducado.

– A única coisa que eu acharia interessante em me tornar duque seria o fato de ter um assento num julgamento caso algum de meus pares assassinasse alguém. Mas, para ser franco, isso acontece muito raramente.

– Desgraçado sedento de sangue – declarou Theo de modo afetuoso.

– Tenho dinheiro mais que suficiente. Meu sogro é quem está muito contente diante dessa possibilidade.

– Não podemos declarar James morto – falou Theo, as palavras saindo num rompante – antes de fazer mais uma tentativa para encontrá-lo. Andei pensando que é melhor retornar à Inglaterra e ver o que aconteceu com todos aqueles detetives que enviei. Depois do Natal, para a temporada, talvez. Não posso ficar em Paris para sempre.

Cecil limpou a garganta:

– Meu sogro também contratou um detetive há dois anos.

– O homem não achou nada?

– Não vi sentido em lhe contar, a menos que tivéssemos conseguido. Existem regulamentos estatutários, você sabe... O duque tem que estar desaparecido há sete anos.

– Fará sete anos em junho – informou Theo, franzindo a testa. – Seu detetive viajou até a Índia? Lembro que James falava desse país.

– Vou perguntar – afirmou Cecil, levantando-se da cadeira.



O Natal de 1814 foi adorável; a cidade dançou, como só Paris consegue. Mas Theo viu-se cada vez mais ciente do medo sombrio em seu coração. Teria algo assustador acontecido com James?

Seria terrível se, após ela tê-lo forçado a deixar a Inglaterra, ele tivesse morrido em alguma costa estrangeira. Ou pior, a bordo de um navio naufragado. Às vezes não conseguia dormir porque ficava imaginando o *Percival* emborcado em uma tempestade, ouvindo o último suspiro de James ao deslizar sob as ondas. Ela afastava a imagem, mas, ao acordar, se dava conta de que a morte explicaria o fato de James nunca mais ter feito contato com o pai.

Era estarrecedor se dar conta de que ela se importava tanto com um marido ausente e pouco confiável.

Finalmente, certa manhã, ela concluiu que estava mergulhada em culpa, em pesar, numa angústia que não passava.

– Ele *está* morto – disse a si mesma, testando as palavras em voz alta no ar gelado da manhã.

Foi um pensamento doloroso, mas não avassalador. Afinal, seis anos, quase sete, é um longo tempo, e eles haviam sido casados por apenas dois dias. Ela sentia muito mais falta do amigo de infância do que de sua breve figuração como marido.

Theo chamou Cecil à sua casa. Ambos planejavam retornar à Inglaterra em fevereiro.

– Vamos dar mais um ano – falou ela. – Então faremos o que for necessário para passar o título para você.

– E você precisa se casar de novo – disse Cecil. – Eu e Claribel desejamos vê-la em um casamento feliz.

Com que tipo de homem casar? Essa era a verdadeira questão.

Ela continuava elaborando a mesma lista de qualidades desejadas. Gostaria de um homem com voz de cantor, pois nunca esquecera como James cantara para ela ao amanhecer, depois de fazerem amor a noite toda.

Queria alguém com olhos azuis. Gostaria que tivesse um sorriso generoso, senso de humor e muita bondade.

Logo descobriu que a lista de requisitos apontava para um homem que estava ausente e quase que certamente morto. Ela então redobrou os esforços para se convencer da deslealdade de James. Realmente queria de volta um homem que se casara com ela porque o pai ordenara?

A resposta era assustadora. Sim. Sim, ela queria.

Contanto que fizesse amor com ela e depois cantasse.

Capítulo 18



A bril de 1815

O baile de abertura de uma temporada é o mais interessante por vários motivos – alguns mais óbvios, outros mais obscuros. Não só todas as jovens damas se apresentam à sociedade, como a composição da aristocracia fica bem clara. Quem está de luto e quem está no mercado? Quais casamentos estão em tamanha desordem que marido e esposa estão morando em locais separados? Quem perdeu tanto dinheiro nas corridas que aparecem com um casaco desanimadoramente fora de moda?

Foi em um primeiro baile que Beau Brummell fez sua aparição imaculada em preto e branco. Foi num primeiro baile que Petunia Stafford exibiu os cachos curtos que a faziam parecer uma criança inconsequente, embora deslumbrante; em outro, lady Bellingham apareceu vestida de tal forma que até hoje há quem questione se ela usava *chemise*.

Theo optou por não ir ao baile de abertura da temporada de 1815. Seria óbvio demais, e ela considerava uma regra tácita que a condessa de Islay jamais fizesse algo óbvio.

Claro que ela havia sido convidada. Ao verem que a aldrava na porta do número 45 da Berkeley Square fora recolocada, significando que Theo estava na residência, choveram convites.

Havia muitos que mal se lembravam dela, de como se casara no meio da temporada de 1809 e nunca mais fora avistada na alta sociedade de Londres. Esses queriam julgar a feiura dela por si mesmos.

Mas também havia aqueles que tinham visitado a capital francesa ou ouvido as notícias vindas de lá e faziam questão de lembrar a todos que os patinhos – e as duquesas – feios às vezes se transformavam em cisnes.

Na verdade, Theo decidiu não só faltar ao baile de abertura, mas também esperar passarem as três primeiras semanas da temporada. Faria sua primeira aparição – sua reentrada na sociedade britânica – no baile oferecido por Cecil e Claribel.

Claribel continuava tão deslumbrantemente desmiolada quanto uma década antes. Sua beleza insípida não envelhecera bem: começava a parecer uma rosa murcha, do tipo que fica em desalinho antes de todas as pétalas caírem. E, como Cecil, tivera a cintura alargada de modo considerável.

A magreza angulosa e as feições marcantes de Theo, por outro lado, haviam entrado em foco nos seus 20 anos. Ela sabia que nunca estivera melhor – mas, cada vez que se permitia esse pensamento, seguia-se uma pontada de arrependimento: a mãe teria abominado uma observação tão vaidosa e cheia de si. Era espantoso que sua mãe falecida ainda falasse constantemente ao seu ouvido.



Quando o Sr. e a Sra. Pinkler-Ryburn abriram o baile, o assunto na boca de todos era a condessa de Islay. A notícia de que milady tinha aceitado o convite dos parentes havia se espalhado.

– Convidamos lorde Tinkwater? – perguntou Claribel ao marido, observando enquanto o mordomo conduzia um lorde extremamente bêbado que havia desenvolvido um método de caminhar que não exigia senso de equilíbrio.

– Não – disse Cecil. – Veio todo tipo de gente que não convidamos, querida.

Ele apertou o braço de Claribel e se virou para cumprimentar lorde Tinkwater.

Mas na hora em que decidiram fechar a fila de recepção ainda não havia sinal de lady Islay. Mal haviam começado a descer os degraus para o salão de baile

quando um ruído formidável irrompeu atrás deles.

– É Theo – falou Cecil, virando-se para olhar o alto da escada. – Ela planejou a entrada com perfeição, claro. – E então: – *Com todos os diabos!*

Claribel estava prestes a reprimir o marido por usar tais palavras em sua presença, mas, em vez disso, ficou de queixo caído.

A mulher postada no topo da escada, olhando para todos ali embaixo com um sorriso de autoconfiança absoluta, parecia uma deusa que por acaso viera à Terra passando por Paris. Irradiava aquele tipo de glamour inefável que simplesmente não se aprende – como Claribel, após múltiplos esforços e grande desgosto, bem sabia.

O tecido do vestido de lady Islay com certeza custava o equivalente à pensão trimestral de Claribel. Era um tafetá de seda perolado cor-de-rosa com fios prateados. Os seios estavam minimamente cobertos, e dali o vestido descia direto ao chão em uma profusão assombrosamente bela de tecido.

O cor-de-rosa realçava o cabelo de Theo – âmbar queimado entrelaçado com conhaque e amarelo. Se ela pelo menos o tivesse deixado solto perto do rosto e feito uns cachos charmosos! Claribel decidiu falar em particular com ela sobre os mais novos ferros de cachear. Ela mesma tinha adoráveis cachos balançando perto das orelhas.

Ainda assim, havia algo de magnificante – quase hipnótico – na condessa naquela noite. A *pièce de résistance* do traje era uma capa formal que reluzia sob a luz, macia e lustrosa, quase como se feita de pele.

– Maldição – disse Cecil de novo, mal respirando.

Claribel olhou para ele e, para seu espanto, viu que os olhos do marido cintilavam com uma apreciação que ela reconheceu – e que costumava ser reservada a ela e à sua silhueta bastante generosa.

– Não vejo motivo para tal vocabulário – observou.

Então adiantou-se para cumprimentar a convidada.

– Está encantadora, lady Islay – declarou Claribel com sinceridade um instante depois. – Seu vestido é primoroso. Gostaria que Jeffers pegasse sua capa? Embora muito bela, temo que seja bastante quente.

Cecil inclinava-se sobre a mão enluvada de Theo.

– Oh, não – retrucou ele, antes que lady Islay pudesse responder qualquer coisa. – Estou certo de que Theo planeja usar a capa por pelo menos parte da

noite.

Havia uma nota divertida na voz dele.

– Se você tem certeza de que não vai esquentar demais – insistiu Claribel em dúvida, de olho na capa.

A peça brotava dos ombros de lady Islay e então descia até o chão em redemoinho, dando a impressão de surpreendente leveza. Por dentro era forrada com uma belíssima seda rosada e por fora...

– Céus, de que ela é feita? – perguntou Claribel, não se contendo de curiosidade e estendendo a mão para tocar na capa.

– Posso adivinhar – interrompeu Cecil, o tom divertido da voz ainda mais acentuado.

– Oh, pode? – comentou Theo. – Então me responda o seguinte: estou sendo óbvia demais?

Claribel não tinha a menor ideia do que Theo queria dizer. Cecil, o esperto Cecil, sabia, porque deu uma risada estrondosa.

– Pluma de cisne – arriscou ele. – Belíssima pluma de cisne, e todo homem e mulher neste salão reparou em seu triunfo de cisne.

– Não pude resistir – confessou Theo, com aquele sorriso que era ainda mais atraente por ser visto com raridade.

– Que sorte a sua pelo marido que tem – declarou ela para Claribel. – É raro um homem que conheça os contos de fadas.

– Eu s-sei, claro, sei – concordou Claribel, gaguejando um pouquinho.

Havia algo bastante intimidante em lady Islay. Em primeiro lugar, ela era *elegante*. E aquele cabelo austero, que deveria parecer medonho, na verdade parecia sensual, embora essa palavra não fizesse parte do vocabulário de Claribel.

Além do mais, Claribel percebeu que o vestido era escandalosamente leve. Não era de espantar que Theo não se preocupasse em passar calor. Ora, quando lady Islay se virou para cumprimentar lorde Scarborough, Claribel viu com nitidez a linha de sua panturrilha desnuda.

Claribel reprimiu um suspiro. Ela amava os três filhos, claro, mas carregá-los em seu ventre provocara um grave efeito em sua silhueta. Sentiu-se estufada como uma almofada em comparação a Theo.

– Ela está maravilhosa, não? – comentou o marido.

– Acho que está com um traje um pouquinho leve demais – observou Claribel. Sem querer, sua voz soou um pouco magoada.

Cecil tomou uma das mãos enluvadas da esposa e a levou aos lábios.

– Espero que você não imagine que considero Theo mais atraente que você.

– A silhueta dela é perfeita – reconheceu Claribel, melancólica. – Simplesmente perfeita.

Ele se inclinou mais para perto.

– Um homem não liga para isso, minha flor.

Claribel revirou os olhos.

– Ela é gélida – falou ele, baixinho. – Adoro Theo, mas não invejo o homem com quem ela se casar. Olhe para ela.

Ambos se viraram para ver a condessa cercada de um bando de homens alvoroçados, tão apertados uns contra os outros quanto moedinhas na caixinha da igreja.

– Estão fascinados, intrigados, até em estado de adoração – disse Cecil. – Vi a mesma reação em Paris muitas vezes. Se você me perguntar, é por isso que nunca houve o mais leve sopro de escândalo a respeito dela nos últimos seis anos. Na verdade, ninguém quer ir para a *cama* com ela.

– Cecil! Que maneira de falar!

Ele lançou um olhar maroto para a esposa.

– Agora, você é outra história. Ai de mim, minha silhueta não é mais o que já foi.

– Como se eu me importasse com isso!

– Então por que pensaria que não aprecio cada uma de suas curvas? – perguntou ele, o olhar confirmando as palavras. – E mais do que isso, Claribel, amo o fato de você vir para nossa cama com prazer. Você é minha...

– Sr. Pinkler-Ryburn! – exclamou Claribel. – Você se esqueceu de quem é – repreendeu, enquanto enrubescia e os dedos tremiam entre os dele. – Somos afortunados – acrescentou enfim, tão docemente quanto ele.

E então soltou a mão.

– Chega dessa tolice. Por Deus, o que lady Islay quis dizer com contos de fadas?

– Todas aquelas pessoas que a chamaram de “Duquesa Feia” estão mordendo a língua – explicou o marido. – A condessa transformou-se num cisne e deixou

todos eles de cara no chão ao fazer graça disso.

– Eu havia me esquecido desse fato – disse Claribel, torcendo o nariz. – Na época, minha mãe falou que tudo aquilo era assustadoramente grosseiro e não nos deixou ler os jornais por uma semana.

Cecil inclinou-se e beijou-a no nariz.

– Eu sei, querida. Por isso você é a doce tortinha que é, e Theo é o bolo austero e magnífico que é.

– Não sou uma tortinha.

Mas não pôde deixar de sorrir.

Capítulo 19



Para Theo, o baile Pinkler-Ryburn fazia lembrar um bando de pardais empoleirados numa cerca. Eles desciam de uma árvore em um grupo enorme, tagarelando sem parar. De repente, um pássaro batia asas e o resto alçava voo histericamente atrás, aterrissando numa cerca 10 metros à esquerda. Ou à direita.

A chave para controlar a noite, ela concluiu, era ser o pardal que determinava o comportamento do bando. Quando o salão de baile ficou intoleravelmente cheio, Theo deslizou para o terraço, levando consigo um grupo de homens grudados nela por uma agradável mistura de luxúria e admiração. Eram homens que se identificavam com seu senso de elegância.

Quando o Sr. Van Vechten juntou-se a eles com um casaco de veludo num tom agressivo de púrpura com riscas cor de pêssego, ela foi tão desdenhosa que ele se retirou tão rápido quanto havia chegado. O mesmo aconteceu com o Sr. Hoyt, que segundo os rumores tinha uma fortuna em ouro, mas gostava de exhibir seu tesouro na forma de botões berrantes.

Atraído pelo grupinho reunido em torno das gargalhadas e dos gracejos de Theo, o salão de baile foi para o terraço.

Sentindo-se quase tão comprimida quanto lá dentro, Theo decidiu, de forma maliciosa, dar uma caminhada pelos jardins. E não houve dúvida sobre quem seria seu acompanhante: deu o braço a lorde Geoffrey Trevelyan.

Ambos haviam amadurecido. Ela ficou sabendo que ele se casara naquela primeira temporada (não com Claribel, claro) e que a esposa morreria uns dois anos depois. Agora havia vincos nos cantos dos olhos dele e um sulco nas

bochechas. Todo o resto estava igual: os olhos escuros e oblíquos e o sorrisinho perverso oscilando nos lábios. O coração dela se acelerou um pouquinho ao avistá-lo.

Quando Theo e Geoffrey voltaram para o terraço, os convidados de Cecil ficaram zanzando com passos vacilantes pelos caminhos escuros, fingindo estar em Vauxhall.

Theo liderou a trilha para o salão de baile, agora com poucas pessoas, e concedeu uma valsa a Geoffrey. Ela foi cercada quando aquela valsa terminou e se seguiu outra – parecia que todos queriam dançar com o cisne.

Não – eles queriam aquele riso grave e rouco ante seus gracejos e aquelas pernas esguias e vivazes eletrizantemente próximas das deles.

– Há algo na aparência dela – falou o coronel MacLachlan para Cecil, o desejo tangível na voz. – Ela não faz em absoluto o meu tipo, não me importo de dizer. Gosto das miúdas e curvilíneas. Além disso, zombou de mim, e sei que não consideraria ir para a cama comigo!

Mas os olhos ainda seguiam Theo pelo salão de baile. Ela estava nos braços de um homem com idade o bastante para ser seu pai; no entanto, qualquer um podia ver que, quando ela sorria para ele, o homem se empertigava, fazendo o giro da valsa de modo mais arrojado.

– Theo é como Diana, caçadora – disse Cecil, balançando-se sobre os calcanhares e apreciando o surto de popularidade que a prima por casamento experimentava. – Linda, mas ligeiramente letal, pronta para sacar seu arco e flecha ou transformar um homem num suíno histérico. Sensual, mas com um toque virginal.

– Por Deus, homem, você fala como um poeta – observou MacLachlan atônito. – Não deixe sua esposa ouvi-lo falar assim da condessa.

Cecil apenas riu. Ele não estava preocupado com Claribel. Eles se entendiam, e seus momentos mais felizes eram os mais íntimos. Aquele tipo de vínculo significava que ela sabia muito bem que ele não sairia da linha. Além do mais, ele era da opinião de que viver com Theo seria bastante desconfortável.

As regras que ela ditava eram encantadoras de ler, mas a tendência ao perfeccionismo podia ser vista em tudo que fazia. Ela proclamava em vez de sugerir. Era feroz demais em suas opiniões, implacável demais, esperta demais.

Muito rebuliço. Muitas penas.

Como convinha a um cisne, é claro.



Embora Theo gostasse da ascensão meteórica na alta sociedade e da atenção silenciosa que os aristocratas davam a cada declaração sobre estilo, as menções constantes a *cisnes* (e nunca *patos*) eram cansativas.

No outono de 1815, os jornais tinham o hábito de solicitar mais de suas “regras”. *La Belle Assemblée* jamais deixava de incluir uma ilustração detalhada de cada um de seus trajes.

Ela pensava que seria muito bom se James voltasse para encontrar a esposa na boca dos aristocratas e uma força a ser considerada.

Assim, Theo tinha o fantasma de uma pessoa – a mãe – num ombro e o fantasma de outra – James – no outro. Embora não lançasse uma névoa romântica sobre os poucos dias do seu casamento, havia pensado bastante sobre onde jazia a culpa – e se de fato “culpa” era algo a ser considerado em um casamento.

Ela concluiu que James fora forçado pelo pai a uma ação que ele sabia ser moralmente questionável. No entanto, ele a amava do jeito dele. Ela tinha certeza disso.

A data limite que ela e Cecil haviam estabelecido estava chegando, e Theo sabia que seria um milagre se àquela altura surgisse alguma notícia de James.

Pouco depois de 1815 virar 1816, ela e Cecil se reuniram com o advogado da família, o Sr. Boythorn, que discorreu em minúcia sobre uma petição de “ausência e morte presumida” à Câmara dos Lordes, detalhando a incapacidade de Theo de desfrutar dos deveres e responsabilidades de uma esposa ou da liberdade e proteção de uma viúva.

– Devemos fazer um funeral em memória de meu marido – disse Theo quando o advogado parou para respirar. – Depois que o declararmos morto de forma inequívoca. Suponho que seria absurdo vestir luto por um ano. Usarei os trajes adequados pelo menos por um breve período. James era muito jovem quando deixou a Inglaterra, mas muitos se lembram dele.

– Quando eu era garoto, todo mundo me chamava de Pink – interveio Cecil. – Menos James.

O advogado pigarreou.

– Um funeral na catedral de St. Paul seria muito apropriado. Na verdade, seria adequado realizar a cerimônia depois de lorde Islay ser formalmente dado como morto. Uma pequena placa também poderia ser providenciada para celebrar a vida desse rapaz corajoso. Acredito que o *Percival* tenha naufragado quase que de imediato.

– Com certeza não – disse Theo, odiando pensar nisso.

– A embarcação rumava para a Índia, segundo todos dizem, e nunca mais se ouviu falar dela – observou o Sr. Boythorn. – Mais de um marinheiro me disse que seria um milagre o *Percival* escapar de um destino inglório.

Theo suspirou.

– Cecil, você aceita que o Sr. Boythorn comece os procedimentos para submeter uma petição de ausência e morte presumida ao lorde chanceler e à Câmara dos Lordes? Caso recebamos notícias no mês seguinte, é claro que a petição será anulada de pronto.

– Você prefere esperar mais um ano, minha cara?

Haveria um duque mais relutante do que Cecil?

Theo olhou para ele com um sorriso sem graça.

– Gostei muito de gerenciar as propriedades, particularmente no que tange às fábricas de tecido e de cerâmica. Mas eu gostaria de seguir minha vida. Sei que sou quase idosa...

– Não é! – gritou Cecil, com certa indignação na voz.

– Mas pretendo me lançar no mercado de casamentos após a petição ser aprovada – prosseguiu Theo –, e por essa razão não posso perder mais um ano. Isso não seria bom para mim.

– Que assim seja, então – entou de modo solene o Sr. Boythorn. – É hora de fechar essa triste passagem na história dos duques de Ashbrook. Lorde Islay pereceu no auge da juventude, mas a vida deve seguir.

E, com aquela esplêndida série de frases banais, a conversa foi encerrada.

Vida longa ao novo duque.

Capítulo 20



A bordo dos Poppys

Em 1814, os *Poppys* navegaram para a Índia sem tomar um único navio no caminho; fizeram isso apenas para provar que seus capitães não teriam problemas para lidar com as monções. Uma vez lá, vagaram até Griffin decidir que a nobre siciliana que ele conhecera (intimamente) ficaria apaixonada por gaiolas de pássaro douradas – ele encheu o compartimento de carga com elas. James descobriu uma paixão por um tempero chamado curry, por isso encheu todas as gaiolas com pacotes de açafrão e cominho.

A caminho de casa, uma tripulação pirata foi estúpida a ponto de tentar capturá-los, por isso Jack e Griffin afundaram o navio, largaram os homens numa ilha desabitada (como era o costume deles) e navegaram adiante. A pilha de esmeraldas em um canto da cabine de Griffin revelava que os *Poppys* não tinham sido as únicas embarcações que aqueles piratas mal-intencionados haviam abordado.

Venderam as gaiolas na Sicília com um lucro exorbitante. Enviaram o curry para a Inglaterra, onde o homem deles por lá (pois agora tinham estabelecimentos para administrar seus bens em cinco países) relatou que de início o tempero foi aceito com reservas, mas que, ao final de três meses, fora vendido por setenta vezes o valor do custo.

Jack havia aprendido a controlar o gênio. Tinha até passado a pensar no pai com serenidade. A verdade é que, quando se mata certa quantidade de homens – mesmo que muitos sejam piratas assassinos –, fraude financeira parece crime de criança. E é necessário que a culpa deixe de governar sua vida.

E Daisy... Ele se percebia irritantemente incapaz de esquecer o modo encantador como ela arregalara os olhos na primeira vez em que ele tocara seus seios, para não falar de todos os anos de infância em que haviam brincado e brigado juntos. Ele falava para si mesmo que aquelas eram as memórias de um garoto chamado James, e que Jack se orgulhava de haver esquecido tudo relacionado à vida na Inglaterra, inclusive o casamento.

Então a sorte dele acabara.

Era o começo de 1816, e haviam afundado o *Groningen* a pedido do rei holandês; a embarcação naval fora roubada e estava sendo usada para pilhar navios mercantes. Tudo estava indo bem; o capitão pirata recebera a recompensa merecida, e uns poucos homens do *Groningen* ainda lutavam ardorosamente.

Jack estava prestes a bradar uma oferta de rendição quando houve um movimento à sua direita e um pirata veio rápido e firme com uma lâmina desembainhada.

Ele sentiu a faca cortar seu pescoço logo abaixo do queixo. Estranhamente não doeu, mas houve uma sensação terrível da carne se abrindo, seguida por um jato quente de sangue garganta abaixo.

Jack recuou, soltando as armas e caindo no deque. Ouviu-se o estalido de uma pistola, e o pirata com a faca foi arremessado para trás, aterrissando no chão com um baque surdo.

Então Griffin ajoelhou-se ao lado de Jack, praguejando furiosamente, gritando ordens.

Jack olhou de esguelha para ele, vendo o primo contra o sol como se este estivesse com uma auréola.

– Boa corrida – disse ele, mas as palavras não saíram.

Claro que homens que têm a garganta cortada não conseguem falar. Ele e Griffin haviam passado a se amar como irmãos, embora, sendo homens, jamais expressassem tal sentimento. Não precisavam.

Agora Griffin estava inclinado sobre ele, pressionando um tecido contra seu queixo. James fitou-o e percebeu que ele estava aterrorizado. E soube a verdade

antes de vê-la nos olhos do primo. Homens com garganta cortada não sobrevivem.

– Você *não* vai morrer – bradou Griffin, os lábios brancos, feroz como só um pirata consegue ser. – Droga, James, aguenta firme. Dicksling vai chegar num instante e vai costurar você.

James formou as palavras lentamente.

– Diga a Daisy.

Nenhum som escapou, e a dor agora inundara o corpo, provocando pontinhos negros na visão. Mas havia só uma coisa em seu coração, uma coisa que ele tinha que dizer, embora fosse chocante descobri-la.

– Daisy? – perguntou Griffin. – Sua esposa. Dizer o que a ela?

Os pontinhos negros estavam se juntando e se precipitando sobre ele, como se uma tempestade de areia de repente se erguesse do mar.

E naquele exato instante o pirata caído fez um último esforço violento: o homem se sentou e passou a faca em Griffin. Com um uivo, Griffin juntou as mãos entre as pernas. O sangue voou ao vento e respingou por todo o rosto de James.

Estava acabado, tudo acabado. Foi só então que James percebeu o que ele soubera o tempo todo.

Não conseguiu formar a única palavra que queria desesperadamente dizer.

E não havia ninguém para ouvi-la.

Capítulo 21



3 de abril de 1816

A petição para declarar formalmente o fim da vida do conde de Islay estava a caminho da Corte de Equidade quando Theo recebeu uma mensagem de um dos investigadores que retornara à Inglaterra.

A mensagem afirmava trazer notícias.

Ela se sentou imóvel, olhando para o bilhete em suas mãos.

Se James estivesse vivo, o detetive, Sr. Badger, teria escrito *encontrei seu marido* , em vez de *trago notícias* . A desolação foi sentida como um soco no estômago.

Ela chamou o novo mordomo, Maydrop, e o instruiu a solicitar ao Sr. Pinkler-Ryburn uma visita naquela tarde. O Sr. Badger revelou-se um indivíduo de pernas arqueadas e olhar feroz. Tinha-se a nítida impressão de que os criminosos deveriam lamentar muito ao descobrir que Badger estava no rastro deles.

– Ele tem barbatanas de bagre – sussurrou Cecil, mas Theo estava nervosa demais para sorrir.

Estavam sentados juntos no sofá e o Sr. Badger numa cadeira diante deles. Theo estava tão inquieta que a cabeça doía; mas o Sr. Badger arrastava-se em detalhes, sem chegar ao ponto. Levou uma eternidade explicando para onde fora designado por seus superiores, quantos homens levava consigo, quantos havia

contratado nas ilhas, quanto tempo levaria para navegar até o primeiro porto da escala.

Pela primeira vez em anos, Theo teve o impulso de roer as unhas, hábito que havia largado no período escolar.

– As Índias Ocidentais – continuou o Sr. Badger – não são civilizadas para os nossos padrões, e tive que usar de muito suborno para obter as informações que buscava.

– *Encontrou* meu marido? – interrompeu Theo.

Ela não aguentava mais esperar.

– Não, não encontrei – respondeu o Sr. Badger.

Theo engoliu em seco.

– Mas teve notícias dele.

– Acredito que ele não estava morto até 1810 – disse o Sr. Badger, voltando às folhas de papel que equilibrava nos joelhos. – Ele... bem...

Um olhar de nítida desaprovação atravessou seu rosto.

– Ele estava vivendo com outra mulher – disse Theo sem rodeios.

– Ele era um pirata.

Cecil arfou, e Theo deu um grito – ela não saberia dizer se de horror ou de surpresa.

– Isso é impossível – conseguiu ela articular um segundo depois.

O Sr. Badger lambeu o dedo e virou a folha.

– Ele era chamado de Conde por vários membros do mundo do crime. Eu gostaria de lembrar que àquela altura James Ryburn possuía o título de conde de Islay. Ele trabalhava em conjunto com outro pirata conhecido como Griffin Barry.

– Esse nome me soa familiar – observou Cecil.

– Na verdade, Barry é membro da aristocracia – declarou o Sr. Badger, lançando um olhar sombrio na direção dos dois, como se fossem responsáveis por aquele membro infame de sua classe – e, na minha opinião, levou lorde Islay para caminhos imprudentes e mal-intencionados, para não dizer criminosos.

– Criminosos! – Cecil arfou de novo. – Meu primo James jamais faria nada de criminoso! Eu apostaria minha vida nisso.

– Eu o aconselharia a não fazê-lo, senhor – afirmou o Sr. Badger. – Havia certa confusão sobre as verdadeiras atividades do Conde e de Barry; havia quem afirmasse que Barry atacava somente navios de outros piratas, pelo menos depois

que uniu forças com o Conde. Existe ampla evidência da pirataria de Barry antes de 1808, mas, depois disso, ele se especializou, se é que se pode usar o termo assim, em atacar colegas malvados, o que faz dele um “corsário” em vez de um pirata. – Ele fez uma pausa. – Para os homens que seguem as leis, existe apenas uma tênue diferença.

– Impossível! – exclamou Theo, sentindo-se feliz pela primeira vez por sua mãe não estar mais viva.

– Se esse Conde tem qualquer conexão com meu primo – falou Cecil –, então estou certo de que de fato atacaria apenas navios piratas. Sua Graça é um homem de honra e pensaria em prejudicar vidas inocentes tanto quanto em... trapacear num jogo de cartas!

Theo apoiou a mão na dele e a apertou. Se ao menos James estivesse ali para ouvir a fervorosa defesa de Cecil...

– O que aconteceu com o Conde? – perguntou ela. – Foi morto?

– Existe uma lenda e tanto a respeito do navio do homem, o *Poppy Dois*, mas ninguém soube me informar seu destino – declarou o Sr. Badger –, embora, é claro, eu tenha deixado homens lá com instruções para descobrir. Estão navegando de ilha em ilha, realizando longas investigações em cada lugar, enquanto eu retornei a toda velocidade. Tudo que apuramos até a data de minha volta para a Inglaterra é que o referido Griffin Barry teve um parceiro conhecido como Conde durante um tempo. Não muito depois disso o Conde foi substituído por um tipo temível conhecido como Jack Hawk.

– Jack! – gritou Theo. – Jack não é muito diferente de James.

Ao mesmo tempo que ansiava por um fiapo de evidência de que ele pudesse estar vivo, ela não sabia se gostava da ideia. Significaria que seu James era um pirata, um criminoso sanguinário que colocava gente inocente para andar na prancha.

– Embora eu ainda não acredite – acrescentou.

– Concordo que existe uma similaridade nos nomes – reconheceu o Sr. Badger. – Mas a semelhança acaba aí. Dois indivíduos fizeram desenhos desse Jack Hawk para mim, pois ele é bem conhecido naquelas paragens. Tem uma multidão de mulheres afeiçoadas a ele, se Vossa Graça me permite a indelicadeza. Não há possibilidade de o Conde e Jack Hawk serem a mesma pessoa: conforme

as descrições, Jack Hawk é um sujeito monstruosamente grande, de cabeça raspada e tatuagem abaixo do olho direito.

– *Tatuagem?* – repetiu Cecil.

– O que é uma tatuagem, pelo amor de Deus? – perguntou Theo.

– É uma decoração feita na pele com a utilização de pigmento e agulha – explicou o Sr. Badger. – Considero muito improvável que um inglês, em especial um nobre, se submetesse a procedimento tão bárbaro, doloroso e indelével. Vi alguns exemplos enquanto estava nas ilhas, e eram bastante selvagens.

– Concordo com o senhor que podemos descartar a possibilidade de que esse pirata e lorde Islay sejam a mesma pessoa – disse Theo. – De fato, considero sua suposição anterior igualmente improvável. O fato de Griffin Barry ser membro da aristocracia é evidência insuficiente para presumir que um criminoso chamado Conde pudesse ter qualquer ligação com meu marido.

– Temo que não possamos oferecer uma recompensa nem sequer parcial por essa informação – concordou Cecil, intervindo. – Lorde Islay nunca foi um pirata; considero a suposição improvável, para não dizer um insulto à memória dele.

Theo deixou a referência à “memória” passar; Cecil considerava cada vez mais difícil falar do primo no presente. Ela entendia; afinal, quase sete anos haviam se passado.

– Fui interrompido antes que pudesse apresentar uma prova – observou o Sr. Badger, com o olhar satisfeito de um gato que só deixou sobrar o rabo do rato.

Ele tirou do bolso interno do casaco um saquinho de flanela que tratou de abrir.

Ele continha um medalhão.

Dentro do medalhão... um cacho de cabelos cuja cor ia do cobre ao castanho-avermelhado.

– Não entendo o significado desse objeto que o senhor está segurando – falou Cecil, reclinando-se com um aceno de mão. – Um medalhão embaçado com uma mecha de cabelo...

Ele olhou para Theo a seu lado e ficou mudo.

– É meu cabelo – disse ela, movendo os lábios com dificuldade. – James cortou esse cacho na noite do nosso casamento. Na verdade, na manhã seguinte. – Ela estendeu a mão. – Posso, por favor?

O Sr. Badger entregou-o. Conforme observara Cecil, o medalhão estava embaçado e não era valioso. No entanto, não havia como não identificar o cabelo. Ela passara anos demais se queixando de suas mechas esquisitas para confundilo.

– Não é necessariamente o seu cabelo – declarou Cecil, espiando. – Concordo que existe certa semelhança, mas sua cor é muito mais clara que essa, minha cara.

– James cortou da parte de baixo, para que ninguém pudesse notar. O cabelo é mais escuro, mas você vê que possui toda a esquisitice do meu. Como uma zebra amarela, James sempre dizia.

Para sua aflição, Theo ouviu a própria voz tremer.

– Por Deus, onde o senhor encontrou isso? – perguntou Cecil ao Sr. Badger, ao mesmo tempo que dava um braço para Theo apertar. – Não que eu considere que seja de fato o cabelo de lady Islay.

– Aparentemente foi roubado do homem chamado Conde. Deixei claro que pagaria 100 libras, uma pequena fortuna naquelas terras, para qualquer prova da existência do duque. Ao longo de minhas investigações, ampliei a oferta, incluindo quaisquer detalhes sobre o pirata chamado Conde. Isso me foi trazido como resposta.

– O senhor não sabe o que aconteceu com o homem? – murmurou Theo.

Com dedos trêmulos, ela fechou o medalhão. O simples ato de olhar para aquele cabelo trouxe de volta a extrema alegria daquele dia. Ela nunca mais sentira nada como aquilo de novo.

O Sr. Badger balançou a cabeça.

– O *Flying Poppy* não foi visto naquelas paragens por uns bons três ou quatro anos, o que não é tão extraordinário. Griffin Barry opera em todos os mares, Vossa Graça. Falam dele desde a Índia até perto do Canadá. Chamam-no de “peixe voador” e coisas do tipo.

– E, quando o *Poppy* voltou, o Conde se fora.

– Exatamente. A grande dificuldade é que o *Poppy* não foi visto nos últimos dois anos, tampouco ouvi histórias a respeito dele. Assim, existe uma chance de que Barry tenha ido para o fundo do mar, levando consigo a verdade sobre o que aconteceu com lorde Islay.

Seguiu-se um silêncio. O Sr. Badger chegara, enfim, à conclusão de sua narrativa. Foi Theo quem disse o que havia a ser dito.

– Ele se foi.

Os dedos fecharam-se com força em torno do pedacinho de metal barato e opaco.

– James está morto.

O Sr. Badger assentiu, com olhar solidário.

– Temo que seja este o caso. Pirataria é uma atividade terrível, e fico impressionado por milorde ter sobrevivido por tanto tempo. Lorde Islay estava em evidente desvantagem, cercado de foras da lei que são capazes tanto de dar um tiro pelas costas quanto de fazer um cumprimento civilizado.

– Essa é uma pergunta bastante infeliz, mas temo que deva ser feita – interveio Cecil. – Existe alguma chance de que meu primo tenha deixado um filho em algum lugar nas ilhas? Muito me desagrada a ideia de um Ryburn crescendo em circunstâncias tão desfavoráveis.

O coração de Theo quase parou.

O Sr. Badger estava fazendo que não a cabeça.

– É Jack Hawk quem leva jeito com as mulheres. Pelo que sei, aquele infame espalhou vários filhos pelas Índias Orientais; ele tem uma reputação que sugere isso. Já o Conde tem personalidade bastante diferente.

– Qual? – perguntou Theo, sentindo o coração despedaçado.

– Não se sabe nada a respeito de ele ter visitado alguma mulher – informou o Sr. Badger, os olhos agora muito solidários. – Os fatos indicam que, ao embarcar naquela carreira deveras incomum, lorde Islay não tenha descartado todas as qualidades que distinguem um cavalheiro inglês. E, claro, conservou o medalhão.

– Fico feliz que o velho duque não esteja vivo para ouvir essa história – murmurou Cecil. – Isso o teria levado ao túmulo.

Um soluço tão forte subiu pela garganta de Theo que ela sentiu a boca se envergar. James estava morto, assassinado por um pirata, o corpo provavelmente jogado ao mar. E havia mantido junto a si, ao deixar a Inglaterra, o cacho de cabelo dela. Theo não estava conseguindo suportar...

Ela se levantou e a mão de Cecil escorregou de seu braço.

– Se me dão licença – conseguiu dizer, as lágrimas deslizando pelo rosto.

O Sr. Badger assentiu, pondo-se de pé. Sua fisionomia era a de um homem que tinha acabado de dar notícias terríveis.

Cecil lutava para se erguer do assento baixo.

– Vá – disse ele, meio arquejante. – Vou conversar com o Sr. Badger por mais alguns minutos. Mandarei chamá-la mais tarde, minha cara.

Theo correu para fora da sala, o medalhão preso em sua mão.

Capítulo 22



30 de maio de 1816

*Câmara dos Lordes
Londres*

O Rei de Armas da Jarreteira, responsável por comportamento e precedência na Câmara dos Lordes, estava temendo o dia que tinha à frente.

– Tenho que colocá-los em fila para entrar na Câmara – disse sir Henry Gismond à esposa, inquieto, por sobre a torrada e a geleia. – São quase duzentos ao todo, e vão ficar perambulando, especialmente os mais velhos. Tenho horror a essas ocasiões formais.

Lady Gismond assentiu. Ela sabia que seu amado Henry detestava, mesmo que se deleitasse com a chance de se exibir como o principal conselheiro da Coroa em questões de cerimônia e heráldica.

– É uma ocasião muito triste. Lorde Islay era um rapaz adorável, segundo todos dizem. Detesto pensar nele perdido naqueles mares cruéis.

– Os bêbados são os que causam mais problemas – prosseguiu Gismond em sua linha de raciocínio. – Você não imagina quantos deles escondem um frasco debaixo daquelas túnicas vermelhas, minha cara. É chocante. Preciso adverti-los na hora.

– Hoje não vão bebericar – disse milady com firmeza. – Com que frequência um nobre é declarado presumidamente morto? E lady Islay em pessoa estará na

audiência. Estou certa de que todos respeitarão sua angústia ao dar adeus ao jovem esposo. Dizem que foi um casamento por amor, sabia?

Foi necessária a ajuda de sete arautos, mas Gismond conseguiu ordenar os nobres em fila, prontos para a procissão rumo à sala formal da Câmara dos Lordes: duques formando par com duques e condes com condes.

– Como a famigerada Arca de Noé – resmungou Gismond para si mesmo, não pela primeira vez. – Vossa Graça deve permanecer em posição – disse ele, pondo as mãos num nobre idoso e surdo.

Ele pôde enfim dar um suspiro de alívio quando a trombeta convocou formalmente os nobres. Marchou através das portas como uma mãe pata imponente, liderando duas fileiras retas de nobres grasnando. A luz do sol jorrava das janelas altas abobadadas, ricocheteando nos candelabros dourados que pendiam do teto.

Deparou com uma cena gloriosa ao se virar no alto da sala e observar os nobres trajados em carmim e arminho ocuparem os bancos. Lorde Fippleshott parecia ter colocado mal os óculos, e Sua Graça, o duque de Devonshire, estava abanando os dedos para a Galeria de Espectadores, naquele momento totalmente ocupada pelas senhoras da nobreza. Mesmo assim estavam todos concentrados e ninguém parecia ter exagerado no brandy durante o almoço.

Pena que a sala só lotava e assumia esse ar de excitação quando se tratava de alguma morte – um nobre acusado de assassinato, por exemplo, ou presumidamente morto, como agora. As senhoras da nobreza também tendiam a comparecer em casos de testamento e ilegitimidade. Era apenas nas votações de rotina que ninguém se dava o trabalho de aparecer. Mas esse era um pensamento indigno, e ele o descartou.

Houve uma pausa até todos se acomodarem e então um arauto avançou a passos largos pelo corredor com a jovem condessa de Islay atrás de si. Ela jamais se tornaria duquesa agora, recordou-se Gismond, sentindo uma pontinha de comiseração. Mas lady Gismond – que lia os jornais de escândalo com o tipo de concentração que alguns reservavam para a Bíblia e outros para o programa das corridas – estava apaixonadamente apegada à ideia de a condessa se casar de novo.

– Ela precisa de um homem – dissera lady Gismond naquela manhã. – Jamais houve qualquer escândalo com o nome dela, mas a pobre mulher não terá filhos se

isso se arrastar por muito mais tempo.

Todos os nobres se levantaram quando a condessa, inteiramente vestida de luto, se dirigiu para a frente da Câmara e fez reverências, primeiro à Galeria de Espectadores, depois aos nobres reunidos e então ao lorde chanceler. Concluídas as formalidades, ela se retirou para um canto reservado às mulheres da nobreza e sentou-se ao lado do Sr. Pinkler-Ryburn.

Gismond reservou um instante para, de modo discreto, observar a condessa, pois sua esposa exigiria todos os detalhes do traje da nobre quando ele chegasse em casa. Mas Gismond não pôde ver nada de extraordinário. Ela era alta e parecia ser magra, mas era difícil saber, já que provavelmente estava usando quatro ou cinco anáguas. Ela se destacava como uma gota negra em meio ao brilho. Como não era exigido que se usassem túnicas, as senhoras da nobreza costumavam vestir sua fortuna; portanto os bancos reservados para elas cintilavam.

O sargento das armas pediu silêncio com voz retumbante, dando início à cerimônia formal que abria os trabalhos (e cada instante dela eletrizou a alma cerimoniosa de Gismond). Por fim, ele se ajoelhou e entregou ao lorde chanceler o cetro de seu cargo.

O lorde chanceler sentou-se no *woolsack* – uma cadeira sem encosto com vaga semelhança com um trono –, localizado ligeiramente acima dos assentos dos nobres, agora acomodados em seu arminho e dourado nos bancos carmins.

Ele se levantou.

– Honrados sejam os lordes espirituais e temporais reunidos no Parlamento – proferiu milorde, a voz preenchendo o enorme salão sem grande esforço. – Estamos reunidos e convocados com a incumbência de uma tarefa solene: determinar se o nobre par, o conde de Islay, herdeiro do ducado de Ashbrook, deve ou não ser declarado morto no mar. Adotamos os esplendores medievais do escarlata e do arminho em honra dele, em resposta à petição de “ausência e morte presumida” submetida por seu pesaroso herdeiro, Sr. Cecil Pinkler-Ryburn, que muito adequada e acertadamente expressa o mais profundo pesar diante desse possível trágico evento.

Houve um pequeno murmúrio de aprovação e o Sr. Pinkler-Ryburn mexeu-se pouco à vontade no banco logo abaixo de Gismond, que, de forma instintiva, começou a calcular a quantidade de arminho necessário para adornar a túnica

escarlate que cobriria estômago tão magnífico uma vez que o homem se tornasse duque. Mas, fazendo justiça a Pink (como todos pareciam chamar o herdeiro), ele não exibia o mais leve ar de triunfo ou alegria.

– Daremos a nosso par ausente o título de duque de Ashbrook por questão de cortesia – prosseguiu o lorde chanceler –, visto que seu honrado pai morreu após o rapaz deixar a Inglaterra e provavelmente depois de seu único filho já ter sucumbido às ondas. Portanto, o jovem conde de Islay jamais assumiu os títulos e deveres dos quais era herdeiro e nunca tomou assento entre nós na Câmara dos Lordes.

Ele parou para respirar e permitir que o peso de suas palavras fosse sentido.

– Sua esposa não pôde lamentar por ele em sua ausência – disse lançando um olhar paternal sobre a cabeça baixa da condessa –, não pôde assumir os deveres e responsabilidades de uma duquesa nem teve a liberdade e a proteção de uma viúva. Além disso, o próprio ducado sofreu sem a mão de seu senhor a guiá-lo.

Gismond tinha ouvido o contrário; na verdade, a maioria das pessoas estava ciente da mão orientadora da condessa para fazer da Ryburn Weavers um sucesso. Sua própria senhora estofara tudo na sala de estar com tecidos Ryburn, e eles haviam custado uma bela soma.

O lorde chanceler agora estava convocando a discussão da petição para declarar o duque de Ashbrook presumidamente morto. Conforme esperado, o herdeiro do duque, Sr. Cecil Pinkler-Ryburn, pediu permissão para falar à assembleia de nobres. Subiu os degraus e olhou a Câmara, sem falar por um instante.

Ele tinha uma estranha dignidade, a despeito de ser corpulento e um tanto insignificante.

– Estou profunda e cruelmente aflito com a solicitação para declarar meu amado primo perdido de tão brutal maneira. Concordo com essa moção apenas a pedido de lady Islay. Enquanto eu desejo evitar os deveres e responsabilidades de um duque, *ela*, é claro, deseja ficar livre, como é justo, do pesado fardo que carregou na ausência de seu marido.

Todos na sala pareceram achar que ele havia colocado muito bem a situação. Houve um murmúrio feliz e muitas plumas se agitaram satisfeitas na galeria que abrigava as senhoras da nobreza.

A assembleia então ouviu um representante do comitê que examinara a petição do Sr. Pinkler-Ryburn. Ele registrou que um total de vinte investigadores foram enviados para várias partes do mundo após o jovem conde ter desaparecido por alguns anos, e as únicas notícias encontradas a respeito dele foram de natureza inequívoca.

Visto que nada restava a ser dito, o lorde chanceler deu um passo à frente outra vez, segurando na mão direita o cetro de seu cargo.

– Com certeza apreciamos os sentimentos do Sr. Pinkler-Ryburn, pois o pesado manto de um ducado inglês sempre chega a um cavalheiro com tristeza e pesar por seu predecessor.

Nesse momento, risadinhas espontâneas foram ouvidas em várias partes da sala; parecia que os espectadores haviam testemunhado mais de um título ser assumido com deleite em vez de tristeza.

O lorde chanceler ignorou a falta de decoro.

– O poder e a força da Inglaterra não podem parar a marcha do tempo, tal como não podem impedir o movimento das marés ou o curso dos planetas.

A condessa de Manderbury usava penas de avestruz compridas que se curvavam e roçavam no rosto de lady Bury St. Edmond atrás dela. Gismond estreitou os olhos. Com certeza aquele lampejo metálico não poderia ser um par de tesouras nas mãos de lady Bury St. Edmond!

Gismond resistiu ao impulso de verificar o relógio que havia colocado discretamente debaixo do cinturão de seu cargo e deixou a voz poderosa de milorde – que progredira da referência às marés para a vontade dos céus – inundá-lo.

Naquele momento aconteceu algo, um evento sobre o qual Gismond jamais parou de falar pelo restante de seus dias. Começou com uma comoção no fundo da Câmara, onde os Yeoman Warders estavam posicionados para o caso de algum nobre errante insistir em entrar atrasado. (Era deplorável, no entanto sabia-se que acontecia.)

Porém, o recém-chegado com certeza não era um nobre. Marchando pelo corredor vinha um intruso: um homem vestindo calções pretos simples e casaco, sem luvas e sem peruca.

O lorde chanceler interrompeu-se no meio da frase em que falava dos braços do céu acolhendo o nobre desaparecido.

Gismond deu um passo nervoso à frente. De direito, ele deveria expulsar o intruso do recinto. No entanto, ele não era afeito a ações físicas; erguendo a mão, olhou para seus Yeoman Warders no fundo da sala. Eles permaneciam voltados para a frente, com os olhos baixos.

Uma leve palpitação de raiva foi seguida por uma de confusão: eles haviam sido bem treinados e sabiam que deveriam abrir exceções *apenas* em caso da admissão de um membro da aristocracia. Gismond sentiu-se empalidecer. Poderia ser um membro da classe dos jornalistas que de algum modo ousara burlar a guarda e adentrar o recinto?

Ele endireitou os ombros e se preparou para se manifestar.

O homem agora estava na frente da sala e, com uma grande passada, no próprio estrado.

Ele era grande, muito grande, mas sir Henry Gismond sabia que aquele era um momento decisivo em sua vida. Tinha que se mostrar digno do cargo e salvar a cerimônia do caos. A própria memória do jovem conde dependia disso.

– Devo pedir, senhor, que deixe essa Câmara – disse ele, sua voz competindo com o balbúcio que parecia vibrar nas paredes da sala.

O homem baixou o olhar para ele e Gismond deu, de forma involuntária, um passo atrás. O cabelo do intruso mal tocava as orelhas. Sua pele era marrom como uma noz e debaixo de seu olho direito havia a marca de um selvagem.

– Por Deus, isso não é lugar para o membro de uma tribo das Américas! – rugiu o lorde chanceler. – Homem, volte para qualquer que seja a exposição que o trouxe a este país!

Sem qualquer outra resposta a não ser um sorriso ameaçador, exibindo um clarão de dentes brancos, o homem virou-se para encarar a assembleia de nobres. Permaneceu calado. Gismond viu de relance que até os ocupantes da Galeria de Espectadores estavam de pé, esforçando-se para enxergar.

– Silêncio! – bradou o lorde chanceler. – Se puderem, por favor, tomar seus assentos, descobriremos o motivo dessa interrupção.

O falatório não arrefeceu, porém os nobres começaram a se reacomodar em seus bancos.

O tempo todo, o intruso apenas se manteve diante deles, um sorriso estranho torcendo um lado de sua boca. A mente de Gismond disparou. Ele tinha ouvido histórias sobre os povos indígenas das Américas, sua força e astúcia. Tinha até

mesmo visto um machado e uma camisa feita de camurça. No entanto, esse espécime parecia não ter arma. O que diabo...

A especulação foi interrompida.

– Ninguém me reconhece? – perguntou o homem.

Gismond nunca ouvira uma voz como aquela: poderosa, grave, um rosnado que estremecia no ar como o rugido de um urso.

A despeito da aspereza, era sem dúvida a voz de um cavalheiro inglês. As vogais eram inconfundíveis. Fez-se um silêncio mortal na sala.

Pelo canto do olho, Gismond viu o lorde chanceler se contorcer, pego entre o exercício de autoridade e um choque tão profundo que ele – como todos na sala – simplesmente aguardava o que viria a seguir.

– Como estavam tão angustiados por terem que me entregar a uma sepultura aquática – acrescentou o homem, virando-se para o lorde chanceler –, pensei que seria reconhecido.

Milorde fez um ruído que parecia o guincho de um leitão.

– Impossível!

– Inteiramente possível – retrucou o intruso.

Ele parecia estar se divertindo.

– Os braços do céu ainda não me puxaram para o seu abraço, como veem.

Uma grande agitação se seguiu à observação. Gismond esticou o pescoço para olhar a condessa, recolhida na galeria. Ocorreu-lhe que o duque desaparecido – se de fato era ele – não havia percebido que as senhoras da nobreza estavam na assistência; ele não olhara na direção delas. Gismond conseguiu apenas um vislumbre do rosto da condessa, branco como um pergaminho.

O Sr. Pinkler-Ryburn então pôs-se de pé e mais uma vez subiu ao estrado. Embora o homem que alegava ser o duque fosse uma figura feroz, o Sr. Pinkler-Ryburn tinha sua dignidade.

– Não o reconheço, senhor – disse ele.

A voz saiu cautelosa e respeitosa, o tipo de tratamento que alguém dispensaria a um leão que de repente houvesse expressado, em inglês culto, um desejo de comê-lo.

– Não nos conhecemos muito – replicou o homem.

– Se você é mesmo o duque, sua voz alterou-se para além do reconhecível.

– Ter a garganta cortada o deixa propenso a isso.

O homem inclinou a cabeça para trás. Um ligeiro arquejar tomou conta da sala quando todos viram a cicatriz perversa que se estendia pela garganta morena tão nitidamente quanto um lenço de pescoço.

Gismond teve um impulso de pôr a mão no próprio pescoço, mas lembrou a tempo da beleza imaculada de seu lenço engomado.

– Onde você esteve nos últimos sete anos? – inquiriu o Sr. Pinkler-Ryburn.

– Passando o tempo com degoladores.

O Sr. Pinkler-Ryburn empertigou-se e puxou os ombros para trás.

– Então, gostaria que me respondesse a uma pergunta, senhor: com que nome eu era ridicularizado na escola, um nome que o senhor mesmo jamais usou?

Pela primeira vez um sorriso abrandou o rosto selvagem.

– Pink – respondeu o homem. – Chamavam-no de Pink.

Se havia alguém na sala que acreditava que Pink secretamente desejava ser duque, naquele momento soube que estava errado, pois ele jogou os braços em volta do primo como se tivesse reencontrado o próprio irmão havia muito desaparecido.

Foi uma cena tão fascinante que de imediato ninguém reparou que lady Islay – agora duquesa de Ashbrook – havia desmaiado.

Foi o próprio marido, o duque ressurgido, pois era de se presumir que ele agora tivesse direito ao título, que percebeu a situação, desvencilhou-se do abraço de Pink e saltou do estrado.

Gismond cometeu a impropriedade de dar um passo à frente para enxergar melhor. (Como ele contou para a esposa pouco depois, aquilo era melhor que uma peça de teatro.)

A duquesa jazia imóvel e branca, recostada na Sra. Pinkler-Ryburn. Ela não se mexeu quando o duque se inclinou sobre ela. Um momento depois Sua Graça ergueu-se, segurando a esposa nos braços.

(– Melhor que uma peça – repetiu Gismond naquela noite. – A cabeça dela no ombro dele, tudo parecendo coisa de herói, exceto pelo fato de que nenhum herói tem aquele aspecto. – Ele não conseguia explicar. – A expressão dele era incrível, sem sinal de nervosismo ou de agitação. Como se esse tipo de coisa acontecesse com ele todos os dias da semana.)

Imbuído de confiança e desenvoltura, como se com uma capa com arremates em arminho, o duque voltou para o estrado e ficou diante dele, segurando a

esposa nos braços. Acenou com a cabeça para o lorde chanceler.

– Acredito que meu primo, o Sr. Pinkler-Ryburn, vá retirar a petição para a declaração de minha morte.

– Sim! – exclamou Pinkler-Ryburn de imediato, a voz em meio a um arquejo.

– Absolutamente. O homem não está morto. Não mesmo.

Com essa declaração, o duque jogou a cabeça para trás e riu. E, embora o gesto mostrasse aquela terrível cicatriz branca de novo, Gismond quase se viu rindo também. Mas ele nunca quebrara o protocolo dessa forma na vida e não pretendia começar agora.

Os nobres, porém... Houve uma explosão de gargalhadas incontidas, do tipo que sucede e alivia tensão acumulada.

– Ele tem um riso encantador – declarou Gismond para a esposa horas depois.

– Parece um verdadeiro selvagem, mas, quando ri, é uma risada *inglesa*.

– O que é uma risada inglesa? – perguntou ela, cética. – E o que ele estava fazendo, parado por lá e conversando com as pessoas enquanto a pobre esposa jazia desacordada? Por certo, espero e confio que *você* nunca me trate com tamanho desdém, meu caro.

Gismond afastou o pensamento de que seria totalmente incapaz de pegar a esposa no colo – ela pesava vários quilos a mais que ele –, que dirá carregá-la mais que um passo.

– Não – prometeu ele de modo solene. – Nunca.

Capítulo 23



O primeiro pensamento de Theo foi fugir. O selvagem queimado de sol no estrado não podia, simplesmente não podia ser o seu James.

O jeito como o homem ficou parado diante de todos aqueles lordes, os ombros mais largos do que os de qualquer outro, o modo como os olhos dele se moveram pela sala, a cor da pele, a tatuagem e o cabelo que não chegava nem à nuca... James não tinha aquele aspecto e não agia daquela maneira.

Mas é claro que ela estava errada. Na verdade, fora a cicatriz no pescoço de James que a convencera. Ela perdeu o fôlego ao vê-la, o coração deu um salto e a sala ficou nebulosa.

Ela retornou de um lago de escuridão para dar por si presa nos braços de James enquanto ele caminhava pela Câmara. Algo em seu âmago recordou-se, de forma instantânea, do cheiro de vento e ar livre dele, embora a voz não fosse em nada parecida com a que ela se lembrava.

Quando a confusão em sua mente começou a serenar, Theo tomou consciência de uma nota de divertimento zombeteiro na voz do marido enquanto conversava com os nobres. Em sua voz, não havia a mínima preocupação com a mulher – *esposa dele!* – em seus braços.

No mesmo instante, ela decidiu não abrir os olhos. A última coisa que queria era deparar com o semblante de pena dos presentes, dado que James não poderia ter exibido sua total falta de preocupação com ela de modo mais flagrante. Era uma experiência que ela não desejaria nem para a maior inimiga.

Presumia-se que seu marido estivera se esgueirando por Londres havia dias, aguardando o momento em que pudesse adentrar na Câmara dos Lordes como um saqueador visigodo e fazê-la desfalecer em choque.

Não que Theo esperasse que James se jogasse nos braços dela caso ela soubesse que ele estava de volta. Afinal, sua separação se dera em meio à raiva. Mas os dois eram *casados* .

Ele poderia ter interrompido aquela farsa antes mesmo do começo. Poderia ter fingido que se importava com a opinião dela, que se interessava por ela o suficiente para lhe contar que estava vivo antes de informar a uma assembleia de duzentas pessoas. Tamanha vergonha pública parecia uma punição. O coração dela batia dolorosamente em seus ouvidos. Theo se sentia tão mortificada quanto na primeira vez em que vira as gravuras da “Duquesa Feia”.

Aquilo a fez sentir-se desvalorizada e pouco amada, como se o chão se movesse sob seus pés, como se todos os anos se transformando em cisne tivessem levado a nada, anulados pelo fato de seu marido não se dar o trabalho de visitá-la ao voltar para Londres.

Ela foi inundada outra vez por toda a angústia que sentiu após a partida de James, quando todo mundo concluiu que ele não conseguira suportar permanecer casado com uma mulher tão feia. Algumas daquelas gravuras haviam retratado James fugindo e tapando os olhos com um braço. Na ocasião, Theo se sentira um zero à esquerda, e agora sentia-se assim de novo.

Ela manteve os olhos fechados enquanto James concluía a conversa, caminhava pela Câmara e para fora do prédio e a colocava com gentileza no assento da carruagem. Ele era tão grande que o veículo balançou quando ele subiu.

– Pode acordar agora – disse ele.

Havia um traço de riso na voz dele. Riso? Ele achava *divertido* fazer as pessoas que o amavam passar pela agonia de declará-lo morto?

James nunca fora impiedoso. Nunca fora desdenhoso.

Ela parou de fingir e, com um movimento brusco, sentou-se ereta e de olhos abertos. Depois de todos aqueles anos, seu marido estava diante dela de novo. Mas tudo havia mudado. James se tornara um *pirata* . Um criminoso. Os olhos dele eram sombrios e indecifráveis, mas ainda assim transmitiam arrogância e

poder. Ela não tinha dificuldade em acreditar que ele havia forçado pessoas a andar na prancha.

Os dedos dela se fecharam em torno da beirada do assento de couro, agarrando-se como se a vida dela dependesse disso.

– Meu Deus – falou ela, num murmúrio audível.

A pele dele estava bronzeada e a flor azul-escura debaixo do olho direito era hipnotizante ao se olhar de perto. Era como uma espécie de palavra estrangeira numa língua que ela não entendia.

A visão encheu a cabeça de Theo de comparações ridículas. Os ingleses não eram... Os ingleses eram brancos como lírios. Com pele *branca*. Não gravavam flores na pele.

Não James. Ele parecia cinquenta vezes mais vivo do que os cavalheiros de pele branca que haviam deixado para trás na Câmara dos Lordes. E aquela tatuagem...

Era uma flor, mas não frívola. Era sinistra. Até mesmo amedrontadora.

Theo se agarrou ao banco com mais tenacidade ainda. Nem em um milhão de anos ela pensou que poderia, um dia, ter medo do amigo de infância. Mas agora tinha. Só um idiota não ficaria desconfortável na presença daquele homem.

– Boa tarde, Daisy – disse ele, calmo como se os dois tivessem se separado havia pouco mais de um mês.

Ela não conseguia pensar no que dizer. O Sr. Badger descrevera a tatuagem como sendo de um pirata feroz chamado Jack Hawk. Ela deveria mencionar aquele nome? Então Theo olhou nos olhos dele, e o medo evaporou-se tão rápido quanto viera e uma fúria tomou conta dela. James a considerava uma distração. No rosto dele não havia o menor sinal de que reconhecesse a gravidade da cerimônia que acabara de interromper.

No entanto, ela ficara genuinamente emocionada com a declaração formal da morte dele. Lutara para não chorar, lembrando-se de como o velho duque aparecia em Staffordshire de vez em quando e perguntava se ela tinha notícias do filho. Era desprezível um filho tratar o pai com tamanha indiferença.

Com ou sem raiva, seus instintos alertaram-na para que permanecesse calma.

– Bem-vindo à Inglaterra – falou enfim.

Theo levou a mão ao véu e o soltou, colocando-o a seu lado no assento.

James apenas acenou com cabeça.

– Posso perguntar o que o fez voltar? – perguntou ela, como se ele tivesse feito uma viagem curta para o País de Gales.

– Quase morri ao ter a garganta cortada. É um lugar-comum, mas ser tocado pela morte faz um homem pensar.

– Você por certo fez uma entrada dramática.

Theo ficava orgulhosa de si quando sua voz não continha qualquer vestígio de censura. O autocontrole primoroso a fizera transpor as humilhações do passado e serviria agora. Ela se recusava *terminantemente* a deixar que James soubesse quanto sua atitude indiferente a ferira.

– Sim. Devo acrescentar que não fazia ideia de que você assistiria à cerimônia.

– Teria feito alguma diferença para você?

Ele inclinou a cabeça bem de leve para o lado, e pela primeira vez ela viu um maneirismo que reconhecia do velho James.

– Sim.

– Onde se hospedou em Londres enquanto aguardava a cerimônia?

Ele franziu a testa, parecendo confuso.

– Meu navio só atracou ontem à noite. Fui à residência primeiro, para lhe dizer que estava vivo; o mordomo fez a gentileza de informar que era melhor eu correr para Westminster ou poderia não chegar a tempo de me salvar da morte. Pelos meus cálculos, eu estaria morto há sete anos, em 16 de junho. Pensei que teria várias semanas para convencer a todos de que estava entre os vivos.

– A papelada seria liberada pela Corte de Equidade por volta da data de sua morte, garantindo assim que não houvesse um hiato entre os duques.

– Fiquei feliz por Cecil não demonstrar relutância em perder o título que quase herdou.

– Nenhuma relutância. Na verdade, ele queria esperar mais um ano.

– Então foi minha esposa quem desejou se libertar.

A voz dele não transmitiu qualquer emoção.

Ela lhe sorriu de forma polida.

– Apenas porque não havia evidência de que ainda estava vivo nem razão para presumi-la. Como lhe pareceu a casa nessa manhã?

Theo forçou-se a relaxar os dedos, mas não conseguiu mantê-los sobre o colo. Em vez disso, agarrou a alça ao lado da janela como se a carruagem estivesse

correndo e não avançando lentamente em direção à Berkeley Square.

– Fiquei lá apenas alguns minutos. Larguei a bagagem que trouxe comigo e fui direto para a Câmara.

Ela não conseguiu se deter.

– Por “bagagem” com certeza quer dizer “butim”?

– Então você sabe?

Ele riu de forma irônica e perversa.

Ela estava tão furiosa que sentiu a garganta fechar. Mas controlou a voz de novo.

– Fomos informados sobre uma possível ligação entre você e um pirata chamado Conde e outro de nome Jack... Hawk. Era isso? Cecil e eu relutamos em acreditar que você tivesse virado pirata.

Ela calou o adendo óbvio: *Que tolos somos*.

– A vida é cheia de surpresas – replicou James.

Pode ter sido a dilatação das narinas dela; os olhos de James estreitaram-se, e ele pareceu captar os sentimentos de Theo.

Mas o que ele disse a seguir não refletiu isso:

– O tráfego de Londres está terrível. Demorou tanto para eu chegar à Câmara que de fato pensei que seria forçado a fazer uma cena de ressurreição.

A carruagem finalmente estava parando.

– Fico feliz de termos sido poupados disso – comentou Theo.

– Seu mordomo falou que você saiu às sete da manhã – disse ele, manifestando certa possessividade. – A cerimônia só começou um tempo depois.

James havia sumido por sete anos e agora pensava que podia voltar como senhor da casa?

– Fiz uma visita ao túmulo de seu pai – replicou ela, pegando a bolsa e o véu enquanto um cavaleiro abria a porta da carruagem. – Ele perguntava com frequência sobre você antes de morrer. Nesta manhã, quis contar a ele antes de tomar a atitude de declará-lo morto. Um gesto tolo. Em todos os sentidos, na verdade.

Pela primeira vez ele vacilou; Theo viu um lampejo de dor profunda nos olhos dele.

E ficou contente. Ao descer da carruagem, ficou chocada por ficar tão contente. Sentiu-se tão sanguinária quanto qualquer pirata.

Havia mais uma coisa que ela precisava esclarecer. Bem, havia muitas, mas essa não podia esperar. Na entrada, ela acenou com a cabeça para Maydrop, e ele prontamente abriu a porta da sala de estar.

James seguiu-a e, quando ela se virou para encará-lo, ele apenas olhou para ela, aguardando, uma sobrancelha arqueada. Theo se lembrava daquele olhar. Anos antes, a sobrancelha arqueada evidenciara a curiosidade de um garoto; agora, assinalava claramente a suprema arrogância de um homem.

Por um instante o coração dela hesitou: o que deveria fazer? Ela *não* viveria com um pirata; um arremedo de duque, um bárbaro com uma cicatriz. Theo era, provavelmente, a mulher mais controlada – ou a mais refinada, se poderia dizer – que ela conhecia, mas naquele momento seu coração batia tão rápido que parecia prestes a saltar do peito. Ainda assim, ela se conteve.

– O investigador que lançou a hipótese de que você fosse o Conde estava certo de que não podia ser Jack Hawk – disse ela, tirando as luvas para não ter que olhar para ele.

Mas podia vê-lo através dos cílios. Estava reclinado contra a parede de um jeito que nenhum cavalheiro ficaria.

– Seu investigador errou.

– Um dos motivos para tal conclusão foi que Hawk, se entendi direito o que ele quis dizer, deixou filhos ilegítimos por todas as Índias Orientais.

Ela então o encarou, abandonando qualquer pretensão de civilidade e certificando-se de que seus olhos expressassem o desprezo que sentia por um homem que não se dispusera a retornar para casa nem mesmo para consolar o pai idoso; por um homem que, pelo que ela ouvia sobre piratas, não apenas roubava para viver, como mandava pessoas andarem na prancha rumo a uma sepultura nas águas. Por um homem que havia traído os votos do casamento e abandonado os próprios filhos, incivilizados e ilegítimos que fossem.

James ficou calado por um momento. O menino de quem Theo se lembrava teria cedido ao olhar dela, mas o homem apenas cruzou os braços sobre o peito e olhou para ela, pensativo.

– Você parece furiosa. Quando deixei a Inglaterra você estava exatamente desse jeito. Eu esperava que o tempo tivesse amenizado seu desgosto.

– Eu estava furiosa porque você tinha se casado comigo sob falsos pretextos. Nosso casamento foi irrelevante para mim durante anos, mas parece que foi ainda

mais irrelevante para você. Posso garantir que agora não sinto mais do que um leve aborrecimento por sua trapaça. Então, vou perguntar de novo, duque: deixou filhos para trás? Ou os trouxe com você? Sua prole é a *bagagem* que mencionou?

O silêncio demorado que caiu sobre a sala de estar tinha algo de feroz.

– Seu investigador errou – repetiu James, quando Theo já estava prestes a ir procurar crianças pela casa. – Não tenho filhos, ilegítimos ou não.

– Mesmo? – perguntou ela friamente. – Tem certeza? Devo acreditar que você se preocupou em verificar nove meses depois de deixar a Inglaterra?

– Mandei um homem fazer isso.

– Uma pena não ter pedido a esse homem para assegurar ao duque que você estava a salvo.

A última coisa que Ashbrook pensara fora no filho que havia desaparecido, mas ela não mencionaria isso naquele instante. Seria cruel demais.

– Não pensava em meu pai como um velho. Foi estupidez de minha parte, porém nunca imaginei que ele poderia morrer antes que conseguíssemos nos reconciliar. Esse é um de meus muitos arrependimentos – falou James em tom despreocupado. – Na verdade, a notícia da morte dele transformou o Conde em Jack Hawk.

Ela esperou, mas ele não se aprofundou no assunto. Aparentemente, ele não se sentia na obrigação de explicar mais nada para ela. Theo saiu da sala e subiu as escadas sem mais uma palavra.



Meia hora depois, deitada na banheira, Theo pensava na solução óbvia para essa inimaginável reviravolta nos acontecimentos. Sentou-se tão rápido que a água escorreu de seus ombros e pingou no chão.

– Pois não, Vossa Graça? – perguntou Amélie, virando-se para olhar sua senhora, de onde estava dobrando meias.

– Por favor, peça a Maydrop para chamar meu advogado, o Sr. Boythorn – disse Theo, levantando-se. – Gostaria que ele me atendesse no primeiro horário da manhã.

Claro que se poderia dissolver uma união se um cônjuge retornasse após uma ausência de anos com a reputação de pirata. Em circunstâncias comuns era difícil

– quase impossível – obter um divórcio. No entanto, aquela não era uma circunstância comum.

Na realidade, ela estava certa de que seus argumentos triunfariam. O próprio regente dissolveria o casamento se nenhum outro o fizesse. Ele fizera isso pela esposa de lorde Ferngast depois de este entrar para a Família do Amor e exigir que ela compartilhasse a cama com todos e qualquer um. E lorde Ferngast não havia *assassinado* pessoas.

Londres poderia estar temporariamente deslumbrada pelo retorno inesperado do novo duque de Ashbrook, mas todo mundo sabia o que acontecia com piratas capturados: eram enforcados.

Ela estava refletindo sobre isso quando a porta se abriu, e a camareira virou-se com um grito. Theo voltou-se de modo mais lento.

Mas voltou-se, nua e molhada como estava. O corpo absurdamente grande de James preenchia o vão da porta. Enfurecendo Theo, ele a olhou de alto a baixo, sem pressa.

– Amélie – falou ela com certa rispidez –, pode pegar uma toalha, por favor?

Com um soluço de agitação, a camareira colocou uma toalha nas mãos de Theo e outra em torno dos ombros.

Os olhos de James ainda eram azuis. Mas inexpressivos, os olhos de um estranho.

– Na sociedade civilizada – declarou Theo enquanto se embrulhava na toalha – é *de rigueur* bater à porta de um aposento compartilhado antes de entrar.

A seguir, foi até a porta que conduzia a seu quarto e fechou-a atrás de si.

Capítulo 24



James desceu as escadas, a cabeça rodopiando como um moinho de vento numa tempestade. Ele havia esquecido como Daisy era branca e rosada. Sua pele era como o miolo de uma delicada rosa inglesa. Ele havia esquecido da curva de seu quadril e do comprimento de suas pernas.

Ele se forçara a esquecer essas coisas, mas agora todas explodiam de novo em sua mente, todas as coisas que ele amava nela desde o tempo de garoto. A estrutura óssea primorosa... o arco do lábio superior... a amplidão escura dos cílios. A alma dele cantou ao vê-la, e não apenas de desejo carnal.

Maldição .

Era óbvio que ele jamais a esqueceria de verdade.

Um detalhe o deixara com o coração apertado. O olhar dela quando o viu. Havia surpresa e raiva, e ele esperava isso. Mas também havia medo. *Medo?* Sua Daisy? Ele abandonara aquela mulher fascinante e navegara para longe. E naquele instante, ao chegar ao pé da escada, ele percebeu com absoluta certeza que jamais iria – nem conseguiria – navegar para longe de Daisy outra vez.

Ela era seu coração, sua outra metade. Preenchia todo o vazio de alma que ele tentara desesperadamente preencher com escapadas piratas e mulheres alegres.

E ela tinha medo dele.

Ele confiara em sua capacidade de superar a fúria dela. Agora se sentia destruído. Daisy o *conhecia* . Como era possível sentir-se ameaçada por ele?

Sua mente providenciou a resposta. Porque ele a *ferira* , ainda que apenas emocionalmente. Com certeza ela não pensava que ele pudesse vir a machucá-la

fisicamente. James ficou arrasado com o pensamento e cerrou os punhos para fazer os dedos pararem de tremer.

Claro que as outras pessoas o temiam: ele era um pirata. Era grande, tatuado e mantinha a cabeça raspada – embora o cabelo estivesse começando a crescer de novo. Nunca lhe passara pela cabeça que Daisy pudesse temê-lo.

Ela era a única que sempre o amara pelo que ele era, que sempre enxergara o que se escondia sob sua bela voz e seu belo rosto. Até sua mãe gostava de exibi-lo na sala de visitas, persuadi-lo a cantar para as visitas e chamá-lo de “meu tesouro”.

Ele marchou para a biblioteca, percebendo que a sala parecia um tanto diferente. Como podia ter deixado Daisy? Onde estivera com a cabeça nos últimos sete anos?

Os dias haviam sido longos, por vezes preenchidos com aventuras violentas, mas de algum modo os anos tinham sido curtos.

Ele parou diante da janela, o coração batendo de forma estranha, fazendo com que se sentisse um pouco nauseado. Não podia ser tarde demais.

James a reconquistaria.

Por um momento imaginou-se ajoelhando aos pés dela, mas descartou a ideia com a mesma rapidez. A única coisa que ele jamais faria seria suplicar. Quando criança, ele suplicara por afeto, porém seus pais jamais notaram. Cantara de todo o coração para a mãe na esperança de que ela lhe fizesse um carinho ou lhe desse um sorriso.

A dor em seu peito surpreendeu James, e ele cerrou os dentes diante de seu reflexo no vidro da janela. Estava agindo como um palerma sentimental. Reconquistaria Daisy sem se prostrar. As mulheres não queriam saber de homens tolos ou frouxos. Se ela não o respeitasse, nunca o aceitaria de volta.

Mas não havia nada a respeitar em um homem que sentia o corpo inteiro em chamas só de olhar para a esposa, tendo como único pensamento o anseio de lambe cada gota d’água do corpo dela. Ele gostaria de carregá-la para a cama e...

E suplicar para que o amasse do jeito que havia amado um dia.

O estômago dele se retorceu. James teve um momento de clareza que dividiu o mundo em duas partes: uma em que Daisy sorria para ele, outra em que ela o abandonava, assim como ele fizera.

A segunda era o inferno. E a primeira...

A expressão amedrontada de Daisy voltou à mente dele como um soco.

Na verdade, ele tinha a aparência de um selvagem e soava como um estivador. Mas não precisava agir como nenhum dos dois. De repente percebeu que o que devia fazer era agir como o maldito verme Trevelyan. Daisy sempre adorara o jeito sarcástico de Trevelyan, embora aquilo mascarasse (na opinião de James, a qual Daisy jamais pedira) uma falta de confiança extrema. Talvez até ódio de si mesmo.

Um riso sombrio partiu de sua garganta. Quem estava carecendo de autoconfiança agora era *ele*. Ainda assim, contanto que Theo jamais descobrisse o calcanhar de Aquiles dele – *ela mesma* –, James poderia seduzi-la com uma conversa sagaz. E então, quando conseguisse levá-la para a cama, poderia atizar a antiga afeição que ela tinha por ele.

Primeiro Theo precisava enxergá-lo como o tipo de homem que queria, não como um idiota suplicando por atenção ou sexo. Tampouco como um pirata aterrorizante. Ele tinha que ser polido. Divertido. Refinado.

Todas as coisas que ele não era; porém James afastou essa ideia. Mais tarde ela poderia descobrir a besta primitiva que ele de fato trazia em seu âmago. Por um tempo ele podia se fazer de culto. Provavelmente.

Ele repassou o plano, elaborando-o, considerando contingências, testando cada fase em sua mente com o mesmo cuidado que tinha ao avistar um navio pirata. Graças às incontáveis vezes que ele e Griffin se viram na companhia da realeza, James estava de posse de todo tipo de traje que Daisy apreciaria.

Ela com certeza se reinventara; era como uma taça de prata polida, cada centímetro transmitindo elegância clássica. E controle. De fato, exibia uma enervante semelhança com um general sensual, caso fossem permitidas mulheres no exército de Sua Majestade.

James a preferia sem roupa. Sua mente reviveu a imagem dela de pé na banheira e o membro dele instantaneamente enrijeceu. Filetes de água deslizavam pelas coxas de Daisy. Ele quis cair aos seus pés e afagar aquelas coxas... e tudo entre elas.

Mais do que isso, ele queria *estar* com ela, ser o primeiro a compartilhar suas ideias brilhantes e opiniões ferozes. Em todas as suas viagens, ele nunca conheceu ninguém, nem mesmo Griffin, com quem gostasse tanto de conversar

quanto apreciava conversar com Daisy. Agora que a vira de novo, era como se todos aqueles anos a bordo tivessem sido um sonho: a realidade estava *aqui* . Ele queria envelhecer com ela – ou não envelhecer em absoluto.

Ele estava numa grave encrenca.

Capítulo 25



No momento em que fechou a porta, Theo girou, esperando que James abrisse e entrasse. Afinal, ele chegara inadvertidamente ao quarto de banho. *Por que* ela nunca dividira o cômodo espaçoso em dois, um para cada quarto de dormir? Pensara a respeito durante anos. Em vez disso, havia instalado um novo sistema de água encanada e uma gloriosa banheira de cerâmica feita na propriedade.

Theo ouviu o som dos passos recuando para o quarto dele e pelo corredor. E disse a si mesma que estava contente. Talvez ele tivesse esquecido que o banheiro era compartilhado. De agora em diante, respeitaria a privacidade dela.

Ela se vestiu com calma, não se permitindo imaginar as garotas roliças das ilhas, com curvas que o corpo dela jamais teria.

Theo pretendia ficar em casa à noite em honra da memória de James. Mas agora não havia um finado a lamentar e, portanto, nenhum motivo para ficar em casa. A grande verdade é que Theo não conseguia encarar a ideia de ter James diante de si durante todo o jantar. Queria desesperadamente fugir.

Mandou Amélie comunicar a Maydrop que iria ao teatro, então colocou um vestido de noite feito de seda verde-oliva que cintilava à luz das velas. A seda caía a partir do corpete, mas, em vez de armar, era cortada em viés, abraçando cada curva do corpo dela.

O corpete era drapeado debaixo dos seios e arrematado com renda de tom cobre-escuro que faiscava com contas pretas brilhantes e se abria em mangas curtas. O cabelo estava totalmente puxado para trás. Theo despachou com um aceno o colar de rubi que Amélie ofereceu. Não queria tirar o foco do seu rosto.

No entanto, enfiou um rubi na mão direita, um presente que dera a si mesma quando a Ryburn Weavers registrou seus primeiros mil guinéus de lucro.

O que melhor para lembrar esse marco do que usar uma boa porcentagem dele no dedo?

Por fim, Amélie sacou um pincelzinho e aplicou com habilidade uns poucos toques estratégicos de maquiagem. A última coisa que Theo queria era tentar parecer feminina de modo convencional, mas havia descoberto que uma linha fina de *kohl* deixava seu olhar profundo e misterioso.

Após uma olhada final no espelho, ela sentiu a confiança restabelecida; confiança duramente conquistada enquanto arrancava os bens da insolvência, enquanto conquistava a corte francesa, enquanto ganhava o respeito da aristocracia inglesa.

A desconsideração do marido – manifestada tão abertamente diante do corpo de nobres em assembleia – não poderia diminuir seus feitos.

O mordomo aguardava no pé da escada.

– Sua Graça está na biblioteca – anunciou, a preocupação estampada no rosto.

– Obrigada – replicou Theo. – Confio em você para tranquilizar a criadagem, Maydrop. O retorno do duque é inesperado, para dizer o mínimo, mas estou certa de que ele não fará mudanças nos arranjos domésticos.

Ele assentiu.

– Sua Graça não trouxe um valete, então me incumbi de solicitar ao cartório que envie três candidatos adequados amanhã de manhã. Coloquei a visita do duque no...

– *Visita?* – interrompeu Theo.

Ela sentiu o sangue esvair-se do rosto. Por mais selvagem que James tivesse se tornado, com certeza não teria trazido uma mulher das Índias Ocidentais!

– Sir Griffin Barry – informou Maydrop rapidamente. – Deduzo que Sua Graça e sir Griffin fossem parceiros nos últimos anos. Coloquei sir Griffin no quarto rosa.

– Excelente – disse Theo, a voz bastante fraca.

Ela sentiu um desejo enervante de correr porta afora tão rápido quanto pudesse. Seu marido não só havia retornado, como trouxera consigo o companheiro de crimes – e o Sr. Badger não havia dito que Barry tinha uma reputação ainda mais desagradável que a de James?

Os policiais estariam batendo à porta deles ao meio-dia do dia seguinte. Havia anos ela não sentia de forma tão aguda a falta do apoio da mãe. Até o velho duque seria uma presença bem-vinda ao lado dela.

– Vossa Graça, creio que seu plano de ir ao...

Theo ergueu a mão e Maydrop se calou.

– Mais tarde, por favor.

Ela deveria confrontar James antes de fugir correndo.

Entrou na biblioteca antes que mudasse de ideia.

Theo redecorara a sala após a morte do pai de James. Não havia nada que a fizesse recordar-se do momento de humilhação que despedaçou seu casamento, quando os olhos do velho duque encontraram os dela ajoelhada diante do filho dele, prestando-lhe um favor que a fazia estremecer só de pensar.

Naquele tempo a sala era toda de madeira escura e as cortinas tinham tom carmim. As únicas peças de arte eram retratos de cães de caça havia muito falecidos. Agora, as estantes do chão ao teto alternavam painéis brancos com inserções em azul, cada um pintado com um conjunto diferente de imagens fantásticas inspiradas nas descobertas em Pompeia.

As cortinas, desnecessário dizer, haviam sido produzidas nos teares Ryburn. Também eram listradas em azul e branco, com florezinhas ao longo do azul.

Quaisquer pastoras de porcelana que houvessem escapado à fúria do duque anterior havia muito tinham sido banidas para o sótão; em vez disso, os olhos pousavam em cerâmicas Ashbrook, cujos temas gregos e romanos proporcionavam um contraponto ao grotesco pintado na parede.

Theo sabia o que estava fazendo quando inspecionou a sala em vez de olhar para o homem que a ocupava: estava tão nervosa que procurava se tranquilizar catalogando os próprios sucessos.

James estava sentado à mesa que ela usava para fazer seus relatórios, aparentemente escrevendo uma carta. Deixara o casaco de lado e arregaçara as mangas da camisa.

Theo respirou fundo.

– Boa noite, James.

Quando ela falou, ele ergueu os olhos da folha de papel e se levantou. Parecia não ter abandonado por completo a conduta de um cavalheiro inglês.

– Daisy – disse ele.

Saiu de trás da mesa e beijou a mão que ela estendeu.

Enquanto ele se erguia, ela o estudou de forma atenta e sem pressa.

– Meu nome é Theo – informou, com voz de quem não tolerava mal-entendidos. – Meu Deus, James, você mudou. Não é de espantar que não o tenha reconhecido hoje de manhã. Posso lhe oferecer um cálice de *sherry* ?

Theo se dirigiu para onde estavam as garrafas e tirou a tampa de uma.

– Raramente bebo – falou James ao lado dela.

Theo deu um pulo e deixou cair a rolha de vidro. Com o reflexo veloz, ele a pegou.

– Posso? – perguntou, pegando a garrafa da mão de Theo e servindo um cálice. – Vejo que você tem três tipos de brandy, o que sugere que seja diferente das outras damas no gosto por bebidas, assim como é em outros aspectos.

Theo se questionou se ele estava tentando desconcertá-la, aludindo à sua falta de beleza inglesa, mas descartou o pensamento tomando um gole generoso de *sherry* e deixando a bebida aquecer sua garganta.

– Seu primo Cecil gosta muito de conhaque; sempre tenho uma garrafa aqui para ele – revelou Theo, caminhando até o sofá que substituiu o canapé rococó que ela jogara fora.

Sentou-se e observou o estranho que se dizia seu marido servir-se de um cálice de Porto e então vir juntar-se a ela. Quando ele se aproximou, ela inclinou a cabeça para trás para enxergá-lo em toda a sua altura.

– Você ficou espantosamente grande.

– Sim.

James se sentou ao lado dela, e Theo se afastou do calor da coxa dele.

– No começo dos 20 anos, de repente cresci mais alguns centímetros. A única explicação que posso dar para isso é o ar marítimo.

E então o sofá pareceu de fato muito pequeno. Theo tomou mais um gole reconfortante de *sherry* , então inclinou-se para ele e examinou a bochecha.

– Deduzo que seja uma papoula debaixo de seu olho.

Ele assentiu.

Embora ela preferisse morrer a admiti-lo, a tatuagem tinha uma espécie de apelo primitivo.

– Sir Griffin tem o mesmo emblema gravado no rosto?

Ela estava lidando muito bem com a situação. Quantas mulheres tinham a oportunidade de conversar com um pirata ou a possibilidade de ter dois deles sob seu teto? Com certeza, ela era a única aristocrata inglesa a se ver casada com um homem desse ramo. Ia dar tudo certo, disse a si mesma. James deixaria a Inglaterra – sem dúvida preferiria partir a ser enforcado – e a vida dela voltaria ao normal.

– Tem – respondeu James, de modo tão casual como se ela houvesse perguntado sobre um lenço.

O pescoço dele emergia da camisa tão desnudo e moreno quanto o dos trabalhadores no campo.

– Você se preocupa com o fato de que a carreira que seguiu possa levar a situações desagradáveis? – perguntou ela.

– Que situações?

– Dada a natureza nada ortodoxa e, ousado dizer, ilegal de suas atividades, acho que os policiais virão até nós. Ou oficiais da Marinha Real. Quem quer que lide com piratas.

Ele se recostou no canto do sofá e riu sobre o cálice de vinho.

– Com o que eu deveria me preocupar?

– Com a possibilidade de balançar na ponta de uma corda. Pelo que sei, pirataria é punida com a morte.

Ela tomou mais um gole de *sherry*.

– Sim – disse James, soando bastante despreocupado. – Suponho que seja o caso. Sob circunstâncias normais.

– E você não está preocupado?

– Nem um pouco. Como foram os últimos sete anos para você, Theo?

– Fatigantes – respondeu, optando pela franqueza em vez de ser evasiva. – A vida ficou bem difícil depois que você deixou o país. Mas ficará feliz em saber que a Ryburn Weavers e a Ashbrook Ceramics agora são empreendimentos prósperos. Quando consegui fazer as duas operarem tranquilamente, me mudei para Paris, de onde voltei no ano passado. Pensei... – Ela se deteve.

– Pensou em entregar os bens para Cecil – disse James. – Não a culpo por querer ver tudo pelas costas. Sei que é vergonhoso, mas planejei nunca mais voltar em parte por esse motivo. Na verdade, foi uma das razões para mudar meu nome. Quis garantir que ninguém jamais associasse o Conde ao conde de Islay.

– Que sorte para todos nós você ter mudado de ideia – declarou ela, sem se esforçar para soar entusiasmada.

James olhou para ela em silêncio por um longo momento.

– Você está zangada porque não lhe informei de minha volta antes de interromper os procedimentos na Câmara dos Lordes? Meu navio atracou tarde da noite e não quis acordar a casa. Penso na Câmara como sendo apenas para homens e não me ocorreu procurar mulheres na assistência durante o processo nada eletrizante de provar minha identidade.

– Uma esposa é facilmente esquecida – concordou ela.

Ele hesitou. E então:

– Parei de pensar em você como minha esposa há alguns anos, como estou certo de que fez em relação a mim.

Essas palavras deixaram Theo sem ar. Ela *não* havia parado de pensar em James como seu marido, embora Deus fosse testemunha de quanto ela tentara.

A raiva parecia querer tomar o seu corpo mais uma vez, mas, aos 24 anos, ela já sabia como controlá-la.

– Entendo – falou baixinho. – Se está querendo saber se traí você nos seus anos de ausência, não traí.

Houve um lampejo de emoção no fundo dos olhos dele, mas passou tão rápido que ela não teve certeza de ter visto.

– Minha resposta para essa pergunta seria o oposto – disse ele, tão casualmente como se estivessem falando do tempo. – Dois dias de casamento falharam em deixar uma impressão em mim. Estou bastante certo de que a maioria dos homens entenderia meu lapso.

– Nem todos dão a mesma importância aos votos matrimoniais – replicou ela.

– Nosso casamento estava acabado, para citar as suas palavras. – A voz dele não se elevou, mas adquiriu um tom severo e gélido: – Você me atirou para fora desta casa e me disse para não voltar. Ao dar tal ordem, não pareceu honrar nosso voto mútuo de ficarmos juntos *enquanto vivêssemos*.

– Devo entender que minha ira ao ser ludibriada para me casar, a fim de disfarçar a usurpação do meu dote, tornou-se sua desculpa para cometer adultério?

A atmosfera na biblioteca estava tão carregada que pareceu a Theo que uma faísca poderia atear fogo ao próprio ar. Curiosamente, James mantinha óbvio

controle de seu temperamento. Ele havia realmente *amadurecido* .

– Temos uma grande hostilidade entre nós – disse ele enfim. – Não pensei que você ainda guardaria rancor. Para ser franco, nosso casamento parece ter acontecido numa outra vida. Mal consigo lembrar de nossa última conversa, a não ser de sua insistência em sentenciar que nosso casamento estava acabado. Caso não tenha oferecido minhas desculpas na época, fico feliz em fazê-lo agora.

Theo sentiu uma onda súbita de saudade, não do homem de semblante duro diante de si, mas do rapaz cujos olhos baixaram quando ela gritou com ele, do rapaz que a amara.

James tomou o silêncio dela como um encorajamento:

– Lamento sinceramente ter concordado com o pedido de meu pai e me casado com você sob falsos pretextos. Anos depois percebi que, embora o casamento pudesse muito bem ter ocorrido de qualquer maneira, nossa proximidade sem dúvida tornou a ferroada de minha traição mais pungente.

– Seja como for, mal conhecemos um ao outro agora – concluiu ela.

– O menino em mim sempre amou você – afirmou ele, desarmando-a com um sorriso. – O homem que sou ainda não a conhece.

E agora havia algo nos olhos dele que ela reconheceu, que ressoou fundo dentro dela.

Theo suprimiu o sentimento na mesma hora. Pularia da torre de uma igreja antes de ir para a cama com um homem que se interessava tão pouco por ela que esperara sete anos para informar que estava vivo. Essa era uma lição tirada da experiência como uma “Duquesa Feia”: se ela não se valorizasse, ninguém valorizaria.

Exceto talvez aquele menino com quem James não se parecia mais.

– Você passou sete anos sem ir para a cama com outro homem – anunciou ele com suavidade.

Os olhos dele agora estavam ávidos.

– É verdade – respondeu ela. – Mas isso foi antes de perceber que nossos votos foram dissolvidos na prática, se não no tribunal. Agora terei de recuperar o tempo perdido.

Com isso levantou-se.

O desejo no rosto dele foi substituído por uma onda inequívoca de possessividade.

Theo reagiu de modo instintivo.

– Não sou mais sua esposa, James. E parece que você foi meu marido apenas quando era o Conde, por uns dois ou três anos antes de se tornar Jack Hawk.

– Como é que você sabe disso?

– É impressionante o que um bom investigador consegue descobrir. Presumo que o Conde era meu, ao passo que Jack Hawk pertencia à metade das damas das Índias Ocidentais e além.

– Um belo exagero – murmurou ele.

– Será? O Sr. Badger pensou que você tinha filhos ilegítimos espalhados por todas as ilhas.

A risada de James soou áspera e grave como sua voz.

– Preferiria ter meu primeiro filho com minha esposa.

– Temo que isso não seja uma opção – informou ela com frieza. – Acredito que nosso casamento possa ser dissolvido e com certeza espero que você tenha uma prole vicejante com sua próxima esposa.

– Minha *próxima* esposa?

– Nossa situação é insustentável. – Theo não quis dar margem à menor ambiguidade: – Pedirei a dissolução do casamento assim que possível. Já contatei meu advogado. Estou confiante de que o regente vai concordar com meu pedido.

– Não, você não vai mesmo. Maldição! – grunhiu James.

– Penso que ambos preferimos dissipar a hostilidade entre nós – observou ela, ignorando a reação dele.

– Não vejo motivo para o desagrado – retrucou ele.

Havia algo no tom dele, não importando quão agradável, que deixou todos os nervos dela no limite.

– Minha pensão é mais do que suficiente para prover minhas necessidades e possuímos uma casa em Hennessey Street, adquirida há cinco anos para fins de investimento. Se você estiver de acordo, estabelecerei residência lá. Ficaria feliz em comprar a casa.

– *Maldito* seja eu se minha esposa se mudar de minha casa, que dirá comprar outra casa de mim!

O tom cortês esvaiu-se, e a voz dele soou como um rosnado.

Mostrou-se inesperadamente atraente, o que era absurdo. Óbvio que era uma tragédia James ter perdido sua voz extraordinária de tenor. Era absurdo pensar

que o ronco que vinha de seu peito fosse atraente. Embora fosse sombrio e grave e...

Theo se recompôs. Com voz grave ou sem voz grave, ela não mudaria sua decisão. James a encantara quando era menina, mas agora ela se via diante de um estranho, e não do jovem marido. Ela não poderia viver com um homem assim.

– Lamento que isso não seja negociável – informou ela, sorrindo como havia sorrido quando um designer da Wedgwood acusou-a de roubar clientes. – Não é possível que você tenha qualquer motivo particular para me manter aqui, dada sua convicção declarada de que nosso casamento acabou. Se preferir, posso viver no exterior.

– O casamento *estava* acabado. Mas voltei.

– Um casamento não é um objeto que você possa atirar longe e resgatar quando deseja.

Ela fez uma pausa, mas ele pareceu não ter nada a dizer.

– Você pretende permanecer em Londres ou voltará para o mar?

– Planejo permanecer na Inglaterra.

James parecia impassível diante da possibilidade de acusação de pirataria.

– Estou certa de que sua presença aqui vai influenciar a aristocracia a seu favor – disse Theo. – Claro que haverá um escândalo quando nosso casamento for dissolvido, mas seu título permitirá que você logo obtenha uma duquesa. Agora, se me permite, planejo ir ao teatro esta noite.

James deu um passo na direção dela.

– Talvez eu a acompanhe.

– Não há necessidade.

Ela deu uma olhada na vestimenta dele. Parecia um operário, o pescoço moreno emergindo da camisa branca, as mangas enroladas, revelando sólidos braços musculosos. Era notável o que as roupas faziam pela civilidade.

– Você terá que visitar um alfaiate antes de voltar à sociedade. Se puder me acompanhar por um momento, gostaria de lhe apresentar meu mordomo.

Ele a seguiu em silêncio enquanto ela se dirigia à entrada, falando mais depressa na tentativa de preencher o silêncio carregado.

– Maydrop é um verdadeiro tesouro; fez um trabalho inestimável ao manter a casa desde a aposentadoria de Cramble. Maydrop, sei que você conversou com o duque mais cedo, mas gostaria de garantir que fossem devidamente apresentados.

O mordomo fez uma reverência. James acenou com a cabeça.

– Você pode apresentar Sua Graça ao resto da criadação? – sugeriu Theo. – Se puder pegar minha pelica, Maydrop.

– A carruagem está esperando, Vossa Graça – disse ele, com outra reverência. – Entretanto...

James dirigiu-se ao mordomo:

– Você manteve uma carruagem à espera embora a duquesa estivesse vendo o marido pela primeira vez em anos?

O tom não foi ríspido, mas curioso.

Maydrop fez mais uma reverência.

– A camareira de Sua Graça informou que milady iria ao teatro hoje à noite.

– Então você não nos imaginou tendo uma noite aconchegante em casa, renovando nossos votos? – perguntou James a Theo, virando-se para ela como se o mordomo fosse invisível.

– Não.

Theo encolheu os ombros dentro da pelica, uma magnífica criação parisiense de brocado de seda, modelada no estilo austero que ela apreciava.

– Quem a acompanha ao teatro?

– Uma mulher casada há tempos como eu não precisa se preocupar com acompanhante. Tenho um convite de lorde Trevelyan, lembra-se dele, não?, para seu camarote. Ele ficará surpreso em me ver após os acontecimentos desta tarde, mas estou certa de que não se incomodará. Lamento não ter tempo de cumprimentar sir Griffin.

Ela deu a James o que se aproximou de um sorriso genuíno, embora viesse em resposta à raiva nos olhos dele e não do coração. Seu marido não pareceu gostar da informação de que Geoffrey e ela permaneciam amigos.

– Dê minhas recomendações a sir Griffin, por favor.

Fez uma mesura e aguardou um momento, pensando que James se curvaria, mas não. Então virou-se para a porta, ladeada por dois criados que não eram tão hábeis quanto Maydrop em disfarçar o fascínio por aquele pequeno drama conjugal.

Sem o menor aviso, um braço agarrou-a pela cintura e a fez rodopiar, de modo que Theo cambaleou para trás, contra um peito rijo. Os olhos azuis de James resplandeceram nos dela.

– Minha esposa não me faz medidas – falou ele entre dentes.

Theo ficou imóvel como um coelho à vista de uma raposa.

– Solte-me, por favor – pediu ela.

James ergueu a mão.

– Fora!

Em um movimento um pouco atrapalhado, os dois lacaios passaram por eles porta afora.

– Eu disse *fora* – repetiu James, fuzilando Maydrop.

A rouquidão de sua voz era particularmente perceptível quando ele estava aborrecido, observou Theo.

Maydrop deu um jeito de chegar a um tom ao mesmo tempo firme e deferente.

– Se me perdoar, Vossa Graça, sou servo da duquesa e abominaria deixá-la em qualquer situação em que ela pudesse se sentir desconfortável.

Theo permaneceu no abraço de James, tentando parecer indiferente ao calor musculoso do corpo dele. Ele parecia acreditar que ela estava desesperada por um homem depois de todos aqueles anos sozinha. Mas se havia algo que nunca a tentara era qualquer tipo de encontro erótico.

Ou ele pensava que ela evitara o adultério apenas porque nenhum homem a queria, por causa de sua reputação de feia?

Somente anos de treinamento para controlar as emoções permitiram que ela mantivesse a compostura.

– Ficaria muito grata se você me soltasse – pediu, com a voz gélida.

James baixou o olhar para ela, aparentemente com Maydrop fora de sua atenção.

– Você é minha esposa – afirmou ele, a voz baixa e rouca. – Em algum momento terei você de novo, Theo.

Ela se recusou a responder, embora cada célula de seu corpo gritasse *não*. Ele deve ter visto nos olhos dela, porque depositou um beijo breve e firme em seus lábios e soltou-a.

Theo ignorou o modo como o toque dos lábios dele amoleceu seus joelhos.

– Maydrop – disse ela –, por favor, faça a gentileza de pedir a Amélie que empacote meus pertences, pois deixarei esta casa amanhã de manhã.

– A duquesa não irá a lugar nenhum – declarou James, sem nem mesmo olhar para o mordomo.

– Vossa Graça – falou Maydrop, olhando diretamente para Theo –, há uma situação fora da casa de que devo deixá-la ciente.

– Situação?

A respiração de Theo estava acelerada, o corpo inteiro tremendo na vontade de correr para a porta.

– Os jornais – informou Maydrop, num tom angustiado. – Temo que as notícias do retorno de Sua Graça tenham atiçado o interesse deles. Há homens cercando a casa e até tentando escalar os muros da casa. Tive que colocar cavaliários no jardim para impedir que espiassem pelas janelas.

– Que pena – disse James, com um sorriso perverso. – Parece que você não pode ir ao teatro esta noite, Daisy.

Theo cravou o olhar nele.

– Com certeza posso. Maydrop, agradeço se puder pedir a um dos lacaios que me acompanhe até a carruagem.

– Não seja tola – advertiu James. – Vão lançar edições especiais só para discutir sua crueldade em me deixar sozinho em minha primeira noite em Londres. Para não mencionar o fato de que vão segui-la ao teatro como um rebanho de abutres caindo sobre uma vaca morta.

– Uma vaca morta – repetiu Theo.

– Devo concordar com a avaliação de Sua Graça – interveio Maydrop. – Qualquer vislumbre de um dos dois exacerbaria essa desafortunada situação. Tive que colocar um laçao no sótão para garantir que ninguém desça do telhado para o alojamento dos criados.

Theo engoliu em seco. De repente sentiu como se aquilo tudo fosse demais para ela. Para seu profundo desânimo, as lágrimas encheram seus olhos.

– Certo – disse James bruscamente.

Antes que ela entendesse direito o que estava acontecendo, ele a tomou nos braços e começou a subir as escadas.

Theo abriu a boca e então a fechou de novo. Havia algo em ser carregada escada acima que a fazia se sentir muito segura.

– Não pense que pode fazer disso um hábito – falou ela no meio da subida, decidindo que deveria protestar.

– Farei se desejar – afirmou James.

James sequer respirava com dificuldade.

– Sou uma *pessoa* , não uma posse – disse Theo, o gênio reavivando-se de novo. – Se desejar, você fará o *quê*? Vai me atirar por aí como um saco de farinha? Circular pela casa e agir como se tivesse partido há uma semana? O que o leva a pensar que pode me tratar de modo tão desdenhoso?

Ele a fitou com um olhar firme e indecifrável.

– Sou seu marido, Daisy.

– *Theo* – rosnou ela, sentindo-se estúpida.

Ele aquiesceu.

– Theo. Posso apenas mencionar que não acho agradável chamar minha esposa por um nome de homem?

– Não, não pode.

James abriu a porta do quarto dela com o ombro e então colocou-a no chão.

A seguir recuou e deu um sorriso amável.

– Vai usar esse vestido para jantar?

Ela estreitou os olhos.

– Por quê?

– Você está deslumbrante.

O elogio provocou uma reviravolta esquisita em seu estômago. Como podia esse homem que parecia um bárbaro ser tão *urbano* ?

Ela detestou.

Mas usaria o vestido para jantar.

Capítulo 26



James desceu as escadas, mas não conseguiu se forçar a voltar para a biblioteca. Não queria escrever cartas; queria jogar a esposa na cama e deslizar a mão por baixo daquela coisa verde brilhante que ela estava vestindo e...

Balançou a cabeça e ajeitou os calções. Levando tudo em conta, dera um jeito de realizar uma imitação decente de Trevelyan, considerando o fato de que se sentia um pirata furiosamente possessivo sem um pinga de sofisticação.

Como não poderia sair da casa pela porta da frente, saiu pelos fundos, seguindo pelo jardim até a portinha que conduzia às estrebarias.

Ele se lembrava dos estábulos empoeirados e apinhados, com um cheiro agradável de palha e cavalos. Agora as paredes estavam caiadas, e o chão parecia tão limpo que se poderia até dormir ou comer nele. Sua esposa gostava que tudo estivesse imaculado, disse um cavaleiro um minuto mais tarde.

James observou os meninos varrerem a palha da baia de uma égua cinza. Era a segunda troca de cama do dia, explicaram eles. Enquanto isso, a égua era escovada pela terceira vez. James deu de ombros e seguiu pelo corredor central. Pareceu que ele possuía dois cavalos acinzentados idênticos, dois castrados negros sem sequer uma manchinha de branco e um conjunto de quatro baios.

O chefe do estábulo, Rosloe, era um tipo jovial que mantinha a ordem com tranquila autoridade. Na hora em que voltava para a porta do jardim, James já ouvira tantas vezes a frase “É assim que milady quer que seja feito” que deu por si acompanhando a frase com os lábios. Rosloe flagrou-o fazendo aquilo e explodiu numa risada.

– As ideias não são todas dela. Se mesmo o mais jovem dos garotos tiver uma ideia para organizar melhor os arreios, ela vai considerar. Também é sensata. E é claro que é ela quem toma a decisão final.

Theo daria uma capitã do mar brilhante.

Ele e Griffin haviam sobrevivido anos juntos – mas tinham tripulações e navios separados. Como nesse mundo uma casa poderia ser governada por dois capitães sob o mesmo teto?

De volta à casa, ele permitiu que Maydrop o apresentasse à governanta, Sra. Eltis, e ao chef, monsieur Fableau, um francês tão diminuto que mal alcançava os fogões. Cada superfície da cozinha evidenciava organização precisa. Havia dois espetos giratórios, por exemplo.

– Um é reservado para as aves – explicou Fableau – e o outro para cortes de carne.

A despensa estava alinhada com fileiras e fileiras de conservas reluzentes.

– Com certeza a casa não consome tudo isso em um ano! – exclamou James, percebendo que as prateleiras cobriam quatro paredes.

– Oh, não – respondeu a Sra. Eltis com mais do que um vestígio de orgulho. – Quando as conservas são enviadas do interior no outono, marco cada pote e o coloco à esquerda, e então uso os da direita. No fim do ano dou tudo que não foi consumido para um orfanato. É assim que milady quer que seja feito.

O sorriso da governanta falava por si.

A bordo do navio, o capitão era o governante absoluto de seu mundo particular. James não falhara em desenvolver o seu estilo ao longo dos anos; um membro da tripulação pensaria em desobedecer a ele tanto quanto em pular numa banheira cheia de tubarões.

Ele subiu as escadas pensando em como era interessante mal ter chegado à Inglaterra e ser levado a entender em termos inequívocos que não era o senhor daquele mundo particular. De fato, podia ser que ali, pelo menos, Daisy fosse a capitã e ele um mero visitante. Era desconcertante.

Maydrop havia dito que Griffin estava no quarto rosa. James não sabia onde ficava. Tudo mudara na casa. Ele se lembrava de um corredor mal iluminado no topo da escada, mas Theo derrubara a parede que dava para a frente da casa. Agora a escadaria conduzia a uma curva para uma passagem aberta, com um

balcão de cedro-rosa. Ele gostou da sensação do corrimão, que parecia a amurada de um navio.

Por fim, conseguiu localizar Griffin, apenas para encontrá-lo de mau humor; sua reação à entrada de James foi uma sequência de palavrões – e, quando um capitão pirata está furioso, a extensão de seu vocabulário é de fato espantosa.

– Tive uma reunião deliciosa com minha esposa – disse James, caindo numa cadeira e fingindo não ter ouvido a saudação acalorada de Griffin.

Griffin animou-se.

– Deu-lhe um pontapé no traseiro, certo?

– Diria que a atingi numa área mais delicada. Ela está decidida a se mudar. A única coisa que a mantém sob meu teto é o fato de a casa estar cercada por jornalistas.

– Espere até minha esposa receber a notícia de que estou de volta a Londres – falou Griffin, grunhindo e balançando o corpo de um lado para outro.

Ele ainda estava se recuperando do talho na perna que colocara em perigo sua vida – e sua masculinidade. James tivera uma recuperação relativamente descomplicada dado o ferimento, mas Griffin sucumbira a uma infecção e ainda estava se restabelecendo.

– Estará nas montanhas da Escócia na semana que vem.

– Mandeí Daisy ficar – contou James, esticando as pernas. – Caso esteja se perguntando, usei o mesmo tom que emprego com a tripulação.

Griffin deu uma risada que mais pareceu um latido.

– Deduzo que Sua Graça não apreciou.

– Até o mordomo sabe que eu tenho a chance de uma bola de neve no inferno. Flagrei um lampejo de simpatia nos olhos dele.

– Ela se transformou num capeta, não? – grunhiu Griffin, oscilando para o quadril direito outra vez.

– Está zangada – replicou James. – Acho que ela tem esse direito. Eu esperava...

– Reconciliação imediata?

– Pelo menos o fim das hostilidades. Ela mudou.

– Você, idem. Lembra-se daquele rapaz que me saudou atirando a peruca pela amurada? É de quem ela se lembra. Agora está encarando um pirata fortão, com

uma cicatriz e uma tatuagem debaixo do olho. Não é de espantar que esteja indo embora.

– Ela também mudou – objetou James, sentindo-se tolo.

Griffin bufou.

– Acha que foi fácil para ela depois que você foi embora? Você tem sorte por ela não ter virado uma megera.

– Digo o mesmo sobre sua esposa – retrucou James, mas sem muito vigor.

Sua velha amiga, a culpa, lhe fazia companhia. Sim, ele estava furioso ao deixar a Inglaterra anos antes. Não deu muita bola para a situação difícil de Daisy. Por qualquer ângulo que olhasse, ele havia sido um canalha.

– Ela virou uma pedra de gelo. Ela... era esfuziante e engraçada.

O canto da boca de Griffin retorceu-se, mas ele não disse nada.

– Droga – comentou James com grande pesar. – Estraguei tudo na minha vida. Arruinei Daisy, Griffin. Agora ela é como uma daquelas esculturas de gelo que vimos em Halifax. Linda, porém fria. Não era assim antes de nos casarmos. Está furiosa porque não mantive meu pinto dentro das calças.

Griffin grunhiu.

– Tem o direito de estar.

– Quando me botou para fora de casa, ela disse que nosso casamento estava acabado, e acreditei nela. Era para eu permanecer fiel até o fim dos meus dias?

– Ao que parece, sim.

Griffin estava se divertindo.

James lançou-lhe um olhar azedo.

– Às vezes desejo que a faca tivesse atingido você uns 3 ou 4 centímetros acima. Os homens são bem mais compassivos quando desprovidos de seus pingentezinhos.

– Quem tem um pingentezinho? – retrucou Griffin.

Ele deu um tapinha na virilha.

– Devo informá-lo de que tenho um carvalho.

– Relembrando-se de que ele ainda está aí?

– Como você se sentiria se uma espada passasse rente a seu principal atributo? Ainda tenho pesadelos com isso. Teria me tornado um *castrato* amargo, devo dizer.

Deu uma coçada forte na parte interna da coxa.

– A cicatriz coça como o traseiro do diabo; portanto, deve enfim estar se curando.

Griffin levantou de um salto e começou a andar pelo quarto.

– Quando você acha que os perdões serão promulgados? Estou nesse quarto há apenas meio dia e sinto vontade de rasgar as cortinas.

Os procedimentos para o perdão real de dois corsários (*não* piratas) que haviam passado suas carreiras protegendo os mares das incursões de patifes e criminosos foram postos em marcha havia dois meses.

– A esta altura, só falta a assinatura do regente. Dei aquele rubi que pegamos no *Dreadnaught* para McGill entregar à Sua Alteza Real como um gesto de gratidão.

– Como pode o regente não assinar quando um corsário virtuoso vem a ser um de seus próprios duques? – disse Griffin com voz arrastada. – Não que eu queira insinuar que um rubi do tamanho do dedão do pé real fosse influenciar sua decisão. A propósito, você teve algum problema para tomar seu título? Já haviam cantado um hino fúnebre para você?

– Eu ainda estava vivo quando entrei no recinto.

– Você acha que sua esposa já tinha outro candidato a postos? Para ele deve ter sido uma tremenda decepção você ter aparecido.

– Ah, tenho certeza disso – declarou James, solenemente. – Antes de nos casarmos, ela estava apaixonada por um almofadinha chamado Trevelyan. Eu não o suportava no colégio e não o suporte agora. Ela planejava se encontrar com ele no teatro antes de descobrir que estamos encurralados em casa.

– Fico pensando se Poppy tem alguém na fila. Não que ela pense que estou morto como a sua pensava.

– Por que não vai ver sua esposa? Mandarei o perdão para você.

– Não posso dizer que esteja louco de vontade de fazer isso. Éramos completos estranhos até o momento em que me deitei com ela, e não consegui ter uma ereção para salvar minha vida – disse Griffin, com uma nota de divertimento iluminando sua voz. – Veja, ela era três anos mais velha que eu, e, quando você tem 17 anos, a diferença entre um rapazola e uma moça de 20 parece um século.

– Dezessete anos é pouco.

– Você não era muito mais velho – retrucou Griffin. – Fracassei em consumir o casamento e fugi da humilhação. Me embabedei, acabei em um pub e, quando

dei por mim, estava socado num navio e tinha virado marinheiro. No porto seguinte, saltei do navio e me juntei a outra tripulação, apenas para descobrir tarde demais que era uma embarcação pirata. Foi o começo de uma carreira tétrica.

– Na minha noite de núpcias, o quarto estava tão escuro que acho que nenhum de nós tinha ideia do que estava fazendo.

– Teve medo de amarelar se acendesse uma vela?

– Theo é linda – falou James, sem admitir argumentações. – Você vai vê-la amanhã se descer antes de ela ir embora. A menos que eu perca a aposta, ela e a camareira terão deixado esta casa não muito depois do amanhecer.

– Bem diferente das mulheres que afluíam às docas quando os *Poppys* eram avistados, não? Quando minha esposa olhar para mim, tudo que vai ver é um aleijado com uma perna ruim. Quando a sua esposa olha para você, vê o homem que a ludibriou e que a mantém afastada desse tal Trevelyan.

– Se posso persuadir uma mulher que pensa que casei com ela por dinheiro de que a quero de volta, você pode convencer sua esposa de que não é o molenga de quem ela se recorda.

– Você mentiu para ela da primeira vez – disse Griffin. – Ela nunca acreditará em nada do que você diga daqui para a frente.

– Meu problema não é tão grande quanto o seu – replicou James, irritado. – Afinal de contas, Daisy me amava. Você tem que convencer uma estranha relutante a lhe dar outra chance na intimidade.

– Nenhum de nós é muito galanteador – declarou Griffin, rindo alto. – Quer apostar qual de nós levará a esposa para a cama mais rápido?

James se viu rindo para Griffin.

– Não é a atitude de um cavalheiro.

– Tarde demais para reivindicar essa condição. Você pode bancar o duque quanto quiser, mas um cavalheiro? Não. Você não é um cavalheiro.

– Se eu aceitar a aposta, você terá que ir a Bath e conversar com sua esposa.

– Posso fazer isso só para ganhar de você.

James estava tão agitado que não conseguia parar quieto. Levantou-se e foi até a janela.

– Que droga! Os jornalistas estão empoleirados no muro do jardim!

Griffin juntou-se a ele no momento em que dois cavaleiros muito robustos avançavam pelo caminho pavimentado girando bastões despreocupadamente. Os chamados repórteres desapareceram às pressas.

– Estamos encurralados aqui – falou James devagar.

Foi quando brotou uma ideia.

Griffin virou-se.

– Vou partir imediatamente. A última coisa que quero é que minha esposa saiba pelo *London Chronicle* que voltei para a Inglaterra.

Ele olhou de esguelha e franziu a testa.

– De que diabo você está rindo?

– De nada! Vou falar com o mordomo. Ele tem que fazer algo a respeito dessa multidão diante da casa.

– Por que você não sai e banca o bucaneiro grandão e malvado? Isso vai mostrar a eles que piratas não podem ser engaiolados.

– Não podem; a menos que escolham ser – disse James, sabendo que seu sorriso tinha algo de calculado. – A menos que escolham ser.

Capítulo 27



Theo decidiu jantar usando o vestido verde e o anel de rubi. Depois de pensar um pouco, acrescentou um colar também de rubi.

Ela se divertiu com o pensamento de que estava vestida como uma rainha pirata. Ou seria uma imperatriz? Até seus sapatos de salto cintilavam, como bem deveriam, dados os enfeites com lascas de diamante. Theo estreitou os olhos diante de seu reflexo. Com certeza, a consorte de um pirata brilhava da cabeça aos pés.

Ela suspeitava de que piratas não tinham imperatrizes. Tinham concubinas. Mas uma olhada no espelho mostrou-lhe que ninguém poderia confundi-la com uma mulher da noite. Ela parecia da realeza, talvez um pouco severa demais. Como se não risse o suficiente.

Theo fechou a carranca para si mesma de novo. Claro que ria. O tempo todo.

Mas, ao descer as escadas, não conseguiu se lembrar da última vez que rira. Provavelmente fora quando vira Geoffrey; ele sempre a fazia rir. Naquele exato momento, ele devia estar cercado por um grupo grande de pessoas, provocando acessos de riso ao descrever o modo como o “selvagem” adentrara na Câmara dos Lordes quase na hora do próprio funeral.

Havia algo de notável mau gosto em Geoffrey; quanto mais ela o conhecia, mais claro ficava. Ela não queria fazer troça de James; só queria se ver livre dele. No fundo, não queria que ninguém o ridicularizasse.

Ainda estava pensando na provável zombaria de Geoffrey quando entrou na sala de estar.

– Vossa Graça – anunciou Maydrop e fechou a porta atrás dela.

Por um momento seus olhos fitaram os de James, e então ela viu o traje dele. Seus lábios se abriram de espanto, e ela estacou.

James estava vestindo um dos costumes mais extraordinários que ela já vira em Paris ou em qualquer outro lugar. O casaco era feito de seda dourada opaca com uma luminosidade acetinada. Por baixo, um colete bordado com rosas e fechado com botões índigo. O lenço de pescoço era uma gloriosa seda indiana tingida em cores que variavam do laranja ao rosa. O toque final? Calções que se agarravam a cada centímetro das pernas musculosas, presos com laços de tonalidade rosa logo abaixo dos joelhos.

Aqueles laços eram a coisa mais incongruente de todas. Ela olhou o corpo dele de baixo para cima, lentamente. O traje era tão lindo que nem parecia masculino. Os tecidos eram exóticos, e o corte, parisiense: o colarinho era muito mais largo que o usado em Londres. Os calções eram mais justos do que aqueles que os ingleses costumavam usar.

No entanto, ninguém poderia olhar a evidente aura de poder firmemente controlado que pairava em torno de James como uma capa e pensar nele como não masculino. *Nunca*.

Era a primeira vez em mais de um ano que Theo se via como uma presa de pura luxúria relativa à alfaiataria.

– Seu casaco – conseguiu dizer finalmente – foi feito por monsieur Bréval, não foi?

James foi até ela com uma taça de champanhe.

– Esse nome me soa familiar – disse ele, em tom amável. – Um homem roliço com pés muito pequenos e uma queda por dourado?

– A lista de espera dele é de dois anos – observou Theo, aceitando a taça.

– Todo homem tem seu preço e, se me lembro bem, Bréval ficou deslumbrado por uma granada engastada em prata. Se eu soubesse que ele era tão procurado, teria sido menos abusivo quando ele quis decorar esse casaco com borlas.

Theo riu e bebeu seu champanhe. Ela foi tomada por uma onda de alívio tão forte que chegou a se desestabilizar um pouco. James já não parecia um pirata. O lenço de pescoço caía em uma cascata habilidosamente amarrada; o cabelo curto estava levemente despenteado. É verdade que ele era grande, mas com as roupas

certas um homem sempre assume o seu melhor eu. Ele parecia um duque em cada centímetro.

– Que seda extraordinária – reconheceu ela, passando os dedos pela manga.

Era pura estupidez dela ficar reparando no poder contido por baixo da seda.

– Que constrangedor – falou James, depois de uma pequena pausa. – É difícil saber por onde começar com uma esposa que não vejo há sete anos. As condições do tempo de alguma forma não parecem um tema de conversa adequado.

Theo afastou-se dele e sentou-se num sofazinho. Por um instante pensou que ele fosse tomar o assento a seu lado; havia algo de absurdamente intenso nos olhos dele. Mas, de modo apropriado, ele se sentou numa cadeira diante dela.

– Sir Griffin vai se juntar a nós no jantar?

– Não. Ele pretendia partir pela manhã para se juntar à esposa em Bath, mas jornalistas esgueirando-se pelos jardins o fizeram mudar de ideia. Ele já partiu, e me pediu para lhe oferecer suas desculpas por não agradecer pessoalmente pela hospitalidade.

– Esposa! – exclamou Theo, distraída pelo pensamento de que havia outra dama da nobreza na mesma situação dela. – *Ela* sabia que ele era um pirata? E que estava vivo?

– Ela sabia que ele estava vivo – informou James. – Sobre a pirataria não sei dizer.

– Certo.

Theo desconsiderou o fato de sir Griffin não ter deixado a esposa sem notícias sobre sua segurança. Mas talvez não tenham se separado em termos tão desagradáveis quanto ela e James.

– Gostaria de ouvir sobre a vida de um pirata – falou ela, tomando outro gole do champanhe e então colocando a taça de lado.

Ela preferia não beber demais.

– Ah, a vida de um pirata – disse James, um tanto pensativo.

Ele também soltou sua bebida, permitindo a Theo vislumbrar um babado estreito e engomado no pulso, debruado com fio metálico dourado.

– Oh! – gritou. – Seu babado é soberbo!

Ele estendeu o braço, olhando.

– Você não acha que é um pouco exagerado? Eu achei, mas aí uma princesa na ilha de Cascara compartilhou do seu entusiasmo.

Pelo sorriso dele, Theo supôs que James tivesse memórias agradáveis da princesa. Ela empertigou as costas.

– Ela estava decidida a garantir que meu galeão sempre teria uma recepção calorosa em seu porto – prosseguiu ele. – Não que eu optasse por atracar meu navio naquele porto.

– Por que não? – perguntou Theo friamente. – Muito fatigante para um homem da sua idade?

– Muito lotado – replicou ele, os olhos brilhando com humor malicioso. – Piratas preferem encontrar uma ilha tão pequena que nenhum homem tenha caminhado em suas areias. Gostamos de encontrar um pequeno porto sonhando ao sol. Esperando.

A contragosto, ela sentiu um sorriso cutucando o canto de seus lábios. James adorava duplos sentidos quando era garoto. Costumava fazê-la rir até as costelas doerem. Talvez ele não tivesse mudado *tanto*.

– Então você quer saber sobre a vida de um pirata – disse James, esticando as pernas.

Theo tirou os olhos das coxas dele e em vez disso fitou seu rosto. Quando garoto, o rosto de James parecia ter sido esculpido por um mestre como Donatello. Ela nunca se surpreendeu com o fato de a mãe de James considerá-lo angelical: ele parecia e soava como um querubim, do tipo que passaria a vida cantando hinos tão belos que os pássaros chorariam de inveja.

Isso tinha mudado. O rosto se alargara, junto com o restante dele, e os malares elegantes haviam ficado mais angulosos e brutais. O nariz com certeza fora quebrado em algum conflito. E havia a tatuagem, claro.

– O que você tanto apreciava naquela vida? – perguntou ela, e prendeu o fôlego.

Um adendo silencioso surgiu em sua mente: *tão mais do que em mim*. Droga, isso não era hora para a Daisy vulnerável fazer uma aparição.

É que *magoava* ser magoada.

Por duas vezes ela havia tombado como se seu coração tivesse sido arrancado do peito: quando percebeu que James tinha mentido sobre os motivos para o casamento e quando a mãe morrera. Essa lembrança a estabilizou.

– Você sabe como eu sou – disse James em tom indolente, ignorando, ou não captando, a pergunta que ela deixara no ar. – Quando garoto, eu estava sempre

voando para fora de casa, tentando me acalmar, correndo pelo jardim. Nos primeiros três ou quatro anos, fiquei em movimento. Todos os dias, o dia todo. Navegar é um trabalho duro; tomar navios piratas é ainda mais.

– Imagino.

Ela se levantou e foi até a campainha. Não estava conseguindo aguentar aquele clima íntimo. Seria melhor ficar na sala de jantar, onde teria o que fazer com as mãos e estaria ladeada pelos serviçais.

– E o que você viu? – perguntou ela, sentando-se de novo.

Ele contou sobre os peixes enormes que saltavam da água para sorrir para eles, os longos tentáculos de um polvo, o amanhecer rompendo sobre o oceano quando ao redor não havia nada para se ver além da água azul inclinando-se gentilmente para abraçar a curvatura da Terra.

Quando foram para a sala de jantar, James dispensou, com um sinal de cabeça, os serviçais postados atrás de suas cadeiras. Theo estava prestes a protestar, argumentando que sua casa funcionava bem porque... E então percebeu que não era mais a casa *dela*.

Ele logo fez uma pergunta sobre as tecelãs, e era um prazer enorme conversar com alguém interessado – alguém para quem ela não pagava um salário.

As velas derreteram e eles ainda conversavam sem parar. Theo reiterou algumas vezes que deixaria a casa pela manhã. James se mostrou bastante sensato na resposta, em nada parecendo o bruto feroz que mais cedo a agarrara no saguão.

Ele a acompanhou escada acima e a conduziu até o quarto, curvou-se como um perfeito cavalheiro e se retirou.

Só depois que Amélie a colocou na cama ela percebeu que se sentia um pouco triste. Peixes voadores haviam sido o suficiente para mantê-lo longe dela?

Ela fora muito tola. De algum modo, havia preservado a ideia de seu amigo de infância. Agora, quando uma versão crescida daquele amigo sorria do outro lado da mesa, urbano e encantador, ela queria mais. Queria que ele a adorasse da forma como ela se lembrava.

Obviamente ele havia mudado.

No fim, Theo ficou olhando para a escuridão por horas, sentindo-se um pouco chorosa devido ao excesso de champanhe. Embora James tivesse afirmado que não navegara para dentro do porto daquela princesa, é provável que o tenha visitado, sim. E, a julgar pelo sorriso dele, o porto fora sedutor.

Cheio de curvas, sem dúvida.

Theo talvez fosse charmosa... mas sedutora, nunca. As velhas feridas se apresentaram e, no meio da noite, ela concluiu que não importava quão lindas fossem as sedas e os cetins que a envolviam, ela ainda se sentia feia. Não era necessário fazer referência a nenhuma ave aquática, nenhum cisne.

Apenas *feia* .

Isso sem falar na pena de si mesma.

Era tudo muito deprimente.



Na manhã seguinte, Theo acordou com raiva – em especial de si própria, embora reservasse um pouquinho para James também. Ele não poderia simplesmente ter permanecido longe e vivido sua vida com todas aquelas donzelas douradas das ilhas, com suas enseadas ocultas e tudo o mais?

Ela teria sido uma viúva feliz. Teria encontrado um homem com olhos inteligentes e rosto fino. Ele seria forte, mas esguio. E muito gentil. Depois de um momento de hesitação, ela lhe conferiu um queixo levemente comprido. Não queria beleza.

De vez quando Theo pensava em como James fora amável com ela na noite anterior e com quanta gentileza fizera perguntas – como se fosse um tio bem-intencionado com quem ela de algum modo houvesse perdido o contato –, e outra brasa de irritação se acendeu em seu estômago.

Quando finalmente desceu as escadas para o almoço, Maydrop a encontrou no sopé.

– A situação apenas piorou do lado de fora da casa – informou, acompanhando o passo enquanto ela se dirigia à sala de jantar.

Theo havia tomado apenas uma xícara de chocolate quente no café da manhã e estava faminta.

– Piorou? – perguntou, mal escutando.

Ela mesma abriu a porta da sala de jantar, sem esperar que Maydrop o fizesse.

James estava sentado à mesa, comendo o que parecia ser porco assado e lendo um jornal. Theo respirou fundo. Ele ergueu os olhos e ficou de pé.

– Desculpe-me por ter começado a refeição sem você. Pensei que não se juntaria a mim no almoço, que comeria em seus aposentos.

– *Nunca* como em meus aposentos – disse Theo, mantendo com esforço a voz serena.

A sobancelha de James arqueou-se, e ele olhou para Maydrop.

– Isso indica que você não tomou café. Ninguém na casa sabe que você fica extremamente fraca se não comer com frequência?

Um serviçal puxou uma cadeira, e Theo atirou-se nela. Após comer um pedaço de truta cozida com apenas um toque de manteiga, sentiu-se melhor.

James não disse mais nenhuma palavra. Tampouco parou de ler o jornal. Se a vida de casada era assim, ela não queria saber de nada disso. A cortesia fazia a vida tolerável. Se as pessoas liam jornal quando deveriam estar conversando, podiam muito bem se agachar na frente de uma fogueira e roer nacos de carne chamuscada como selvagens.

Maydrop ofereceu três sobremesas diferentes, cada uma apresentada por um criado que deu um passo à frente exatamente ao mesmo tempo. Pelo menos nem tudo em sua casa havia caído aos pedaços. Ela indicou o bolo de pera com um aceno de cabeça.

Do outro lado da mesa, James falou de modo arrastado:

– Vou querer um pedaço desse também.

Maydrop deu a volta na mesa, seguido pelos criados.

– Vi o que ofereceram à Sua Graça – disse James, impaciente. – Não há necessidade de vir aqui.

Apontou o bolo com o garfo.

O ar no peito de Theo esquentou como se ela tivesse entrado em uma estufa. Mas começou a comer seu bolo de pera, tentando ignorar o fato de que James ainda estava lendo. *E* dando risadinhas, sem se dignar a compartilhar o que tanto o divertia.

– É absurdo – falou finalmente, erguendo a cabeça. Os olhos transbordavam em riso ao declarar: – Nunca tinha visto esse tipo de jornal antes. – Ele ergueu uma página. – Não dão o nome de ninguém, exceto por uma inicial.

– Tabloides. Mexericos dessa natureza não são entregues nesta casa – falou Theo. – Onde conseguiu isso?

– Maydrop mandou um criado buscar todos os jornais – respondeu James, voltando à leitura. – Queria ver como minha entrada na Câmara tinha sido descrita. Curiosidade vulgar, admito.

– E?

Ela pegou o último pedaço do bolo de pera, que estava delicioso.

– Sua Graça vai experimentar a torta de amora – falou James, apontando o garfo para o criado certo.

– Tomo tais decisões sozinha! – esbravejou Theo.

Ela se habituara a não se exceder nos doces. Mas o criado já havia colocado um pedaço de torta diante dela. O aroma era maravilhoso e ela pegou um pedaço mesmo sem querer.

– A maioria das descrições é surpreendentemente desprovida de imaginação e me retrata como um selvagem – informou James, com um indício de queixa na voz. – *Town Twaddle* é o melhor de todos, pelo menos se esforçou um pouco mais.

Theo estava se sentindo melhor.

– Bruto? Monstro?

– Netuno em pessoa! – disse James, triunfante. – Espere um pouco.

Ele remexeu numa pilha de jornais que parecia ter largado no chão, ao lado de sua cadeira.

Theo fechou os olhos por um segundo. Claro que não podia mandar Maydrop limpar aquela bagunça de imediato. Uma folha de jornal solta foi parar no pé dela, e Theo chutou-a longe.

– “Ele apareceu do mar como um deus da Antiguidade” – James leu em voz alta. – “Os ombros largos o bastante para carregar os infortúnios de um reino.”

Theo bufou e James continuou:

– O quê? Não quer ouvir o trecho sobre como domei as ondas?

James atirou a folha para ela. Caiu em cima do prato melado de torta de amora.

Ela olhou para baixo e leu a descrição de James.

– Você trouxe um tesouro para casa?

– Bem, isso é verdade – declarou James. – Mande Maydrop guardá-lo no sótão até você se dispor a olhar.

Os olhos de Theo moveram-se automaticamente para o parágrafo de baixo, o que descrevia um “mundo perplexo” esperando para ver se um certo duque perceberia que sua esposa não passava da gralha de Esopo adornada com plumas emprestadas. Previam que ele optaria por se retirar como Orfeu para a terra dos mortos.

Theo não ouviu James se mover, mas o jornal desapareceu da frente dela. Com um palavrão que ela nunca ouvira antes, ele rasgou as páginas em pedacinhos e jogou para o lado.

Theo ergueu os olhos.

– Não é tão ruim – disse, conseguindo sorrir. – Já me acostumei a ser comparada a aves de uma ou outra espécie.

James rosnou. Soou exatamente como uma besta enlouquecida fingindo ser um homem. Pedacinhos da folha de jornal estavam grudados na manteiga, e outro havia caído dentro do copo d’água dela.

– Maydrop – falou ela –, chame a carruagem, vou partir em cerca de uma hora.

Um olhar de agonia atravessou o rosto do mordomo.

– Vossa Graça, julgo que seja impossível.

– Discordo – declarou ela, com uma voz que não admitia discussões.

O mordomo retorceu as mãos, coisa que Theo nunca o vira fazer antes.

– A casa está cercada, Vossa Graça!

Uma voz ao lado dela disse:

– Maydrop, convencerei a duquesa.

O mordomo e os criados se retiraram sem mais palavra enquanto James a colocava de pé. A cabeça de Theo rodopiava. Como ele ousava dar ordens aos serviçais dela? Só que não eram serviçais *dela* ; eram dele.

– Venha cá.

James puxou-a até a janela e afastou as cortinas para o lado com um dedo.

– Olhe.

As pessoas não só lotavam a calçada, como se amontoavam na rua – e mais gente parecia chegar a cada instante.

– Impossível! – Theo arfou.

– Está a mesma coisa nos fundos. Não podemos sair de casa até esse furor diminuir, Daisy.

Theo cogitou brigar com ele por usar o apelido, mas conseguiu se conter. Não podia abdicar da civilidade apenas porque um jornalista tolo a comparara com uma gralha. Gralha, pato, cisne... não fazia diferença.

Por um instante ficaram parados ali, o corpo de James atrás dela enquanto espiavam pela cortina a multidão excitada.

– Não vejo o que há de tão interessante em nossa situação – afirmou ela, observando um grupo de rapazinhos virando a esquina e se juntando àquele turbilhão de gente.

– Vamos dar aos escrevinhadores algo sobre o que escrever.

Antes que ela pudesse responder, ele afastou a cortina, puxou-a para seus braços e pousou sua boca na dela com força. Theo ouviu uma gritaria, mas, na verdade, não estava escutando.

Ela sentira falta dos beijos. Não de ir para a cama, mas de beijar.

Ele era quente e possessivo e...

Protetor. Ela afastou a cabeça. Empurrá-lo era como tentar mover um bloco de mármore.

– Não preciso que você me defenda – sibilou Theo.

James deu uma olhada pela janela. Na rua, as pessoas pulavam, tentando ver melhor. Ele ergueu a mão e acenou para elas.

– Oh, Deus – gemeu Theo.

Então ele levantou o queixo dela com uma mão e depositou outro beijo em seus lábios, enquanto fechava bruscamente a cortina com a outra.

Olharam-se por um momento. A sofisticação urbana da noite passada? Não restava mais nada. Aquilo no rosto dele era *luxúria*.

Uma onda de pânico atingiu Theo, e ela deu um passo atrás.

– Daisy – disse James de modo ríspido. – Daisy, você não está com *medo* de mim, está?

Ela não podia falar a verdade. Claro que não estava com medo dele.

Estava com medo de si mesma.

Por isso correu para a segurança de seu quarto.

Capítulo 28



Durante anos a vida de Theo fora lindamente organizada. Ela conhecia cada livro nas estantes, cada fita em sua cômoda, cada vestido no guarda-roupa. Cercara-se de beleza. Nenhum de seus pertences era menos do que primoroso.

James também costumava ser parte daquela perfeição.

Mas agora – apesar do traje extraordinário da noite anterior – ele estava mais brutal do que belo. Toda a energia austera ainda estava ali, mas o excesso se convertera em força física. Não havia dúvida de que ele gostaria de retomar a relação erótica indisciplinada que haviam compartilhado brevemente.

Ela nunca faria aquilo com ele de novo. *Nunca*.

No entanto, com exceção da realza, não havia homem mais poderoso na Inglaterra do que um duque. Se James quisesse mantê-la, ele a manteria. E trataria de se assegurar de que ela fosse para a cama dele.

Seu coração começou a pulsar na garganta de novo em ritmo desesperado, e de repente o cômodo estava quente como um forno. James provavelmente viria direto ao quarto dela naquela noite e exigiria seus direitos conjugais. Como havia feito quando entrou no banheiro.

Ele tinha direito. Pela lei inglesa, ele tinha direito.

Ela se levantou de um salto e puxou o vestido matinal pela cabeça, seguido do *chemise*. Vestiria um saco de aniagem no jantar. Deitou-se na cama só de calções, enrolando-se como uma bolinha.

Se cochilasse, talvez acordasse e visse que aquele dia não acontecera. Talvez estivesse apenas tendo um delírio febril.

Afinal, o conto de fadas terminava com o patinho feio se transformando em cisne. Todo mundo sabia que cisnes obtinham tudo o que queriam. Era sempre o que acontecia com gente bonita.

Ela adormeceu pensando em beleza e sonhou que circulava por um salão de baile com um homem que era radiante. Ela o olhou de esguelha, tentando ver se a pele dele era mesmo incandescente.

– Sim – disse ele com voz gentil. – Sou um dos abençoados.

A velha sensação de ser uma criatura inferior caiu sobre ela como uma coberta. Não importava como se vestisse, ela jamais seria capaz de *brilhar*, pelo amor de Deus.

Ele rodopiou com ela cada vez mais rápido... e Theo acordou com uma lágrima escorrendo pela bochecha. Ela nunca fora boa em mentir para si mesma. Não se sentia um cisne. Sentia-se como uma daquelas pastoras de porcelana às quais o velho duque dava pouco valor.

Sentia-se um vaso vazio, uma mulher inútil cuja existência o marido ignorara por sete anos. O tipo de mulher estúpida o bastante para casar com um homem que herdara uma aptidão para a criminalidade.

A primeira lágrima foi seguida de outra, mais outra.

Ela estava tentando exercer controle sobre seus soluços quando ouviu a porta do quarto se abrir.

– Amélie! – chamou, a voz irregular. – Faça o favor de trazer um lenço.

Não adiantava tentar esconder o ataque de choro da camareira. Amélie sabia tudo da vida de Theo e sempre saberia.

Assim, ela permaneceu encolhida; quando ouviu passos, estendeu a mão. Um lenço macio foi depositado nos dedos à espera.

– Me sinto bastante desmoralizada – declarou ela, enxugando uma última lágrima.

Havia chorado tanto que o cabelo sob o rosto estava molhado. Os olhos e a garganta ardiam.

– Você faria a gentileza de mandar trazerem um bule de chá, por favor?

Mas, em vez dos passos suaves de Amélie se afastando, a cama foi sacudida quando alguém se sentou ao lado dela. Alguém que pesava uns bons 30 ou 40 quilos a mais que Amélie.

– Oh, mas que *droga* !

– Essa é a praga mais violenta que você conhece? – perguntou James, curioso.

– Tenho uma melhor – falou Theo entre dentes. – Estou guardando para dizer diretamente. Poderia fazer o favor de ir embora?

Houve um momento de silêncio, como se ele refletisse sobre o pedido.

– Não.

Ela deveria se sentar, confrontá-lo. Mas estava infeliz demais, acabada demais, com pena demais de si mesma. Então puxou o lençol até as orelhas e cerrou os olhos.

– Conte para você o que os piratas fazem após um dia de trabalho árduo?

– Além de fazer pessoas andarem na prancha?

– Depois disso – disse ele, em tom agradável. – Um capitão pirata não pode se dar o luxo de baixar a guarda. Por isso, Griffin e eu nunca participávamos das celebrações da tripulação.

Theo estava tentando respirar e se acalmar, mas um soluço trêmulo a surpreendeu

– Eu me lavava com água quente. Então me embrulhava numa coberta e ia dormir – prosseguiu James.

Ele levantou, os passos avançaram para o quarto de banho. Um momento depois ela ouviu o rangido da bomba e a água jorrando dentro da banheira. A tristeza e a exaustão pareciam ter desacelerado seus pensamentos.

Ela chegou a adormecer de novo por um ou dois minutos, ouvindo a água correr. Acordou no momento em que se sentiu sendo puxada da cama. Agarrou-se ao lençol com toda a força – o que significa que ele foi junto.

– Pare – ordenou ela, limpando a garganta quando a voz saiu como um murmúrio. – Ponha-me no chão!

– Num instante.

Nos braços de James, ela podia ver com clareza a cicatriz que ia até o pescoço. Isso a fez sentir-se estranha. Esperava que ele tivesse conseguido matar o pirata que havia feito aquilo.

Ele então a pousou e assomou sobre ela, enorme e másculo. O ar brincou na pele dela, e de repente Theo se deu conta de que o lençol havia desaparecido, deixando-a nua, só de calções.

O som emitido por sua garganta parecia o guincho de um dos pavões que passeavam pelo terreno do Palácio de Buckingham.

– Que diabo você pensa que está fazendo?

Ela se esticou e agarrou o lençol de volta antes que James pudesse responder. Ele perdeu o equilíbrio e tombou contra a parede.

– Saia daqui! – gritou ela, a voz falhando. – Onde está minha camareira? Por que você não pode me deixar em paz?

– Vim no lugar de sua camareira – explicou ele, endireitando-se.

– Saia! – vociferou Theo, sentindo-se melhor agora que se cobrira de novo.

Os olhos ardiam e estavam inchados, e a voz, entrecortada. O corpo inteiro doía, numa exaustão terrível que ela não sentia desde a morte da mãe.

Ela respirou fundo.

– Devo pedir que me conceda alguma privacidade. Entendo que talvez não esteja acostumado com isso a bordo de um navio, mas preciso ficar sozinha.

Theo pensou ver nos olhos dele uma sombra tênue do velho James, seu companheiro de infância.

– Você deve entrar no banho – disse ele. – Vai se sentir melhor. Posso ver que esteve chorando.

– Dedução brilhante – observou ela, sem emoção. – Quando tomo banho, tomo sozinha. Adeus.

– Por que suas gavetas agora são tão austeras?

– O quê?

– Suas gavetas. Me lembro delas como uma combinação de renda francesa, faixas e seda. Passei um bom tempo pensando nelas a bordo do navio.

Ela ficou carrancuda.

– Minhas gavetas são austeras porque deixei as infantilidades de lado.

– Eu gostava delas.

– Tanto que não queria que eu usasse nada delas!

A frase foi disparada sem vontade consciente.

– Aquilo era apenas um jogo erótico – explicou ele, dando de ombros.

– Aqueles acessórios eram frívolos – rebateu ela em tom bastante frio.

E lembravam bastante daquela tarde medonha; desde então, ela jamais usou nada perto da pele a não ser linho sem adornos.

A mão dele crispou-se e ela estreitou os olhos.

– Não pense em agarrar meu lençol de novo ou vou meter o joelho onde mais irá doer.

Havia algo no rosto dele... ele parecia *pesaroso* por ela. Ou seria *pena* ? Theo engoliu em seco. Era o ponto alto de um dia *maravilhoso* .

– Poderia, por favor, retirar-se do quarto de banho? Senão por cortesia, então porque um dia você me respeitou, por favor?

Os olhos dele eram impenetráveis, e ela não saberia dizer em que ele estava pensando. Mas, em vez de sair, ele se sentou no banco da camareira, no canto do aposento.

– Não.

– Então sairei eu – falou Theo, virando-se. – Obrigada por preparar água para o meu banho.

Ele se esticou e pegou-a pelo pulso antes que pudesse dar mais um passo.

– O que está fazendo? – perguntou ela arfando.

Theo o encarou.

– Você... você nunca *forçou* mulheres a nada, não é, James?

Sem querer, as lágrimas brotaram em seus olhos de novo.

Um rosnado grave emergiu do peito dele.

– Como você pode me perguntar isso?

– É que você é um pirata. Você... você...

Ela se calou ao fitá-lo. Havia mais mágoa do que raiva no olhar de James.

– Você teme que eu faça uma coisa dessas com você?

A voz dele era rude, com um traço sombrio.

Theo engoliu em seco. Os olhos dele tinham o tom de azul do céu antes da tempestade.

– Claro que não.

Sua declaração não foi muito convincente. E o pior é que não tinha muita certeza de que conseguiria resistir.

– *Jamais* forcei uma mulher – anunciou ele, sua voz quase soando com a beleza de antes.

– Mas você matou gente – disse ela, mordendo o lábio.

– Apenas quando tive que fazê-lo. Nunca um inocente: sob meu comando o *Poppy Dois* atacou apenas navios piratas com a flâmula da caveira e dos ossos cruzados, assim como o *Flying Poppy* a partir do momento em que Griffin e eu unimos forças.

– Sem ninguém na prancha? – perguntou ela, sentindo desprezo pela nota patética de esperança em sua voz.

– Ninguém.

Ele sustentou o olhar dela, e, embora tanta coisa nele houvesse mudado – o corpo estava diferente, a voz se fora, o rosto tinha amadurecido –, seus olhos continuavam os mesmos. Orgulhosos e honestos.

Honestos .

Outra onda de exaustão atingiu Theo. James não era honesto. Ele a ludibriara para que se casassem, tinha mentido durante os votos diante de Deus e dos homens. Ela se virou, com as pernas subitamente bambas, e caiu sentada no banco de onde ele acabara de se levantar.

Então certificou-se de que o lençol a cobria com decência, dobrou as mãos sobre o colo e olhou para os dedos dos pés.

– Isso não vai funcionar – falou. – Nunca.

– Por que não? – questionou ele, soando bastante calmo.

– Eu mudei. Não sou mais despreocupada. Prefiro que minha vida tenha ordem. Prefiro ser respeitada e honrada em minha própria casa. – Ela acenou com a mão no ar cheio de vapor. – Vamos ser honestos um com o outro, está bem? Amei você uma vez. Acredito que você também tenha me amado, embora não com vigor suficiente para contrariar seu pai. Mas, antes de seu pai forçar a questão, eu não fazia ideia de que amava você... pelo menos não daquele jeito.

A memória da intimidade entre eles se fez presente, e ela vacilou.

– De que jeito? – perguntou ele na mesma hora.

– Olhando em retrospecto, existiam alguns aspectos muito perturbadores em nosso relacionamento, em particular nas relações conjugais. – E ela acrescentou: – Fiquei com muita raiva de você, mas passou há anos.

– Até eu deixá-la com raiva de novo ao aparecer na Câmara dos Lordes.

Ela tornou a olhar para os pés.

– Não vou fazer drama com isso, mas é difícil ser conhecida como uma mulher tão feia que o marido não suporta viver no mesmo país que ela. Talvez por essa razão eu seja muito sensível a desfeitas.

– Você não revelou a verdade sobre minha partida porque qualquer explicação comprometeria meu pai – disse James lentamente.

Ele se sentou na borda da banheira de cerâmica.

Theo não fez objeções.

– Acreditaram de verdade que saí do país porque achava você feia?

Ele soou pasmo, o que era gratificante. Depois da mãe, James sempre fora seu defensor mais cego.

– Levou alguns anos até eu parar de ouvir isso – prosseguiu ela. – Quando tornei a propriedade lucrativa outra vez, fui para Paris e, ao voltar para Londres, no ano passado, usei uma capa de cisne no baile de Cecil.

Ele nem sequer sorriu.

– Foi um sucesso – insistiu ela, recostando na parede.

– Você é deslumbrante, não importa o que vista – declarou ele com ênfase.

Não havia compaixão em seus olhos. Como ele nunca aceitara que ela fosse menos que linda, não podia celebrar seu triunfo.

– Quero dizer que, quando você apareceu tão de repente na Câmara dos Lordes, trouxe à tona muita coisa e fiquei com raiva. Entendo que você tenha tentado me contatar pela manhã, mas o fato de eu não fazer ideia de que estivesse vivo até o momento em que se identificou confirmou a impressão de que você não podia suportar viver com uma mulher tão feia. No entanto, já não estou brava por causa disso – acrescentou, lutando para dar um tom radiante à sua fala, sem sucesso.

– Isso é um absurdo.

O rosto dele estava inexpressivo.

– Vou me mudar para a França – disse ela com súbita urgência. – Vou me mudar para qualquer lugar, James. Por favor, apenas me deixe ser quem sou agora. Não posso fingir que a moça com quem se casou voltará um dia. Não posso... Não poderia ir para a cama com você.

Sem ela querer, um certo tom de repugnância manchou sua voz.

Os ombros dele ficaram tensionados. Um instante depois, perguntou:

– Porque você me despreza por ter ido embora ou pelo fato de eu ter mudado?

– *Eu* mandei você embora. Acredite ou não, faz tempo que aceitei a culpa por minha declaração precipitada.

– Não tive a intenção de desrespeitá-la diante da Câmara dos Lordes.

– Eu acredito – disse ela, enfatizando a crença naquilo. – Por isso penso, espero, que possamos ser honestos um com o outro, como os amigos que fomos um dia e com respeito pela afeição que outrora compartilhamos.

Ele murmurou alguma coisa.

– Como?

– Era amor, não afeição – falou James, erguendo a cabeça.

– Claro – concordou ela em tom despreocupado. – Cheguei a pensar em nosso casamento como algo muito parecido com Romeu e Julieta em sua breve intensidade. Creio que foi bom nunca termos sido testados pela vida. Nosso amor era excessivamente apaixonado, como uma tempestade de verão que passa rápido.

– Discordo. Penso que agora teríamos filhos – declarou ele. – Teríamos nos apaixonado ainda mais profundamente. Em algum momento eu teria confessado por que havia me casado com você, e você teria perdoado, pois pessoas que amam fazem isso.

Havia uma centelha feroz e intensa no olhar dele, que provocou um calafrio na espinha de Theo.

– Poderia ter sido assim. O que quero dizer é que não devemos fingir que essas emoções podem ser reavivadas. Não podem. Acredito que o tribunal estaria disposto a nos conceder o divórcio, ainda que raramente o façam. Apenas em casos extraordinários.

– O caso extraordinário seria minha carreira de pirata.

A voz dela saiu com um leve tom de desculpa.

– Mesmo que você nunca tenha feito ninguém andar na prancha.

– Ou violentado qualquer mulher.

– Sim, mesmo assim. Veja, basta que eles *pensem* que foi assim.

Ela percebeu que não gostava do controle que ele mantinha sobre si. Era quase melhor quando ele perdia as estribeiras e gritava. Agora, até o ar em torno dele parecia tremeluzir de emoção, embora ele nem mesmo elevasse a voz.

– Você quer que eu finja ser um estuprador e um assassino para que nosso casamento possa ser dissolvido – falou ele sem rodeios.

– Não! – gritou ela.

Ele não replicou.

– Claro que não quero que ninguém pense que você é... que você é essas coisas. Na verdade, estou tão aliviada que não seja! Penso que o fato de você... Bem, você parece muito diferente, James. Você está bem grande. E tatuado. Sua voz...

A voz dela morreu, e ela gesticulou ao léu.

– Não combinamos mais um com o outro.

– Por que não?

Ela quase riu.

– Eu poderia apostar que sou a mulher mais organizada de toda Londres. É assim que administro os bens e foi assim que ergui a fábrica de cerâmica e a tecelagem. Eu faço listas. Não – corrigiu-se –, faço listas dentro de listas. A vida é muito mais agradável e eficiente quando tudo tem um lugar adequado.

– Não entendo por que suas aptidões como administradora não podem coexistir com o nosso casamento.

Aquilo não foi dito de forma agressiva, por isso ela tentou explicar:

– Tomo muitos banhos e gosto que sejam na temperatura certa. Mandeï instalar a bomba no quarto de banho para que os criados não tivessem que carregar água escada acima; assim ela vem direto da caldeira que fica na área de serviço. Meus banhos são perfumados com três gotas de óleo de prímula. Não qualquer óleo, mas uma fragrância particular, feita para mim na propriedade de Staffordshire.

James não pareceu impressionado.

– A vida é mais fácil, muito mais fácil – continuou Theo –, se você elimina questões sobre as quais as outras pessoas não se decidem. Meu banho é perfumado com flores de sabugueiro durante o inverno, mas troco para prímula em 1^o de abril.

– Você é rígida como uma cerca de estacas – afirmou ele.

Não era a primeira vez que diziam algo assim para ela.

– Suponho que seja – assentiu ela. – Prefiro pensar que sou sensata. Sei exatamente o que quero vestir em cada tipo de ocasião. Não tenho mais vestidos do que possa usar, e uso todos a mesma quantidade de vezes antes de doar para minha camareira. Nunca me preocupo com a possibilidade de me ver num vestido fora de moda ou com sinal de desgaste.

Ele inclinou levemente a cabeça e ela sentiu uma pontinha de tristeza pelo jovem James de suas memórias. Aquele era um maneirismo dele desde os tempos de criança.

– Tal nível de rigidez é necessário?

– Não causa mal a ninguém. Minha casa funciona como um relógio. Fico confortável e feliz. Meus empregados sabem o que é esperado deles, mas de

minha parte nunca peço mais do que possam executar.

James ainda não parecia convencido.

– Meu sistema me permite ser bem mais produtiva que a maioria das mulheres, ou mesmo dos homens – salientou ela. – De modo geral, pouco se requer de uma mulher da nobreza além de administrar a casa.

– Peço desculpas por tê-la deixado responsável pelos bens da família – disse James com brandura.

Theo sorriu, rápida e doce, e de repente, ainda que por apenas um instante, ali estava sua Daisy de novo. Ele sentiu uma vertigem, como se o mundo inteiro tivesse se inclinado ligeiramente para o lado.

– Gostei de ter ficado com essa responsabilidade – admitiu, um tanto encabulada. – Antes de morrer, minha mãe disse que eu não tinha o direito de me lamuriar pelo fim de nosso casamento, e ela estava certa. Fico feliz ao contar para as pessoas o que faço. Talvez eu nunca viesse a ser uma boa esposa, mas sou um bom duque.

James pensou naquilo por alguns instantes. Era de se presumir que só havia espaço para um duque em qualquer ducado.

– Sinto muito pela morte de sua mãe – falou ele, enfim. – Quando foi?

O rosto de Theo anuviou-se, e ela olhou para os pés novamente.

– Há uns anos. Ainda sinto falta dela.

– Sinto falta do meu pai.

Ele confessou em tom casual, mas não conseguiu fitá-la, por isso virou-se e colocou os dedos na água. Tinha ficado fria, então começou a bombear de novo.

– Sinto muito pela morte dele – falou Theo. – Ele estava bastante confuso quando o trouxeram para casa após o ataque do coração, mas não parecia sentir dor. E se foi durante a noite.

James engoliu em seco. A água lançava vapor no rosto dele. Ele podia sentir as gotas nos cílios.

– Bem. Um de meus muitos erros. Gostaria de ter estado com ele. – Não havia nada que ela pudesse dizer a respeito. – E gostaria de evitar outro erro e permanecer casado com você – afirmou.

Ele parou de bombear, ainda sem olhar para ela. Sua voz não estava tão uniforme quanto deveria.

Theo não respondeu; ele então olhou e pensou ter visto pena em seus olhos. Endireitou-se e limpou as gotas d'água em sua pele.

– Você é minha amiga – disse, erguendo-se e afastando-se dela. – Eu gostaria de ficar casado com uma amiga. Você conheceu meu pai, todos os bons e maus aspectos dele. Gostaria de ter condições de ser honesto com minha esposa, ter a compreensão dela de que é possível amá-lo e odiá-lo ao mesmo tempo. Embora ele esteja morto.

Ela deu um sorrisinho.

– Você mudou enquanto esteve fora, James.

– Não há muito o que fazer a bordo de um navio além de ler e pensar. Adquiri o hábito de ler filosofia.

– Você era um *pirata* ! Piratas não leem filosofia. E pensei que você odiasse ler.

– Não éramos piratas. Éramos corsários que atacavam piratas. Passávamos boa parte do tempo nos esgueirando pelas rotas de navegação, fingindo ser embarcações inocentes, hasteando a bandeira do reino da Sicília, esperando um bando de degoladores içar a Jolly Roger, como é chamada a bandeira deles. Na maior parte do tempo, a vida no mar é bastante tediosa; optei por ocupar aquele tempo com leitura.

– Você sempre detestou ficar entediado – observou ela.

Theo parecia um pouco melhor. Os olhos não estavam tão vermelhos e a boca se curvava num pequeno sorriso. O sorriso de Daisy era a coisa mais linda que ele já tinha visto.

Com esforço, James lembrou-se de seu plano. Trevelyan jamais entraria naquele aposento ou beijaria aquele sorriso. Ela não recebera bem o beijo na sala do café da manhã. O beijo que o deixara zozado parecera apenas tê-la deixado em pânico.

– Tive que aprender a me controlar – disse ele. – A bordo, você pode mergulhar da amurada e nadar ao lado do navio caso se sinta inquieto. Esse tipo de esforço físico era muito benéfico para mim.

Os olhos dela percorreram seu peito e ela aquiesceu.

– Estou vendo.

– Não sou tão grande – falou ele, um pouco na defensiva.

– Não quis insinuar isso. Acho que estamos falando de objetivos diferentes, James. Eu também gostaria de ser amiga do meu marido. Mas conheço você muito bem. Não vai querer ser apenas amigo da sua esposa. Vai querer mais.

– Quero filhos.

Ela assentiu.

– Sim, e mais que isso.

Theo mantinha o corpo tão imóvel que parecia esculpida em madeira.

– Você quer todo aquele ardor e paixão, e não posso oferecer isso.

– Por que não?

Ele soltou a pergunta involuntariamente, então tomou fôlego:

– Entendo que minha aparência tenha mudado, mas você poderia se acostumar com isso. Ou é porque não fui fiel?

– Não.

Ela havia começado a dobrar e desdobrar o lençol, o que agradou a ele, pois mostrava *algum* tipo de reação ao que estava falando.

– Não à infidelidade ou não à minha aparência e à minha voz horrível?

James se lembrava de quanto ela amava que ele cantasse para ela. Se cantasse agora, provavelmente a faria perder o sono de tanto medo.

– Nenhuma das duas. Ou melhor, nenhuma das três. Você parece o James de sempre, posso ver isso agora.

Ele pôde sentir o canto da boca se curvando. Muitas mulheres haviam dito que ele era lindo; ele preferia *o James de sempre*.

– Nesse caso, por que não cogita ir para a cama comigo?

Ela teve um pequeno estremecimento, e, para seu choque, James percebeu que o que tinha visto era uma genuína sensação de desagrado. Repugnância, até.

– Não posso fazer isso de novo. Meus sentimentos derivam em parte do choque do que aconteceu com seu pai. Mas eu teria chegado a esse entendimento mesmo assim – disse ela, mais confiante.

– Chegado a esse entendimento?

– Não sou esse tipo de pessoa. Todas aquelas coisas que você me pediu para fazer: não usar calções debaixo dos vestidos, deixar o cabelo solto embora os criados com certeza fossem ver... Esse tipo de coisa é abominável para mim. – Ela estava sendo verdadeira; ele podia ver em seus olhos. – Não posso imaginar o que deu em mim para concordar com algo tão desagradável. Embora não queira

que pense que estou sendo crítica em relação a você e às suas necessidades. Não estou. – Ela soava muito sincera. – Apenas não é para mim.

Ele pigarreou. Foi um choque perceber que o mundo podia lhe provocar muitos tipos de culpa. O fato de ter de algum modo ajudado a matar a alegria de Daisy na intimidade, o deleite com que ela havia acolhido o toque dele e encontrado prazer na cama deles... Essa culpa não parecia suscetível de se dissipar da forma como ocorrera com a morte do pai.

Por outro lado, ele não era um garoto de 19 anos incapacitado pelo próprio remorso. Poderia fazê-la mudar de ideia. Nem que levasse cinquenta anos. Ele não podia fazer nada a respeito do pai, mas podia tentar consertar a situação com Theo.

– Acho que você está errada – falou ele, mantendo a voz gentil.

– Eu me conheço.

Ela falou com total segurança, a confiança de alguém que não teve ninguém com quem contar além de si mesma por anos.

– Eu e você sempre discordamos a respeito disso.

– Estou à vontade com meu corpo – disse ele.

– Você sempre esteve.

O rosto dela estava tenso e muito severo, mas apenas por um momento ele vislumbrou a covinha na bochecha direita. Theo sempre tivera só uma covinha, como se ter duas fosse por demais exuberante.

– Se seus tutores o tivessem conduzido pelas cocheiras entre as aulas de grego, você teria sido um aluno mais feliz.

– Me meti em muitas brigas em Eton, e isso ajudou.

A covinha de novo.

– Suponho que pirataria tenha sido apenas uma extensão do pátio da escola e suas disputas.

– A pirataria desenvolveu a imprudência que herdei de meu pai.

Ela aquiesceu:

– Faz sentido.

– Infelizmente o perigo não é tão excitante quanto parece. Aprendi que exercitar a mente pode ser tão interessante quanto exercitar o corpo.

Ela assentiu.

James escolheu as palavras seguintes com muito cuidado.

– Me parece que você reagiu ao desafortunado fim de nosso casamento indo na direção oposta. Eu me atirei ao perigo, você se cercou de retidão.

– Retidão não é uma palavra simpática, mas entendo o que quer dizer. Sou bastante feliz sem me rebaixar na intimidade – explicou ela, de novo com ar de total confiança. – É por isso que devemos dissolver nosso casamento, James. Sei que você quer uma mulher que se submeta a você. E mais uma vez não pretendo ser crítica. Jamais serei essa mulher e não posso sê-la. Espero que nenhum de nós queira que o outro fique em um arranjo perpetuamente infeliz.

– Não.

Ele se viu vítima de uma das emoções mais ferozes de sua vida: queria Daisy de volta. Não Theo; ou melhor, como admirava Theo, ele queria partes dela. Mas não queria ser responsável por extinguir a alegria de Daisy. Isso ele não poderia suportar.

Precisava dela. Sem ela, ele próprio poderia caminhar na prancha. Não que alguma vez tivesse obrigado algum homem a fazê-lo. Ele seria o primeiro.

Ela sorriu para ele distraidamente.

– Você vai encontrar uma mulher que goste do seu tipo de jogo íntimo. E posso encontrar um homem que tenha o temperamento mais semelhante ao meu. Ou não. – Ela deu de ombros. – Gostaria de ter filhos. Mas estou bem feliz sozinha.

Pelo que James presenciara até ali, Daisy devia ser a pessoa mais solitária que ele vira em anos. Após sua partida da Inglaterra, Griffin se tornara seu braço direito, seu melhor amigo, seu irmão de sangue.

Já Daisy permanecera sozinha.

Se ele concordasse com o plano idiota dela – não que fosse concordar, pois o mero pensamento lhe dava vontade de esmurrar a parede –, Daisy se casaria com Geoffrey Trevelyan ou alguém da laia dele. Trevelyan não tinha qualquer interesse pela sensualidade. Se um dia tivessem um filho, seria praticamente um milagre.

Se havia alguma coisa da qual ele tinha completa certeza, era de que morreria antes de permitir que Daisy fizesse amor com qualquer um que não fosse ele. Para sempre.

– Algum problema?

– Não quero casar com o tipo de mulher de que você está falando – disse ele de modo abrupto. – Você pode pensar que quer se casar com Trevelyan, mas acharia muito desagradável ir para a cama com ele. Até pior do que parece imaginar que seria ir para a cama comigo.

– Talvez – respondeu ela. – Embora deva salientar que nunca falei nada sobre Geoffrey como um possível consorte, ele entenderia minha relutância em me submeter ao tipo de enlace febril que você prefere. Na verdade, suponho que Geoffrey tenha as mesmas objeções ao congresso conjugal que eu.

– *Congresso conjugal?!*

Ela ignorou a reação.

– Geoffrey e eu somos adultos. Desagradável ou não, ele se engajaria na atividade carnal requerida para a procriação. Na verdade, diria que eu e Geoffrey somos iguais nisso. Não sou tão relutante a atividades na cama quanto penso ser incapaz de responder da forma que você deseja. Não posso permanecer casada com você, James. Acho que isso me destroçaria.

James pensava mais depressa do que já havia pensado no calor da batalha. Nenhuma de suas leituras a bordo – Maquiavel, as artes da guerra, a filosofia dos gregos antigos – podia ajudar no momento mais crucial de toda a sua vida. Ele poderia ter rugido de fúria e medo represados, mas em vez disso fechou os olhos, ignorando Theo por um momento.

Então tentou vasculhar os elos de vergonha, culpa, raiva e, sim, amor que os prendiam. Havia um motivo para que ele só conseguisse falar do pai com Daisy. Havia um motivo para ele ser capaz de expressar sua autoaversão e arrependimento para ela e se sentir purificado e perdoado por um vislumbre de sua covinha.

Os dois estavam ligados – provavelmente desde o verão em que ele ficou cego e ela se tornou seus olhos.

Ele não podia entender como tinha conseguido viver sem ela por sete anos. Ela era como a luz do sol. Como água e alimento.

James foi até ela, cada milímetro de seu corpo concentrado nela. Ela era *dele*. Ela era tudo que ele sempre quis, embora tivesse se perdido dessa verdade por algum tempo.

– James – falou ela, com um leve tom de advertência.

Ele colocou as mãos em torno de sua cintura esguia e a pôs em pé, com cuidado para não tirar o lençol do lugar.

– Eu quero você – declarou.

Pela primeira vez, sua voz alterada soou correta. Ele *precisava* rosnar para a esposa que não o queria, que pensava que nunca mais quereria estar na cama com ele. O som era adequado.

James não queria que ela continuasse a dizer aquelas palavras que a engaiolavam, que a colocavam entre barras de ferro, por isso inclinou-se em direção aos lábios dela. Eram exuberantes e doces, como ele se lembrava – e ele se lembrava muito bem, mesmo depois de todos aqueles anos. Nunca havia esquecido o primeiro beijo deles.

Ele quase perdeu a cabeça, mas se conteve. Tinha que deixá-la à vontade, agir como o macho castrado que ela pensava querer. Griffin acharia isso a coisa mais estúpida que já tinha ouvido. Mas Griffin não era uma mulher que havia experimentado apenas dois dias de vida de casada, sete anos antes.

Griffin não era a sua adorável, controlada, rígida Daisy.

Ela o empurrou, e ele deu um passo atrás de pronto, lembrando-se de sorrir.

Capítulo 29



— **T**em uma coisa que devo contar, que você não entende – disse James.

A expressão dele incomodou Theo. Ela enrolou o lençol mais firmemente em volta dos seios.

– O que não entendo é por que Amélie, minha camareira, não apareceu até agora. Eu a chamei há uma hora.

– Mandeí-a para casa, é aniversário da mãe dela.

– Mas...

Ela não sabia que era o aniversário da mãe da camareira, mas Amélie podia ter pedido o dia de folga. Theo orgulhava-se de nunca ser injusta com qualquer pedido de seus empregados que fosse relacionado à vida pessoal.

– Suspeito que ela não quisesse perturbar sua rotina.

– Não haveria perturbação – explicou ela. – Quando Amélie tira folga, Mary me ajuda. Ela é muito bem treinada.

– Mandeí Mary para casa também.

Theo franziu a testa.

– Uma delas sempre está comigo. Meus vestidos não são como os trajes de um cavalheiro. Geralmente não me incomodo com espartilhos, porém, se tivesse usado um com meu vestido matinal, ainda estaria com ele agora.

– Você não precisa de espartilho – observou James, com um olhar de franca admiração.

– Bem. Não posso esperar que você entenda. Terei apenas que mandar vir uma das outras empregadas.

Ele balançou a cabeça.

– Você não fez isso!

– Pensei que fosse o momento perfeito para agradar aos criados. Veja bem, quero que gostem de mim. E é muito desagradável para eles estar numa casa sitiada.

– Sempre vão gostar de você, contanto que pague seus ordenados. Você não mandou *todos* para casa, mandou?

– Todos, exceto Maydrop e seus lacaios, que estão de guarda.

– Você está louco? Quem vai servir a comida? Quem vai...

Theo olhou em volta enlouquecida.

Ele sorriu.

– Maydrop fez os empregados partirem em várias carruagens para confundir os bisbilhoteiros.

– Como nos vestiremos para as visitas matinais? – inquiriu ela. – Você pensa que vou descer para a sala de estar desalinhada?

– Quaisquer visitas que recebêssemos seria de gente ávida para dar uma olhada na minha tatuagem. Não estou recebendo visitas, nem você. Na realidade, Maydrop removeu a aldrava. Espero que, com a confusão causada pelos empregados partindo em várias carruagens e a retirada da aldrava, a horda de jornalistas chegue à conclusão de que conseguimos despistá-los e escapular para o campo.

Ela havia se esquecido de quão ávida a aristocracia estaria para dar uma olhada no duque pirata. Curiosamente, ele se parecia cada vez mais com o velho James para ela.

– Bem, talvez seja melhor permanecermos aqui – concordou ela um tanto relutante.

Os próximos dois dias seriam uma provação, mas era melhor do que bancar a anfitriã para multidões curiosas.

– Você está certo – disse ela, dando o devido crédito. – Seria uma aglomeração medonha quando as pessoas comesçassem a fazer visitas.

– Sim.

Ele estava recostado na parede de um jeito que nenhum cavalheiro ficaria, parecendo se divertir um pouco com a situação.

– Se me der licença – pediu Theo, mudando de assunto –, gostaria de alguma privacidade para tomar um banho.

– Como estamos praticamente sozinhos na casa – respondeu ele –, quero esclarecer que você está cometendo um erro. Você acredita que sou o mesmo rapaz com quem fez amor há sete anos, com os mesmos desejos e necessidades que eu tinha naquele tempo.

Ela começou a falar, e ele ergueu a mão.

– Lá em 1809, fizemos amor porque estávamos apaixonados.

Theo assentiu. Aquele vapor todo estava deixando seu cabelo úmido e fazendo os fios caírem sobre os seus olhos. Ela lembrou quanto ele amava seus cachos e alisou o cabelo para trás.

– Neste ínterim, você mudou – afirmou James.

– Obviamente – concordou Theo.

Theo afastou a imagem dela sobre ele como uma prostituta, provocando-o com o cabelo. Deveria estar fora de si na época.

– O que estou tentando dizer é que você não considerou a possibilidade de que eu também tenha mudado. Garanto que mudei. Não sou mais um rapaz.

– Você ainda não tem nem 30 anos.

– Com a idade vem o controle. – O sorriso dele era um pouco convencido, mas ela achou que não seria educado fazer essa observação. – Tive raiva várias vezes hoje, mas não perdi as estribeiras.

– Reparei. É um feito notável, dado o seu histórico familiar – admitiu ela.

– Para todo o bem, existe um lado sombrio.

Ele suspirou. Se não o conhecesse, ela pensaria que James estava sendo melodramático. Só que James não tinha nada de melodramático.

As nádegas de Theo começaram a doer por causa do assento duro do banquinho, e ela se levantou. Amélie muitas vezes se sentava ali enquanto esperava Theo terminar o banho. O banco ficaria muito mais confortável com um assento estofado. Ela fez uma anotação mental.

– Viveremos como selvagens nos próximos dias – declarou ela, mudando de assunto –, mas novas experiências são sempre válidas.

James deu uma risada e, antes que ela pudesse detê-lo, atravessou o cômodo, passou uma das mãos por baixo dos joelhos dela e ergueu-a contra o peito de novo.

– Você tem que parar com isso! – gritou ela.

Só que ele já estava abrindo a porta do quarto dela com o pé. Era muito estranho estar nos braços dele. Ela não havia reparado antes, mas os antebraços de James estavam trançados de músculos. Ou talvez tivesse reparado.

– Daisy – disse ele, a voz conseguindo ser severa e divertida ao mesmo tempo. – Você acredita mesmo que viveremos como selvagens, dado o esplendor do seu quarto, para não mencionar o resto da casa?

Claro que o cômodo era decorado com luxo. A cortina de seda veneziana era um toque particularmente elegante.

– Estamos sem os criados – observou ela, ressaltando o óbvio. – A vida sem criados é bastante desconfortável. Poderia me pôr no chão, por favor, James?

– Ainda não – informou ele. – Gosto de segurar você.

Ele então fez a coisa mais estranha: inclinou a cabeça e deu um beijo no nariz dela.

Foi suave como o roçar de uma borboleta e tão fugaz quanto. E sacudiu-lhe o corpo inteiro.

Por um momento, ela viu dois James: o jovem marido suave de sete anos antes e o enorme pirata de agora.

A qualquer instante ele ficaria com aquele olhar faminto. Ela começou a lutar de verdade.

– Ponha-me no *chão* !

Ele pôs.

– O que estou tentando explicar é o seguinte – falou James rapidamente, antes que ela pudesse dizer algo. – Não sou tão jovem quanto eu era, Daisy. Não tenho mais o mesmo tipo de desejo incontrolável. Sim, eu gostaria de fazer amor com minha esposa. Quero ter filhos. Mas quer saber exatamente com quantas mulheres Jack Hawk fez amor?

Ela fechou a cara.

– Não.

– Três – declarou ele. – Três. No caso de uma dessas cortesãs, cheguei a ficar meses sem vê-la. E elas eram isso: não amantes, mas cortesãs. No último ano, não dormi com ninguém. Na verdade – disse em tom pensativo –, faz uns dezesseis meses. Griffin e eu fomos para a China e estávamos a caminho da Índia quando sofremos um ataque. Foram meses para me recuperar do ferimento na garganta.

Theo deu uma olhada na cicatriz e estremeceu.

– Você ouviu o que eu disse, Theo?

– Você não é o mulherengo que o investigador descreveu – respondeu ela de modo obediente.

– Junto com o controle da raiva vem o controle do desejo. Você não pode ter um sem o outro.

– Por que não?

Ele deu de ombros.

– Tudo que posso dizer é que não estou com nenhum desejo particular pelo tipo de encontro tórrido que tivemos quando nos casamos. Com certeza não quero fazer amor na sala de estar nem em qualquer outro lugar que não em completa privacidade, debaixo das cobertas de uma cama confortável.

– Não me importo absolutamente de fazer amor – explicou ela, olhando de soslaio num esforço para ver se ele parecia sincero.

– Como falei, quero ter filhos. E quero você a meu lado, Daisy. Estou no controle de meus apetites e, caso esteja se indagando, nunca mais serei infiel. Jamais terei uma cortesã.

Sem que ela quisesse, uma pequena chama de esperança acendeu-se em seu coração. Seria tão bom ter James de novo se ela não tivesse que se preocupar com aquelas atividades no quarto.

Mas ela não acreditava muito nele.

– Estou certa de que vi algo em seu rosto mais cedo.

– Quando?

A voz dele soava indolente, serena, e ele parecia bastante relaxado.

Talvez ela estivesse errada. Talvez o que ele realmente quisesse dizer é que preferia os corpos roliços exuberantes daquelas suas cortesãs. Ele teria controle perto dela porque estava acostumado com mulheres bonitas.

Ela mordeu o lábio.

– Posso provar – disse ele.

– Pode?

– Tome seu banho, e agirei como sua camareira.

– Não!

– Por que não? Você *sabe* que eu nunca a forçaria a nada, Theo. Não é possível que não saiba disso. – Os olhos dele encontraram os dela. – Posso ter

casado sob falsos pretextos, mas nunca lhe disse nada que não fosse verdade. Quando fizemos amor, eu falei tudo o que estava sentindo.

– Suponho que seja verdade.

– *Cantei para você* .

Theo estourou numa risada. O horror na voz dele era tão *James* ... Se ele não quisesse reacender todo aquele disparate erótico, então ela bem que gostaria de ficar casada com ele, com tatuagem e tudo.

– Vai deixar crescer o cabelo de novo?

Ele franziu a testa.

– Só se você quiser. Mas nada de cantar. Não posso mais cantar.

– Percebi.

Ela ficara triste, mas ele estava sorrindo, então não havia problema.

– Eu gostaria de ter filhos com você – repetiu ele, e mais uma vez ela viu honestidade em seus olhos. – Embora tenha se tornado muito rígida, você ainda é minha amiga mais próxima e a pessoa que mais admiro no mundo. E quem sabe o que pode acontecer? Talvez você aprenda a relaxar.

– Não, não aprenderei – declarou ela. – Você vai entender se viver comigo. Levo um tempo para pensar na melhor maneira de fazer determinada coisa porque assim não preciso pensar sobre aquele problema específico nunca mais.

Ele deu de ombros outra vez.

– Vou aceitar sua palavra.

James tirou o casaco.

– Céus, o que está fazendo?

– Nu, você poderá ver se estou falando a verdade ou não – disse ele, soando sensato, mas insano.

– Você não pode simplesmente tirar as roupas... Ah, meu Deus. É outra cicatriz?

Ela deu um passo na direção dele. Essa ia do ombro direito até o estômago. Era branca e esticada contra a pele cor de mel.

– Baioneta – falou James num tom jovial.

Ele se inclinou para tirar as botas, e de repente ela teve a visão de uma massa de ombro e de poderosas costas masculinas. James era lindo. Melhor dizendo: ainda era lindo. Seu corpo era uma máquina poderosa. Os músculos moviam-se

suavemente debaixo da pele, de um jeito que fazia os dedos dela coçarem para tocá-lo.

– Tem mais uma!

Ela arfou ao ver um talho branco em metade da cintura dele.

– Corte de sabre – explicou James, tirando a segunda bota e as meias. – O souvenir de um francês tolo que fez de conta que estava lutando um duelo. Atirei nele.

– Quantas vezes você quase morreu? – perguntou Theo, ouvindo a própria voz enfraquecer.

– Apenas uma – afirmou com tranquilidade.

Ele colocou as mãos nos calções.

– Espere! – gritou ela, mas de algum modo a voz saiu mais ofegante do que decidida, e ele baixou os calções e as ceroulas sem hesitar.

E ali estava ele. Maior – em tudo. Com certeza não era tão grande sete anos antes. Não.

Ela se forçou a desviar o olhar.

– Pensei que estivesse no controle de sua luxúria – disse ela em tom acusatório.

A simples visão deixou-a na ponta dos pés, pronta para zarpar para o outro cômodo. Havia uma chave na porta da biblioteca. Havia...

O olhar dele seguia calmo, impassível.

– Estou.

– Então... por quê?

Ela acenou com a cabeça na direção da virilha dele.

– Ah, isso?

Deu um tapinha descuidado no membro.

– Não se lembra disso?

– Eu me lembro. E deveria estar... deveria estar para baixo.

– Para baixo?

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Você se lembra de alguma vez estar para baixo?

Theo fechou a cara.

– Talvez não. Mas tenho certeza de que deveria estar para baixo.

– Não o meu – declarou ele, dando outro tapinha. – Estou para cima o tempo inteiro.

James já lhe dera as costas, voltando para o quarto de banho.

Ela o acompanhou com os olhos, completamente confusa. As nádegas tinham a mesma cor de mel dos braços. Como era possível? Ela se lembrava de que eram de um branco perolado. Agora estavam mais definidas e com uma cor diferente. Como se ele costumasse ficar ao sol sem roupa. A curiosidade a fez ir atrás dele.

James estava bombeando água quente para a banheira pela terceira vez e testando a temperatura com o dedo.

– Como você disse que gosta da água?

– Não muito quente – respondeu ela, cautelosa.

O corpo dele era muito estranho. Qualquer um daqueles ferimentos o teria matado caso houvesse uma infecção.

– Seus ferimentos nunca infeccionaram?

– Algumas vezes, sim – respondeu sem se virar.

Um calafrio percorreu a espinha dela. Theo conhecia infecções. Havia perdido uma de suas lavadeiras quando a moça cortou o dedo. Um dos trabalhadores da fábrica de cerâmica morrera após uma queimadura acidental.

– Você poderia ter morrido – afirmou.

E então, como precisava de sua atenção para fazê-lo entender, caminhou até ficar ao lado dele. Era uma mulher alta, mas se sentia pequena perto de James. Quase delicada, o que era uma piada, pois ninguém jamais a chamaria de delicada.

Ele se endireitou e sorriu para ela. O sorriso fazia a papoula sob o olho mexer-se levemente, como uma flor de verdade agitada por uma brisa.

– Suponho que sim, mas não morri. Acho que tenho a constituição de um boi. Como está a água?

Ela se inclinou e mergulhou um dedo. Estava perfeita.

– Posso pegar seu lençol, Vossa Graça? – perguntou ele.

Theo olhou de novo, desconfiada, para o membro dele. Estava em pé, como sempre, a se acreditar no que ele dizia. Ao olhar de volta para o rosto, ele a fitava limpidamente, com uma expressão que parecia quase de tédio.

– Claro – murmurou.

Todo mundo sabia que os homens eram lascivos. Um homem não conseguia evitar um arroubo de desejo ao vislumbrar os seios de uma mulher.

Mas e se os seios da mulher fossem muito pequenos... ou se a mulher fosse magra e sem curvas...?

Theo suspirou e soltou o lençol. Ela se recusava a ser humilhada de novo por sua aparência. Havia aprendido que, se fingisse ser um cisne, podia enganar a maioria.

Talvez não sem roupa.

Sem mais delongas, tirou os calções, entrou na banheira e se sentou. Antes que pedisse, uma enorme mão masculina alcançou-lhe uma barra de sabonete.

Era o de verbena, que ela usava em todos os banhos. Quando estava começando a se ensaboar, ele o pegou de novo.

Assustada, Theo ergueu os olhos. James estava muito mais perto do que ela imaginava, ajoelhando-se ao lado da banheira.

– Não precisa – ela começou a dizer.

Ele falou:

– De que outra maneira você verá como sou calmo e impassível? Não há motivo para ter medo de mim, Daisy. Estou sob perfeito controle.

Theo engoliu em seco. Não parecia a melhor coisa do mundo saber que o marido ficava impassível diante do corpo dela. Mas a vida era assim, não era?

Pelo menos não teria que fazer aquelas coisas esquisitas e caprichosas que ele havia pedido antes, quando se sentia atraído por ela. Antes de conhecer donzelas morenas pelas ilhas, com curvas como as das mulheres de Ticiano.

– Muito bem – disse ela.

Deu mais uma espiada entre as pernas dele. Por Deus, o membro era grande. E vermelho. E tão riço que parecia prestes a estourar. Provavelmente era comum ficar assim.

Ela automaticamente estendeu o braço, porque Amélie banhava a parte de cima de seu corpo (não os seios, claro) e, enquanto a camareira lavava seus cabelos, Theo lavava a parte de baixo.

James foi bastante metódico ao lavar os braços dela. Era bom ser tocada. Desde que sua mãe morrera, ninguém tocara nela por qualquer motivo, exceto Amélie.

Afinal de contas, era uma condessa. As pessoas não abraçam uma condessa nem fazem mais do que tocar sua mão enluvada no mais breve dos beijos. Ela sentia falta...

Bem, sentia falta de toques simples.

Por isso, deixou a cabeça cair à frente e não falou, apenas desfrutou de um toque que parecia tão despretenso e que, no entanto, era muito prazeroso. Estava certo desfrutar do toque de James, ao passo que era patético ser confortada pelo de Amélie. Ela *pagava* Amélie.

Ele ensaboou um braço e o ombro.

– Comparado ao seu, meu braço é esquelético – disse ela, sentindo-se um pouco sem graça. – Você tem bastante músculo aí.

– Creio que sim.

– Se não se importa que eu pergunte, sua garganta dói?

– Não. Por quê?

– O som pareceu tão áspero agora... como se doesse. Fico feliz que não sinta dor – acrescentou depressa.

As mãos dele eram tão grandes que abarcavam as costas dela, e os dedos ensaboados a deixavam extraordinariamente sensível, como se cada toque deixasse um beijinho em seu rastro. Ela nunca sentira isso com Amélie, graças a Deus.

Inclinou-se para a frente, para que ele não percebesse que seus mamilos estavam intumescidos. Ele não era mesmo afetado pela nudez dela, respirava de modo tão regular quanto antes.

Essa era uma coisa da qual ela se lembrava com bastante clareza dos jogos na cama. Quando ele se excitava, a respiração ficava rápida e o peito inflava. Os olhos ficavam brilhantes como fogo e os dedos tremiam. Ela deu uma olhada para baixo. Ele ensaboava seu pulso esquerdo com mãos firmes. Deixou escapar um pequeno suspiro.

Assim era a vida.

Se havia uma coisa que ela aprendera desde o dia em que sua vida desmoronara, é que sua vida não desmoronara. Era possível sobreviver a um marido desaparecido, à mãe morta e a ser conhecida como feia por todas as Ilhas Britânicas. Dava para sobreviver a tudo.

Difícil e desmoralizante, mas suportável.

– Sua perna, por favor.

A voz de James ainda soava áspera, mas ela não ia mencionar aquilo de novo.

Amélie nunca a tocara abaixo da cintura, mas mesmo assim Theo estendeu uma perna e colocou o tornozelo na mão dele. Afinal, as pernas eram seu melhor atributo: esguias, com adoráveis patelas redondas e tornozelos delicadamente curvos. Era algo estúpido a que se ater, mas, quando não se tem muito o que celebrar em termos físicos, tornozelos importam.

James começou a ensaboar devagar. Certa vez ele disse que ela tinha tornozelos lindos.

– Gosto dos meus tornozelos – observou ela, querendo que ele notasse outra vez.

Ele passou um dedo pela sola do pé e a fez dar um gritinho. Fazia cócegas.

Theo teve que se segurar, porque aquilo não teria sido tão bobinho anos antes.

– Está quente – disse James, limpando o rosto com o antebraço.

Ele estava bem vermelho.

– Posso fazer o resto – falou Theo, tirando o pé da mão dele. – Você provou o que disse, James. Já entendi tudo.

– Entendeu o quê?

– Que você não sente atração por mim. Pode me dar o sabonete.

Ela estendeu a mão para pegá-lo, mas ele o manteve fora do seu alcance.

– Você não acha isso de verdade.

– Com certeza acho – afirmou ela contrariada.

Tinha achado tanto quanto podia sem irromper num gemido de feminilidade ofendida.

James revirou os olhos.

– Se eu não lavá-la toda, Theo, você sempre terá perguntas em sua mente. Quero que permaneçamos casados.

Ele estendeu a mão ensaboada e pegou o queixo dela.

– Nossos filhos provavelmente serão informados sobre a hora em que poderão molhar as fraldas, mas ainda quero que você seja a mãe.

Theo sentiu um riso torto em sua boca.

– Ah. Obrigada.

Ele havia usado duas vezes mais sabonete que Amélie, e as bolhas deslizaram por seu peito quando ela se inclinou na direção dele.

Os dois olharam para baixo no mesmo momento. As bolhas flutuavam pelo declive dos seios de Theo.

– Sim – disse James.

Ele fez a volta por trás dela, então Theo ouviu um ruído abafado, quase um gemido.

– Você está bem?

– Não estou acostumado a ficar ajoelhado num chão de azulejo – confessou ele.

Ela ouviu uma nota de divertimento na voz dele outra vez.

– Eu seria um resmungão terrível se fosse camareiro de uma dama.

– Amélie não se pendura ao redor da banheira de joelhos – disse Theo. – Então...

As palavras morreram. As mãos de James deslizaram lentamente pelos ombros e desceram pela frente. O toque dele acendeu uma chama na barriga dela, antes mesmo de ele tocar seus seios.

– Não creio que seja necessário – observou ela, recuperando o fôlego com uma arfada.

James agora tinha um seio em cada mão.

– Seios são apenas seios – afirmou ele. – Claro, os *seus* seios...

A voz dele sumiu.

Os mamilos pareciam botões de rosa pálidos espreitando entre os dedos morenos dele. Ela achava que pareciam bem bonitos. James então roçou um polegar em cada mamilo, e foi uma sensação tão incrível que ela inspirou e esqueceu de se perguntar se James estava excitado ou não, porque *ela* estava. Theo apoiou a cabeça no braço dele, de olhos fechados, pois ele estava fazendo algo com os polegares que não tinha nada a ver com limpeza.

Era como ser atingida por um raio que eletrificava partes do corpo que não haviam sido tocadas por sete anos. Até o lugar recôndito entre suas pernas formigou de repente, como se a informar sua existência ali.

No momento em que percebeu isso, as mãos dela se fecharam sobre as dele.

– O que você está fazendo?

– Você disse que não sinto atração por você, Daisy.

Os lábios dele roçaram as orelhas dela.

– Você está errada. *Sempre* fui à loucura com seus seios, e você sabe disso.

No momento ela só conseguia pensar no que um simples toque dos lábios dele havia causado nela.

– Não se lembra? – murmurou ele, beijando-lhe a orelha mais uma vez.

– Sim – respondeu ela com a voz fraca. – Na mesa do jantar.

– Ficava sentado lá e sonhava tocá-la assim – confessou ele, a voz uma carícia. – Olhava você conversar e pensava em como era linda e inteligente, mas, para ser honesto, meus olhos ficavam voltando para os seus seios. Houve vezes em que pensei que fosse perder o controle ali mesmo, na mesa do jantar.

Theo manteve as mãos sobre as dele, mas recostou-se nele de novo.

– Por certo que não.

A risada dele era irregular, mas de algum jeito sensual como antes. Talvez até mais.

– Juro que sim. Eu era capaz de fantasiar com você ao longo dos quatro pratos. Depois da sobremesa, mancava até o quarto.

Sob as mãos dela, os polegares dele moveram-se gentilmente pelos mamilos outra vez.

Os dedos dos pés dela estavam se contorcendo, e ela estava com dificuldade para se lembrar do próprio nome, que dirá para recordar de James como um rapazola faminto diante dela à mesa.

– Você está querendo dizer que tinha dificuldade para manter a compostura? – perguntou ela, conseguindo enfim articular algum tipo de frase.

Ela parecia estar perdendo a força nos membros, o que explicaria por que suas mãos haviam soltado as dele, deixando-o brincar com seus seios quanto quisesse.

Houve um momento de silêncio, e ele então disse:

– Daisy, falei que estou sob controle hoje em dia. Você tem que me deixar provar para você.

Ela estava começando a se sentir febril e, embora soubesse que o pensamento era confuso, deixou-se fingir que o que ele estava falando fazia sentido.

– Provar como? – sussurrou.

Uma das mãos de James deslizou pela barriga dela numa camada de sabonete, escorregou por baixo d'água, para o meio das pernas, para o lugar onde ela se sentia aberta, vulnerável e macia.

– Assim.

A voz dele deslizou de áspera para gutural. O simples som fazia Theo se sentir como lenha em fogo latente, prestes a irromper em chamas.

– Posso tocá-la? – perguntou James.

Não esperou resposta e fez algo íntimo com os dedos. A resposta dela perdeu-se num arfar.

– Assim posso provar meu autocontrole – acrescentou ele.

Ela poderia ter destacado que não estava louca. Que reconhecia uma desculpa ao ouvi-la. Mas sua mente ficou escura e voraz, o gemido em seu peito transformou-se num soluço. Ela empurrou-se na direção dos dedos dele, pensando: *Mais forte, aí, isso, aí!* Como se ele pudesse ouvi-la, um dedo largo fez uma pressão maior, e outro fez uma outra coisa, invadindo-a da maneira certa.

De repente, Theo desmoronou, com um gritinho e um choque no corpo que a fez se arquear. Ouviu a água ensaboada derramar-se sobre o chão, porque tudo nela estava focado nas marolas quentes que se esparramavam por todo o corpo.

Então os dedos de James se afastaram, e ele a puxou um pouco mais firme para seu braço. Enquanto ela ainda turbilhonava, ele se inclinou à frente e sussurrou no ouvido dela:

– Se Amélie já fez isso em você, vou demiti-la amanhã.

Uma risadinha irrompeu dos lábios de Theo.

– Não seja absurdo.

O corpo dela estava mole, e ela se sentia inchada e quente entre as pernas.

– Na verdade, ninguém pode tocá-la a não ser eu – acrescentou ele.

Agora a voz não soava casual, mas ardentemente possessiva.

Antes que ela pudesse responder, ele ficou em pé, abaixou-se e pegou-a nos braços.

Pareceu diferente agora que ambos estavam nus. A pele dele ardia contra a dela.

– Devo ser pesada – murmurou ela, olhando para o rosto dele.

Contra todo o bom senso, ela desejava ver excitação.

Não viu nada.

Em vez de responder, ele a colocou em pé e a esfregou com uma toalha. Até o toque áspero do tecido provocou uma pulsação lasciva de prazer.

James parecia tenso, mas então olhou para ela e sorriu. Ela estendeu a mão e tirou o négligé do cabide, vestiu-o e amarrou-o firme.

Jogando a toalha para o lado, James pegou Theo no colo de novo, como se ela não pudesse andar até a própria cama.

– Não sorria mais para mim – disse ela, cansada, virando-se para o peito dele e fechando os olhos. – Aprendi a lição.

– Lição?

A voz dele saiu intrigada.

– Você não corre o risco de sucumbir à luxúria. Entendi.

Não foi doloroso admitir em voz alta.

Ele a depositou na cama e franziu a testa.

– É o que você quer.

Ela rolou, ficou em pé e acenou com a mão.

– Não tem importância. Preciso que você me ajude a fazer a cama. Não posso repousar em uma cama com lençóis amarrotados, e o lençol de cima nem está mais aqui, claro.

James pestanejou.

– Do que você está falando?

– Temos que refazer a cama – respondeu ela, explicando. – Eu chamaria uma empregada, mas você as mandou embora.

– Certo. Se me der licença, tenho que fazer uma coisa.

Theo baixou os olhos e viu que ele estava com a mão em concha sobre as partes íntimas, como se sentisse dor. Passou rápido por ela e foi para o banheiro. Isso não foi muito educado.

Ela não tinha ideia de como arrumar a cama, mas com certeza era capaz de fazê-lo. Tirou toda a roupa de cama que restava, depois se certificou de que o lençol de baixo pendia na mesma medida em todos os lados da cama; avaliou em 11 centímetros, embora é claro que seria difícil afirmar sem fazer uma medição precisa.

Enfiou o lençol sob a cabeceira. Aquilo era esquisito, pois tinha que chegar ao meio da cama. Pôde ouvir a água correndo de novo, o que provocou certa distração, mas não a incomodou muito. O serviço “pessoal” de James, na falta de palavra melhor, deixara Theo muito feliz.

Foi para um lado da cama e conseguiu enfiar o lençol na medida exata.

Havia começado do outro lado quando a porta se abriu de novo. Ela estava inclinada sobre a cama, tentando se certificar de que o lençol não formasse

dobras enquanto ela o prendia.

– Ah, bom – disse ela, olhando por sobre o ombro.

O membro de James estava para baixo, do jeito que ela pensava que deveria ser. Dando de ombros mentalmente, falou:

– Pode me ajudar, por favor? É impossível fazer isso sozinha. Não consigo imaginar como as empregadas conseguem.

Ela foi para o pé da cama e se inclinou de novo, tentando alisar o lençol para desfazer os franzidos.

Houve um barulho estranho, como um gemido grave, mas, quando ela olhou de novo, James estava caminhando na direção dela. Seu membro estava ereto de novo. Então ele falava a verdade sobre aquele ser o seu estado normal.

Ficou pensando nisso durante todo o tempo em que trataram da cama, certificando-se de que o lençol de cima estivesse liso antes de recolocar o resto da roupa de cama.

De vez em quando ela espiava James. Sentia-se muito constrangida por usar um *négligé* sem mangas e sem *chemise*, mas ele parecia inabalável.

Quando a cama ficou pronta, ela deslizou entre as cobertas, ainda vestindo o *négligé*, pois não podia suportar a ideia de ficar nua na frente dele outra vez.

Ele parou ao lado da cama com aquele sorriso irritante no rosto.

– Está com fome? Pedirei a Maydrop para mandar um criado trazer uma cesta com alguns alimentos. Acho que, se comermos aqui, será mais fácil para ele, dada a falta de pessoal na cozinha.

– Nunca como na cama.

O ar divertido no rosto dele desapareceu.

– Comerá esta noite. Nem pense em sair daí. Não vou tocar nesses malditos lençóis outra vez.

Ele pareceu mostrar mais emoção por causa da cama do que por qualquer outra coisa. Como pela mulher nua entre os lençóis.

As emoções no peito de Theo eram tão turbulentas que ela nem fechou a cara diante da blasfêmia e do aspecto decidido dele. Havia um homem nu no quarto dela. Olhando-a com um ar beligerante, de braços cruzados.

Ela recomeçou aquela linha de pensamento. Havia um *pirata* nu no quarto, e ela não estava com o menor medo. Mais: ela deixava os olhos passearem pelo corpo musculoso com cicatrizes e não se furtava ao fato de que a visão

despertava carência no corpo dela. Por algum motivo, cada cicatriz provocava arrepios por todo o seu corpo. Ela olhou a tatuagem escandalosa. Sentiu uma onda de desejo derretendo-a.

James – ou melhor, Jack Hawk – olhava para ela como se Theo não passasse de uma prisioneira de pirata. Ela sentiu a curva de um sorriso formar-se nos próprios lábios com tal pensamento. Tinha sido uma espécie de prisioneira. Não de James, mas do próprio medo.

Repassou outra vez a velha memória da biblioteca, testando-a com o distanciamento de sete anos. *Foi* embaraçoso. De repente, ela se lembrou da total beleza do corpo jovem e esguio de James. Do modo como ele havia jogado a cabeça para trás em completo deleite. Os gemidos que saíram de seus lábios quando ela o acariciou.

– Meu bem? – inquiriu ele.

Seu marido era um pirata. Mas também era um homem que a amara de modo profundo. Que lhe dera prazer e então sucumbira alegremente à sedução *dela*.

– O que houve? – perguntou ela, incapaz de pensar sobre o que ele estava falando.

Sua mente rodopiava. Por um momento, recordou-se da dor de ser chamada de feia, então aquilo se derreteu como sabonete tragado por um ralo. Ela dissera cem vezes a si mesma que só poderia ser humilhada se permitisse: agora precisava acreditar nisso.

O mesmo era válido para a intimidade... para o casamento. Ela *havia sido* prisioneira, mas não de um pirata. Ficara presa em seu próprio medo. Na realidade, havia sido uma covarde.

Sem pensar duas vezes, Theo tirou o negligé sem pressa, uma vez que o lençol escorregou abaixo de seus seios no processo.

James observou com o rosto impassível, mas ela pensou ter flagrado um lampejo de algo profundo naqueles olhos azuis: talvez choque e um toque de esperança.

Entregou-lhe o negligé com seu sorriso mais doce.

– Você não se incomodaria de pendurar para mim, não é? Visto que não há mais ninguém para fazer isso.

O som que ele emitiu poderia ser um rosnado. Aquilo fez Theo sentir-se melhor, ainda mais quando ele deu uma olhada nela se sentando na cama com o

lençol mal cobrindo os mamilos e então saiu do quarto.

– Vista alguma roupa – mandou ela. – Não quero que horrorize Maydrop com todas essas cicatrizes.

A única resposta foi a leve batida da porta sendo fechada. No mesmo instante ela pulou da cama e escovou os dentes. Depois penteou os cabelos.

Quando ouviu passos subindo as escadas, voltou para a cama, desprezando o desconforto que sentia ao se meter numa cama amarfanhada. Quem teria pensado que arrumar uma cama desse tanto trabalho? James entrou com uma cesta e colocou-a em cima do toucador. Então pegou uma garrafa de vinho e tomou um gole direto do gargalo.

Theo gostaria de uma bebida, mas agora nem conseguiria dizer.

Ele serviu um cálice para ela da mesma garrafa.

– Não, obrigada – agradeceu polidamente.

– Foi um dia infernal – disse James, colocando o cálice na mão dela. – Então estreitou os olhos. – Você não está recusando porque bebi da garrafa, está?

– Temos hábitos diferentes de higiene – afirmou ela, soando pernóstica até aos próprios ouvidos.

– Está com medo da minha boca? Da minha *saliva* ?

– É só que...

Ele se inclinou rápido, colocou uma das mãos por trás do pescoço dela e a puxou para si. Theo fechou os olhos quando a boca dele encontrou a dela. Não era no beijo que ele estava interessado: James enfiou a língua na boca de Theo, uma língua quente, úmida e agressiva.

Ela não conseguiu ter o menor interesse na lição sobre garrafas de vinho e saliva que ele estava ministrando. Queria que ele olhasse para ela com olhos que cintilassem, como havia olhado anos antes, de modo que ela pudesse passar os braços em volta do pescoço dele e retribuir o beijo. Ela estava no encalço da promessa da língua dele, da forma como essa língua fazia seu corpo inteiro se lembrar de um profundo prazer.

Um pouco depois ela respirou fundo, trêmula. James endireitou-se, de modo relutante, e se virou. Ficou de costas para ela, de modo que Theo saboreou a curva das nádegas e o volume muscular espesso das coxas. E o fato de que ele estava tremendo levemente.

Quando James se virou de novo, estava claramente sob controle.

– Bem – disse ele em tom jovial –, que tal um pedaço de frango?

Theo olhou para a garrafa de vinho e pensou em como seria bom golpeá-lo na cabeça e dar cabo daquele semblante tão afável. Em vez disso, fez algo tão alheio a seu caráter quanto seria para um pirata atirar um rubi pela amurada do navio.

Passou a mão na garrafa e levou-a à boca. O vinho era maravilhoso. Tinha gosto de pêssego e de verão, e o aroma pungente de flores esmagadas.

Provavelmente era o melhor vinho que já bebera na vida. Ela havia soltado o lençol durante o beijo deles e, quando se recostou, sentiu os seios deslizarem livres. Não se preocupou em puxar o lençol. Em vez disso, esparramou-se nos travesseiros e tomou mais um gole do vinho. De olhos fechados.

Pela primeira vez na vida ela não teve que observar seus convidados, esperando para ver se a safra seria recebida com prazer. Não teve que analisar o sabor para se certificar de que combinava com o prato servido.

Em vez disso, bebeu só pelo prazer de beber. O vinho gelado deslizou por sua garganta como se extraído de estrelas caídas.

Capítulo 30



James havia sentido dor, claro, mas não conseguia se lembrar de alguma vez ter sentido tanta agonia como naquele momento. Theo estava esparramada contra uma pilha de travesseiros, os deslumbrantes seios de pontas rosadas acenando para ele como os mais deliciosos doces celestiais, e ele precisava ficar no seu lado da cama. Precisava.

Aquilo era um cerco, uma longa batalha. Ele se pôs a pensar no tempo que havia levado para colocar aqueles malditos lençóis; o desejo arrefeceu. Embora sua ereção não fosse dar em nada, claro, e suas bolas provavelmente caíssem na manhã seguinte.

Depois de um tempo ele tirou a garrafa dela. Os olhos de Theo estavam um pouco vidrados. Ele suspeitava de que ela não tomava mais do que um golinho de vinho havia anos. Se tanto.

– Frango – disse ele, colocando um pedaço na mão dela. – Coma.

Observando os lábios exuberantes se fecharem em volta da coxa de frango como um marinheiro sorvendo água fresca após meses no mar, ele deu uma pancada forte em si mesmo. O roubo de dor pelo menos mantinha seu autocontrole em alguma medida.

– Não dói fazer isso? – perguntou Theo.

Ela o estava comendo com os olhos, e ele tratou de ficar deitado de lado, como um daqueles romanos decadentes nos banhos. Sentiu-se um idiota, mas, se ela gostava do que via, era válido.

Theo encontraria seu desejo de novo. Ele tinha certeza disso. Não poderia ter desaparecido, não aquele imenso manancial de doçura e alegria que preencheram os dois ao fazerem amor anos antes.

– Não muito – respondeu.

– Conte-me mais sobre ser um pirata – pediu Theo.

Destroçada a coxa de frango, ela agora pegara uma fatia de torta de presunto.

James engoliu em seco. Tinha que parar de pensar nos seios e na cor dos lábios dela e em como ela era insuportavelmente desejável com o cabelo puxado para trás daquele jeito, só malares, boca carnuda e cílios sedosos.

– Já falei que nunca fui pirata – disse ele, quase que se desculpando. – Por isso não estou preocupado com a possibilidade de ser preso. Quando recuperávamos artigos de tesouros reais, nós os devolvíamos e, por fazermos isso, nos concederam documentos permitindo içar bandeiras espanholas, holandesas e sicilianas.

– Não é muito mais perigoso atacar piratas calejados?

Ela devorara uma fatia de torta de presunto e já avançava para outra. Ele havia se esquecido do apetite de Theo, o modo como podia comer como um homem e não engordar 1 grama.

– Era como ser um membro da Marinha. – Ele arrastou os olhos para longe dos lábios acetinados. – Quando identificávamos o alvo, em geral porque colocavam a bandeira da caveira com os ossos cruzados, nós o tomávamos.

– Uma Marinha de dois navios – comentou Theo, pensativa. – Quais eram os navios mais difíceis de derrotar?

– Navios de escravos – respondeu ele sem hesitar.

– *Navios de escravos? Piratas são comerciantes de escravos?*

A boca de Theo formou um círculo perfeito.

Aquilo nunca daria certo. Mais cedo ou mais tarde ele se veria implorando para que ela fizesse a coisa que não queria mais fazer.

– Piratas tomam navios de escravos – informou ele, respirando fundo. – Como o butim é humano, não transferem os escravos para seus navios. Em vez disso, transferem parte da tripulação para o navio de escravos, que navega até um porto onde a carga possa ser convertida em dinheiro. Atacávamos qualquer embarcação que identificássemos como um navio de escravos, pirata ou não.

A boca de Theo agora era uma linha estreita e rígida, e ela deixou metade da fatia de torta.

– Absolutamente revoltante. Detesto essa atividade. É um crime que tantos países tenham hesitado em seguir a Inglaterra na abolição do comércio de escravos.

– Concordo.

Os olhos dela iluminaram-se, divertidos.

– Fico contente de ouvir isso, pois o duque de Ashbrook apoiou esforços para tornar ilegal não só a posse de escravos, como o comércio. Lamento dizer, mas isso nos custou centenas de libras em subornos.

James assentiu. Mas havia algo que ele vinha querendo falar.

– Theo – ele usou esse nome deliberadamente –, percebo quão bem você administrou essa casa. Mas, em nome de Deus, pode me dizer como conseguiu fazer com que um arremedo de propriedade chegasse ao estágio de poder gastar centenas de libras na melhor de todas as causas?

– Comecei com as tecelãs – respondeu ela, sorrindo. – Lembra que eu tive a ideia de pedir que reproduzissem tecidos da Renascença, as velhas tramas estampadas tão difíceis de encontrar hoje em dia?

– Sim, mas me recordo que Reede temia que os teares não tivessem condições de recriar padrões tão complicados.

– Uma das primeiras coisas que fiz foi mandar Reede embora – declarou Theo sem se desculpar. – E foi apenas em parte por causa das questões com seu pai e com meu dote. Ele simplesmente não tinha fibra, James. Nenhuma!

– A que tipo de fibra você se refere?

– No começo, tivemos que correr riscos.

Theo pegou a torta de novo e começou a contar a história de como havia descoberto que as tecelãs da Ryburn Weavers eram todas mulheres, mas que os gerentes eram todos homens.

– Eu sempre tinha que falar com as tecelãs sobre cores, entende, James? Por exemplo, o azul florentino é uma cor muito difícil de se obter. Se quiséssemos criar cópias adequadas dos tecidos dos Médicis, teríamos que criá-lo. Reede não conseguiu tolerar.

– Não conseguiu tolerar o quê?

– Quando finalmente mandei os homens embora – disse Theo, com uma centelha de malícia nos olhos. – No lugar deles, coloquei no comando uma das tecelãs, uma mulher temível chamada Sra. Alcorn. Foi uma das coisas mais inteligentes que já fiz, mas Reede quase teve um ataque.

– O que há de tão maravilhoso na Sra. Alcorn?

– Bem, antes de mais nada, ela conseguiu contrabandear um tear de Lyon.

– *Contrabandear?*

– Não conseguíamos fazer seda furta-cor. Acontece que ela tinha um primo que tinha um amigo que tinha um irmão francês... quando vimos, tínhamos o tear certo.

James riu.

– Então nenhum de nós fez dinheiro inteiramente dentro da lei.

– A Ryburn Weavers está longe de ser *pirata* – afirmou Theo, altiva.

– E a fábrica de cerâmica? Como conseguiu que fosse bem-sucedida? Roubou alguém da Wedgwood, como Reede sugeriu?

– Ah, não. Não houve necessidade.

James inclinou-se para a frente, adorando o olhar combativo e a vaidade na voz dela.

– Conte-me.

– Ofereci um salário adequado – respondeu Theo com um largo sorriso. – Vieram a mim sem necessidade de aliciamento ou suborno. Acho que algumas pessoas na Wedgwood ficaram *terrivelmente* contrariadas, mas não tive nada a ver com isso. Não contatei um único indivíduo da Wedgwood. Os próprios trabalhadores deles descobriram quanto eu estava pagando e compartilharam a informação com os amigos. A decisão de trabalhar para mim partiu de cada um deles.

James explodiu em riso.

– Desde o princípio tive os melhores artesãos trabalhando em nossos fornos – disse ela, terminando a torta. – Decidi que deveríamos nos especializar em cerâmica com motivos gregos e romanos, e para minha alegria essas peças se revelaram muito populares em Londres.

– Não fica distante de sua ideia para a tecelagem – comentou James, fascinado. – Tecidos renascentistas, cerâmica grega...

Theo pulou da cama e correu pelo quarto. No mesmo instante, James esqueceu o tema da conversa. De costas, ela era uma revelação: pernas longas e graciosas, um traseiro firme e encantador, ombros tão elegantes quanto o resto dela.

A luxúria varreu seu corpo como se ele não passasse de um feixe de gravetos atingido por um incêndio na floresta. Sentiu os olhos vidrados enquanto ela voltava para a cama, tendo em mãos um grande livro com capa de couro.

Dobrou as pernas esguias de lado, puxou o lençol para si e abriu o livro.

– Aqui estão as amostras de tecido da Ryburn Weavers para este ano – informou ela. – Vê isso?

Ela apontou para um tecido, e ele se esforçou para prestar atenção. Era um tecido negro. Logo depois da borda do livro o lençol havia escorregado, e ele podia ver a coxa dela e um pedaço de pele tão doce e delicado que ansiou lambê-lo.

– É uma estampa de pássaros voando – explicou Theo. – Você não consegue ver a repetição a menos que olhe muito, muito de perto.

– Adorável – James conseguiu falar.

– Uma de minhas tecelãs perdeu o bebê – disse Theo num tom delicado. – Ela desenhou isso porque queria pensar que a filha tinha voado para um lugar melhor.

– Verdadeiramente adorável – repetiu James, dessa vez sincero.

– Vendemos quase 500 metros na semana após o assassinato do primeiro-ministro – declarou Theo, a voz voltando ao tom prático e ativo.

– Foi? – questionou James, erguendo uma sobrancelha. – Qual era o nome dele? Quando aconteceu?

– Spencer Perceval – respondeu Theo, parecendo surpresa. – Foi assassinado em 1813. Você não tinha nenhuma notícia no exterior, James?

– Muito poucas. Estou ansioso para ler os jornais todos os dias.

– Isso mostra um lado sombrio do nosso negócio – explicou Theo. – A verdade é que o pobre homem tinha treze filhos, e a viúva adorou a estampa. De repente todo mundo estava vestindo nosso tecido. Me senti triste e triunfante ao mesmo tempo. – Ela hesitou. – Você deve ter sentido o mesmo às vezes, James.

Ele assentiu.

– Os navios de escravos eram de cortar o coração, não por causa da luta, mas por causa do que encontrávamos dentro dos navios quando os tomávamos.

– Li a respeito. Prisões imundas e fétidas abarrotadas de humanos, mortos e vivos, sem alimentação, luz e ventilação. Desprezível!

A voz dela tremeu, e naquele momento ele a amou ainda mais do que pensava ser possível. Sua Daisy podia ser rígida, mas era ética até a raiz de seu ser.

No mesmo instante ocorreu-lhe que poderia tirar vantagem daquela decência.

– Despachávamos os mercadores de escravos durante a batalha e então dávamos aos homens e mulheres a bordo a chance de navegar com seu navio de volta para sua terra, junto com uma boa quantidade de moedas de ouro, ou de continuar conosco até o porto seguinte, também com todo o tesouro que tivéssemos encontrado a bordo do navio pirata.

Ele lançou um olhar pio e então balançou a cabeça, esperançoso.

Conforme o esperado, Theo inclinou-se e colocou os lábios no dele, na versão de beijo de uma garotinha. Em resposta, James rolou sobre as costas e, igualmente cuidadoso, a colocou por cima.

Ela baixou os olhos para ele, surpresa, mas ele abriu a boca e a acolheu nela. A língua aveludada de Theo entrelaçou-se timidamente com a dele. Embora James sentisse o corpo em chamas, conseguiu manter o beijo relaxado e suave.

– Gosto de beijar você – sussurrou ela, um tempo depois.

Seus lábios estavam vermelho-rubi.

– Não tanto quanto eu gosto de beijar você – disse ele, sendo honesto.

Ela percorreu uma sobrancelha dele com um dedo.

– Se fosse verdade, você não teria ficado longe sete anos.

– Eu quase voltei depois de dois ou três anos. Tinha uma pilha de tecidos que confisquei de piratas para você na minha cabine. Não conseguia parar de sonhar com você. Ficava pensando no que deveria ter dito após você entreouvir aquela conversa com meu pai. A maior parte das minhas soluções envolvia trancar o quarto e fazer amor com você até nós dois perdermos os sentidos.

Um sorriso tremulou na curva dos lábios dela.

– Na época, isso não teria funcionado.

– Teria funcionado se eu tivesse voltado dois ou três anos depois?

Ela ficou calada por um momento, o roçar de seu dedo insuportavelmente carinhoso enquanto traçava o formato da tatuagem dele.

– Talvez. Por que não voltou?

– Meu pai morreu... e eu não estava com ele.

– Ah, entendo.

Ela deu um beijo onde seu dedo havia tocado.

– Senti um vazio – disse James com uma careta. – Sabia que meu pai era um tolo vigarista. Passei minha juventude desviando de objetos voadores que ele atirava em mim, tentando ignorar seus esquemas absurdos. Quando deixei a Inglaterra, pensei que seria uma bênção nunca mais vê-lo. No meu entender, ele havia negociado minha felicidade por dinheiro roubado.

– Mas?

– Fiquei imaginando que ele morreu pesaroso por não saber se eu estava vivo ou morto. Do jeito dele, acho que me amava.

Os olhos dela baixaram.

– Ele morreu chamando por mim?

A voz de James soou dura como ferro.

Theo acariciou seu rosto.

– Ele estava confuso. Chamou por você, então eu disse que você havia saído por um minuto, mas que estaria ali quando ele acordasse. Ele adormeceu com um sorriso no rosto. E não acordou.

Depois disso, James esperou um instante até ter o controle de si de novo.

– Meu pai era um criminoso, um tolo e tudo o mais. Mas me amava. Eu era seu único filho e o único vínculo dele com minha mãe. Ele a amava também, por mais que dissesse que era apenas um casamento de conveniência.

Theo assentiu. Inclinou-se sobre ele e depositou outro beijo sobre a tatuagem.

– Não sei o que aconteceu comigo – falou James.

As mãos dele instintivamente rodearam o traseiro dela, acomodando-a de modo mais confortável sobre as pernas dele.

– Acho que perdi a cabeça. Raspei o cabelo. Me envolvi com uma mulher, depois com mais duas, porque na minha concepção eu era uma pessoa tão indigna que era melhor trair você do que voltar para a Inglaterra.

O beijo seguinte foi nos lábios dele.

– Matei James Ryburn – declarou sem rodeios. – Me tornei Jack Hawk e jurei que nunca voltaria.

– Até ter a garganta cortada.

– Sim.

Ele olhou para ela e hesitou, a verdade na ponta da língua. Mas ela ainda não estava pronta.

– Quando, contra todas as probabilidades, eu sobrevivi, percebi que queria voltar para casa. Claro que àquela altura eu e Griffin éramos corsários muito bem-sucedidos. Tenho um tesouro de pirata no sótão e mais ainda em vários bancos ao redor do mundo. Mas queria voltar para a Inglaterra e nunca mais correr perigo algum.

– Para resumir sua carreira no mar – disse Theo sorrindo –, é mais provável o governo britânico lhe conceder o título de cavaleiro pelos serviços ao império do que prendê-lo por pirataria.

– Sim.

Uma grande paz estava descendo sobre o coração de James.

– Você poderia ter sido morto resgatando escravos – falou Theo, o rosto assumindo aquela seriedade esquisita que lhe vinha com tanta facilidade. – Tenho orgulho de ser sua esposa.

Ele preferia a covinha, por isso puxou a cabeça dela para baixo e a beijou com intensidade. Só depois que os dois estavam arfando James disse:

– Daisy, quando fizemos amor não precisamos incluir as coisas de que você não gosta. Porque tem coisas de que você gosta.

Ela mordeu o lábio.

– Você gostou quando a toquei no banho – lembrou ele com voz gentil.

Surpreendentemente ela deu um largo sorriso.

– Só uma idiota não gostaria daquilo.

– E você gosta de beijar...

– Posso dizer de novo que não sou idiota?

– Nunca pediria de novo para você andar pela casa sem calções.

– *Por que* você pediu isso?

Ela parecia curiosa de verdade.

– Porque eu estava louco de desejo. E inebriado pelo fato de você estar correspondendo. Eu tinha uma espécie de ideia rude de que faria amor com você por toda parte, nas escadas, na copa, no parapeito das janelas, e que seria mais fácil sem os calções porque eu poderia simplesmente levantar suas saias. É estúpido. Mas é o tipo de coisa com que um rapaz sonha.

O dedo dela traçava a tatuagem de novo. Ele gostava daquilo. Mas ao mesmo tempo começava a ficar transtornado. O corpo macio contra o dele o deixava tenso. Ele tentou de novo conter o desejo. Se demonstrasse a luxúria que se espalhava por ele, ela sairia porta afora.

Em vez disso, assumiu uma expressão sonolenta e divertida que encobriu todo o resto.

– Suponho que sim – disse ela.

Havia um tom de descontentamento.

– E eu queria beijar você em seu ponto delicado – completou ele, sucumbindo à verdade. – Droga, eu queria beijar Bella ali, mas ela nunca permitiu. Adoro essa parte da mulher, em especial a sua. Você é macia, rosada e tem um gosto tão bom, Daisy.

– Theo.

Mas o tom dela foi gentil.

– Você deve lembrar que eu tinha apenas 19 anos. Não tinha ideia do que marido e esposa faziam até meu pai deixar escapar. Os homens não falam sobre esse assunto. E eu não era do tipo que tinha amigos garotos tão próximos.

Ela aquiesceu.

– Sempre tive você – disse ele, fitando-a, catalogando cada piscar. – Eu *nunca* lhe pediria algo que pudesse fazê-la sentir-se rebaixada. Quando você propôs me beijar na biblioteca, foi a coisa mais sensual que já havia acontecido comigo. Jamais me ocorreu dizer não. Eu teria me despido em plena Kensington Square se você pedisse. Estava apaixonado, mas também subjugado pelo amor pelo seu corpo e fascinado por fazer amor com você.

– Então era tudo novidade para você também?

Ele assentiu.

– Bella tinha sido minha cortesã por um mês, creio. Ela me deixava passar algum tempo com cada seio, e então era hora de fazer aquilo pelo que eu pagava. E era só.

– Nossa.

– Eu nem gostava dos seios dela; davam a sensação de que eu poderia me afogar em toda aquela carne, enquanto os seus... Você sabe o que acho dos *seus* seios.

Ele gostou do sorriso nos olhos dela. Gostou tanto que poderia passar a vida inteira apenas tentando fazê-la sorrir para ele daquele jeito. Mas havia uma coisa que o estava incomodando, e ele sabia que tinha que confessar antes de fazerem amor.

– Devo contar uma coisa de que você não vai gostar.

– É?

A frieza no olhar dele substituiu o sorriso tão rápido quanto um relâmpago de verão.

– Apostei com Griffin que levaria minha esposa para a cama antes de que ele levasse a dele.

Ela afastou-se dele, caindo de joelhos.

– *O quê?*

– Apostei com Griffin...

– Eu ouvi. Por que fez uma coisa dessas?

Ela olhou para ele, um olhar cortante e desaprovador. Mas não horrorizado. Ele viu. Não horrorizado.

– Porque sou um idiota. Inventei um motivo para seduzi-la. A verdade é que eu apenas queria você de volta, Daisy. Voltei para casa por sua causa.

Era tudo muito complicado. James dizia que a queria, mas então apostava que ela iria para a cama com ele. Theo passou os braços em volta dos joelhos, percebendo com certo choque que o lençol havia escorregado e ela estava nua havia algum tempo.

As ações que pareciam tão degradantes e horríveis um dia agora já não mais. Claro, ela sabia o que acontecera. Havia se apaixonado de novo, estúpida e perdidamente, como um rato na ratoeira.

James ainda estava falando:

– Você ficará feliz em saber que posso ajudar a administrar nossos bens agora. Administrei minhas finanças e as de Griffin.

– Aquelas contas bancárias?

– Ouro – informou ele, se sentando e se recostando na cabeceira. – Joias. Cinco contas bancárias em vários países. Um cetro. Esse tipo de coisa.

Theo desdobrou as pernas e desceu da cama.

– Isso aqui está uma bagunça – disse ela, inspecionando os restos do piquenique, as mãos na curva dos quadris.

Não era possível James ficar mais duro, mas ele conseguiu apenas olhando para ela.

– Você ainda está com fome? – perguntou ela.

– Sim – respondeu ele, sem realmente ouvir.

– De *comida* – esclareceu ela.

– Não.

– Que bom.

Ela recolheu os pratos e colocou tudo bem arrumado em cima do toucador. A seguir, juntou a garrafa de vinho e os cálices, os guardanapos, os bolinhos em que não haviam tocado e acrescentou à pilha em cima do toucador.

– Você precisa sair daí – disse ela.

James rolou para fora da cama, dizendo a si mesmo que provavelmente passaria boa parte da vida recebendo ordens dela. E arrumando camas. Não importava. Ele não trocava as imposições dela por nenhum momento da liberdade de pirata.

– Agora vamos arrumar esse lençol – anunciou ela.

Ele a olhou de soslaio.

– Acho que devemos ir para aquela ilha que temos e viver numa choupana sem poço, com apenas um regato. E sem lençol.

– Acho que não – disse ela. – Se você ficar do lado de lá, podemos deixar isso aqui bonito e arrumado de novo.

James obedeceu.

– E então?

– E então colocaremos a colcha de volta também.

– E?

Theo o fitou, e a expressão em seus olhos enviou um raio de calor para a virilha dele.

– Então faremos amor do jeito que casais respeitáveis fazem.

– Faremos? – A voz saiu num gemido, e ele atirou a colcha em cima da cama como se um tornado tivesse entrado no quarto. – E que jeito é esse?

– Debaixo das cobertas – afirmou Theo. – No escuro.

– Certo.

Ele não se importava com onde ou como ocorreria, contanto que ela considerasse deixá-lo penetrar de novo em seu corpo delicioso.

Minutos depois ele entendeu que, quando sua esposa disse “escuro”, ela queria dizer realmente isso. Theo soprou as velas, regulou o lampião para uma luminosidade diminuta e então teve que tatear no caminho de volta para a cama.

Ele ouviu uma batida e um “droga” que o fez sorrir. De sua parte, seus olhos se ajustavam rápido, pois estava acostumado a abordar navios na calada da noite.

Quando ela entrou debaixo das cobertas, James tremia com um desejo nada controlado.

Havia uma última coisa que ele precisava confessar.

– Eu amo você.

Ele sussurrou na escuridão, acariciando o cabelo sedoso de Theo.

– Você é elegante demais, bonita demais e inteligente demais para mim, mas, *ainda* assim, dadas essas desvantagens, eu amo você.

Ela bufou, então virou a cabeça e beijou o pulso dele. Ele resistiria.

James estava certo de uma coisa. Manteria as cobertas por cima da cabeça deles, se era o que ela queria. Ele não precisava de luz. Só precisava do corpo quente e cheiroso dela retorcendo-se nas mãos dele.

Exultou com o modo como ela se arqueou na direção dele com um suspiro de alívio quando os lábios dele encontraram os dela, com o gritinho de prazer quando ele correu os dedos por dentro de sua coxa, com o gemido quando os dedos se moveram para zonas mais quentes e úmidas.

Cada vez que a movimentação desarrumava o lençol, ele o colocava no lugar. Não trocaram palavras até ele descer com beijos pela barriga.

– Você... você não vai fazer *aquilo* , vai?

A voz dela saiu com uma pequena arfada, para o prazer dele.

– Sim – respondeu ele, tentando manter a voz branda e neutra. – Vou. Devo, Daisy. Você nunca disse que *isso* era desagradável.

Ele achou que ela havia murmurado alguma coisa, mas não no tom de voz de *Theo* , de modo que tomou como um sim. Ela seria Daisy para ele de vez em quando? Entre os lençóis?

Theo tinha o gosto do mais doce néctar que um deus poderia desejar. Ele lambeu, brincou e fez todas as coisas que passara sete anos sonhando em fazer. Afastou as pernas dela para ter mais espaço e continuou a explorar até conseguir sentir a tensão avolumando-se no corpo dela. Quando ela estava retesada como

um arame, a respiração escapando em pequenas arfadas, ele desacelerou e praticou o tormento.

E, quando sentiu que ela estava prestes a desmoronar, ele ergueu a cabeça e disse de debaixo da tenda de lençol:

– Acho que não devemos ter bebês, Daisy.

Ele ouviu um xingamento resmungado, seguido de um “Não pare!” ríspido.

– Mas tenho algo a dizer – insistiu ele. – Como falei, acho que não devemos ter bebês. Mudei de ideia.

James soprou sobre ela com muita gentileza e passou o polegar por toda aquela pele sedosa.

Ela tremeu nas mãos dele, e o lençol foi então agarrado e jogado para o lado. Theo gritou:

– *O que você disse?*

– Nada de bebês – repetiu ele, introduzindo o dedo gentilmente em uma passagem tão apertada, úmida e quente que ele quase se acabou na cama, como não acontecia desde os seus 16 anos.

James sufocou um gemido e baixou a mão para se acomodar.

– Por quê? – perguntou ela num sussurro rouco.

– Nunca serei capaz de amar ninguém como amo você. Na realidade, acho que nunca devemos ter filhos. Sou uma pessoa limitada. Não gostaria de fazer meu filho sentir que não é amado.

Era um pouco manipulado, mas ao mesmo tempo era verdade. Ele não conseguia imaginar ter algum amor de sobra para um bebê.

Deslizou um segundo dedo para dentro dela. Theo deu um gritinho.

– Não seria melhor puxar o lençol? – perguntou ele, erguendo a cabeça de novo.

– Você! – gritou ela, e o chamado eletrizou-o até os ossos. – *Não pare!*

Ele obedeceu.

Quando ela estava soluçando e tremendo, James rastejou para cima de seu corpo e sussurrou:

– Você ficaria mais confortável se eu deitasse de costas?

Ela não parecia estar pensando com clareza, então ele rolou, ergueu-a no ar e colocou-a gentilmente na posição.

– Você poderia descer um pouco? – perguntou ele de forma polida.

James manteve as mãos frouxas sobre os braços dela, embora só quisesse puxá-la para baixo e investir para dentro de sua calidez úmida.

– Sim, claro.

A voz dela soou um pouco estranha.

– Não vai demorar muito – disse ele, arquejando quando ela deslizou para baixo.

Ela parou.

– Daisy?

As mãos de James estavam tremendo, então ele soltou os braços dela e agarrou o lençol. Não podia assustá-la. Não podia provocar aversão por ele.

Droga, ela estava saindo. James deu um gemido silencioso, aquilo era um suplício.

– Quero luz – disse ela, afastando-se aos tropeços da cama.

Um cavalheiro teria se levantado para ajudar, mas James não se sentia um cavalheiro. Sentia-se um ex-pirata sedento de sangue com bolas azuis. Um ex-pirata prestes a perder qualquer controle que alegasse possuir, porque estava demorando demais.

Theo conseguiu achar o lampião do outro lado do quarto e aumentou a luz ao máximo. A claridade derramou-se pelo corpo dela, fazendo seus membros brilharem como alabastro. Quando ela não voltou de imediato para a cama, ele se sentou, gemendo um pouquinho; seu corpo não queria se curvar daquela maneira naquele momento.

– Você não vem?

O som saiu como um resmungo ríspido.

Theo estava parada ao lado da lareira, as mãos de novo nos quadris.

– Qual é o problema? – perguntou ele, engolindo o *agora*.

– Isso – disse ela, com um aceno de mão.

Parecia estar apontando para ele. Ou possivelmente para a cama.

– Não é a mesma coisa.

À luz suave, os olhos dela eram como a própria escuridão. Os lábios eram carnudos e suculentos.

– Não parece tudo diferente para você?

– Bem, você está muito mais bonita do que quando era apenas uma menina – falou ele, dominando a impaciência. – E eu estou mais maltratado.

Ela abriu a boca, então parou.

– Certo. – Fez uma pausa e então falou: – Não. Temos que fazer direito.

– Farei qualquer coisa – disse ele no mesmo instante. – Não deveria, ou melhor, *deveria*, deixar você...

– Não! – gritou ela.

– O quê?

– Não seja *assim* !

James pigarreou. Pela primeira vez, não teve certeza de que pudesse ser o homem de que ela precisava ou queria. O que significava que não tinha certeza de que pudesse permanecer casado com ela.

Naquele momento um ataque de fúria inflamou seu corpo todo, alimentado por uma ereção de horas que o estava deixando louco. Numa passada ele estava ao lado dela, com as mãos em seus braços.

– Você é minha esposa! – rosnou ele.

Theo inclinou a cabeça para trás para ver o rosto dele, desnudando a linha longa e perfeita do pescoço. Ele queria morder aquele pescoço. Queria mordê-la toda, suar sobre ela e mergulhar para dentro dela, lambê-la da cabeça aos pés. Queria usar o corpo dela. Queria que o dele fosse usado.

– Você gostava do modo como fazíamos amor. Não: você *adorava* . Não posso me tornar uma espécie de cachorro manso para que você vá para a cama comigo!

A última declaração saiu num grito digno do pai dele.

Ela não pareceu se importar. Uma expressão que pareceu de alívio se espalhou pelo rosto dela, e Theo passou os braços em volta do pescoço dele, tentando puxar a boca dele para seus lábios.

James não deixou. Em vez disso, pegou-a e meio que a jogou em cima da cama, a seguir foi para cima, vivamente consciente de seu tamanho e volume assomando sobre ela.

– Tenho uma tatuagem e cicatrizes, sou enorme – ressaltou ele, quando ela não disse nada.

O sorriso que se revelou nos lábios dela foi de pura avidez. Ele sentiu um fiapo de esperança.

– Percebi – ronronou ela.

Theo desistiu de tentar trazer a cabeça dele para perto da sua e em vez disso acariciou os braços dele.

– Você está com medo?

Ela riu, e algo dentro dele se afrouxou, mas ele tinha mais a dizer.

– Não dou a mínima para o que você usa por baixo das saias. Nesse momento quero tanto você que parece que perdi a cabeça. Nunca quis realmente nenhuma mulher a não ser você.

Ele respirou fundo.

– Minhas cortesãs foram apenas sinais de quanto eu estava morto. Morto para você, morto para o mundo. Morto para mim.

Os olhos dela abrandaram-se, e ela envolveu o queixo dele com a mão.

– Agora você está de volta.

– Estou. Mas não voltei como um cachorrinho, Daisy. Não posso mais fingir ser um frouxo, uma versão anêmica de mim. Não posso ser Trevelyan.

– Não quero que seja.

– Preciso que você volte também.

Ele tinha que ser muito claro a respeito disso. Tudo dependia disso.

Ela franziu as sobrancelhas. Ele continuou:

– Preciso que você encontre a coragem que tinha quando era minha Daisy.

James escolheu as palavras com a maior precisão possível.

– Morri para mim, e para você, por alguns anos, mas parte de você também morreu. Você não se permite sentir alegria.

– Sinto alegria – objetou ela. – Às vezes.

– A vida é desalinhada. Desalinhada, malcheirosa e embaraçosa. E o desejo é desalinhado, malcheiroso e embaraçoso também. Não há nada no seu corpo que seja desagradável para mim. E não ligo nem um pouco para o que a sociedade pensa que devemos ou não fazer em nosso leito conjugal.

Os lábios dela tremiam, e ele não sabia se isso era bom ou ruim, mas seguiu em frente.

– Você pode fazer amor do jeito que lhe agrada, e eu nunca lhe negarei nada. De minha parte, quero beijá-la inteira. Sempre quis, e o desejo não passou. Está ainda mais forte. Se estivermos jantando com o regente, olharei para você e planejarei onde e como irei beijá-la.

Os olhos dela brilharam com lágrimas.

– Aqui – disse ele, deslizando o dedo pelo lábio superior dela. – Aqui – repetiu, virando-se de lado e envolvendo um dos seios dela, que se acomodou na mão possessiva.

Um pequeno ruído escapou dos lábios dele. Mas James não havia terminado.

– Aqui – acrescentou, sustentando o olhar dela enquanto escorregava os dedos rápidos e rudes pela barriga, até os pelos cor de âmbar entre as pernas dela.

Ela estava úmida, quente e aberta. Mas ele não parou.

– Aqui – completou ele, os dedos deslizando de volta para acariciar o local mais privado de todos.

Ela arfou, e ele pôde ver uma tênue sombra de prazer em seus olhos mesmo enquanto ela se contorcia para longe do toque dele.

– Não há lugar no seu corpo que eu não queira beijar, Daisy. Que eu não cobice. Porque esse é o seio mais lindo do mundo.

Ele inclinou a cabeça e deu um beijo e uma lambida quente num mamilo.

– E essa é a mais...

James começou a descer, mas ela ria entre as lágrimas e puxou-o de volta para cima.

Mas ele não havia acabado, ainda não havia acabado.

– Vou beijá-la na sala de jantar do regente se você deixar. Você é a única para mim. Voltei dos mortos para você, Daisy. Duas vezes.

– Estou tão feliz por você ter voltado para mim – sussurrou ela.

Uma lágrima escorreu como cristal líquido pela bochecha e desapareceu no cabelo dela.

– Eu nunca deveria ter deixado você.

Mais lágrimas. Ele acariciou a face molhada com o polegar, puxando-a bem junto ao peito.

– Amo você – declarou James para o cabelo dela, pois Theo havia enterrado o rosto em seu pescoço. – Você não me disse o mesmo – continuou –, portanto direi por você. Você também me ama.

Então, porque existem limites para quanto tempo até o homem mais senhor de si pode esperar e porque ele havia chegado ao limite, James assomou sobre ela e anunciou:

– Agora devo possuir minha duquesa. Fale agora ou cale-se para sempre.

James viu uma faísca de prazer nos olhos dela, o que tomou por resposta positiva, de modo que afastou os joelhos dela e investiu.

Ela se arqueou com um gemido, as mãos agarradas nos antebraços dele.

– De novo, *por favor*, James. Por favor.

Ele arremeteu de novo.

– Ah, isso é tão bom!

James respirou fundo e lutou para se controlar.

– Não posso ser um cavalheiro o tempo todo – rosnou ele, precisando fazer uma última colocação. – Não sou manso assim. *Não posso* ser amansado desse jeito. Me senti um idiota tentando ser divertido o tempo todo, como Trevelyan.

O maxilar dele cerrou só de pronunciar o nome.

Theo olhou para o marido e pareceu que seu coração ia explodir. James *não* era como Geoffrey; ele era poderoso, feroz e dominador. Tinha uma tatuagem sob o olho e nunca se sentiria à vontade em uma sala de visita. Era desorganizado, relaxado e deixava jornais jogados pelo chão. Não era muito bom em arrumar camas. Sempre fazia troça das Regras dela, ainda que as respeitasse. Pretendia beijá-la em todos os lugares errados.

Ele não seria delicado, e às vezes nem cortês.

Como era de esperar, naquele momento ele a agarrou pelos quadris e avançou fundo e com força.

O grito de Theo veio de algum lugar tão recôndito de seu corpo que nem ela sabia que existia. A única resposta dele foi se abaixar, com o nariz no nariz dela, e declarar:

– Estou com o meu *pau* enterrado em você, Daisy. Essa é uma palavra de que as damas não gostam, mas você gosta. Não gosta?

Theo assentiu. E ele flexionou os quadris dela de novo.

Ela gritou de novo.

– Isso não é *congresso conjugal* nem *intercurso carnal* – explicou James, o maxilar cerrado enquanto tentava reaver o controle (embora não conseguisse). – Isso é o Ato da Vergonha. E. Nós. Não. Estamos. Envergonhados.

Depois disso, o duque prosseguiu enumerando para sua duquesa quase todos os termos que conhecia para o esporte de Vênus. Ele era um pirata. Conhecia muitos termos.

Naquela noite eles chacoalharam a cama e dançaram nos lençóis. Fizeram todas as coisas sujas. Depois de um tempo começaram a inventar suas próprias descrições para os jogos suarentos, desalinhados e alegres a que estavam se dedicando.

A duquesa mostrou ter aptidão para criar termos e eles brincaram até entrar em colapso. O lençol migrara para o chão fazia tempo, mas nenhum dos dois notou.

Prestaram favores pessoais de vários tipos um para o outro, gritando e perdendo o controle por completo. Às vezes faziam ao mesmo tempo.



Aconteceu que o duque e a duquesa de Ashbrook não deixaram o quarto por quatro dias. Passaram boa parte do tempo na cama. Mas também fizeram amor na banheira, no banquinho e no chão.

Certa manhã, a camareira quase pegou milorde e milady fazendo amor quando foi acender a lareira. Sua Graça jogou um lençol por cima da esposa, que ria tão incontrolavelmente que a cama inteira sacudia.

Em dado momento, o duque resolveu deixar claro quanto sua esposa era bonita e, antes que ela pudesse impedi-lo, atirou uma capa de desenho parisiense que custava uma pequena fortuna pela janela; a peça caiu no jardim e ficou presa numa cerca viva, a seda rosada brilhando ao sol.

– Exatamente como antes – disse um dos lacaios a Maydrop. – O vestido de noiva dela voou pela mesma janela há sete anos.

E nenhum dos dois entendeu nada.

Maydrop convocou a criadagem de volta, e o duque informou-lhe – *sotto voce* –, de forma discreta, que podia pagar todos aqueles homens que ele havia subornado para que se fingissem de jornalistas.

Ao final daquela semana, a duquesa praticamente se acostumara a estar, pelo menos parte do tempo, despenteada e desarrumada. Havia se conformado com o fato de que o marido a considerava tão bela agora quanto aos 17 anos e de que ele nunca entenderia o que a vestimenta fazia por uma mulher – ou um homem. Embora ele fosse especialista na ausência de roupas.

Ela estava muito, muito feliz.

E continuava casada.

Um epílogo bastante longo



Baile do Regente

Maio de 1817

Como todos os casais casados na história dos casais casados já descobriram, a vida de casado nem sempre é um mar de rosas.

Era a tarde do dia em que o regente consagraria James com a Ordem do Banho. Horas antes, Theo havia gritado com ele por ter derrubado um peixe de faiança delicadamente equilibrado sobre a cauda, uma completa maravilha do trabalho artesanal da Ashbrook Ceramics.

James gritara de volta, alegando que posicionar uma coluna esguia de mármore ao lado da porta da biblioteca era uma ideia absurda, pois alguém poderia entrar na sala e dobrar para o lado, como ele havia feito, com consequências calamitosas.

– Minha vida era bem mais fácil quando os únicos peixes à vista tinham escamas!

– Ótimo! – gritou Theo de volta. – Sinta-se livre para voltar para seus amigos escamosos!

Ao som das vozes alteradas, Maydrop afastou rapidamente a criadagem da porta da biblioteca. A experiência lhe ensinara que o duque e a duquesa às vezes necessitavam de privacidade fora do quarto de casal.

Como esperado, quando a duquesa deixou a biblioteca, mais ou menos uma hora depois, seu cabelo estava despenteado em vez de liso, e o fecho de seu colar estava caído sobre o peito. E ela não saiu andando.

É que o duque adorava carregar a esposa pela casa.

– Fazendo bom uso de todos aqueles músculos dele – sussurravam as criadas umas para as outras, rindo loucamente.

O casamento não era fácil, mas era gratificante. Na verdade, James sorria a tarde toda após o triste fim do peixe, embora estivesse um pouco ansioso com o evento. Ele receberia uma condecoração por serviços meritórios à Coroa na infeliz questão do comércio de escravos, e a cerimônia seria seguida de um baile. Odiava esse tipo de cerimônia, mas, se colocar uma faixa e vestir um costume absurdo por uma noite ajudasse a vencer a questão vindoura sobre abolição da escravidão (e não só do comércio de escravos) em todo o Império Britânico, isso era o mínimo que ele poderia fazer. Pelo menos haviam abandonado o ritual de purificação com um banho; já era algo por que ser grato.

Além disso, Theo quis que ele aceitasse. E o que Theo queria James dava, da melhor maneira a seu alcance. Mesmo que significasse se sentir ridículo como um pavão coberto por uma estola de veludo.

Portanto, ele agora estava parado em seu quarto de vestir enquanto o valete, Gosffens, agitava-se à sua volta. Já havia metido James num gibão costurado com pérolas e numa túnica sem mangas de seda tártara vermelha, forrada e debruada com tafetá branco. A isso seguira-se uma faixa branca, o que já era bastante ruim, mas agora Gosffens trouxera botas adornadas com enormes esporas de ouro, quase do tamanho de rodas de carroça.

James fez uma cara de desgosto.

– De onde veio essa coisa vulgar?

– As botas foram feitas especialmente para os cavaleiros do Banho – declarou o valete.

James enfiou os pés nas botas.

– E agora o manto da ordem – falou Gosffens em voz baixa.

Sacudiu de modo reverente um manto da mesma cor da túnica e prendeu-o ao redor do pescoço de James com uma tira de renda branca.

James fuzilou o espelho.

– Renda branca, Gosffens? *Renda* branca? Pareço o traseiro de um cavalo.

Gosffens estava levantando a tampa de mais uma caixa. James deu uma olhada e percebeu que o valete retirava dali um barrete vermelho. *Um barrete?*

Ele aguentava muita coisa em termos de vestimenta. Sua esposa tinha opiniões firmes sobre o assunto e adorava vesti-lo com veludo e seda, com cores que os homens não costumavam usar e, às vezes, com bordados de flores. Ela argumentava que, quanto mais extravagante sua vestimenta, mais pirata ele parecia. Quando James descobriu quão sedutor sua duquesa achava o estilo pirata, foi visto usando até um casaco em uma suave tonalidade de cor-de-rosa.

Barrete já era demais. James estendeu a mão sem uma palavra. Gosffens entregou o chapéu ao duque e viu, com uma expressão trágica, James rasgá-lo e atirá-lo pela janela.

– Seu barrete cerimonial – lamuriou-se o valete.

– Vou deixar você colocar uma peruca – disse James a título de concessão.

Gosffens trouxe, então, um alfinete encimado por um diamante do tamanho de uma uva grande.

– De onde veio essa monstruosidade? – perguntou James, rejeitando-o com um aceno.

O valete deu um sorriso presunçoso.

– Presente de Sua Graça, em honra de sua investidura como cavaleiro do Banho.

James suspirou, e Gosffens espetou o adereço no manto carmim.

– Afinal de contas, o senhor é o duque pirata – declarou o servo. – Não podemos decepcionar seus seguidores.

De sua parte, James ficaria feliz por decepcionar qualquer um que fosse idiota o bastante para dar bola para o que ele vestia.

– Suponho que a duquesa estará especialmente magnífica esta noite?

– Creio que começaram o processo de vesti-la há uma hora – informou Gosffens.

O valete de James obtinha grande parte de seu senso de autoestima do fato de morar sob o teto da mulher mais estilosa de Londres. Fazia três horas que Daisy estava se arrumando, e James imaginou que se passaria mais uma hora até que ela estivesse pronta.



No fim, a cerimônia não foi tão intolerável. O regente foi misericordiosamente breve ao conferir a Ordem do Banho. No baile a seguir, James aceitou as congratulações de onze cavaleiros imbecis convencidos de que o 12º deles era a nata do reino. Suprimindo com sucesso o impulso de rir alto, ele usou sua nova influência de cavaleiro para atrair sir Flanner (cavaleiro por serviço na guerra) para o apoio à lei antiescravidão, de modo que foi uma noite de trabalho cavaleiresco bem-feito.

Àquela altura, James havia muito perdera sua duquesa de vista. Theo era bastante requisitada pela alta sociedade. Os jornais descreviam cada opinião e vestido novo dela; James jamais conseguia sair de casa sem esbarrar em alguns dos integrantes da imprensa de tabloides que ficavam à espreita, aguardando para ver sua esposa.

Com frequência, repórteres enfadonhos o divertiam escrevendo sobre o duque pirata com sua tatuagem “brutal”. Os artigos invariavelmente acabavam com os mesmos questionamentos: ninguém conseguia entender como a mulher mais elegante de Londres tolerava o casamento com o homem mais rude da nobreza.

Mas, ao mesmo tempo, ninguém tinha dúvida da adoração de Sua Graça pelo marido. A duquesa não sorria com frequência, mas sorria para o duque.

James considerava o rosto da esposa adorável, mas, quando ela sorria – em especial para ele –, ficava extraordinário.

Pensando nisso, começou a procurá-la com mais afinco. Fazia pelo menos duas horas e meia que estavam ali, e ele e Theo haviam negociado um limite de três horas para ocasiões sociais envolvendo mais de dez pessoas. (A duquesa podia ter abandonado suas Regras no que dizia respeito ao quarto, mas ainda as conservava em outros aspectos de sua vida. Um dia desses ele iria parar de jogar jornais no chão da sala do café da manhã.)

James enfiou a cabeça na sala de estar, mas nem sinal da esposa. Olhou na sala de jogos e no salão de baile, e ela não parecia estar por lá tampouco. Não havia nada a fazer além de estender a busca para o andar de cima.

Ele perambulava pela longa galeria, olhando os retratos da realeza pomposa, quando ouviu a voz de Geoffrey Trevelyan dobrando o corredor. Por mais que James desprezasse o homem, Theo insistia em dançar com ele vez ou outra. O duque acreditava que ela fazia isso porque sabia que ele ia à loucura.

Ao girar sobre os calcanhares na direção oposta – James estava se aprimorando na arte de evitar sir Geoffrey –, ele ouviu o que Trevelyan falava de forma arrogante:

– A Duquesa Feia bem poderia estar usando a roupa nova do imperador. – Ele deu uma risadinha abafada. – O vestuário mais fino do mundo não pode dar a ela a silhueta *ou* o perfil de uma mulher. Na verdade, acho que ela pode ser um homem. Vocês conhecem a reputação dos piratas...

Nesse exato momento, James fez a curva no corredor. Horrorizado, Trevelyan fechou a boca.

Só porque um homem aprendeu a controlar o gênio não significa que não seja capaz de se descontrolar quando as circunstâncias assim exigem. James torceu o lenço de pescoço do ex-colega, ergueu-o no ar e o arremessou contra a parede, vociferando a plenos pulmões.

– Como *ousa* dizer uma coisa dessas sobre a minha esposa? Seu pedaço de lixo imundo e malicioso! Seu cachorro, indigno de estar na presença dela!

O rosto de Trevelyan estava ficando com um interessante tom de ameixa, e ele pareceu sem possibilidade de responder, possivelmente porque o lenço cortava seu suprimento de ar. Tudo bem: na realidade, a pergunta de James fora retórica.

Ele jogou Trevelyan contra a parede de novo.

– Ela é a mulher mais bonita – *blam!* – e sofisticada – *blam!* – de toda Londres.

A esta altura, James podia ouvir as pessoas subindo as escadas às pressas, mas não deu bola.

– Nunca vi mulher mais bonita, nem na China – *blam!* – nem nas Índias – *blam!* – e certamente nem nas Ilhas Britânicas. Mais importante ainda, ela é incrivelmente bondosa. Veja o tempo que perde falando com você, seu verme desprezível.

Blam! Blam! Blam!

Uma mão tocou sua manga e ele se virou com os dentes expostos. Era Theo.

– Meu bem – disse ela.

Ao ouvir essas duas palavras, a fúria esvaiu-se, e ele soltou Trevelyan como uma roupa suja descartada.

O verme desprezível começou a rastejar embora no mesmo instante.

– *Você!* – chamou James, no tom de voz com que costumava usar ao gritar “Hora de morrer!” ao saltar pela amurada de um navio.

Trevelyan ouviu e entendeu que era com ele; e congelou.

– Se você um dia pronunciar uma palavra sobre minha esposa que seja menos do que um cumprimento, não vou jogá-lo contra uma parede de novo. Vou atirá-lo pela janela. E não será do térreo.

James não esperou resposta; quem espera que lixo responda? Em vez disso, estendeu o braço para a esposa.

Quando se viraram, notaram que a galeria agora estava lotada de gente.

– Minha duquesa – proclamou James, os olhos varrendo a multidão com o ar de um homem que havia dominado as ondas. – Ela não é um cisne porque isso implicaria que foi um patinho feio um dia.

Ele fitou Theo. O canto de seus olhos estava pintado com um traço exótico. As maçãs do rosto eram majestosas, o lábio inferior estava colorido de um vermelho perfeito que o deixava ainda mais beijável. Seios pequenos mas exuberantes, com pele da cor do luar, erguiam-se sobre uma cintura do tamanho da mão de um homem.

Mas nada disso importava comparado à bondade inata em seus olhos, à curva alegre do lábio, à inteligência indômita com que ela saudava cada dia.

Isso era lindo.

Sem mais palavras, caminharam pela galeria comprida, os dedos de Theo pousados no braço dele, a multidão se abrindo como o Mar Vermelho ao se aproximarem. James viu a aprovação nos rostos de todos, e então alguém começou a aplaudir. Pode ter sido o próprio regente.

Duas mãos aplaudindo tornaram-se várias, depois mais, e finalmente desceram as escadas ao som de um salão de baile cheio de nobres batendo palmas.



Na segurança da carruagem, enquanto iam para casa, Theo se controlou para não chorar. James perguntou se estava tudo bem, mas as palavras estavam tão guardadas em seu coração que ela não conseguiu proferi-las e apenas assentiu, segurando a mão dele com firmeza.

Dentro de casa, ela entregou a capa para Maydrop, pegou James pela mão antes que ele tirasse o sobretudo e conduziu-o em silêncio para a escada. Ele a acompanhou escada acima, com uma risada retumbante.

Ela permaneceu calada quando entraram no quarto e a porta foi fechada atrás deles. Por um momento precioso ela se permitiu apenas olhar para o seu pirata. As feições elegantes de James ainda estavam ali. A tatuagem apenas enfatizava o tamanho dos cílios, a curva do lábio, o arco dos malares.

Enquanto ele tirava o casaco, ela se aproximou para arrancar a peruca, que atirou longe. James era enorme e lindo, com um poder que fizera um navio cheio de piratas – e uma sala cheia de lordes – concordar com o que ele havia proposto.

Ele era *dela*.

– Você está zangada porque arremessei Trevelyan contra a parede? – perguntou James, embora nesse assunto ele não desse a mínima para o que ela pensava e fosse capaz de fazer tudo de novo num piscar de olhos.

Ela dedicou um momento a encontrar as palavras certas.

– Você proclamou para o mundo inteiro que sou linda para você.

– Você é – afirmou ele simplesmente. – E não só para mim.

As lágrimas ameaçaram cair mais uma vez, mas de novo ela se conteve. James estava recostado na porta como o rei pirata que era, o semblante ao mesmo tempo malicioso e terno.

– Sempre pensei – prosseguiu ela hesitante – que você havia começado a me amar quando ficou cego, aos 12 anos. Porque não podia me ver.

A sobrancelha dele saltou.

– Besteira. Amava você muito antes.

– É?

– No ano anterior, quando minha mãe morreu. Você veio a mim naquela noite. Não se lembra? Você ainda dormia numa caminha no quarto de bebê, e eu havia sido promovido para uma cama maior na porta ao lado. Você veio ao meu quarto, depois que a babá se recolheu para dormir, e se meteu na cama comigo. Então comecei a chorar, e soluzei até não ter mais qualquer lágrima dentro de mim.

– Tinha me esquecido disso – falou Theo.

– Sabe *por que* me apaixonei por você?

Havia um brilho irreverente nos olhos dele. Ela balançou a cabeça.

– Porque você levou oito lenços para a minha cama. Oito. E, após oito lenços engomados, me senti em condições de viver mais um dia.

Ela não conseguia parar de sorrir.

– Gosto de estar preparada.

– Você me *conhecia* .

Os olhos dele estavam desnudos e vulneráveis.

– Ao longo de toda a minha vida, você foi meu ímã, a chave para o meu coração. Perdi você por um tempo, Daisy.

Ele se endireitou e foi até ela.

– Não suportaria perdê-la de novo.

– Não perderá – sussurrou ela, puxando a cabeça dele para junto da sua.

Um dos momentos que Theo – ou Daisy, como o marido continuava a chamá-la – lembraria para o resto da vida aconteceu mais tarde naquela noite.

Estavam esparramados na cama. Como de costume, um dos lençóis tinha ido parar no chão. O cabelo da duquesa estava desarrumado. O duque reclamava de ter estirado um músculo no quadril esquerdo e afirmava que a culpa era dela, pois “nenhum homem era feito para se dobrar daquele jeito”.

Theo deu um beijo no marido e contou-lhe um segredo que guardara no coração, esperando até ter certeza absoluta.

– E *você* – afirmou – será o pai mais maravilhoso que esse bebê poderia ter.

James não conseguiu encontrar palavras. Olhou para ela por um momento, então recostou-se na guarda da cama e gentilmente acomodou-a entre suas pernas, abrindo as mãos enormes sobre a barriga de Theo.

Para completo espanto de Theo, enquanto ela relaxava feliz em seu ombro, James começou a cantar. A voz não era em nada igual à do tenor límpido de outrora. Era a voz de um homem que estivera no mar; soava a brandy e pecado.

– “Dance comigo” – cantou ele – “até o fim da vida”.

Ele fez uma pausa e sussurrou no ouvido dela:

– Isso significa que você e eu dançaremos juntos ao longo dessa vida e talvez até depois.

Deu um beijo no nariz dela e seguiu cantando, as mãos ternamente repousadas sobre o ventre ainda chato dela.

– “Dance comigo por nossos filhos, que estão esperando para nascer.”

Theo engoliu as lágrimas e ergueu a voz para cantar com o marido, seu soprano límpido entrelaçando-se com o baixo imperfeito – mas tão lindo! – dele.

– “Dance comigo” – cantaram juntos – “até o fim da vida”.

Foi a primeira de muitas canções que James cantou para o primeiro filho, e para o segundo, e para o terceiro, e para o quarto. As crianças sabiam que o pai não gostava de cantar. Mas também sabiam que, se a mãe pedisse... Bem, o papai nunca dizia não para ela.

Assim, a família dançou e cantou junto – um pirata e uma duquesa, um duque e uma artista, um homem e uma mulher – por muitos dias e pelas estradas de uma vida longa e feliz.

Nota histórica



Todos os meus romances são inspirados em uma combinação de ficção literária, fatos históricos e elementos de minha própria vida (meu marido seria o primeiro a salientar que o desejo de Theo de catalogar suas fitas é duplicado em minhas próprias prateleiras). *A duquesa feia* obviamente segue o padrão, dado que sua maior dívida é para com a fábula de *O patinho feio*, escrito pelo poeta e contador de histórias dinamarquês Hans Christian Andersen. O conto de fadas de Andersen foi publicado em 1843, tornando seu uso aqui um anacronismo, pelo qual peço perdão. Quis situar minha história na Regência e, mais precisamente, quis que Theo estivesse em Paris depois do Tratado de Fontainebleau, de 1814.

Ao mesmo tempo, esse romance é o meu primeiro a receber inspiração de uma pessoa viva fora de minha família – não conto sir Justin Fiebvre, de *Esse duque é meu*; embora Justin Bieber obviamente sirva de inspiração para muitos, sir Justin era um personagem menor. Algum tempo atrás, fui atraída por um artigo descrevendo as “regras” criadas pela fascinante, eclética e magnífica Iris Apfel. Theo elaborou regras adequadas a seu tempo e lugar, mas as de Iris (“Visit the Animal Kingdom”) serviram de ponto de partida. Outra fonte para conselhos de moda foi *A Guide to Elegance: For Every Woman Who Wants to be Well and Properly Dressed on All Occasions* (Guia da elegância: para toda mulher que quer estar bem e adequadamente vestida em todas as ocasiões), de Geneviève Antoine Dariaux.

Elegância, anuncia Dariaux, é harmonia, uma lição que Theo levava a sério.

Gostaria de acrescentar que o capítulo ambientado na Câmara dos Lordes deve muito a uma cena semelhante retratada em *Clouds of Witness* (Nuvens de testemunha), de Dorothy Sayers (1926). Por fim, sir Griffin Barry foi baseado em um pirata verdadeiro da Renascença, um jovem condenado que era dramaturgo e cavaleiro, bem como pirata.

Agradecimentos



Meus livros são como crianças em idade de alfabetização – precisam de toda uma rede de apoio para estarem prontos para a leitura. Eu gostaria de oferecer meus sinceros agradecimentos à minha comunidade: minha editora, Carrie Feron; minha agente, Kim Witherspoon; os designers de meu site, da Wax Creative; e minha equipe pessoal: Kim Castillo, Franzeca Drouin e Anne Connell.

Sobre a autora



Eloisa James escreveu seu primeiro romance depois de se formar em Harvard, mas o manuscrito foi rejeitado por todas as editoras. Após obter mais alguns diplomas e arranjar um emprego como professora especializada em Shakespeare, ela tentou novamente, dessa vez com mais sucesso. Mais de 20 best-sellers depois, ela dá cursos sobre Shakespeare na Fordham University, em Nova York, é mãe de dois filhos e, numa ironia particularmente deliciosa para uma autora de romances, é casada com um legítimo cavalheiro italiano. *A Duquesa Feia* é o terceiro livro da série Contos de Fadas.

www.eloisajames.com

facebook.com/eloisajames

Conheça os outros livros da série:



Quando a Bela domou a Fera

Eleito um dos dez melhores romances de 2011 pelo *Library Journal*, *Quando a Bela domou a Fera* é uma deliciosa releitura de um dos contos de fadas mais adorados de todos os tempos.

Piers Yelverton, o conde de Marchant, vive em um castelo no País de Gales, onde seu temperamento irascível acaba ferindo todos os que cruzam seu caminho. Além disso, segundo as más línguas, o defeito que ele tem na perna o deixou imune aos encantos de qualquer mulher.

Mas Linnet não é qualquer mulher. É uma das moças mais adoráveis que já circularam pelos salões de Londres. Seu charme e sua inteligência já fizeram com que até mesmo um príncipe caísse a seus pés. Após ver seu nome envolvido em um escândalo da realeza, ela definitivamente precisa de um marido e, ao conhecer Piers, prevê que ele se apaixonará perdidamente em apenas duas semanas.

No entanto, Linnet não faz ideia do perigo que seu coração corre. Afinal, o homem a quem ela o está entregando talvez nunca seja capaz de corresponder a seus sentimentos. Que preço ela estará disposta a pagar para domar o coração frio e selvagem do conde? E Piers, por sua vez, será capaz de abrir mão de suas convicções mais profundas pela mulher mais maravilhosa que já conheceu?



Um Beijo à Meia-Noite

Kate Daltry é uma jovem de 23 anos que não costuma frequentar os salões da alta sociedade. Desde a morte do pai, sete anos antes, ela se vê praticamente presa à propriedade da família, atendendo aos caprichos da madrasta, Mariana. Por isso, quando a detestável mulher a obriga a comparecer a um baile, Kate fica revoltada, mas acaba obedecendo.

Lá, conhece o sedutor Gabriel, um príncipe irresistível. E irritante. A atração entre eles é imediata e fulminante, mas ambos sabem que um relacionamento é impossível. Afinal, Gabriel já está prometido a outra mulher – uma princesa! – e precisa com urgência do dote milionário para sustentar o castelo.

Ele deveria se empenhar em cortejar sua futura esposa, não Kate, a inteligente e intempestiva mocinha que se recusa a bajulá-lo o tempo todo. No entanto, Gabriel não consegue disfarçar o enorme desejo que sente por ela. Determinado a tê-la para si, o príncipe precisará decidir, de uma vez por todas, quem reinará em seu castelo.

Um beijo à meia-noite é um conto de fadas inspirado na história de Cinderela. Com um estilo que combina graça, encanto e sedução, Eloisa James escreve uma narrativa envolvente, com direito a fada madrinha e sapatinho de cristal.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br



Sumário

[Créditos](#)

[Parte 1 – Antes](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Parte 2 – Depois](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Um epílogo bastante longo](#)

[Nota histórica](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça os outros livros da série:](#)

[Quando a Bela domou a Fera](#)

[Um Beijo à Meia-Noite](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)

"Eloisa James é extraordinária." – Lisa Kleypas

Eloisa James



UM BEIJO À
MEIA-NOITE



Um beijo à meia-noite

James, Eloisa

9788580417791

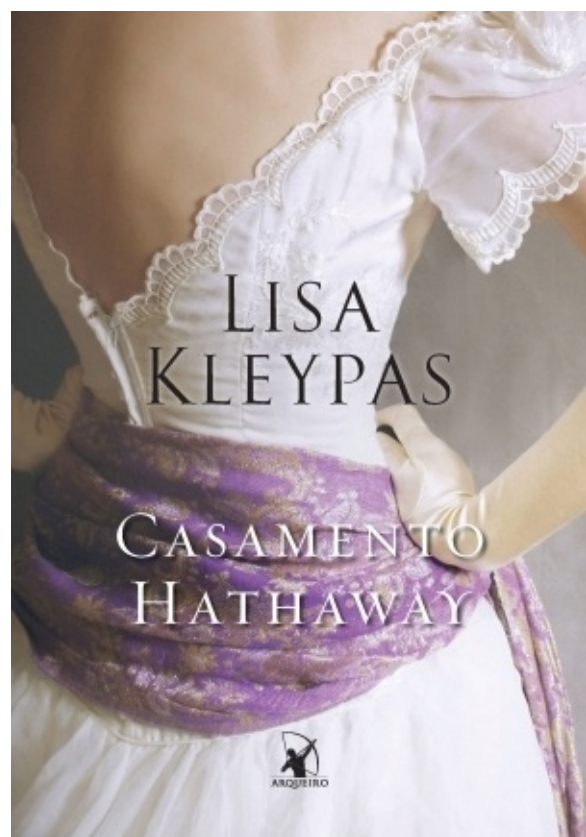
320 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Eloisa James sempre nos leva a suspirar, sorrir e nos apaixonar." – Julia Quinn

Kate Daltry é uma jovem de 23 anos que não costuma frequentar os salões da alta sociedade. Desde a morte do pai, sete anos antes, ela se vê praticamente presa à propriedade da família, atendendo aos caprichos da madrasta, Mariana. Por isso, quando a detestável mulher a obriga a comparecer a um baile, Kate fica revoltada, mas acaba obedecendo. Lá, conhece o sedutor Gabriel, um príncipe irresistível. E irritante. A atração entre eles é imediata e fulminante, mas ambos sabem que um relacionamento é impossível. Afinal, Gabriel já está prometido a outra mulher – uma princesa! – e precisa com urgência do dote milionário para sustentar o castelo. Ele deveria se empenhar em cortejar sua futura esposa, não Kate, a inteligente e intempestiva mocinha que se recusa a bajulá-lo o tempo todo. No entanto, Gabriel não consegue disfarçar o enorme desejo que sente por ela. Determinado a tê-la para si, o príncipe precisará decidir, de uma vez por todas, quem reinará em seu castelo. Um beijo à meia-noite é um conto de fadas inspirado na história de Cinderela. Com um estilo que combina graça, encanto e sedução, Eloisa James escreve uma narrativa envolvente, com direito a fada madrinha e sapatinho de cristal.

[Compre agora e leia](#)



Casamento Hathaway

Kleypas, Lisa

9788580418484

36 páginas

[Compre agora e leia](#)

A família Hathaway recebeu uma herança inesperada, que lhes deu dinheiro, terras, título e prestígio. Mas nem tudo são flores. Ninguém imaginava que seria tão difícil navegar pelo complicado sistema de normas e procedimentos da sociedade londrina. Ainda assim, os cinco irmãos, Leo, Amelia, Winnifred, Poppy e Beatrix, se esforçam para se integrar aos círculos aristocráticos, sem deixar de lado seu jeito confuso e excêntrico. E, de quebra, descobrem que é possível encontrar o amor, não importa a circunstância. Você está cordialmente convidado para o casamento de Win Hathaway e Kev Merripen, uma cerimônia repleta de amor, improvisado e convidados surpresa. Casamento Hathaway é um conto exclusivo da série Os Hathaways, presente de Lisa Kleypas para seus leitores. A história se passa entre os livros 2 e 3.

[Compre agora e leia](#)



OS BRIDGERTONS — 9

Julia Quinn

E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE



E Viveram Felizes para Sempre

Quinn, Julia

9788580416381

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Julia Quinn tem um toque inteligente e divertido." – Time Alguns finais são apenas o começo... Era uma vez uma família criada por uma autora de romances históricos... Mas não era uma família comum. Oito irmãos e irmãs, seus maridos e esposas, filhos e filhas, sobrinhas e sobrinhos, além de uma irresistível matriarca. Esses são os Bridgertons: mais que uma família, uma força da natureza. Ao longo de oito romances que foram sucesso de vendas, os leitores riram, choraram e se apaixonaram. Só que eles queriam mais. Então começaram a questionar a autora: O que aconteceu depois? Simon leu as cartas deixadas pelo pai? Francesca e Michael tiveram filhos? O que foi feito dos terríveis enteados de Eloise? Hyacinth finalmente encontrou os diamantes? A última página de um livro realmente tem que ser o fim da história? Julia Quinn acha que não e, em E viveram felizes para sempre, oferece oito epílogos extras, todos sensuais, engraçados e reconfortantes, e responde aos anseios dos leitores trazendo, ainda, um drama inesperado, um final feliz para um personagem muito merecedor e um delicioso conto no qual ficamos conhecendo melhor ninguém menos que a sábia e espirituosa matriarca Violet Bridgerton. Veja como tudo começou e descubra o que veio depois do fim desta série que encantou leitores no mundo inteiro.

[Compre agora e leia](#)



Tentação sem limites

Glines, Abbi

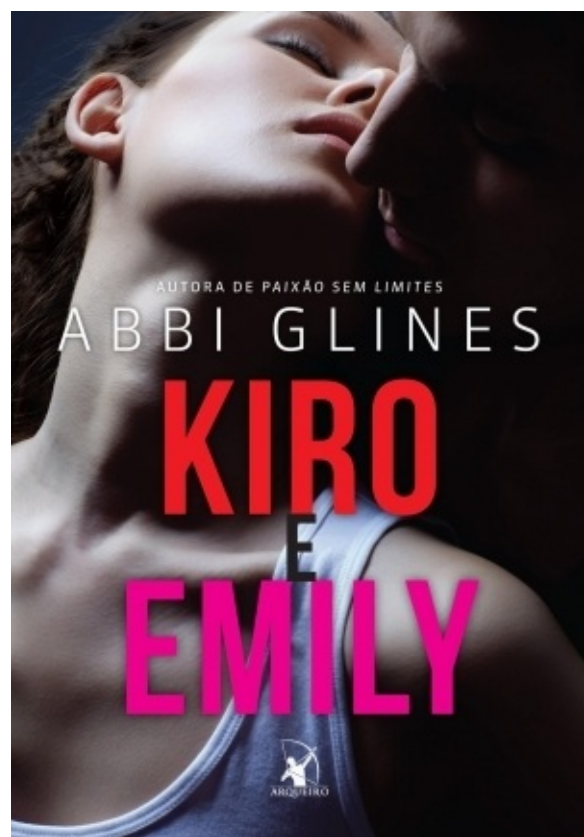
9788580412468

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

DA LISTA DE MAIS VENDIDOS DA REVISTA VEJA. "Tentação sem limites é o tipo de história que fica na cabeça do leitor. É cativante, sedutor e nos deixa com gostinho de quero mais." – The Autumn Review A vida de Blaire Wynn não foi nada fácil. Sua irmã gêmea morreu muito cedo, seu ex-namorado e melhor amigo a traiu e ela precisou cuidar da mãe doente até o último dia de sua vida. Depois de tanto sofrimento, o que ainda seria capaz de machucá-la? O terrível segredo de Rush Finlay. Depois de se apaixonar perdidamente por ele, Blaire descobriu algo cruel que destruiu para sempre o mundo que conhecia. Agora ela está mais sozinha do que nunca e precisa recomeçar a vida longe de todos que a feriram. O único problema é que não consegue deixar de amá-lo. Rush Finlay também não sabe o que fazer. Apesar das tentativas dos amigos e da família para animá-lo, o rapaz segue desolado. Ele já não quer saber da vida que levava, regada a festas, bebidas e mulheres. É atormentado pelas lembranças de um sentimento que jamais imaginara que fosse conhecer e que não pôde ser vivido plenamente. Nem Rush nem Blaire imaginavam que seus universos pudessem se transformar de forma tão radical. Porém, a maior reviravolta das suas vidas ainda está por vir. E ela será tão intensa que obrigará Blaire a engolir o orgulho, voltar a Rosemary, na Flórida, e enfrentar seus inimigos. Rush por sua vez, terá que lutar para consertar seus erros e se provar digno da confiança e do amor dela.

[Compre agora e leia](#)



Kiro e Emily

Glines, Abbi

9788580416107

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

O ano é 1992, e a Slaker Demon é a maior banda do momento. Ganhadores do disco múltiplo de platina, tendo turnês inteiras com ingressos esgotados, liderando as paradas de sucessos e acumulando rios de dinheiro, seus integrantes são a definição perfeita de deuses do rock. Por isso, não é de estranhar que o bad boy incrivelmente sedutor Kiro Manning, vocalista da banda, tenha todas as mulheres a seus pés. Ou pelo menos era isso que ele pensava até ser rejeitado por Emily, uma jovem linda que apareceu inesperadamente em uma das badaladas festas pós-show. Emily é diferente. Determinada. Pura. Especial. Ele a deixou escapar quando se conheceram, mas não para de pensar nela desde então. E ao se reencontrarem, Kiro promete não desistir desse sentimento novo que faz com que ele queira ser alguém melhor. Alguém que mereça ser amado. Nesse livro emocionante, Abbi Glines nos transporta de volta no tempo para apresentar o romance secreto que todos os jornalistas tentaram desvendar em A primeira chance. E, nessa jornada, ela mostra que o amor verdadeiro supera qualquer barreira.

[Compre agora e leia](#)